

**UEM**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**ROSANA VASCONCELOS VITO**

**SÊNECA (SÉCULO I) E DELORS (SÉCULO XXI): aproximações  
e diferenças entre as propostas educacionais**

**ROSANA VASCONCELOS VITO**

**MARINGÁ  
2019**

**2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**SÊNECA (SÉCULO I) E DELORS (SÉCULO XXI): aproximações  
e diferenças entre as propostas educacionais**

**ROSANA VASCONCELOS VITO**

**MARINGÁ  
2019**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

**SÊNECA (SÉCULO I) E DELORS (SÉCULO XXI): aproximações  
e diferenças entre as propostas educacionais**

Tese apresentada por ROSANA VASCONCELOS VITO, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do Título de Doutora em Educação.  
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador:  
Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO.

MARINGÁ  
2019

### Ficha Catalográfica

V845s Vito, Rosana Vasconcelos.

Sêneca (século I) e Delors (século XXI): aproximações e diferenças entre as propostas educacionais / Rosana Vasconcelos Vito. – Maringá: Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

147 f.

Orientador: Dr. José Joaquim Pereira Melo.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá - UEM.

1. Sêneca. 2. Cartas a Lucílio. 3. Relatório Delors. 4. Educação.  
I. Universidade Estadual de Maringá - UEM. II. Título.

(21 ed) CDD: 370.1

Bibliotecária Responsável Inês Gemelli CRB 9/966

ROSANA VASCONCELOS VITO

**SÊNECA (SÉCULO I) E DELORS (SÉCULO XXI): aproximações e diferenças entre as propostas educacionais**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) - UEM

Prof<sup>a</sup>. Dra. Roseli Gall do Amaral (coorientadora) - UTFPR

Prof. Dr. José Carlos de Araújo - UFU

Prof. Dr. Marcelo Negri Soares - UNICESUMAR

Prof. Dr. João Paulo Pereira Coelho – UEM

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Gomes Machado - UEM

Data de Aprovação: 28 de março de 2019

Dedico este trabalho ao meu primeiro e único amor, meu esposo Osni Vito, que sempre me incentiva, apoia e me realiza como pessoa, me amando como eu jamais poderia imaginar na vida! Você me dá a inspiração que preciso para me sentir feliz e em paz. Meu coração é seu e sempre será, pois não imagino a vida sem ter você ao meu lado para compartilhar. Amo você!

Aos meus filhos, minhas joias preciosas, Larissa, Luigi e Lucas, razão da minha vida e do grande amor que carrego no meu coração. Filhos amados que souberam entender, aceitar e apoiar-me nos momentos de estudos e também de ausências, para que meu sonho se realizasse. Amo vocês incondicionalmente!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela presença constante em minha vida, por ter concedido saúde, segurança e coragem para atingir os meus objetivos.

Ao Professor Doutor José Joaquim Pereira Melo, cujo conhecimento, orientação, apoio, compreensão e amizade foram imprescindíveis à elaboração desta tese.

Ao meu pai Sinval Neris (*in memorian*), que me acompanhou durante a sua vida, em todas as viagens durante este estudo, me fortalecendo com todo o seu amor, apoio e incentivo, me abastecendo de esperança e fé. Te amarei eternamente!

À minha mãe Maria Aparecida, que junto com meu pai, sempre me fizeram entender que as conquistas são obtidas com muito esforço, determinação e vontade. Te amo Mãe!

Aos meus irmãos, Roseli, Rosa e Edson que demonstraram todo carinho e amor, compreendendo os momentos de ausência na convivência familiar e me apoiando nos estudos. Amo vocês!

A minha amiga /irmã Kessely Bitencourt. Amiga que sempre me ouviu, entendeu, apoio, aconselhou e secou minhas lágrimas no momento mais difícil da minha vida, vivenciado durante esse tempo de estudos (a perda do meu pai!). Amo você em Cristo!

Aos membros da banca examinadora pela seriedade e respeito com que examinaram o meu trabalho.

Aos minhas amigas: Maria do Carmo de Oliveira Nogueira (Nina); Vivianne Simões; Rosângela Bressan; Lucyelena A. Picelli; Cássia Guraleski, Cláudia Perpétuo, por todo carinho e apoio e, a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o êxito deste projeto.

Muito Obrigada!

“[...] O homem perfeito, possuidor da virtude, nunca se queixa da fortuna, nunca aceita os acontecimentos de mau humor, pelo contrário, convicto de ser um cidadão do universo, um soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Não se revolta ante as desgraças como se elas fossem um mal originado pelo azar, mas como uma tarefa de que ele é encarregado. [...] Um homem que nunca se queixa dos seus males nem se lamenta do destino, temos forçosamente de julgá-lo um grande homem! Tal homem dá a conhecer a muitos outros a massa de que é feito [...] Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela nada há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal. E nada há de mais divino para o homem do que meditar na sua mortalidade, conscientizar-se de que o homem nasce para o fim de algum tempo deixar esta vida, perceber que nosso corpo não é uma morada fixa, mas uma estalagem onde só se pode permanecer por breve tempo [...]” (SÊNECA).

VITO, Rosana Vasconcelos. **SÊNECA (SÉCULO I) E DELORS (SÉCULO XXI): aproximações e diferenças entre as propostas educacionais.** 225f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2019.

## RESUMO

Cada época, cada governo e cada nação requer que a formação do homem atenda às demandas de uma respectiva sociedade. Portanto, para discutir os conceitos que fundamentam as propostas de educação do homem, precisamos compreender o tipo de formação humana requerido pela sociedade da qual ele está inserido. Com essa preocupação, este trabalho teve como objetivo analisar o modelo educacional proposto por Lúcio Anneu Sêneca (séc. I.), bem como os princípios educacionais expostos no relatório de Jacques Lucien Jean Delors (séc. XXI), escrito para a UNESCO. Para tanto, utilizamos como fontes primárias, as *Cartas de Sêneca a Lucílio* e os textos: *Sobre a Brevidade da Vida*, *Da Tranquilidade da Alma* e o Relatório de Delors para o século XXI. Considerando os tempos históricos distintos, nossa proposta foi cotejar as tendências reveladas por esses autores, na tentativa de analisar o que as aproximam ou as distanciam. Portanto, para tornar possível esse exercício, nos embasamos no método de pesquisa da História Comparada, com enfoque na formação humana. Assim, buscamos compreender os condicionantes que levaram Sêneca e Delors a proporem um modelo de educação, que atendesse à sociedade de seu tempo. Este estudo não teve a intenção de adentrar nos conceitos políticos e nem comparar ideias ou sobrepor pensamentos, a finalidade foi encontrar possíveis aproximações e/ou semelhanças entre os autores, considerando o tempo histórico pertinente a cada um. Questões que contemplam a concepção de homem, educação, relações humanas e felicidade foram discutidas em suas reflexões, em uma prática pedagógica que considera a formação das virtudes em Sêneca e a formação para o mundo do trabalho em Delors. É nesse sentido que a educação surge como via de adequação do homem ideal em seu tempo, pois cada qual apresenta particularidades que respondem às necessidades da sociedade do seu tempo histórico.

**Palavras-chave:** Sêneca; *Cartas a Lucílio*; *Relatório Delors*; Educação.

VITO, Rosana Vasconcelos. **SÊNECA (SÉCULO I) E DELORS (SÉCULO XXI): aproximações e diferenças entre as propostas educacionais.** 225f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2019.

## ABSTRACT

Each epoch, every government and every nation requires that man's formation meets the demands of a respective society. Therefore, in order to discuss the fundamental concepts in the proposal of man's education, we need to understand the kind of human formation required by the society in which he is inserted. With this concern, this paper had as aim to analyze the education model proposed by Lucius Annaeus Seneca (1st century), as well as the educational principles set out in the report by Jacques Lucien Jean Delors (21st century), which were written to UNESCO. In that case, we use as primary sources, the Letters to Lucilius by Seneca and the texts: On the Shortness of life, On the Tranquility of Mind and the Delors report for the 21st century. Considering different historical times, our proposal was to compare the tendencies revealed by these authors, in an attempt to analyze what brings them closer or distance. Therefore, to make possible this exercise, we are based on Comparative-Historical method of research, focusing on human formation. So, we look for to comprehend the conditioning that led Seneca and Delors propose an education model would support the society of their time. This study didn't have the intention to get into political concepts neither compare ideas nor superimpose thoughts, the purpose was to find possible approximations and/or similarities between the authors, considering the historical time relevant to each one. Questions that include man's conception, education, human relations and happiness were discussed in their reflections, in a pedagogical practice that considers virtues' formation in Seneca and formation to work's world in Delors. In this sense, education becomes such as an ideal man's adaptation instrument on his time, because each one presents particularities that correspond to the society's necessities of their historical time.

**Key words:** Seneca; Letters to *Lucilius*; *Delors report*; Education.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. LÚCIO ANEU SÊNECA: SUA PROPOSTA FORMATIVA .....</b>	<b>22</b>
2.1 SÊNECA: UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO .....	22
2.2 SÊNECA: DE EXILADO A PRECEPTOR DE NERO .....	25
2.3 A OBRA: LEGADO PARA A POSTERIDADE .....	30
2.4 SÊNECA E O ESTOICISMO.....	35
2.6 FINALIDADE EDUCACIONAL DE CARTAS A LUCILIO .....	45
2.6.1 Fundamentos filosóficos do pensamento senequiano nas cartas.....	51
<b>3. RELATÓRIO DELORS .....</b>	<b>57</b>
3.1 JACQUES DELORS .....	57
3.2 FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS DO RELATÓRIO DELORS.....	59
3.2.1 Unesco: linha diretiva para uma educação universal.....	59
3.2.2 Relatório Delors: Origem do documento e os fundamentos da educação pensada para o século XXI .....	63
3.2.3 Horizontes.....	67
3.2.4 Princípios .....	80
3.2.5 Orientações .....	82
<b>4. IDEIAS DE FORMAÇÃO DO HOMEM: PRINCÍPIOS EDUCATIVOS EM SÊNECA E EM DELORS.....</b>	<b>88</b>
4.1 O HOMEM: SUJEITO DO PROCESSO FORMATIVO.....	88
4.1.1 A concepção de homem em Sêneca e em Delors: Uma reflexão necessária .....	92
4.1.2 O homem em suas categorias: escravizado, atormentado, vencido, de bem, sábio/ideal e sagrado.....	95
4.2 A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM IDEAL: FORMAR PARA QUÊ? .....	106
4.3 IGUALDADE E DIVERSIDADE.....	114
4.4 EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO .....	119
4.4.1 Educação ao longo da vida.....	128
4.5 FINALIDADES DA FORMAÇÃO: CIDADANIA, PAPEL SOCIAL E DIFICULDADES COTIDIANAS.....	134
4.6 O PAPEL DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA .....	139
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO A - Apresentação e estrutura do documento: Cartas à Lucílio ..</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO B - Resumo das cartas .....</b>	<b>169</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Cada época, cada governo e cada nação requerem uma proposta educacional para atender às demandas de uma respectiva sociedade. Portanto, para a discussão dos conceitos que fundamentam as propostas educacionais de formação do homem, faz-se necessária a reflexão sobre os propósitos e os fundamentos de tal sociedade.

Consoante ao viés de educação contínua e da preparação de sujeitos capazes de mediar às múltiplas relações estabelecidas no decorrer da vida, defendemos uma proposta de educação capaz de formar homens com capacidade para interpretar o mundo e transformá-lo. Nesta dimensão, a educação deve contribuir para preparar as novas gerações para a construção de um "novo mundo", superando a condição de reprodução do conhecimento e das relações sociais.

A nosso ver, caso o modelo de formação proposto por uma dada sociedade, não assuma a vertente transformadora, possivelmente, continuaremos a reproduzir, os papéis definidos pelo sistema, disciplinando as pessoas e perpetuando a situação exclusória vigente.

Nesta perspectiva, acreditamos que o acesso ao conhecimento é um dos caminhos para a participação efetiva na vida social, econômica, política, cultural, entre outras, e, a partir desta perspectiva, torna-se necessário propor reflexões sobre como vem sendo pensado o modelo de formação humana ao longo da História, especialmente, para vislumbrar uma formação educacional que contribua para a inserção de sujeitos mais críticos em um mundo relacional e transformador.

Essa reflexão deve ser realizada em razão de a educação não se constituir em um fenômeno neutro e isolado, pois consideramos que as propostas educacionais trazem em seu bojo formas de ensinar, tendo os seus objetivos ligados intimamente às necessidades da sociedade, com um elo visceral com os interesses sociais amplos e as mudanças "constantes" vividas por esta sociedade.

A preocupação com a formação humana não é recente: remonta à Antiguidade e, embora tenha percorrido um longo caminho, permanece atual.

Sabemos que grandes pensadores contribuíram e contribuem com seus fundamentos para pensar a educação necessária para a formação do homem a cada momento histórico.

Consideramos que o conhecimento que se apresenta por meio dos escritos dos autores antigos são bases de conduta para os novos caminhos a serem trilhados pelo homem em seu processo de formação e transformação das sociedades em cada tempo. Dentre os renomados pensadores antigos, nessa tese, fizemos opção por Sêneca, considerando a sua preocupação com a formação do homem ideal, nomeadamente, para atender à sociedade romana de sua época. O autor assevera que é preciso avançar para novas descobertas.

Para a pesquisadora, estudar somente o conceito de homem moral em Sêneca, durante o mestrado, foi insuficiente para revelar a totalidade de seu pensamento. Deste modo, o motivo subjacente que nos levou a darmos continuidade à pesquisa, justifica-se em face da busca de uma compreensão para saber quem seria o homem ideal, a quem ele atenderia e qual seria a sua necessidade formativa.

Em face disso, nessa tese, buscamos respostas para algumas questões pertinentes, a saber: O que levou Sêneca a pensar na educação do homem romano, a ponto de instigar o filósofo a escrever textos que retratassem o seu pensamento? Qual a concepção de homem que ele concebia? Quais princípios educativos ele destacou na formação do homem que atenderia à sociedade romana?

Sêneca foi um personagem de destaque na esfera intelectual da Antiguidade e a sua obra ultrapassou os limites do seu tempo, circulando praticamente em todos os séculos, pondo em evidência o seu conceito de moral e sua preocupação com a condição humana. Ao entender que a sociedade romana encontrava-se adoecida pelos vícios e paixões dos homens de então, Sêneca preocupou-se com a formação do homem, tornando-se uma referência na história da humanidade. Ele acreditava que os problemas da sociedade romana do seu tempo poderiam ser amenizados pela educação, apresentando em seus textos um modelo de formação. Em síntese, apresentou um modelo que, levando à superação de tal situação, contribuiria para a felicidade do homem.

Assim, propusemos investigar as possíveis contribuições de Sêneca para o processo educativo na atualidade, já que muitos de seus conceitos parecem próximos dos atuais. Acreditamos que o recuo no tempo e o afastamento dos problemas educacionais imediatos constituem uma metodologia de análise do processo educativo, enquanto produto humano, ou seja, da proposta formativa como uma necessidade histórica.

Ao questionamos o valor de uma reflexão ou do conjunto de textos de autores que transitaram por diferentes campos do saber, enveredamos por caminhos múltiplos e amplos, que podem nos levar a compreender o que eles representaram para a sua época e, ao mesmo tempo, revelar a historicidade de seus pensamentos.

Nesse sentido, buscamos no estudo do relatório de Delors “Educação um tesouro a descobrir”, uma melhor compreensão sobre questões pertinentes para se pensar a formação humana. O Relatório Delors analisa os principais elementos que subsidiam a reforma da educação pensada para o Século XXI, oferecendo um conjunto de ideias consensuais em torno do qual deveria ser a função da educação. Para Delors (2006, p. 11), “[...] ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”.

Delors é um homem do século XX e XXI, que nasceu, vive e escreve sobre as concepções do sistema capitalista e do mundo do trabalho. A educação proposta pelo documento visa à harmonia social ao evidenciar princípios para a formação de sujeitos capazes de se adaptarem às transformações sociais. É necessário que as habilidades e capacidades dos estudantes sejam flexíveis, tal como incide no sistema de produção, em que princípios como “aprender a conhecer” e “aprender a viver juntos” são imprescindíveis para o ajustamento dos homens à sociedade (DELORS, 1998).

Nessa linha de pensamento, em Delors constatamos outro desafio, pois estudar a educação no Brasil na atualidade sugere refletirmos sobre o que se defende sobre educação na atualidade. Lembramos que o documento norteia a educação em nível mundial, formando uma base comum de diretrizes, princípios e conhecimentos necessários para se pensar a formação educativa, tendo como base nos quatro pilares da educação: aprender a conhecer aprender a fazer,

aprender a viver com os outros e aprender a ser. Estes são itens fundamentais para a transmissão da informação e da comunicação adaptada à sociedade.

Compreendemos que as orientações impressas no documento podem revelar possibilidades para um possível entendimento sobre as políticas educacionais nacionais atuais, especialmente, por conterem em seu conjunto análises, prioridades, direcionamentos e orientações, no que se refere à agenda política dos países membros da Organização das Nações Unidas (ONU).

Deste modo, nas leituras e análise do relatório buscaremos respostas para algumas questões que nos inquietam: Em que contexto surge o relatório Delors e quais as orientações do relator na formação do homem capaz de atender à sociedade do século XXI? Qual a concepção de homem? Quais princípios educativos destacados para a formação do homem do Século XXI?

A nossa intenção, portanto, consiste em refletir sobre possíveis aproximações e/ou semelhanças e diferenças a serem encontradas entre os dois autores.

Ao dialogarmos com o passado, este pode problematizar os embates e os contrassensos próprios do nosso presente. Por conseguinte, para além dos pontos inerentes ao assunto estudado, acreditamos que o trajeto acadêmico do pesquisador se constrói com base nas experiências vivenciadas em seu próprio tempo e de acordo com sua realidade social e formativa.

Portanto, o objetivo do presente estudo consiste em analisar o modelo educacional proposto por Lúcio Anneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), filósofo, político, orador, educador da corte romana e preceptor de Nero, visando à identificação de possíveis preceitos nos princípios educacionais expostos no relatório de Jacques Lucien Jean Delors, economista e político francês que presidiu a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI da UNESCO.

Assim, considerando os tempos históricos distintos, nossa proposta busca identificar e cotejar as tendências reveladas por Sêneca e Delors em seu relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, na tentativa de analisar o que as aproxima ou as distancia. Apesar de compreendemos que a educação não é neutra, portanto, não aparece desvinculada da política, o escopo do trabalho não consiste em aprofundar o

estudo sobre políticas públicas, seja de estado ou de governo, pois não é esse o objeto da pesquisa.

Consideramos que a nossa proposta de estudo é relevante, sobretudo, porque, avaliando o espaço temporal que distancia os autores, entendemos que cada um expressa as especificidades de sua época, com respectivas orientações para a formação do homem necessário para atender às demandas de seu tempo.

As discussões propostas nesta tese justificam-se pelo interesse histórico e pedagógico que as reflexões de Sêneca e Delors podem despertar, ao tratar da formação do homem ideal. Justificam-se, também, porque ao apontarmos para a materialização do pensamento filosófico romano e repensarmos as contribuições de Sêneca para a formação do homem moral ocidental, mostramos a relevância de seu pensamento, com possíveis aproximações na pauta das discussões contemporâneas propostas no relatório de Delors para o Século XXI.

O diálogo com o passado, mesmo com a riqueza que o particulariza, segundo Pereira Mello (2010, p. 27), não implica “na renúncia ao que somos, a negação de nós mesmos”, ao contrário, possibilita visualizar maiores contornos, com diferentes pontos de vista, retirando do “moderno a suficiência que dificulta perceber que se foi e é possível ser diferente do que se é hoje”.

Salientamos que a nossa preocupação consiste buscar ecos dos pensares formativos senequianos, nas propostas educativas contidas no relatório Delors. Preocupação que se justifica pelas diferenças de objetivos, tempo, lugar e modos de produção que os particularizam esses dois pensadores. Pereira Melo (2010) evidencia a importância de se investigar as possíveis contribuições das propostas educacionais da Antiguidade para o presente.

A História Comparada tem se apresentado como um campo relevante de estudos, contribuindo para a reflexão e para o surgimento de novas formas de pensar a educação. Embora reconhecendo que não se trata de uma tarefa simples, apoiamos-nos nesse método de estudo, para refletir sobre as propostas educacionais de Sêneca e Delors sugeridas em momentos históricos diferenciados.

Mesmo com essa certeza, lançamos mão, de algum modo, da investigação comparativa. Esse método de investigação é uma prática utilizada por muitos pesquisadores, entre os quais Cardoso e Brignoli (1983), Pimenta

(2008), Santos (2011), Florindo (2013) e Barros (2014). Os autores fazem menção ao método comparativo, como possibilidade para compreender questões sociais e educacionais.

O método comparado, conforme aponta Florindo (2013, p. 386) constitui uma solução para serem pensadas inúmeras questões, pois “[...] a possibilidade de se pensar tendo em vista o confronto de múltiplos focos de análise pode trazer contribuições impossíveis a uma pesquisa que se atenha a apenas um foco”.

No caso da comparação, o problema só terá validade se o pesquisador edificar suas análises de forma simplista, considerando que a natureza do objeto analisado não deve ultrapassar definições especificamente estabelecidas, dado que a História Comparada mantém sua utilidade “[...] em um nível de análise para descobrir as diferenças e semelhanças entre as formações sociais” (FLORINDO, 2013, p. 387).

A história comparada, segundo Barros (2014) impõe a escolha de um recorte geminado de espaço e tempo, levando o historiador a atravessar duas ou mais realidades socioeconômicas, políticas ou culturais distintas, como de outro lado, esta mesma História Comparada “[...] parece imprimir, através do seu próprio modo de observar a realidade histórica, a necessidade a cada instante atualizada de conciliar uma reflexão simultânea atenta às semelhanças e diferenças” (BARROS, 2014, p.16).

Por um lado, existe um certo temor quanto a utilização do método comparativo na História, pois o maior problema está vinculado as unidades de comparação espaciais e temporais. Por outro lado, o método comparado pode apresentar caminhos para a reflexão de múltiplos focos de análise e contribuir significativamente com pesquisas que se atenha a determinados focos (FLORINDO, 2013).

É com essa compreensão que a nossa opção pela abordagem comparada se revela como uma possibilidade singular para repensarmos o contexto educacional contemporâneo em suas possibilidades e limites. Para isso, em nossas leituras e fichamentos, estivemos atentos para identificar não apenas as aproximações como também as diferenças. A intenção é fazer possíveis analogias, identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades em tempos e espaços distintos, percebendo possíveis variações pertinentes a cada proposta formativa.

Como afirma Santos (2011), a História Comparada é um importante instrumento para o desenvolvimento científico e seu estudo é fundamental para a renovação das pesquisas históricas. Nessa tese, esse método de estudo tem valor didático, ao propor aproximações e/ou oposições concernentes às propostas educacionais.

Para João Paulo Garrido Pimenta (2008), à medida que manifestações de percepções e concepções de um dado tempo histórico, bem como suas materializações em diversos níveis da vida social, correspondem sempre a experiências históricas únicas. A comparação, por meio de tais categorias, “[...] pressuporia a fertilidade da abordagem de contextos variados que compõe um só, e do cotejamento de diferentes manifestações que resultam em um fenômeno comum” (PIMENTA, 2008, p. 58).

Assim sendo, entendemos que ao mesmo tempo em que a proposta de uma História Comparada introduz-se como uma nova possibilidade historiográfica, é um método que se apresenta como um anseio bastante singular, quando se pretende responder a um contexto histórico bastante específico, no nosso caso, a proposta educacional pensada para o Século XXI.

Quando se opta pelo método comparativo, conforme apontam Cardoso e Brignoli (1983), o pesquisador deve estar atento para não cometer retrocessos. Nesse sentido, estivemos atentos para não confundir analogias superficiais com similitudes profundas, sobretudo porque, no presente estudo, estamos lidando com sociedades estruturalmente diversas e afastadas no tempo.

Os estudos comparativos contribuem para “[...] um novo modo de pensar a história na própria construção de seu recorte, traduzindo-se em uma oportunidade singular para repensar a própria história em seus desafios e em seus limites” (BARROS, 2014, p. 16).

Nessa tese, a abordagem comparativa é realizada de forma simultânea, possibilitando que as reflexões sobre a formação educativa senequiana sejam contrapostas com as orientações educativas pensadas por Delors. Como afirma Pereira Melo (2010), de posse dos dados obtidos com essas ações, é possível buscar aproximações, desvendar preocupações, tendências, ideologias e objetivos.

Para o desenvolvimento do método de investigação, optamos pela pesquisa bibliográfica, que foi realizada por meio de leituras e fichamentos sobre

o assunto proposto. Privilegiada a temática a ser estudada, procedemos à localização, levantamento e classificação das fontes primárias e secundárias.

Para tal, primeiramente, procedeu-se à leitura das *Cartas a Lucílio*<sup>1</sup>, de textos “Sobre a Brevidade da Vida”, “Da Tranquilidade da Alma, considerando que tais correspondências “[...] fazem parte de uma longa tradição de gênero epistolar, que se prolonga em autores modernos” (REBELLO; VRANAS, 2009, p. 11) foram escritas entre os anos 63 e 65 d.C, quando Sêneca se afastou da vida política.

Dando continuidade aos estudos de Sêneca, utilizamos de fontes secundárias de estudiosos/pesquisadores que tratam de questões concernentes ao objeto de pesquisa como Brun (1986), Braren (1989), Segurado e Campos (1991), Novak (1999), Ullmann (1996), Manarrés (2001), Cordeiro (2002), Ferracine (2007, 2011), Lohner (2009), Rebello e Vranas (2009), Pereira Mello (2010, 2015), Veyne (2015), Miguel e Pereira Melo (2004/2105), Moura (2015), Alexandre Júnior (2017), Benavides (s/d), entre outros.

Em Delors, procedemos a uma análise do relatório “Educação: um tesouro a descobrir” elaborado pela Comissão Internacional sobre a “Educação para o Século XXI”, no ano de 1996, a pedido da Organização das Nações Unidas (ONU), para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco<sup>2</sup>.

As informações sobre Delors foram obtidas por *e-mail* no site da *Eurocid* – Centro de Informação Europeia Jacques Delors, na Infoeuropa – Biblioteca de Informação Europeia em Língua Portuguesa e no Instituto Jacques Delors – *Notre Europe*. Tanto nesses sites, quanto nas reflexões publicadas pelo autor ou nos textos a ele referentes, sua biografia se restringe à carreira profissional. Pontuamos que até o momento, não encontramos nenhum registro sobre a vida

---

<sup>1</sup> O texto utilizado para este estudo foi “Cartas a Lucílio”, 3ª edição da tradução do original latino intitulado “L. Annaei Senecae ad Lucilium Epistulae Morales”, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa, publicado no ano de 2007. Esse texto teve como base de apoio para a tradução, a edição de Reynolds “L. Annaei Senecae ad Lucilium Epistulae Morales recognovit et adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds (Oxford Classical TEXTs), Oxford University Press 1965”. Sêneca destinou essas cartas com conteúdo ético e moral ao amigo Lucílio.

<sup>2</sup> Por meio de suas conferências mundiais e de documentos publicados, a Unesco influencia fortemente os países em desenvolvimento – entre eles o Brasil –, transmitindo as ideias, os valores e os princípios adotados e incorporados pelos países associados à ONU, chamados de estados-membros. Vale ressaltar sua atuação direta nas recomendações e orientações que norteiam as políticas educacionais. Segundo a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, educação e trabalho possuem uma estreita ligação, cabendo ao sistema educativo preparar o jovem para desempenhar seu papel social no mundo do trabalho (DELORS, 2006). .

pessoal do autor, por isso, reforçamos que as informações sobre ambos os autores aqui pesquisados, serão díspares devido à restrição das informações sobre Delors.

Utilizamos, textos de autoria dos estudiosos/pesquisadores que versam sobre os fundamentos da educação contemporânea, como Rega (2000), Werthein e Cunha (2000), Tonet (2003), Zanardini (2007), Lima (2007), Rodrigues (2008), Souza (2008), Rebello e Vranas (2009), Santos (2011), Silva, Czernicsz e Perrude (2012), entre outros.

Para o estudo do processo histórico, estivemos atentos ao espaço e para avaliar os elementos comuns, que resultaram em um quadro comparativo com a inclusão de temas e assuntos paralelos, com a análise, depuração e valorização do conteúdo. De posse dos dados obtidos, como afirma Pereira Melo (2010, p. 20), “[...] é possível buscar uma aproximação com o autor, desvendar suas preocupações, tendências, ideologias, objetivos”.

Tratou-se, portanto, de um procedimento consciente e organizado, que possibilitou a elaboração de um exercício de reflexão, tendo como resultado a produção de ideias sobre o que problematizamos. Assim, respaldando-nos no diálogo estabelecido com as fontes na Antiguidade e orientando-nos pelo método comparativo, elaboramos uma síntese para verificar as possíveis aproximações e/ou semelhanças e diferenças entre Sêneca e Delors em suas propostas para a formação do homem ideal.

Para tal, organizamos a análise em quatro capítulos.

No capítulo introdutório apresentamos as bases iniciais do estudo com destaque na contextualização do problema de pesquisa, justificativa, objetivo, metodologia e apresentação do conteúdo a ser abordado.

No segundo capítulo abordamos a biografia e a produção filosófica de Sêneca e, embora a cronologia de seus textos não apresente datas precisas, procuramos abordá-la de acordo com o momento histórico em que o filósofo viveu. Abordamos as bases do estoicismo, a filosofia, os aspectos formativos, o percurso e as intenções de suas reflexões. Ainda, apresentamos uma breve discussão sobre o gênero literário utilizado pelo autor.

No terceiro capítulo analisamos o Relatório Delors para a Unesco, com destaque para a origem e a finalidade do documento. Iniciamos pela biografia de Jacques Lucien Jean Delors, relator e responsável por conduzir os trabalhos da

Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Reiteramos que as informações sobre a vida do relator são restritas, em comparação com a extensão da biografia senequiana, pois, apesar de Delors ser um autor contemporâneo, ele não deixa margem para a verificação de sua vida privada. Na sequência, apresentamos os fundamentos do relatório e a concepção de educação nele contemplada.

No quarto capítulo expomos uma análise acerca das possíveis aproximações dos princípios educativos expressos nas cartas senequianas e no Relatório Delors. Para tal, elencamos algumas categorias de análise, a saber: o homem como sujeito do processo formativo, o homem ideal, igualdade e diversidade, educação e conhecimento, educação ao longo da vida, cidadania e papel social e o papel da filosofia na formação humana.

A partir das leituras e reflexões realizadas, com base nessas categorias, elaboramos um quadro síntese demonstrativo, visando à compreensão de possíveis aproximações e/ou semelhanças e diferenças entre Sêneca e Delors, em suas propostas para a formação humana.

Por fim apresentamos as considerações finais sobre o estudo proposto.

## 2. LÚCIO ANEU SÊNECA: SUA PROPOSTA FORMATIVA

O objetivo nesta seção é evidenciar aspectos relevantes da biografia de Lúcio Anneu Sêneca. Apresentamos os principais fatos que marcaram a vida do filósofo, salientando o contexto histórico, os aspectos formativos, o percurso e a intenção de suas reflexões.

### 2.1 SÊNECA: UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO

Lúcio Anneu Sêneca (1 a.C – 65 d.C) foi um homem de destaque que, com sua filosofia de caráter prático, marcou significativamente o pensamento romano. Filósofo estoico, advogado, orador, político, aristocrata e escritor, ele foi a “figura mais expressiva do estoicismo latino” (FERRACINE, 2011, p. 11).

Por via indireta, sua preocupação filosófica era a formação do homem romano. Com base nos princípios do estoicismo, elaborou uma doutrina voltada para a descoberta de caminhos para a resolução dos problemas da vida do homem e para a busca da paz espiritual.

Vale frisar que Sêneca viveu a maior parte de sua vida em Roma, considerada um terreno fértil para a difusão dos ensinamentos do estoicismo. Em um momento de crise política, econômica e social que se refletia na decadência da sociedade romana, ele ampliou seus conhecimentos sobre o estoicismo e evocou alguns desses princípios filosóficos em sua doutrina, pois entendia que a formação deveria ser pautada nos princípios da moral e que somente assim o homem conseguiria se desprender dos vícios e paixões.

Considerado um “[...] grande literato, em uma série de tratados Sêneca estudou os diversos aspectos da vida moral” (CAMBI, 1999, p.113). Assumiu o papel de preceptor deixou escritos orientadores sobre modelos de vida para controle das dores, sofrimentos e das paixões humanas. Ao final de sua vida, escreveu *Cartas a Lucílio*, nas quais enfatizou para o amigo os temas relativos à formação do homem.

As cartas, assim como os demais escritos, “[...] se movem na fronteira ético-educativa, com valorização da ética de igualdade e amor universal”

(CAMBI, 1999, p. 113). Sêneca entendia que a formação do homem deveria seguir a ética e a moral, pois só assim se poderia alcançar a felicidade.

Nascido no ano I a. C., em Córdoba, Espanha, Sêneca foi o segundo filho do casal Marco Annaeus Sêneca<sup>3</sup> e Hélivia Albina<sup>4</sup>. Teve dois irmãos, Marcos Aneu Novato<sup>5</sup> e Marco Aneu Mela<sup>6</sup>, os quais fizeram “[...] brilhante carreira política, tendo um deles entrado para o senado” (LI, 1993, p. 11).

De sua mãe, Hélivia, não há muitas informações, mas sabe-se que era uma espanhola de origem rica e aristocrata que contraiu matrimônio com Marco Annaeu aos dezesseis anos, enquanto o esposo estava em idade mais avançada (cinquenta e um anos). De seu pai, conhecido como Sêneca (o Velho), há informações de que nasceu em família influente (de ordem equestre<sup>7</sup>) e de que foi um homem muito importante em Córdoba: grande advogado, escritor e exercia um cargo público, provavelmente, relacionado à arrecadação de impostos.

Adepto da oratória de Cícero, Sêneca influenciou a carreira do filho de mesmo nome, iniciando-o na retórica. Sua mãe, Hélivia, era “[...] compreensiva, inteligente e bondosa” (BENAVIDES, S/D, p.16), acreditava nos preceitos da moralidade e se dedicava à educação dos filhos.

Com a compreensão de que somente a educação poderia auxiliar o homem a ascender socialmente e de que a capital do Império Romano ofereceria oportunidades educacionais, a família de Sêneca mudou-se para Roma. O propósito era que Sêneca pudesse atender ao gosto do pai e ingressasse “[...] no curso de gramática com prática precoce de exercitação na arte da oratória” (FERRACINE, 2011, p. 17).

---

<sup>3</sup> Nascido em 54 a.C., Marco Annaeus Sêneca foi um orador, escritor, historiador e um dos retóricos mais entusiastas de Córdoba, e o primeiro professor de retórica do filho Sêneca (BENAVIDES, S/D, p. 16).

<sup>4</sup> Hélivia Albina era uma mulher inteligente, estudiosa, compreensiva e bondosa, sensível, de comportamento incensurável, senhora de uma coragem espantosa (BENAVIDES, S/D, p.18).

<sup>5</sup> Marcos Aneu Novato era o irmão mais velho e “[...] exerceu o cargo de procônsul em Acaia. Consta que ele se suicidou por temor que Nero decretasse sua morte. Sêneca recorda-o em suas obras” (FERRACINE, 2011, p. 16).

<sup>6</sup> Marco Aneu Mela era o irmão caçula, considerado o mais prendado dos três irmãos. “Por causa de intrigas políticas teve que articular a própria morte” (FERRACINE, 2011, p. 16).

<sup>7</sup> A ordem equestre correspondia à classe dos aristocratas da Roma antiga. Significa “ordem dos cavaleiros”. Essa classe dominava os postos administrativos e militares no governo imperial do séc. III d.C (FERRACINE, 2011, p. 16).

Com a preocupação com a formação do filho, desde a primeira infância, Sêneca foi preparado para ocupar importantes postos na sociedade romana. No entanto, ao se deparar com a filosofia, Sêneca decepcionou as expectativas do pai, pois iniciou seus estudos filosóficos conforme os ensinamentos transmitidos pelos mestres Papírio Fabiano<sup>8</sup>, Átalo<sup>9</sup> e Sótio<sup>10</sup> que “[...] haviam sido alunos de Séxtio o qual, anos antes, instalara em Roma, um ecletismo moral de inspiração estoica” (ULLMAN, 1996, p. 10).

A infância do filósofo requeria muitos cuidados. O fato de ser frágil fisicamente, levava aos intensos cuidados por parte da mãe e de uma de suas tias, considerado doente, fraco e incapaz para os exercícios físicos, o “[...] estranho menino, Lucius! Fechado em si mesmo, calado, inclusive distante dos irmãos mais velhos, refugiava-se na ternura da mãe e da tia [...]” (BENAVIDES, S/D, p.19).

Dos treze aos dezessete anos, Sêneca se dedicou ao estudo da gramática e, posteriormente, à retórica e à filosofia, por julgá-las necessárias para a formação do homem político. Essa dedicação e a restrição alimentar à base de vegetais levaram-no a adoecer: “[...] aos vinte e cinco anos de idade, a sua saúde entra em colapso” (LI, 1993, p. 12). No ano 26 d.C., deslocou-se para a casa de seu tio, Caio Galerio<sup>11</sup>, em Alexandria, Egito, buscando melhores condições climáticas para se recuperar. Aí permaneceu por seis anos, aprofundando-se nos estudos de filosofia.

No ano 31 d.C., restabelecido e de posse de conhecimentos e “convicções espirituais já assimiladas no Oriente” (PEREIRA MELO, 2015, p. 41), Sêneca retornou a Roma e à carreira de filósofo, literato e advogado. Esse foi o passaporte para o ingresso na vida política, como senador, e na vida pública, como membro da *questura*<sup>12</sup>, bem como na atuação direta no fórum.

---

<sup>8</sup> Papírio Fabiano inculca em Sêneca as ideias da academia platônica (ULLMANN, 1996, p. 10).

<sup>9</sup> Átalo inseriu Sêneca no âmbito da filosofia moral do estoicismo. Bem cedo, o jovem aprendiz assimilou os hábitos de renúncia às regalias que a riqueza paterna lhe facultava com facilidade (FERRACINE, 2011, p. 17).

<sup>10</sup> Sótio despertou Sêneca para o vegetarianismo, do qual o pai cuidou de livrá-lo por causa da fragilidade de sua saúde (FERRACINE, 2011, p. 17).

<sup>11</sup> Caio Galerio, entre os anos 16 e 36, representou o imperador Tibério (42 a.C a 37 d.C) como prefeito romano no Egito (PEREIRA MELO, 2007b, p. 35).

<sup>12</sup> *Questura* – Ser um Questor era o primeiro passo na hierarquia política de Roma. O cargo implicava funções administrativas, sendo ocupado por membros da classe senatorial (classe pertencente à elite). Disponível em: <http://roma95.webnode.pt/news/a-Questor-classe-senatorial-e-a-ordem-equestre/> acesso em 27/07/2017.

Por sua destreza verbal, oriunda das lições da filosofia estoica, ele conquistou notoriedade como orador, advogado, político e filósofo. Aplicou a filosofia e a retórica em seus discursos, ele pode ascender politicamente, chegando ao sucesso com o cargo de senador, no ano 34 d.C. “Ali Sêneca ganha, de imediato, admiração pelos seus talentos, mas também foi alvo de repulsa da parte do imperador Calígula (12-41), que pensou até em mandar eliminá-lo” (FERRACINE, 2011, p.18). Seu estilo literário não agradara ao Imperador que, descontente com um pronunciamento de Sêneca no foro, planejou a sua morte. Entretanto, foi convencido a abandonar a ideia, com a justificativa de que Sêneca, em razão de sua péssima saúde, logo iria desaparecer do cenário (FERRACINE, 2011, p. 18).

## 2.2 SÊNECA: DE EXILADO A PRECEPTOR DE NERO

Por volta do ano 41 d.C., Sêneca passou por mais momentos turbulentos, em um dos quais Valéria Messalina<sup>13</sup> (17(?) – 48 d.C), terceira esposa de Cláudio César<sup>14</sup> (10 a.C – 54 d.C.), o acusou de adultério com Júlia Livilla (13 a.C – 31 d.C), irmã do imperador Calígula. A denúncia teria sido uma vingança porque o filósofo a denunciara por infidelidade ao imperador. “O fato é que, para afastar um adversário político, a acusação de adultério constituía uma praxe em voga” (ULLMANN, 1996, p. 11). Desse modo, a situação do filósofo interessava à imperatriz:

De um lado, ela se livraria de membros incômodos da família imperial, especialmente um pequeno grupo hostil às influências que ela exercia sobre o imperador, como era o caso de Júlia Livilla e Júlia Agripina (15-59), a futura mulher de Cláudio. De outro lado, livrar-se-ia também de Sêneca, que tinha muito prestígio e popularidade. [...] A Sêneca aplicou-se a lei do adultério estabelecida por Augusto para salvaguardar a sociedade. No caso, seu crime tinha um agravante, porque a adúltera era uma princesa imperial. Mesmo negando esse envolvimento, o que fez durante toda a sua vida, ele recebeu a ordem para se retirar de Roma, iniciando seu exílio de oito anos na ilha de Córsega.

<sup>13</sup> Messalina foi a primeira esposa do imperador Cláudio. Ela foi condenada à morte por traição conjugal (FERRACINE, 2011, p. 18).

<sup>14</sup>Cláudio Cesar foi o tio de Calígula que o sucedeu no Império (PEREIRA MELO, 2015, p. 42).

Júlia Livilla, por sua vez, foi condenada pela segunda vez ao exílio e, em seguida, recebeu a sentença de morte (PEREIRA MELO, 2015, p.42).

Ao ser afastado da política, Sêneca ficaria neutralizado, deixando o caminho livre para Messalina, que tinha ambições políticas. A acusação de Messalina resultou no exílio de Sêneca na ilha de Córsega por oito anos: “o melhor período da vida de um homem ativo e intelectualmente genial, qual era Sêneca” (LEONI, 1961, p. 16).

Conforme destaca Leoni (1961), exilado em um lugar inóspito e selvagem, em meio ao sofrimento e à solidão, o filósofo dedicou-se aos estudos. Durante esse tempo, escreveu alguns tratados e consolações, considerando a importância da reflexão e do ócio útil para o homem.

A Córsega, longe de todos os amigos, os olhos nos rochedos, os pântanos impenetráveis, o rude e pobre povo que descendia de camponeses e navegadores. Aí permanecerá durante oito anos – de 41 a 49 – vítima da fraqueza de Cláudio e do ódio de Messalina. Os romanos dominavam a ilha e os corsos, numa luta surda, os odiavam. Perdida no mar, foco de doenças, a Córsega era praticamente inabitável no interior (BENAVIDES, s/d, p. 45).

No ano 48 d.C, o imperador Cláudio condenou Messalina à morte por motivo de conspiração e, posteriormente (em 49 d.C.), casou-se com Agripina<sup>15</sup> (14 a.C. – 59 d.C.). Após o casamento, com pretensões de poder, a nova imperatriz conseguiu convencer o imperador a adotar o filho do seu primeiro casamento, Lucio Domício Enobarbo (37-68). Depois da adoção, o filho passou a ser chamado de Nero.

Ambiciosa pelo poder e considerando a popularidade, o respeito e o sucesso de Sêneca com seus escritos, segundo escreveu Ullmann (1996), Agripina intercedeu pelo filósofo, que, no ano 49, foi perdoado e retornou a Roma. A imperatriz desejava que Sêneca fosse seu aliado e, em razão de sua popularidade, solicitou-lhe que assumisse a educação do filho, preparando-o para ocupar o trono de Imperador.

---

<sup>15</sup> Agripina era irmã de Calígula e de Júlia Livilla e sobrinha de Cláudio Cesar, com quem veio a se casar e convencer o marido a adotar seu filho “Nero” (FERRACINE, 2011, p. 19).

Depois de Messalina ter sido assassinada, Agripina, a segunda consorte de Cláudio, chamou Sêneca de volta a Roma e o fez nomear pretor. E mais. Para devolver-lhe o bom nome, perante a opinião pública, designou-o, junto com Burrus, preceptor de Nero (filho de Agripina e Cláudio). A partir de então, a vida de Sêneca sai da obscuridade e projeta-se no cenário político de Roma (ULLMANN, 1996, p. 48).

Ao mesmo tempo, ela “via no retorno de Sêneca a Roma a possibilidade de reabilitação da lembrança de sua irmã Júlia, que morrera de fome no exílio, julgando ainda que com tal decisão seria captada a complacência popular [...]” (FERRACINE, 2011, p. 20), pois Nero tinha um meio irmão:

Com a adoção, Domício recebeu o nome de Nero, da família de Cláudio, o que o colocou na linha de sucessão, com uma vantagem sobre o filho natural do imperador, Britânico, pois era três anos mais velho que o pequeno príncipe [...] (PEREIRA MELO, 2015, p. 42).

Após a adoção, Nero ocupou a linha de sucessão de Cláudio, pois era mais velho que Britânico<sup>16</sup>. É importante destacar que, até os oito anos de idade, Nero morava em uma propriedade rural nas proximidades de Roma, juntamente com a avó (mãe de Agripina), a quem fora confiada sua educação. Nesse momento, o menino ficava à mercê dos empregados e dos escravos da casa (BENAVIDES s/d).

Após o casamento de sua mãe com o Imperador, Nero foi confiado a Sêneca, que ficou responsável por sua formação intelectual. Juntamente com o filósofo, foi solicitado o auxílio de Lúcio Afrânio Burrus (5- 63 d.C.), prefeito do pretório e preparador militar, que ficou incumbido da instrução à prática da força e da coragem necessárias a um imperador (BENAVIDES s/d).

Sêneca pretendia formar Nero de maneira que ele rompesse com as bases tirânicas que caracterizavam os imperadores romanos, ou seja, procurou formá-lo como um rei-filósofo, a exemplo do que propusera Platão (PEREIRA MELO, 2015, p. 43). Para o filósofo, o imperador deveria ser um administrador

---

<sup>16</sup> O imperador Cláudio teve dois filhos com Messalina: Cláudia Octávia e Britânico.

sábio, responsável e benevolente com o povo: “[...] Durante três anos, Sêneca instruiu Nero na arte de bem falar em público” (ULLMANN, 1996, p. 12).

Aos doze anos de idade eram visíveis as tendências dissolutas de Nero, em dissonância com o que se esperava de seu futuro: “[...] a vida libertina na corte já desvirtuara sua primeira fase de educação” (FERRACINE, 2011, p. 20). Por isso, com a intenção de ficar próxima do poder e, ao mesmo tempo, abrigada na figura de Nero, Agripina incumbiu Sêneca e Lúcio Afrânio Burrus de, respectivamente, assumirem o desafio de prepará-lo intelectual e militarmente.

Aos dezessete anos, Nero assumiu o poder e Sêneca permaneceu a seu lado, “[...] não mais como pedagogo, mas como benéfico conselheiro” (LEONI, 1961, p. 18). Nos primeiros anos do seu governo, Sêneca conseguiu exercer influência benéfica sobre o jovem imperador, de forma que suas orientações recordavam a administração de Augusto César (63 a.C – 14 d.C), pois a sociedade romana se apresentava tranquila. Ou seja, “[...] sob a vigilância assídua de Sêneca e Afrânio Burrus, Nero controlou a sua índole perversa” (FERRACINE, 2011, p. 14),

Ao mesmo tempo, Agripina não hesitava em afastar os obstáculos que a impediam de governar por meio de seu filho Nero. Um dos obstáculos considerados pela imperatriz era Britânico, que foi assassinado, tal como o pai havia sido, provavelmente a mando de Agripina.

Diante dos fatos, Sêneca e Burrus resolveram afastar a matriarca do círculo do poder, pois avaliaram que sua influência não era benéfica a Nero. Com o afastamento de Agripina, Nero obteve êxito com o auxílio e as orientações de Sêneca e Burrus (PEREIRA MELO, 2015).

No entanto, mesmo estando fora do poder, Agripina mantinha suas manipulações políticas. Com isso, Nero, entendendo que sua mãe poderia ser uma ameaça, planejou seu assassinato (PEREIRA MELO, 2015). “Contra a raiva de Agripina aumenta a louca vingança matricida de Nero, que não dá mais ouvidos à palavra severa e admoestadora de Sêneca” (LEONI, 1961, p. 19). Ao mandar executar a própria mãe, Nero “[...] ingressou na vida dissoluta de festins e bebedeiras, fazendo-se de poeta e músico, sem temer a ignomínia a que expunha sua dignidade imperial” (FERRACINE, 2011, p. 21).

A conduta do imperador era desaprovada por Sêneca e Burrus, que provavelmente morreu envenenado. Decepcionado com o rumo tomado por Nero, que contrariava sua orientação, Sêneca decidiu se afastar da vida pública:

[...] depois de tentar mais uma vez salvar o império, Sêneca decide-se a um ato de grande energia e não sem perigo (Afrânio morrera, pelo que parece envenenado): pede a Nero autorização para retirar-se da vida pública; e como tinha recebido do imperador imensas riquezas, pede também autorização para devolvê-las. Nero atendeu o primeiro pedido, não ao segundo; e Sêneca retirou-se desde aquele momento para uma desdenhosa solidão, vivendo pobremente e dedicando-se aos estudos prediletos (LEONI, 1961, p. 19).

A proposta de Sêneca de devolver ao Império “[...] os bens e as riquezas dele recebidas” (ULLMANN, 1996, p. 12) foi reprovada e não autorizada por Nero, que a entendeu como uma desaprovação pública de seu governo. Desse modo, Sêneca se afastou paulatinamente da política e, no ano 62 solicitou afastamento integral.

Mudando-se para uma propriedade rural localizada próxima a Roma e livre do laço que o prendia a Nero, Sêneca viveu cerca de três anos meditando e escrevendo textos sobre os preceitos morais que julgava essenciais para a formação do homem justo e necessário à sociedade romana (PEREIRA MELO, 2015).

Em relação à vida matrimonial do filósofo, não existem muitas informações, sabe-se apenas que se casou duas vezes, embora não haja registros de sua primeira esposa, mas sabe-se que desse enlace, em 39 d.C, nascera um filho chamado Marco, que falecera prematuramente em 41 d.C. Após a morte do filho, a esposa também teria falecido (ULLMANN, 1996, p. 11).

No ano 49 d.C., ele contraiu matrimônio com Pompéia Paulina. Essa segunda união contribuiu para sua ascensão social e política, pois sua nova esposa era uma mulher rica, oriunda de família senatorial e bem mais jovem que ele. “Viveu seus últimos dias na companhia da esposa, alimentando-se de vegetais cultivados por eles e dedicando-se aos escritos que deixariam o seu legado para a posteridade” (PEREIRA MELO, 2015, p. 42).

No ano de 65 d.C., Sêneca foi acusado de conjuração contra Nero. Ele teria participado de uma conspiração comandada pelo senador Caio Calpurnio Pisão<sup>17</sup> para derrubar o Imperador: “[...] um dos conjurados, num interrogatório, deu um estranho depoimento a respeito do filósofo, atribuindo-lhe a culpa” (ULLMANN, 1996, p. 12). Apesar da negação de Sêneca, Nero aceitou a acusação e o condenou à morte. Contudo, a morte de Sêneca foi antecipada por ele mesmo com dignidade.

Para cumprir com o que ele próprio defendia como libertação da alma, “solicitou a presença de um médico para abrir-lhe as veias dos pulsos” (ULLMANN, 1996, p. 13). Com o insucesso dessa primeira tentativa, solicitou que fossem abertas as veias das pernas e, como isso também fora insuficiente, ingeriu um cálice de cicuta para acelerar a sua morte. Para finalizar o rito, pediu que o banhassem com água quente para que o sangue pudesse fluir com mais intensidade e acelerar o seu fim (ULLMANN, 1996, p. 13).

### 2.3 A OBRA: LEGADO PARA A POSTERIDADE

A obra de Sêneca é ampla. Com a originalidade de um filósofo que seguiu preocupado com a conduta do homem em busca da felicidade, ele discute questões relativas aos problemas do homem da sociedade romana de seu tempo. Podemos classificar sua obra em duas categorias: literária e filosófica.

Embora discorra sobre situações que revelam a realidade de uma sociedade dominada pelo poder e pela austeridade do Império, ele expõe a fragilidade do homem romano dominado pelas paixões e vícios. Sêneca demonstra preocupação com a orientação do homem em suas angústias e dores.

Sêneca adota como canal de comunicação para as elites da cultura não a escola nem a praça. Ele prefere usar da própria capacidade literária de escritor, já que possuía pleno domínio do idioma latino. Eis então a função primordial de seus livros cujos conteúdos estão sempre direcionados para a percepção lúcida do valor moral como

---

<sup>17</sup> Caio Calpúrnio Pisão foi um senador romano que viveu durante o século I, principal idealizador da chamada Conspiração de Pisão, o mais famoso e abrangente dos atentados realizados contra a vida do imperador Nero.

expressão da honestidade que qualifica o sábio autêntico (FERRACINE, 2011, p.42).

No Quadro I, para melhor fixar, esclarecer suas ideias e facilitar a compreensão do leitor a respeito dos fatos e exemplos que ele abordou em seus textos, mostramos a seguir, didaticamente, a síntese de cada um deles.

QUADRO I - Síntese da obra senequiana

ANO	LIVRO	TEXTO E CONTEXTO
40 d.C.	Consolação a Márcia	É uma carta pública destinada a uma dama romana que se encontrava inconsolável por causa da morte do filho e do pai. Escrita enquanto o filósofo estava no exílio, tinha como objetivo acalantar o coração da dama, justificando que a morte seria o destino de todos.
41 d.C.	Da Ira	O próprio título apresenta o conteúdo do texto, que está dividido em três tomos. Nessa carta destinada ao irmão Marco Anneu Novato, o filósofo destaca a origem da paixão e a importância de seu controle. Mostra que a ira é um vício do ser humano, mas não é especificamente uma natureza humana. Destaca também, que a ira seria a doença da alma causada pela irracionalidade do homem e não contribuiria para a nobreza de seu caráter, devendo, portanto, ser moderada.
42 d.C.	Consolação à minha mãe Hélvia	Carta destinada à mãe com o objetivo de consolá-la pela ausência do filho. Apresentando detalhadamente o lugar de seu exílio, ele pontua que não importava a distância que os separava quando prevalecia o amor entre ambos.
44 d.C.	Consolação a Políbio	Esse texto, que completa a tríade das consolações, foi destinado ao amigo Políbio. O filósofo ressalta a importância de o amigo superar a morte do irmão e aproveita a oportunidade para encaminhar um pedido de perdão ao Imperador (Cláudio governo 41-54 d.C.).
49 d.C.	Sobre a brevidade da vida	Esse livro, composto por dezenove textos, é direcionado a Paulino, sogro de Sêneca. O objetivo era convencer Paulino a redirecionar sua vida, pois ocupava um cargo político importante e não usufruía de seu tempo com sabedoria. Sêneca salienta o direcionamento do tempo e o mau uso que muitos fazem dele. Em sua aceção, o tempo seria “sagrado” para o homem e, por isso, era preciso direcioná-lo com responsabilidade e sabedoria. Embora tenha dirigido o texto ao sogro, Sêneca adverte que seus ensinamentos valem para todas as pessoas que lamentam a aceleração do tempo em relação aos afazeres do cotidiano, mas não o utilizam com qualidade e honestidade, o que é causa de sofrimento.
54 d.C.	<i>Apocoloquintose do Divino Cláudio</i>	Esse texto é uma sátira contra o imperador Cláudio César (já falecido na época). Motivado, possivelmente, pelo injusto exílio que lhe foi imposto, o autor satiriza a deusificação de Cláudio.
56 d.C.	Da Clemência	Nesse texto, direcionado a Nero, Sêneca elogia os primeiros anos de seu reinado e a honestidade administrativa do Imperador, que era então conduzido pelas orientações de seu preceptor. Por meio de um estilo político, filosófico e pedagógico, o autor tenta explicar o caminho necessário ao governante para atingir o sucesso e, ao mesmo tempo, manifesta repulsa por todo e qualquer tipo de crueldade.

56 d.C.	Da Constância do Sábio	Esse texto é dedicado ao amigo Sereno. O autor apresenta as dificuldades da vida do homem e a importância da formação do sábio. Desejando que o amigo atingisse a condição de sábio, Sêneca tinha o objetivo de orientá-lo quanto ao caminho para a tranquilidade da alma.
58 d.C.	Dos Benefícios	Neste texto, composto por sete livros, o autor discute assuntos pertinentes à importância do desapego aos bens materiais e à relevância das relações com o próximo. O autor também se refere à importância do sentimento de gratidão e de solidariedade.
58 d.C.	Sobre a vida feliz	Nesse texto, dedicado ao irmão Novato, o autor apresenta a filosofia estoica como o caminho para a felicidade do homem. Mostra a importância da conciliação entre teoria e prática para a obtenção da felicidade e argumenta que a felicidade só é possível com o exercício da virtude.
61 d.C.	Sobre a tranquilidade da alma	Nesse texto, o autor aborda a injustiça humana como um ato que, causando inquietação e atormentando a serenidade do homem, instiga tanto o homem comum quanto o sábio. Para Sêneca, o bem e o mal estão postos na sociedade e, portanto, caberia ao homem ter discernimento para compreendê-los e respeitá-los.
62 d.C.	Sobre o Ócio	O texto contém uma discussão sobre as questões fundamentais para o processo formativo do homem sábio. Sêneca apresenta o ócio como um momento importante para a reflexão filosófica, sendo necessário para o processo formativo do homem, que precisa saber administrar o tempo em prol de seu próprio benefício.
63 d.C.	Das questões naturais	Este texto foi escrito no momento mais turbulento do Império. Sêneca se afastou dos problemas para escrevê-lo, destinando-o ao amigo Lucílio. Nos sete livros que o compõem, embasado na experiência que teve no exílio, o autor defende a necessidade do uso da razão para que o homem compreenda o universo.
64 d.C.	Cartas a Lucílio	Essas cartas foram escritas entre os anos de 63 e 64 d.C., quando o filósofo tinha por volta dos sessenta anos. Embora a idade e os tormentos físicos pesassem em sua vida, esse foi um de seus momentos mais fecundos intelectualmente, pois o tempo livre de que dispunha permitia-lhe refletir sobre o verdadeiro significado da existência humana. Essa coletânea de cento e vinte e quatro cartas, apresentadas em vinte livros, expressa o momento mais puro do pensamento estoico do filósofo. As cartas foram direcionadas a Lucílio (existe dúvida sobre sua real existência) com o objetivo de orientar o amigo e transformar o seu pensamento. Ao abordar questões de amplitude social, o autor procura mostrar que o importante para o homem é saber refletir sobre os percalços da vida sem se desviar dos caminhos da virtude. Ao mesmo tempo em que aconselha o amigo sobre os problemas que causariam a infelicidade do homem, aponta caminhos que o conduziram a uma vida tranquila e feliz. Enfatiza a filosofia estoica e o uso da razão, além de outros problemas que atormentavam o homem, como a opressão, a escravidão e a morte.
64 d.C.	Da providência	Este texto foi escrito nos últimos anos da vida de Sêneca e não se sabe ao certo qual foi a data de sua elaboração. Trata-se de mais um dos textos direcionados a Lucílio. O autor se refere ao sofrimento do homem e à importância de se desenvolver a virtude, independentemente da condição em que ele se encontra. Destaca que a providência seria sinônimo de destino e, portanto, todos os acontecimentos seriam fruto da vontade divina.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2017).

Há informações de que Sêneca teria deixado um número maior de textos, mas alguns teriam se perdido no tempo. Dentre seus títulos, Francisco Vera (1950, p. 14), por exemplo, destaca *Sobre o lugar da Índia*, e *Do País e Religião dos Egípcios*. Para o autor, tais reflexões teriam sido escritas durante a estada de Sêneca no Egito.

Há indícios de que o autor escreveu um texto *De Matrimoniis*, do qual apenas alguns fragmentos foram encontrados.

Di certo Seneca doveva esprimersi favorevolmente al matrimonio in sé, coerente in questo – come vedremo – com l'impostazione complessiva dela dottrina stoica cuja deriva, pur rifiutando probabilmente alcuni degli argomenti addotti al riguardo dagli esponenti dela scuola (si pensi ala giustificazione “teológica” di Crisipo, di cui diremo). Egli doveva condannare tuttavia alcuni comportamenti coniugali – tanto maschili che femminili (MARGINI, 1997, 13).

Além dos textos que apresentamos na cronologia (Quadro I), Sêneca escreveu nove tragédias: *A loucura de Hércules*; *As troianas*; *As fenícias*; *Medeia*; *Fedra* (texto inacabado); *Édipo*; *Agamennon*; *Tiestes*; *Hércules no Eta*; além de *Otávia*, cuja autoria é discutível. “Não temos precisão das datas em que foram escritas” (PEREIRA MELO, 2015, p.46 - 47).

Embora não se saiba ao certo qual foi a intenção do autor com tais tragédias, observa-se que ele abordou dramaticamente o comportamento na sociedade romana nas situações emergentes e conflituosas, de forma a apontar as consequências do descontrole do homem diante dos vícios e das paixões.

Em suas tragédias, Sêneca conseguiu criar um sistema de comunicação moral com a sociedade romana, mostrando didaticamente as mazelas da sociedade e os impactos da ação do homem doente sobre ela. “Suas obras mostram o pensamento de um homem para além de seu tempo, preocupado com o rumo da sociedade romana, buscando resolver o problema social” (PEREIRA MELO, 2015, p. 55).

Desde o início de sua formação, Sêneca buscou os caminhos da filosofia, encontrando no estoicismo as respostas para o que acreditava ser bom ao homem e à sociedade. Para ele, a virtude era o alicerce para a formação do homem, que, com base nela, poderia responder às necessidades de uma

sociedade bem estruturada e feliz. O homem feliz poderia governar e viver bem, longe dos vícios e das paixões responsáveis pelos adoecimentos e “infortúnios em sua vida”. Ele afirmava que a felicidade encontra-se na virtude e a virtude é a fidelidade ao *logos*” (ULLMANN, 1996, p. 65).

O homem concebido por Sêneca era um ser ativo, possuidor de livre arbítrio e, assim, poderia praticar o estoicismo. Ele considerava a igualdade entre os homens e a importância do desapego aos bens materiais, bem como que somente a tranquilidade da alma conduziria à felicidade, ele entendia que essa doutrina lhe oportunizaria o bem viver (PEREIRA MELO, 2015). Assim, “[...] orientava que a paz e a tranquilidade da alma seriam a principal riqueza do homem, por isso a importância da formação moral” (VERA, 1950, p. 108).

Em sua doutrina moral, ele valorizava a conduta do homem que seguia os princípios da filosofia estoica. Por esse motivo, foi conceituado como um grande moralista.

A moral segundo Sêneca resulta da natureza racional do ser humano cujo objetivo existencial converge para a conquista da felicidade enquanto desfruta do bem máximo cujo valor supremo manifesta-se no agir do sábio. Para Sêneca, a dignidade do sábio implica a prática das virtudes, mas também do humanismo filantrópico. Esse senso de benquerença enlaça a todos; quer livres quer escravos no afeto da amizade. Outra característica de moral de Sêneca é o senso de complacência humanística (FERRACINE, 2011, p. 48).

No ideal senequiano, o homem virtuoso, desapegado dos bens materiais, vivendo na simplicidade da vida, compreendendo a própria fragilidade e se fortalecendo por meio da filosofia, conseguiria encontrar a felicidade mesmo em situações de dor e de sofrimento: ele “[...] estaria preparado para viver em sociedade e não se deixar dominar pelos vícios e paixões que acometiam a raça humana” (PEREIRA MELO, 2015, p.142).

Na perspectiva de Sêneca, ao passo que os vícios são os causadores do sofrimento humano, a virtude conduz à felicidade. A filosofia fortaleceu sua concepção de formação humana, especialmente sua valorização da ética e da moral. Para ele, somente o conhecimento das virtudes e a correção dos vícios poderiam levar o homem a conquistar a verdadeira felicidade.

É importante lembrar que os textos de Sêneca foram escritos para todos os romanos, inclusive para as pessoas bem situadas socialmente, amantes do luxo e da ostentação, “[...] de moradias ricas, mobiliário fino, alfaias preciosas e mesa farta, ao público habituado a frequentar círculos literários e sessões de *recitationes*, nelas encontrando uma forma particular de lazer intelectualizado” (CARDOZO, 2005, p. 32). O autor ornamentava as frases, equilibrando-as com a ausência de opiniões pessoais, pois “[...] a escolha dos gêneros, a superficialidade, a verbosidade, tantas vezes censurada [...]” (CARDOZO, 2005, p.33), poderia ter consequências desastrosas.

Em todos os seus textos, visando a harmonia na sociedade romana, intencionando a formação do homem de bem, que primava pela felicidade, ele apontava os caminhos que levariam todos a essa conquista.

No item a seguir, para uma melhor compreensão do estoicismo senequiano, apresentamos alguns aspectos referentes às fases dessa filosofia: o estoicismo antigo (fundamentos); o estoicismo médio (romano) e o estoicismo imperial (de Sêneca).

## 2.4 SÊNECA E O ESTOICISMO

O estoicismo teve origem na escola filosófica fundada por Zenão de Cítio<sup>18</sup> (336-264 a.C.), em Atenas (Grécia), por volta do ano 300 a.C.: “[...], sua preocupação primeira não foi o bem-estar da sociedade, mas do homem como indivíduo” (PEREIRA MELO, 2015, p. 30). Para essa escola, o universo seria governado por uma força superior, e a natureza, ou lei universal, seria o seu governante. Dessa maneira, como tudo já estava determinado previamente, o homem não tinha escolhas, cabendo-lhe apenas aceitar seu destino.

De acordo com os estóicos, a vida estava predeterminada pelo *lógos/razão* universal. Todos os homens deveriam ser iguais, pois integravam o mesmo universo governado por um poder superior: Zeus, destino, lei universal,

---

<sup>18</sup> Zenão (336-263 a.C.) foi um jovem de raça semítica, escravo nascido em Cítio, na ilha de Chipre. Transferiu-se para Atenas em 312/311 a.C., atraído pela filosofia. Por não ser cidadão ateniense, não tinha o direito de adquirir um prédio, por isso ministrava suas aulas em um pórtico. Em grego “Pórtico diz-se *stoá*. Por essa razão, a nova escola teve o nome de Estoá e seus seguidores foram chamados de “os da estoá” ou “os do Pórtico” ou ainda “estoicos” (BRUN, 1986).

providência. Portanto, era importante que o homem obedecesse à vontade superior (PEREIRA MELO, 2015).

Zenão aconselha o homem a viver de acordo com a natureza obedecendo à ordem dos acontecimentos que exprimem a vontade de Deus e, desse modo, o estoicismo desenvolve-se como um materialismo e como um racionalismo ético (BRUN, 1986, p. 32).

Os preceitos estoicos versam sobre a importância de o homem viver em conformidade com a razão, o que implica que ele deveria se desprender dos vícios e das paixões que perturbavam sua conduta. Os vícios e as paixões poderiam ser corrigidos pelo próprio homem desde que este percebesse tal necessidade e buscasse na filosofia o caminho para o bem viver, ou seja, se refletisse e se desapegasse de tudo o que o desviasse da felicidade. A felicidade só poderia ser conquistada se o homem vivesse de acordo com a natureza (BRUN, 1986). Para o estoicismo,

Deus e natureza são sinônimos; estas identificações explicam que a ideia de Deus revista simultaneamente um aspecto religioso e um aspecto físico, aparecendo o Destino ao mesmo tempo, como a causa, a verdade, a natureza, a necessidade e a providência (BRUN, 1986, p. 54).

Assim, para os estoicos, filosofia “[...] es la ciência de las cosas divinas y humanas” (HIRSCHMERGER, 1954), o que implica que o homem deveria viver virtuosamente segundo os princípios éticos e morais dessa filosofia.

Na doutrina estoica, o conceito de viver bem, se refere às virtudes morais necessárias ao homem ideal: “[...] a virtude é a presença do bem numa pessoa, é uma perfeição em comum com o todo” (BRUN, 1986, p. 78). Assim, a um só tempo, o homem seria capaz de atender às necessidades da sociedade do seu tempo, sem se deixar atingir pelos males causados pelos vícios e paixões, podendo contribuir para a formação da sociedade ao longo dos tempos.

Na concepção dos estoicos, o homem deveria se aproximar do divino, vivendo “em sociedade consigo mesmo” (BRUN, 1986 p. 16); e “em harmonia com a vida universal” (BRUN, 1986, p. 36). Tal homem, cuja sabedoria provinha

da conformidade e da aceitação proporcionadas pelo conhecimento filosófico, seria capaz de ser feliz mesmo diante da dor e do sofrimento, pois saberia dominar os seus desejos, submetendo-se à vontade da natureza (PEREIRA MELO, 2015).

A natureza, por seu turno, seria uma “[...] especificidade do homem como ente dotado de razão” (ULLMANN, 1996, p. 18), ou seja, uma demonstração da racionalidade divina: tanto os deuses, quanto o homem e os demais seres vivos seriam sua expressão.

Dessa perspectiva, somente a reflexão filosófica poderia contribuir para o desenvolvimento do pensamento humano, que leva o homem à compreensão e à aceitação de seu destino. Os estoicos pensaram a filosofia como um conjunto organizado, que poderia ser dividido em três partes fundamentais, articuladas entre si: a lógica, a física e a moral/ética (BRUN, 1986).

Segundo Zenão, pela lógica, que seria a representação do homem em seu discurso interno (pensamento) ou externo (palavras), e pela dialética, seria possível chegar ao reconhecimento da verdade. A lógica também trata “[...] de los problemas incluídos en lo que modernamente llamamos teoría del conocimiento o criteriología” (HIRSCHMERGER, 1954, p; 11). Dessa forma, o homem poderia pensar em suas ações e modificar o seu pensamento.

Segundo Brun (1986), a lógica implica um nominalismo, pois

[...] só o indivíduo possui realidade enquanto os conceitos são apenas palavras; implica uma teoria da simpatia universal segundo a qual todos os indivíduos estão numa interação mútua; implica uma teoria do destino justificando as ligações temporais de causalidade. Se os diferentes aspectos desta filosofia se implicam mutuamente com frequência, não é necessário ver nisso o sinal de qualquer círculo vicioso, mas, antes, uma preocupação de unidade e de coerência: é porque forma um todo indissolúvel que a sabedoria estoica pode oferecer muitas vias a quem a estuda (BRUN, 1986, p. 45).

O homem somente poderia conhecer o universo por meio da razão e, dessa maneira, poderia viver em harmonia. Ou seja, a razão seria proveniente da sabedoria, uma espécie de submissão ao divino.

Quanto à física, os estoicos a situam em um âmbito conceitual mais abrangente, interligando-a à natureza. Assim, o homem deveria compreender seu destino como resultado da vontade divina, já que todas as causas têm consequências e tudo faz parte da criação divina (BRUN, 1986).

Brun (1986) lembra que, na física estoica, Deus, natureza e fogo eram sinônimos; logo, o homem deveria viver em comunhão com seus princípios. Por isso:

[...] a física estoica não se apresenta de modo algum como o sistema racional de um humanismo do conhecimento, mas como uma teologia que é ao mesmo tempo uma cosmologia, e, por estranha que a expressão possa parecer, como um materialismo espiritualista (BRUN, 1986, p. 48).

Ao considerar a indissociabilidade entre Deus, fogo e natureza, a física estoica proporcionava uma compreensão do homem e de suas ações. Dessa maneira, enquanto a lógica se incumbia de apresentar uma explicação dos acontecimentos na vida do homem, a física expunha a reciprocidade entre os fatos e os seres.

A ética/moral dos estoicos está relacionada ao seu conceito de natureza. Na aceção dos estoicos, “[...] o escopo do viver é a obtenção da felicidade, que se persegue vivendo segundo a natureza” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 261). Só assim o homem teria condições de distinguir o bem do mal e, assim, se posicionar diante das adversidades da vida.

Por volta do ano 150 a.C, Panécio de Rodes<sup>19</sup> (180-110 a.C.), um dos estruturadores do estoicismo, o introduziu em Roma. “Embora fosse admirador de Aristóteles, Panécio assumiu uma tendência eclética”, pois tinha, entre suas principais preocupações, a de “[...] liberar o estoicismo do domínio da necessidade e postular a liberdade do homem e da moral” (PEREIRA MELO, 2015, p. 36).

Pereira Melo (2015) evidencia que o contato de Panécio com a mentalidade romana foi essencial para o surgimento de uma nova concepção do estoicismo, já que, naquele momento histórico, Roma estava dominada pelo

---

<sup>19</sup> Panécio de Rodes – Séc. II a.C – vitalizou a doutrina dos antigos estoicos, renovando algumas teses físicas ao dar-lhes sabor neoplatônico (GAZOLA, 1999, p. 23).

terror e necessitava de um novo direcionamento. Nesse contexto, o estoicismo romano abandonou a lógica e a física estoica, primando pela moral e entendendo-a como o caminho para a reordenação da sociedade.

Panecio estuvo largos períodos en Roma y se relaciono ali con los círculos de Escipión el Africano, el Menor, de su amigo Lelio y del gran pontífice Múcio Escévola. És a partir de entonces cuando la filosofía comienza a ser em Roma uma exigência de la cultura superior. La estoa es la que aclimata la filosofía em Roma. Era por lo demás la forma de filosofía que venia como cortada por el patrón del espíritu romano (HIRSCHMERGER, 1954, V. I.).

Com Panécio, o estoicismo “recuperou o forte sentido político, que já fora o traço distintivo dos gregos da era clássica, embebeu-se do forte sentido prático que constituía a cifra característica da romanidade [...]” (REALE, 1992, p. 335-366). Ele pensou na renovação do pensamento estoico romano, direcionando-o no sentido de reaver a política e lhe dar um sentido prático: “[...] nos últimos trinta anos do século II a.C., renovou o seu antigo esplendor, retribuindo-lhe a vitalidade aparentemente perdida” (REALE, 1992, p. 365).

Assim, ao abranger a compreensão de um humanismo voltado para a razão, o estoicismo paneciano seduziu os romanos, recebeu novas orientações com Possidônio de Apameia<sup>20</sup> (135 a.C.-51), “[...] discípulo e sucessor de Panécio na escola de Rodes e que, a exemplo de seu mestre, assumiu uma tendência eclética” (PEREIRA MELO, 2015, p. 36). O seu maior mérito foi “[...] atualizar a doutrina estoica em relação ao progresso que as ciências alcançaram depois da fundação do Pórtico” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 266).

Como precursores do estoicismo romano, Panécio e Possidônio priorizaram a formação do caráter prático do homem, sem se esquecer da importância da harmonia, da racionalidade e da conformidade com a natureza. Possidônio entendia que os seres se diferenciam uns dos outros desde o nascimento e que cada um tem uma vida instintiva em face de sua própria natureza. Assim, fez alguns ajustes no estoicismo romano, enfatizando a concepção de natureza humana (REALE; ANTISERI, 1990).

---

<sup>20</sup> Possidônio de Apaméia – sécs. II-I a.C – (a.C. 130-51), transformou alguns dogmas dos fundadores, buscando, como Panécio, soluções próprias (GAZOLLA, 1999, p. 23).

A terceira fase do estoicismo (imperial) surgiu no momento “[...] em que Roma apresentava um regime de terror” (NOVAK, 1999, p. 268). Com suas insanidades e atrocidades, os governos de Tibério (42 a.C – 37 d.C), Calígula (12 – 24 d.C) e Cláudio (41 -54 d.C) levaram Roma à decadência (Silva, 1984, p. 87).

[...] a sofisticação dos costumes, a brutal crise moral, dos quais os circos são autênticos representantes, a busca excessiva dos bens materiais, os exageros de toda ordem, a entrega às paixões e aos vícios a caracterizavam como uma sociedade doente, objeto fácil de homens mal intencionados, charlatões e adivinhos (a exemplo dos astrólogos), aberta a qualquer culto religioso que promettesse salvação a seus adeptos (CAMPOS *apud* PEREIRA MELO, 2015, p. 37).

Diante desse cenário, considerando a necessidade de um novo direcionamento para a formação humana, o estoicismo postulava que somente a sabedoria adquirida pela reflexão filosófica poderia levar o homem ao homem e à felicidade. A preocupação dos filósofos estoicos era encontrar a solução para as inquietações e os problemas que atormentavam o homem romano, ou seja, proporcionar-lhe a paz do espírito. Nesse sentido, a filosofia lhe ofereceria orientação moral, conduzindo-o à regeneração e ao conforto da alma. Para praticar a filosofia, o homem deveria se afastar das questões sociais e refletir sobre as questões que lhe provocavam dúvidas e sofrimento (PEREIRA MELO, 2015).

Para Giovane Reale (1992), nessa fase, o estoicismo sofreu uma grande inflexão, já que, devido às características gerais do espírito romano, os homens minimizavam os problemas teóricos e ressaltavam apenas os problemas práticos. A princípio, o interesse pelos problemas lógicos e físicos foi reduzido; e a preocupação com a sociedade e o Estado minimizada, mas o homem se dedicou mais à própria perfeição, buscando os caminhos da ética para responder às suas inquietações.

Ao se distanciar dos interesses do Estado e da sociedade, o homem estabeleceu um sentimento de íntima ligação com Deus, procurando desenvolver uma nova força espiritual (REALE, 1992, p.65) e dando origem a um novo estoicismo que conquistou o apreço da aristocracia. Dessa fase,

destacam-se as reflexões de três grandes pensadores: Sêneca (01 a.C – 65 d.C), Epicteto<sup>21</sup> (50-130 d.C) e Marco Aurélio<sup>22</sup> (121 – 180 d.C).

Para ele, o homem deveria primar pela tranquilidade e viver para o bem comum, no qual residia seu benefício. Ao mesmo tempo, para atingir esse objetivo era necessário viver em harmonia, desprezar os bens materiais, respeitar-se e se desprender de tudo o que o pudesse levá-lo ao sofrimento (poder, crueldade, carência de recursos e condições sociais desfavoráveis).

Apesar de escribir em médio de uma sociedade corrompida, la moral de Séneca no tiene acentos tremendos em sus condenaciones. Es suave, y acude a la persuasión, reconociendo que le agradan las comodidades, pero usadas com moderación (VERA, s/d, p. 115).

Somente a reflexão filosófica poderia proporcionar condições para a renovação desse homem, e para sua transformação em um homem liberto de angústias, consciente, que priorizasse a espiritualidade e refletisse sobre suas ações, almejando a tranquilidade da alma e a felicidade (PEREIRA MELO, 2015).

Dessa forma, o autor, entendia que a reflexão filosófica auxiliaria na cura para os males da alma, pois, consistia em ajudar as pessoas a obter a tranquilidade e felicidade que almejavam. O fim supremo da filosofia é “determinarem que consiste a felicidade e em guiar-nos pela via que conduz a esse fim” (Cartas 90, 27).

Diante do exposto, ao concentrar no pensamento senequiano e considerar que parte do legado que esse filósofo deixou para a posteridade se encontra no texto direcionado a Lucílio, iremos, no próximo item, abordar os conceitos de carta e epístola, já que alguns autores nomeiam os escritos como cartas e outros como epístolas, e também as origens e as especificidades do gênero epistolar. Além disso, discutiremos o embasamento filosófico utilizado pelo autor.

---

<sup>21</sup> Epicteto nasceu no ano 50 da nossa era, em Hierápolis, na Frígia (Ásia Menor) e não se sabe ao certo quando morreu - 130 ou 138 (ULLMANN, 1996).

<sup>22</sup> Marco Aurélio foi considerado uma consciência da elite que viveu os preceitos da filosofia estoica com rigor (ULLMANN, 1996).

## 2.5 AS CARTAS NA ANTIGUIDADE

O ato de escrever cartas é tão antigo quanto às primeiras sociedades que detinham o domínio da escrita (ALEXANDRE JR, 2017, p.167). Podemos, afirmar, de maneira geral, que as características básicas do gênero epistolar foram criadas por esses povos em sua necessidade de divulgar suas notícias. Assim, eles deram origem a um instrumento fundamental de difusão do pensamento humano (ALEXANDRE JR, 2017).

Para discutir esse instrumento e, por extensão, definir seu significado e suas particularidades, é importante salientar que a epistolografia<sup>23</sup>, segundo Ingeborg Braren (1989) foi um gênero literário utilizado para a comunicação na Antiguidade Clássica e helenística. Para o mesmo autor,

[...] a epistolografia foi mal definida e mal estabelecida na Antiguidade Clássica. Não chegou até nós nenhuma formulação específica sobre cartas e epístolas devido a não estabelecer nenhuma teoria específica sobre formulações de cartas e epístolas. Sobre o assunto nada há na obra teórica e poética de Aristóteles. Talvez seja até significativo que os gregos antigos não nos tenham fornecido preceitos sobre epistolografia, ora, não o fizeram nem a tradição helênica, nem a tradição alexandrina, apesar de que cartas tenham sido bastante escritas e parte delas nos seja conhecida [...] (BRAREN, 1989, p. 08).

O termo epístola, do grego antigo, referia-se originalmente a uma mensagem oral enviada por um mensageiro, mas, depois, passou a ser utilizado em documentos escritos e enviados por entidades ou instituições a um destinatário específico. O verbo *epistellein* (originária do latim), significava simplesmente transmitir ou enviar uma mensagem, dar ou receber ordens por escrito (ALEXANDRE JR, 2017). Ainda, para o mesmo autor:

Como demonstrou Agostinho, carta era qualquer peça de escrita contendo uma saudação, o nome do emissor e receptor independentemente de ser ou não enviada [...] foi

---

<sup>23</sup>A epistolografia foi um instrumento relevante na antiguidade clássica e, conseqüentemente, ao longo da história da humanidade. Caracterizadas como registros da epistolografia, as cartas eram escritas por reis, filósofos, sacerdotes, funcionários públicos e também pelo cidadão comum com o objetivo de enviar ordens ou as mais variadas mensagens a um ou mais destinatários.

na época helenística que se fez sentir mais a necessidade de uma teoria da escrita epistolar, elementar e simples no princípio, para satisfazer os requisitos de uma elaboração minimamente estruturada, mas acusando com o tempo uma dependência clara das convenções da retórica (ALEXANDRE JR, 2015, p.167, 168).

A palavra carta vem do grego *khartes* e do latim *charta*, que significa “folha para a escrita, tablete”. As cartas podem ser consideradas o meio de comunicação mais antigo do mundo. Não existem informações precisas sobre seu surgimento, porém, sabe-se, no Oriente Médio, os reis as utilizavam para se comunicar ou enviar notícias (ALEXANDRE JR, 2017).

Na história, os primeiros registros de comunicação com intenção de expressar alguma manifestação do autor a alguém aparecem em tábuas de argila, pedras e, posteriormente, em papiros e pergaminhos. Antes do surgimento da imprensa, a carta atendia ao objetivo de transmitir notícias ao povo (ALEXANDRE JR, 2017). Por isso, era utilizada em larga escala.

A utilização das cartas foi se expandindo, tornando-se bastante comum para envio de mensagens particulares entre todas as classes dos mundos helênico e romano. Aos poucos foram utilizadas para os mais variados fins (religião, documentação, petição, rebelião/manifestação, registro de histórias familiares) e deram origem a outros gêneros, até mesmo ao jornal (CRISTÓVÃO, 2007, p. 126, 127).

A disseminação do uso das cartas, sua transformação em uma prática de registro da linguagem, comum na sociedade, deve-se à necessidade de comunicação e social entre pessoas que não estavam próximas fisicamente. (ALEXANDRE JR, 2017).

De acordo com Alexandre Jr (2015, p.168),

Reis, filósofos, sacerdotes, funcionários públicos e o cidadão comum escreviam cartas de vários tipos, refletindo graus diversos de literacia e facilidade. Em muitos casos, as cartas eram escritas para nutrir relações de amizade, consolar, exortar, aconselhar, transmitir informação útil, fazer pedidos, justificar causas, dar instruções. A carta era então entendida como extensão da voz do emissor, escrita como diálogos entre partes interessadas, como um dos dois lados de uma discussão; como que a invocar a

dinâmica estratégica do discurso oratório, onde refutação e confirmação eram evidentes (ALEXANDRE JR, 2015, p. 168).

A referência do autor à utilização das cartas com objetivos diferenciados e como forma de comunicação entre as pessoas ratifica a ideia de que em um tempo histórico determinado se destacou esse instrumento de comunicação. Ao longo do tempo, a prática se tornou comum entre as pessoas, servindo ao envio de mensagens particulares e de meio de informação e registro documental para fins variados (ALEXANDRE JR, 2017).

Para Vera Lúcia Lopes Cristóvão (2007, p.125), “[...] a carta surgiu na Grécia antiga e foi utilizada desde então, para questões militares, administrativas e políticas”. Elas eram entregues a mensageiros que, ao entregá-las, faziam a leitura da mensagem em voz alta, para que o destinatário se apropriasse de seu conteúdo.

A carta obedece a “[...] certos padrões formais, requerendo um destinatário, data de emissão, saudações iniciais e finais” (BRAREN, 1989, p. 10). Contém uma mensagem de conteúdo pessoal direcionada por um emissor ao receptor e, assim, promovendo a aproximação entre ambos, liberta-os da distância que os separa.

Assim, diante da amplitude da questão, tanto pela variedade de tipos de cartas, quanto pelas inúmeras maneiras de se concretizarem, “[...] cabe apreciar, de permeio, as divergências e as semelhanças que há entre elas” (BRAREN, 1989, p. 12).

A carta é mensageira e estabelece uma comunicação pessoal que pode ser consolatória, de congratulação, oficial, comercial, pública, particular, dogmática, política, doutrinária, poética, jurídica, científica, prestando-se a serviços noticiários. Independentemente do seu conteúdo, sua característica maior é aproximar o emissor do receptor, em caráter particular (BRAREN, 1989). Para este autor:

[...] a carta é consagrada ao destinatário em particular, aproxima pessoas distantes e é algo não literário [...] A carta faz parte da vida [...] além de ser dirigida a uma só pessoa, só por ela é totalmente compreendida, pois certas

minúcias são de entendimento muito peculiar (BRAREN, 1989, p. 13).

O conteúdo de uma carta é algo privado, podendo revelar inquietudes pessoais, incertezas e até meditações sobre as exigências da alma, ao passo que a epístola é sempre construída com o intuito de ser publicada. “Quando o conteúdo tem aquele caráter íntimo e impenetrável, a marca de confiança ou distanciamento ao tratar de assunto pessoal trata-se de carta” (BRAREN, 1989, p. 14).

Diante do exposto, entendemos que os escritos de Sêneca atendem as duas especificações (cartas e epístolas), pois o autor escreveu a um destinatário pessoal (Lucílio), porém os assuntos discutidos nas cartas faziam referências ao homem romano e por extensão, à sociedade.

No item a seguir, pretendemos abordar as especificidades das cartas de Sêneca a Lucílio, na expectativa de que, considerando os parâmetros com que o autor as escreveu, possamos contribuir para estudos mais aprofundados sobre a origem das cartas na Antiguidade.

## 2.6 FINALIDADE EDUCACIONAL DE CARTAS A LUCILIO

Para discutir a finalidade dos textos destinados por Sêneca a Lucílio é preciso considerar que as mensagens foram escritas a um destinatário que supostamente seria um amigo íntimo de Sêneca.

É fato que, por um lado, há dúvidas sobre a real existência desse amigo, pois o nome Lucílio poderia ser uma forma carinhosa de o autor se remeter ao próprio nome – Lúcio Anneu Sêneca. Nesse caso, seriam meramente textos considerados como ficção literária (CARTAS, V, 2007). Por outro lado, é possível que tivesse realmente existido esse amigo que Sêneca tentava convencer a adotar a doutrina estoica como condição de vida. Considerando o afastamento físico de ambos, em razão da mudança do autor para Sicília, este teria passado a dirigir a formação espiritual do amigo por meio da escrita (CORDEIRO, 2002).

As correspondências poderiam ser uma forma fictícia de o autor historiar sua filosofia. Existe certa compreensão de que ele teria registrado suas reflexões

filosóficas e as orientações que fazia a si mesmo com o intuito de deixar seu legado à posteridade (CORDEIRO, 2002).

As cartas a Lucílio são geralmente consideradas a obra mais importante de quantas subsistem da autoria de Sêneca. Tal importância deriva de circunstâncias várias. [...] o facto de, pela sua própria amplitude, conterem uma soma de reflexões sobre enorme variedade de problemas, na sua totalidade de carácter ético; o facto de tais reflexões, conquanto assentes num quadro teórico perfeitamente delimitado e coerente, se revestirem de um carácter extremamente prático, isto é, de constituírem uma análise de situações concretas e de apreciações de grande agudeza sobre a natureza e o comportamento humanos; o facto de o quadro epistolar escolhido pelo autor para a sua exposição (quer pense, como estamos em crer, que as Cartas representam uma correspondência efectiva mantida por Sêneca com o seu destinatário, quer, como alguns entendem, que apenas resultam de uma ficção literária) se prestar à inclusão de numerosos elementos informativos sobre múltiplos aspectos da vida e da civilização romanas [...] (Cartas V-VI).

Renata Maria Parreiro Cordeiro (2002) evidencia que Cartas a Lucílio sempre foi e continua sendo o texto mais lido de Sêneca.

O próprio autor, sem dúvida, as havia dividido em livros [...]. Podemos, portanto, concluir que as cartas já haviam sido publicadas quando o autor vivia. Não sonhou o próprio Sêneca em editá-las? O cuidado que ele deu à redação e, sobretudo, a prudência extrema com a qual ele trata (ou melhor evita) os acontecimentos contemporâneos nos deixam supor isso! (CORDEIRO, 2002, p. 31).

Para Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas (2009), tais cartas são uma demonstração da larga experiência de Sêneca e incluem suas reflexões profundas sobre as contradições da condição humana. Entendem os autores citados que as *cartas morais (Aprendendo a viver)*, escritas entre os anos 63 e 65, combinam dados epicuristas com ideias estoicas, “contendo observações pessoais, reflexões sobre a literatura e crítica satírica aos vícios da época” (REBELLO; VRANAS, 2009, p. 09).

Por sua vez, Luiz Ferracine (2011), também se refere à importância das cartas senequianas.

[...] A importância das cartas resulta de dois elementos. O primeiro consiste no fato de estar Sêneca na fase final de sua vida, depois de ter alcançado o altiplano de uma vida dignificada pela honestidade. O segundo advém do fato de que todas essas Cartas explicitam dimensões da moralidade apregoada pelo estoicismo adotado por Sêneca (FERRACINE, 2011, p.28).

Também, Reinholdo Aloysio Ullman (1996) entende que as cartas senequianas

[...] se apresentam em forma de diálogo, porém não com o mesmo dinamismo dos de Platão. Ele mesmo encarna os dois interlocutores, ou seja, Sêneca e aquele a quem se dirigem os escritos. Isso transparece claramente nas *cartas*. O diálogo permite sair de si mesmo. São muito famosas as 124 (cento e vinte e quatro) cartas dirigidas a seu amigo Lucílio (ULLMAN, 1996, p.13)

É de Alessandro Rolim de Moura (2015) a seguinte afirmação:

As *cartas* apresentam-se desde o início como forma de aconselhamento moral (A *Ep* 1.4 já contém o verbo *praecipio*, “prescrevo”, “recomendo”, “ensino”). As numerosas objeções e perguntas atribuídas a Lucílio pelo próprio Sêneca colocam aquele no papel de pupilo ainda em dúvida quanto à importância da filosofia, e este no papel de professor (e.g. a *carta* 89 é uma exposição dos diversos ramos da filosofia, supostamente a pedido de Lucílio). Vários tópicos específicos de filosofia são apresentados enquanto resposta a um questionamento do destinatário e, em diversas ocasiões no decorrer das *Epistolae*, Sêneca sugere que Lucílio ainda não conseguiu se livrar das ocupações mundanas para se entregar por inteiro em busca da virtude [...] (MOURA, 2015, p. 265)

Giulio Davide Leoni (1961) destaca a especificidade do conteúdo ético explícito nas cartas.

A última obra de Sêneca são as “*Epistolae Morales as Lucilium*”, que constituem um curso completo de ética, desenvolvido em vinte livros: são 124 cartas, escritas num estilo simples, mas profundos no conteúdo moral, quase

sempre prático. O escritor publicou os três primeiros livros, o que significa que a forma epistolar era um pretexto, pois ele não se dirige ao amigo Lucílio, mas sim a toda a humanidade contemporânea e futura (LEONI, 1961, p. 32).

Esses textos revelam características pessoais, particulares e únicas do filósofo, demonstrando seu amadurecimento intelectual e apreço pela doutrina estoica. Sêneca entendia que as suas orientações e conselhos poderiam auxiliar na mudança de comportamento do homem, que estaria condenado por seus vícios, acreditando que todo homem trazia consigo a semente da bondade, sendo, portanto, preciso cultivá-la (FERRACINE, 2011).

Essa ideia é o escopo do pensamento senequiano a respeito da formação das virtudes. Ele considerava que o homem “[...] possui uma natureza que o predispõe quer para o bem quer para o mal, e nem sempre possui a força de vontade e sabedoria suficientes para optar pelo bem em detrimento do mal” (REBELLO; VRANAS, 2009, p. 11).

Sêneca oferecia orientações para que o homem encontrasse a felicidade: apenas buscando os caminhos da moralidade e da ética estoica é que o homem conseguiria paz e tranquilidade. A ordem das mensagens segue a cronologia de sua composição, pois, de acordo com o disposto no próprio documento, elas foram organizadas na mesma ordem em que foram escritas e encaminhadas ao seu receptor (BRAREN, 1999).

Se hoje levei mais tempo antes de responder à tua carta não foi porque as minhas ocupações mo impedissem. Não temas vir a ouvir-me dar uma desculpa destas [...] Porque foi então que eu não te respondi imediatamente? Porque a questão que me colocaste se inseria no plano da obra que estou compondo: tu sabes bem que eu pretendo escrever um livro abarcando todo o âmbito da filosofia moral, no qual é minha intenção desenvolver todos os problemas com ela relacionados [...] (Cartas 106, 1-2).

As reflexões de Sêneca tinham como propósito orientar e conduzir o amigo a adotar gradativamente os princípios do estoicismo, utilizando-os na vida prática. Para Sêneca, Lucílio precisava se libertar dos condicionamentos de ordem social e política impostos pela sociedade. Ou seja, seus escritos tinham uma dimensão mais profunda: levar o amigo à meditação (BRAREN, 1999).

Nas correspondências, estão contidas observações do autor sobre os problemas da sociedade romana, reflexões importantes sobre o tempo, sobre as amizades, enfrentamento da pobreza, desapego à riqueza, sofrimento, sentido da morte, valor da verdadeira felicidade do homem, importância da filosofia na construção do conhecimento, ética, tranquilidade e o bem viver. É a moral que sustenta o pensamento do autor. Suas indagações proporcionam a reflexão do receptor sobre seu papel na sociedade, sobre o conhecimento e sobre a vida (PEREIRA MELO, 2015).

Como seu entendimento era de que a sociedade romana precisava urgentemente ser repensada, Sêneca considerava necessário buscar valores perdidos ao longo dos tempos, especialmente durante o governo neroniano e que em seu entendimento tinham sido substituídos por vícios e paixões, que causavam males à sociedade. Fundamentando-se no estoicismo, encontrando nele as fontes de seu conhecimento, Sêneca registrou suas orientações para a formação moral do homem romano (FERRACINE, 2011).

Ele próprio se referia à importância da simplicidade da escrita em seus textos, destacando que isso aproximava o emissor e o receptor, independentemente da distância que os separasse. Esclarecia que a naturalidade da escrita teria a mesma força da presença, seria como se ambos estivessem conversando e caminhando lado a lado.

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferia mostrar-te o que sinto, em vez de o dizer (Cartas 75, 1-2).

Essa consideração demonstra que o filósofo aproveitava para discutir os mais variados e importantes assuntos que, em seu entendimento, necessitavam de reflexão para ser resolvidos (BRAREN, 1999).

Ao orientar o pupilo para as virtudes morais e mostrando-lhe a importância da filosofia na formação do homem, o mestre poderia levá-lo a refletir sobre os

males que acometiam a sociedade romana e, por conseguinte, a repensar a própria conduta. Ao mesmo tempo, seu legado poderia ser utilizado na posteridade. Por isso, procurava mostrar a importância do desapego dos vícios que causavam sofrimento à alma, apresentando ao homem o caminho a ser percorrido na busca da felicidade (PEREIRA MELO, 2015).

Nesse papel, Sêneca evidenciou o valor dos conhecimentos e da filosofia para a formação humana. Ele apresentou o conhecimento como uma herança, um patrimônio que deveria ser preservado, acrescentado e, posteriormente, disseminado.

Eu por mim costume dedicar bastante tempo à contemplação da sabedoria; olho-a com os mesmos olhos de embevecimento com que contemplo de vez em quando o universo, isto é, sempre como se fosse a primeira vez. Venero por igual as descobertas da filosofia e seus descobridores; abeiro-me delas feliz como de uma herança de muitas gerações. Foi para mim que tais descobertas foram feitas, foi para mim que foram elaboradas. Façamos, pois como o bom chefe de família, e aumentemos o patrimônio que nos foi transmitido! Possa a herança que vou transmitir aos vindouros ser maior do que a que recebi. Há muito trabalho ainda a fazer, haverá sempre muito; nem mesmo a alguém que nasça daqui a mil séculos faltará ocasião para acrescentar ainda esse patrimônio (Cartas 64, p. 227).

Em cada carta ele apresentava uma situação para que Lucílio refletisse sobre ela e que implicava uma reflexão para a resolução dos problemas humanos. Lucílio é levado à reflexão em todos os escritos de Sêneca, que considerava necessário mostrar-lhe a relevância de se pensar sobre o homem moral (FERRACINE, 2011).

Ao se posicionar no tempo e apresentar opiniões, expressões, discussões, reflexões e manifestações para além das questões pessoais a que se referia nas cartas, ele evidenciava os problemas da sociedade, apresentava situações de interesse individual e coletivo, bem como os caminhos para a resolução dos mesmos (CORDEIRO, 2002).

Embora utilizasse uma linguagem coloquial, ele aproveitava seus conhecimentos de retórica para compor os argumentos de sua discussão. Seu objetivo era mostrar seu apreço pela doutrina estoica, com base na qual expôs

os caminhos para a formação educativa do homem para o bem viver (BRAREN, 1989).

São as características das cartas escritas por Sêneca, seu agrupamento e os objetivos declarados pelo autor quando ele discute os problemas da sociedade romana e supostamente oferece um encaminhamento para sua resolução que dão suporte para nossa reflexão sobre os valores determinantes na formação do homem naquele momento (Cartas, XIII, 2007). É nesta perspectiva que afirmamos que ele deixou um legado para a posteridade, já que consideramos que as cartas foram escritas a Lucílio, mas direcionadas a todos os homens com interesse no assunto.

A filosofia sempre expressou o pensamento de cada época; por isso, é vista como a mais alta demonstração do pensamento humano. Ela conduz o homem à reflexão, sendo por meio desta ação que este pode exercitar o pensamento e se beneficiar com o uso da razão (FERRACINE, 2011).

Considerando a coerência do pensamento filosófico com as ações da prática humana, podemos afirmar que nessa ideia, defendida desde a Antiguidade pelos filósofos, está contido o conceito de formação do homem em sua totalidade.

A seguir, abordaremos os fundamentos filosóficos do pensamento senequiano em suas cartas.

### 2.6.1 Fundamentos filosóficos do pensamento senequiano nas cartas

Independentemente da época ou da região, o homem sempre almejou o bem, a verdade e a felicidade, buscando continuamente os caminhos que poderiam levá-lo a tais conquistas. Foi nessa perspectiva que alguns filósofos da Antiguidade se dedicaram ao estudo da filosofia, mostrando sua importância para o exercício racional do homem (PEREIRA MELO, 2015).

Eles afirmavam que o conhecimento e a responsabilidade são princípios fundamentais para a formação do homem, que, assim, seria capaz de atender aos anseios da sociedade. A preocupação com o “ideal de homem” levou-os a fundar escolas filosóficas para contribuir para a paz e a felicidade do homem (PEREIRA MELO, 2015).

Importa lembrar que Roma valorizava o aspecto prático da educação. Segundo Prado (1946, p. 159), “[...] os romanos se dedicaram à filosofia, julgando que esta lhes seria uma necessidade, para o afastamento dos temores e segurança de conforto as suas vidas atribuladas pelos males do tempo”.

É nessa perspectiva que situamos o pensamento de Sêneca. Com sua maturidade intelectual, ele dedicou a última fase de sua vida para escrever Cartas a Lucílio.

A filosofia é entendida, então, como uma técnica da vida feliz, e ela deve nos levar à reta ação. E já que a filosofia é uma *arts vitae*, e que a moral, portanto, é prática da moral, deve haver perfeita concordância entre doutrina e ação: “que as palavras estejam de acordo com a vida” (*Ep.* 7). Seu estudo, mais que o conhecimento das coisas, é aplicação à virtude e à prática do bem. Por isso, diz Sêneca: “não há filosofia sem virtude, nem virtude sem filosofia” (*Ep.* 89). Uma vez que a tarefa principal da filosofia é a salvação pessoal e a plena da realização da vida, ela será uma atividade libertadora. “só há um estudo que seja verdadeiramente liberal, é o que o torna livre, e este estudo é o da sabedoria” (*Ep.* 90). A filosofia é, então, entendida como um recurso libertador, com vistas à realização de uma vida do bem. “Lei da vida” (*Ep.* 94), a filosofia deve, portanto, ser vivida (LI, 1993, p. 17).

De acordo com Pereira Melo (2015), a filosofia teria a função de levar o homem à reflexão sobre os vícios e as paixões e conduzi-lo, por meio da prática e dos exemplos, a uma vida plena e feliz, oportunizando a tranquilidade da alma.

Há, porém, uma coisa que te peço, meu caro Lucílio, com todo o empenho: interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição dos teus desejos; comprova as palavras com actos! (Cartas 20,1).

Para Sêneca, somente a filosofia poderá “acordar-nos, só ela poderá sacudir-nos de um sono pesado” (Cartas 53, 8). Ou seja, é por meio da filosofia que o homem será capaz de exercer a razão, saindo da condição de “escravo” dos seus próprios vícios.

Nós, estoicos, não podemos ser desmobilizados! “*De que modo então*” – perguntas tu – “*consequirei libertar-me?*” Tu não podes escapar ao inevitável, mas podes vencê-lo! *Abre-se caminho à força*, e esse caminho será a filosofia a indicar-to. Dedicá-te a ela, se de facto queres salvar-te, se queres viver seguro e feliz, se queres, enfim, e isso é fundamental, ser livre. Não há outro modo de conseguires tudo isso (Cartas 37, 2-3).

Para Sêneca, a filosofia rege a vida como uma lei. Ele acreditava que as falsas convicções deveriam ser eliminadas do homem e, em seu lugar, deveriam ser inculcados princípios, favorecendo assim a paz e a tranquilidade da alma (PEREIRA MELO, 2015). Essa é a exortação que faz a Lucílio.

Se queremos manter homens obedientes aos princípios, se queremos arrancá-los aos vícios que os dominam, há que ensinar-lhes primeiro o que é o mal e o que é o bem, há que dar-lhes a saber o que, exceptuando a virtude, todas as coisas podem mudar de qualificativo e merecerem umas vezes serem consideradas como más e outras como boas (Cartas 95, 35).

A indignação do filósofo diante da ausência de consideração do homem para com sua raça está declarada na Carta 95:

O homem – que para o homem deveria ser coisa sagrada – é exposto à morte apenas para servir de divertimento; já era sacrilégio treinar homens para ferirem e ser feridos – agora atiramo-los para o circo nus e inermes, basta-nos a simples morte como espetáculo (Cartas 95, 33).

Por isso, ele enfatiza que a libertação do homem se faz por meio dos ensinamentos da filosofia; imbuído desses ensinamentos, o homem poderia entender sua condição humana concreta, de forma a poder conquistar a felicidade. Angustiado pela infelicidade do homem dilacerado pelos vícios da sociedade romana, Sêneca alicerça seu pensamento na moral (FERRACINE, 2011). Utilizando os exemplos de Sócrates, ele instiga o discípulo a pensar em algumas questões.

Assim, oferece caminhos para que o seu discípulo perceba a própria falta de conhecimentos e possa, ao mesmo tempo, refletir sobre a maneira de chegar

ao entendimento necessário à apreensão do conhecimento (PEREIRA MELO, 2015).

As primeiras correspondências apresentam uma postura mais incisiva e, ao mesmo tempo, o reconhecimento do autor quanto à incompletude de seu próprio conhecimento (BRAREN, 1989). Considera ele que, por si, esse reconhecimento é positivo e acreditava ser importante comemorar cada degrau conquistado no processo de aquisição do conhecimento.

Verifico, Lucílio, que não apenas me estou corrigindo antes me estou transfigurando. Não garanto, nem sequer espero, que nada já reste em mim sem necessitar de mudança! Como não hei-de eu ter ainda muito que deva ser refreado, ou diminuído, ou elevado? Mas já é uma prova de que o espírito alcançou um degrau superior o facto de reconhecer que até então permaneciam ignorados: já é motivo para felicitar certos doentes o facto de eles próprios se reconhecerem doentes (Cartas 6,1).

Em cada carta, Sêneca vai especificando sua orientação, amenizando a forma de abordagem e se colocando como alguém que ainda está longe de alcançar o bem supremo. Apresenta-se como um ser que se considera inacabado em termos de conhecimento, sobretudo diante da perfeição do homem considerado ideal (BRAREN, 1989). Para o mesmo autor, a forma simples de escrita, explicitada em algumas das mensagens, mostra a natureza do filósofo, que se põe ao mesmo tempo como mestre e discípulo, apresentando a importância da elevação do espírito diante da sabedoria.

Na concepção senequiana, Pereira Melo (2015) evidencia que os preceitos morais se constituíam em um alicerce para se pensar os passos da formação de homem. Em todas as suas reflexões, ele se posicionou sobre a necessidade do desenvolvimento das virtudes, dos princípios éticos, morais e do valor da filosofia para se aproximar do ideal de homem.

Eleva-te, Lucílio, meu excelente amigo, abandona essas frioleiras literárias de certos filósofos que reduzem a grandeza da filosofia à análise das sílabas e rebaixam e humilham a alma com seus ensinamentos de pormenor! Tornar-te-ás assim igual aos descobridores destes princípios e não a esses mestres e praticantes de filosofia que fazem dela uma coisa abstrusa, em vez de um estudo

sublime. Sócrates, que reduziu toda a filosofia à ética, dizia que suprema sabedoria consistia em distinguir o bem e o mal. “*Se a minha autoridade tem para ti algum valor*” - dizia ele – “*pratica a moral para poderes ser feliz, e não te importes que fulano ou cicrano te ache estúpido. Deixa que os outros te ofendam e te injuriem; desde que possuas a virtude em nada serás lesado por isso. Se queres ser feliz, se queres ser um homem de bem e digno de confiança, não te importes que os outros te desprezem!*” Ninguém conseguirá atingir este nível se previamente não tiver negado qualquer valor a tudo o mais, se não tiver colocado todos os bens em pé de igualdade – porque não existe bem onde não há moral, e a moral é sempre a mesma em todas as circunstâncias. (Cartas 71, 6-7).

Para o autor, a filosofia é considerada como a única possibilidade de o homem se libertar dos vícios e das paixões que poderiam acometer sua alma. Para ele, por um lado, a razão humana era condutora dos caminhos a ser trilhados. Por outro lado, a razão só seria alcançada se o homem vivesse de acordo com a natureza (PEREIRA MELO, 2015). Nessa vertente, Sêneca estrutura seus objetivos, procurando orientar o discípulo nas cento e vinte e quatro cartas que lhe endereça.

Tais orientações demonstram sua preocupação com os preceitos que induzem o homem à ação, já que considera que a prática de ações justas é o alicerce da formação moral.

Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos os deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir. Não pode conformar-se à moral de toda a sua alma, nem com constância e boa vontade sequer: continuamente há-de hesitar, de tergiversar (Cartas 95, 5).

Embora a formação moral fosse o pilar do pensamento senequiano e constituísse na base de sustentação de suas orientações, enfatizava que o processo formativo deveria abranger diversas categorias. Nessa perspectiva, a compreensão do pensamento educacional passa pelo entendimento de sua concepção de homem. O que seria o homem para esse pensador? Qual seria o seu bem maior?

Para Sêneca, o homem ideal seria virtuoso, ou seja, capaz de seguir os preceitos morais, vivendo de acordo com o projeto da natureza. Como afirma Pereira Melo (2015, p. 92), Sêneca considerava que o homem “[...] nasceu para desfrutar a felicidade, mas tende a se desviar dessa rota. No entanto, isso não o impede, se ele assim desejar, de retornar ao seu caminho natural”.

Dessa forma, somente a educação poderia contribuir para a formação do homem. Na visão senequiana, o fim da educação era a “[...] formação do homem sábio, cujo saber deve estar comprometido com o homem e com a sociedade em uma dinâmica transformadora desse mesmo homem e dessa mesma sociedade” (PEREIRA MELO, 2015, p.103). Proveniente do conhecimento adquirido, “[...] a sabedoria é um estado constante, não passível de qualquer incremento” (Cartas 79, 8).

Para Sêneca, a teoria deve estar aliada à prática na formação do homem. Por meio dessa união, o conhecimento proporciona a formação integral do homem, levando-o a alcançar o bem supremo – a felicidade. Em coerência com a própria natureza, a felicidade consistiria “[...] em uma alma livre, sem medo e constante, inacessível ao temor e à ganância, para quem o único bem é a dignidade e o único mal é a desonestidade [...]” (REBELLO e VRANAS, 2009, p.97).

No próximo capítulo, tendo em vista o objetivo desta tese, abordaremos inicialmente a origem do documento escrito por Jean Jacques Delors e em seguida, analisaremos as categorias apresentadas em seu relatório para a Unesco. Dessa forma, teremos condições de, no capítulo IV, refletirmos sobre as semelhanças e diferenças entre a proposta de formação contida nas Cartas a Lucílio e os princípios educacionais apresentados no Relatório Delors.

### 3. RELATÓRIO DELORS

Este capítulo é destinado a uma análise do Relatório Delors (2006), publicado com o título *Educação: um tesouro a descobrir*. Destacamos nesta análise a origem do documento e os fundamentos da proposta de educação para o Século XXI.

Primeiramente, oferecemos informações sobre o autor do documento, a pessoa responsável por conduzir os trabalhos da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

Reiteramos que as informações sobre a biografia do relator são bastante restritas, quando comparadas com as da biografia de Sêneca. De nosso ponto de vista, isso se deve ao fato de que o autor pertence à história contemporânea e, mesmo apresentando suas contribuições para a educação, não deixa margens para averiguar a sua vida privada.

#### 3.1 JACQUES DELORS

Jacques Lucien Jean Delors nasceu em Paris, no dia 20 de Julho de 1925<sup>24</sup>. Embora não tenhamos encontrado maiores dados sobre sua infância e adolescência, sabemos que se trata de um político europeu, de origem humilde e de nacionalidade francesa, cuja maturidade intelectual transparece em sua vida adulta e profissional (EUROCID, 2017).

Formado em Ciências Econômicas na Sorbonne em 1945, tornou-se funcionário do Banco de França após a Segunda Guerra Mundial. De 1962 a 1972, como assessor do chefe do gabinete, fez parte da Comissão Geral da Planificação do governo francês. No ano de 1974, ingressou no Partido Socialista da França como porta-voz de assuntos econômicos do governo francês. Nessa mesma época, foi professor da Escola Nacional de Administração, na França, e da Universidade Paris-Dauphine. Posteriormente, entre os anos 1981 a 1984, ocupou o cargo do superministério da economia e finanças (EUROCID, 2017).

---

<sup>24</sup> Todas as informações sobre o autor foram pesquisadas no Centro de Informações Européia Jacques Delors - EUROCID site: [http://institutdelors.eu/media/bio-integrale-jd-fr.pdf?pdf=ok&fbclid=IwAR1GAdFaPzbrgpOHxJaA9Tiyja8w0Zv4pX2ywGG-HWHXS5mJ410guk3l\\_-4](http://institutdelors.eu/media/bio-integrale-jd-fr.pdf?pdf=ok&fbclid=IwAR1GAdFaPzbrgpOHxJaA9Tiyja8w0Zv4pX2ywGG-HWHXS5mJ410guk3l_-4) – Acesso em 22/11/2017

Em 1985, foi eleito presidente da Comissão Europeia e, até o ano de 1992, foi reeleito diversas vezes. Nessa época, preparou o Tratado de Maastricht para a união política da Europa, no qual foram propostas reformulações da política agrícola e da estrutura financeira da comunidade. No ano de 1989, recebeu um prêmio pela cooperação internacional e, em 1993, publicou o “Livro Branco” sobre competitividade e crescimento. Finalizou seu mandato na Comissão Europeia no ano de 1994 (EUROCID, 2017).

Ao longo de sua vida, escreveu vários livros de economia e política. Entre 1992 e 1996, a convite da Unesco presidiu a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, escrevendo “*Educação, um tesouro a descobrir*” (EUROCID, 2017). A comissão, com Jaques Delors à frente, refletiu, em sua perspectiva, sobre o tipo de educação necessária a cada sociedade, a diversidade cultural e a necessidade do consenso em torno da aprendizagem desejada para o futuro. Fundamentados no trabalho desenvolvido por Faure<sup>25</sup>, após três anos consecutivos de trabalho (1993 a 1996), os participantes da comissão elaboraram o relatório assinado por Delors. Sua finalidade, segundo os elaboradores, consistia em levar à consolidação de intenções educacionais e, assim, contribuir para o pleno desenvolvimento das nações (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

Durante esse tempo, o autor promoveu reuniões em várias partes do mundo (Dacar, Paris, Vancouver, Santiago, Túnis e Nova Déli), nas quais foi estudada a situação de desenvolvimento econômico e a questão dos direitos humanos em todas as nações (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

Envolvendo especialistas<sup>26</sup> em educação de outros países, o estudo tinha como objetivo de delinear ações para a educação mundial, pautando-se na

---

<sup>25</sup> Em 1972, a ONU atribui a Edgar Faure a incumbência de coordenar a elaboração de um relatório sobre a crise educacional mundial. Em suas pesquisas, esse autor apresenta quatro direcionamentos essenciais, a saber: 1) existência de uma comunidade internacional; 2) crença na democracia como direito do ser humano; 3) necessidade do desenvolvimento integral das pessoas; 4) educação formadora de pessoas, conforme as necessidades surgidas ao longo de toda a vida. A pesquisa de Faure demorou um ano (1971-1972) para ser concluída, apresentando como resultado final a importância do comprometimento de todas as nações com a educação, sobretudo com o desenvolvimento e o uso de tecnologias para alcançar os objetivos relacionados ao desenvolvimento humano. Esse relatório foi adotado pela Unesco na elaboração de planos para auxiliar no combate aos problemas enfrentados pelas nações após a segunda guerra mundial (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

<sup>26</sup> In'am Al Mufti (Jordânia), Isao Amagi (Japão), Roberto Carneiro (Portugal), Fay Chung (Zimbábue) Bronislaw Geremek (Polônia), William Gorham (Estados Unidos), Aleksandra Kornhauser (Eslovênia), Michael Manley (Jamaica), Marisela Padrón Quero (Venezuela), Karan

necessidade de convivência, de sobrevivência, de desenvolvimento econômico e de paz mundial. Considerava-se que tais demandas estavam conectadas diretamente com a educação (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

A trajetória profissional de Delors mostra que suas atividades profissionais e as funções que desempenhou em várias organizações estiveram sempre relacionadas à economia e às finanças. O conhecimento de que o autor é formado em Economia e trabalhou como professor ministrando aulas no curso de Administração nos faz pensar no peso dado ao processo de formação de indivíduos voltados essencialmente para o trabalho (WERTHEIN; CUNHA, 2005). O documento deixa evidente a associação da educação e formação profissional com as crises econômicas e o desemprego.

### 3.2 FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS DO RELATÓRIO DELORS

Embora sua finalidade, conforme anteriormente mencionado, e na compreensão dos seus elaboradores, seja a melhoria da educação, o relatório trata de assuntos diversos relacionados à “aldeia global”. A seguir, discutimos o contexto em que o relatório surgiu e a proposta apresentada pelo autor para a formação do homem do século XXI, especialmente, os fundamentos teórico-práticos de cada uma das partes que compõem o relatório: horizontes, princípios e orientações.

#### 3.2.1 Unesco: linha diretiva para uma educação universal

A educação é essencial para o desenvolvimento econômico, cultural e a ordem social de cada nação, porque produz conhecimentos, capacidades, valores e atitudes fundamentais na formação das pessoas. É um processo que supõe o desenvolvimento integral do homem, sua capacidade intelectual, física e moral (DELORS, 2006).

---

Singh (Índia), Rodolfo Stavenhagen (México), Myong Won Suhr (Coréia do Sul), Zhou Nanzhao (China). Ao aceitar o mandato que lhes foi confiado, os membros da Comissão adotaram explicitamente essa perspectiva e procuraram sublinhar, como argumento favorável, o papel central da UNESCO na linha das ideias que presidiram sua fundação, ou seja, na esperança de um mundo melhor, no qual se respeitem os direitos do Homem, se pratique a compreensão mútua, se adotem os progressos no conhecimento como instrumentos, não de distinção, da promoção do gênero humano (DELORS, 2006, p. 12).

Com base nesse princípio, em 1990 houve em Jomtien, Tailândia, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, com a participação em conjunto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco); Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNEUD) e o Banco Mundial.

Segundo a Conferência, o aumento da população, a violência, a guerra, a degradação ambiental, a estagnação e decadência econômica de alguns países que geram as diferenças entre os mesmos são alguns dos problemas que fazem parte do mundo contemporâneo (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p.26). Por isso, se faz necessário pensar em ações que possam contribuir com a união entre os povos e minimizar os problemas que afetam a sociedade.

É com essa preocupação que a Unesco se apresenta como uma das agências multilaterais que compõem o sistema ONU, designada para incentivar a cooperação técnica entre os Estados membros. Foi “[...] idealizada durante as reuniões da Conferência de Ministros Aliados da Educação (CMAE), ocorridas em 1942 e 1945” (PILETTI, 2014, p. 238). Oficialmente foi criada em 16 de novembro de 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, objetivando promover a paz entre as nações e a garantia dos direitos humanos, com base na solidariedade intelectual e moral da humanidade. Atua nas áreas da Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura, Comunicação e Informação (PILETTI, 2014).

A organização tinha como desafio fomentar ações para contribuir com a sociedade no tocante à paz mundial, tolerância, desenvolvimento da solidariedade humana e com a cooperação intelectual entre os povos.

Ao tempo de sua criação, o mundo acabara de experimentar a maior catástrofe de sua história – a Segunda Grande Guerra Mundial. Os representantes dos países aliados, percebendo a importância e o alcance da cooperação intelectual entre os povos, decidiram criar uma Organização para ser um sistema de vigilância e alerta, em defesa da paz, da solidariedade e da justiça (UNESCO, 1991, p.12).

A Unesco tem se caracterizado, fundamentalmente, por uma incessante luta “[...] pela democratização dos conhecimentos produzidos historicamente

pela humanidade” (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p.11). Seus projetos se alicerçam em metas a serem cumpridas, e mantêm acordos com as esferas de governo, estabelecendo parcerias entre a sociedade civil e a iniciativa privada.

É importante lembrar que apesar de a Unesco atuar em diferentes áreas, o maior desafio é a educação, pois é por meio das diretrizes educacionais que as áreas das Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura, Comunicação e Informação poderão alcançar seus objetivos e apresentar dados significativos.

Assim sendo, paralelamente ao desenvolvimento de suas políticas e programas de ação, a Unesco se propôs a construir e a desenvolver uma reflexão mais madura sobre as bases nas quais deveria se assentar uma política de educação que levasse em conta as contingências e idiossincrasias do cotidiano das pessoas, os dados das diversas realidades e apontasse alternativas em direção ao exercício pleno da cidadania em diferentes condições e cenários da sociedade (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 12).

A educação, em nível mundial é entendida como responsável pelo desenvolvimento econômico e social dos países, por isso precisa alcançar as metas estabelecidas pela Organização. Para tal, segundo seus idealizadores, é preciso investir na qualidade educacional em todos os níveis e modalidades de ensino, considerando as especificidades e as diversas culturas e fortalecendo a implementação das políticas públicas voltadas para as carências emergentes da educação de cada nação.

La educación efektivamente es la llave del desarrollo sócio-económico, de la ciudadanía y de la convivência pacífica. Es también llave de la vida em la lucha contra la pandemia VIH/ SIDA, que depende estrechamente dela prevencion y de acciones educacionales, sea em las escuelas, sea em otros múltiples ambientes educativos (MATSUURA, 2004, p. 9).

As demais áreas estão atreladas à educação, considerando a importância de cada uma no que se refere ao desenvolvimento humano e à qualidade de vida atribuída. Nesse sentido,

A área de Ciências Naturais, sob a ótica da Unesco, objetiva o desenvolvimento científico e tecnológico fundamentado na ética e capaz de impulsionar a transformação da sociedade por meio de ações conscientes, visando ao desenvolvimento sustentável. As Ciências Humanas e Sociais são incumbidas de expandir o conhecimento, a inclusão social e a redução da pobreza, devendo atentar para a importância da justiça, da liberdade e da dignidade humana, pois é mediante tais valores que a sociedade poderá promover a cooperação intelectual. A área da Cultura abrange a identidade cultural dos povos em sua diversidade e ideias criativas, com a valorização e manutenção do patrimônio cultural de cada nação, pois somente com o conhecimento de cada cultura, o povo será capaz de reconhecer e se apropriar e respeitar a diversidade humana. Com relação à área de Comunicação e Informação, a Unesco prima pelo direito à informação e à liberdade de expressão e salienta a importância do acesso aos meios de comunicação e do investimento nas Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs). Estas, por sua vez, deverão promover o avanço na área de formação tanto dos professores quanto dos alunos, pois vivemos em um mundo globalizado, em que o acesso aos meios de comunicação deve favorecer o desenvolvimento humano por meio do conhecimento universal (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p.12).

A preocupação da Unesco sobre o desenvolvimento humano e com as ações em prol dessa emergência social, pautaram-se nas pesquisas sobre a crise mundial de educação realizada por Philip H. Coombs<sup>27</sup>, no ano de 1968, enquanto diretor internacional de planejamento da educação no departamento da Unesco. Em suas pesquisas, ressaltava a importância do investimento na educação e a dificuldade em “manter o seu sistema ajustado a sua época” (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 13). A Unesco iniciou estudos relativos à situação da educacional mundial, em especial sobre os *déficits* atribuídos aos países mais pobres.

O relatório Faure foi um dos caminhos tomados pela Unesco no sentido de elaborar planos para auxiliar no combate aos problemas enfrentados pelas nações após a Segunda Guerra Mundial. No ano de 1993, uma nova Comissão Internacional de pesquisadores sobre a educação fomentou reflexões sobre o tipo de educação necessária a cada sociedade. Para tanto, consideraram a

---

<sup>27</sup> COOMBS, P. H. **A crise mundial da educação**. São Paulo: Perspectiva S.A, 1968.

diversidade cultural e a “[...] necessidade do consenso em torno da aprendizagem desejada para o futuro” (DELORS, 2006, p. 08).

A abordagem do Relatório propõe a reflexão da educação ao longo da vida, compreendendo-a em suas diversas dimensões. O relator entende que é preciso buscar continuamente a formação e o desenvolvimento das potencialidades das pessoas, cabendo “[...] a cada um estabelecer meios e condições de suprir suas necessidades mediante o conhecimento, sanando seus problemas e conquistando sua liberdade via saber” (DELORS, 2006, p. 08).

O Relatório esclarece a importância do progresso individual e social de cada povo em suas diferentes culturas em busca de caminhos para o desenvolvimento da economia, por meio da integração das nações.

### 3.2.2 Relatório Delors: Origem do documento e os fundamentos da educação pensada para o século XXI

A educação pensada para o século XXI tem sua base nos documentos de orientação da Unesco, objetivando fomentar discussões sobre a educação, ciência, tecnologia, cultura e comunicação, visando ao desenvolvimento humano por meio de ações educacionais.

No início de 1993, a Unesco criou a Comissão Internacional de Educação para o século XXI, delegando a Jacques Delors a competência sobre a realização de um balanço das tendências educacionais ante o avanço da globalização (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p.18). Os membros participantes foram incumbidos de delinear ações para a educação mundial, pensando na convivência, sobrevivência, desenvolvimento econômico e na paz mundial, demandas conectadas diretamente à educação.

Aceitando o mandato que lhes foi confiado, os membros da Comissão adotaram, explicitamente, esta perspectiva e pretenderam sublinhar, como argumento favorável, o papel central da UNESCO, na linha das ideias que presidiram a sua fundação e que assentam na esperança de um mundo melhor, em que se respeitem os Direitos do Homem, se pratique a compreensão mútua, em que os progressos no conhecimento sirvam de instrumentos, não de distinção, mas de promoção do gênero humano (DELORS, 2006, p. 12).

Essa preocupação surgiu após a Segunda Guerra Mundial (1946), objetivando propor uma nova política educacional para proporcionar o desenvolvimento de capacidades específicas para o desenvolvimento econômico das nações e os padrões aceitáveis de convivência humana e solidariedade (DELORS, 2006). Tais objetivos só poderiam ser alcançados por meio da democratização dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados.

A Comissão trabalhou três anos consecutivos (de 1993 a 1996) na investigação das carências educacionais de cada país e nas estratégias educacionais que poderiam contribuir com o pleno desenvolvimento das nações.

Diante do novo cenário que se desenhava, a UNESCO, seguindo sua tradição prospectiva e percebendo as implicações educacionais das mudanças sem precedentes que se operavam, cria, no início de 1993, a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, com o objetivo de dar um balanço das tendências educacionais face à rápida marcha do processo de globalização. A presidência da comissão foi confiada a Jacques Delors, que anteriormente havia exercido as funções de Ministro da Economia e das Finanças da França e Presidente da Comissão Europeia (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p.18).

Embasados no trabalho desenvolvido pela Comissão, Faure, aperfeiçoando ações que poderiam contribuir com a eficácia dos resultados almejados, os especialistas visaram às atividades necessárias ao desenvolvimento da pessoa humana por meio da educação escolar e perceberam as suas implicações para a política educacional (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

O Relatório Delors destaca a importância da globalização e os problemas enfrentados na atualidade, pontuando que a convivência no mundo globalizado requer conhecimentos específicos e desenvolvimento dos talentos e potencialidades individuais que viabilizem a interação do homem com o meio em que está inserido, responsabilizando cada pessoa pela realização do seu projeto pessoal.

O Relatório apresenta quatro pilares de desenvolvimento como base fundamental para a educação do século XXI, pois na compreensão do relator, somente a educação direcionada poderá formar o homem contemporâneo que atenda às necessidades do mundo globalizado.

Ante aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Ao terminar os seus trabalhos a Comissão faz, pois, questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um “remédio milagroso”, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais mas, entre outros caminhos e para além deles, como via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras. (DELORS, 2006, p.11).

O conceito de educação proposto no Relatório Delors para a Unesco apresenta uma vertente para o desenvolvimento dos talentos e potencialidades, objetivando atender às necessidades da mundialização das atividades humanas. É com essa preocupação que a educação foi repensada, pois os problemas em escala mundial são os grandes desafios que instigam as questões educacionais.

Por isso, a sociedade mundial precisa repensar a educação como forma de convivência e de desenvolvimento, considerando que diante dos problemas mundiais, o homem deve desenvolver os saberes necessários à sua própria sobrevivência.

Para responder a essas questões que justificam a necessidade de formação desse perfil de homem, a Comissão da Unesco enfatiza:

A pergunta a ser feita é a seguinte: quais os pressupostos orientadores de uma nova educação capaz de acelerar e qualificar o processo de universalização da cidadania, que constitui uma condição indispensável para o enfrentamento da crise da globalização? Em outras palavras: que educação poderá ajudar a construção de um novo paradigma da pós-modernidade, pois tudo indica que o próprio paradigma no qual se assentaram os progressos

excludentes da modernidade ocidental também está em crise? (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 20, grifos da autora).

Essas questões norteadoras ao processo de reflexão sobre a formação do homem para o século XXI se justificam devido à preocupação com o rumo que determinados países estão tomando, pois são muitos os problemas que se apresentam na humanidade. Por isso a preocupação em formar o indivíduo “multisaberes” que atenda às demandas do mundo contemporâneo.

Para a Comissão da Unesco, a modernidade é preponderante e necessária. Porém, as nações apresentam conflitos devido à falsa ideia de igualdade e liberdade. Isso tudo tem relação com as promessas atribuídas ao desenvolvimento, igualdade, liberdade, mas que não são cumpridas. (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

Os problemas sociais têm implicações diretas com a formação do homem e sua convivência social. As condições dos países menos favorecidos são prementes e seus problemas perpassam as ações pensadas para o “homem ideal” da sociedade contemporânea.

É diante dessa ideia que a prevalência da formação do homem, no tocante à educação contemporânea, prima pela paz mundial. Lembramos que após a Segunda Guerra Mundial houve a necessidade de formar comissões para pensar os caminhos de uma educação capaz de contemplar a formação do homem para o século XXI.

Werthein e Cunha (2005) asseveram que

[...] a educação não pode ser vista como estratégia salvadora, a educação pode, no entanto, dar sua contribuição para compreender a complexidade dos fenômenos mundiais que estão em curso e dominar a incerteza que existe em todos nós. Ela pode facilitar uma compreensão verdadeira dos acontecimentos, para lá da visão simplificadora ou deformada transmitida, muitas vezes, pelos meios de comunicação social, e o ideal seria que ajudasse cada um a tornar-se cidadão deste mundo turbulento e em mudança que nasce cada dia perante nossos olhos (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 20).

A democracia e a compreensão sobre as relações que conectam o homem ao seu meio são fatores relevantes, pois as pessoas precisam estar

envolvidas em um mesmo processo de desenvolvimento humano, com solidariedade entre as partes (WHERTHEIN; CUNHA, 2005).

É diante da possibilidade de “[...] dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento” (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 20), que ao estabelecer os objetivos e dominar seu próprio destino, cada pessoa poderá contribuir com o desenvolvimento econômico das nações.

Dessa forma, todos precisam refletir, dialogar e respeitar as múltiplas culturas e a diversidade humana para evitar os problemas e conflitos sociais oriundos da exclusão, discriminação e desigualdade. Nessa vertente, o desenvolvimento econômico é consequência das boas relações da convivência humana e do desenvolvimento individual da pessoa.

### 3.2.3 Horizontes

O documento é iniciado com a apresentação de um quadro prospectivo da situação da população mundial, com destaque para as tensões de cunho social, econômico e político que deveriam ser ultrapassadas para que os objetivos pudessem ser atingidos.

As críticas contundentes ao modelo burocrático de administração levam à compreensão de que um “novo” Estado não poderia coexistir com um padrão de administração arcaico, típico do contexto da modernidade. Essa afirmação, esboçada no âmbito do que se chama ideologia da pós-modernidade<sup>28</sup>, é entendida aqui como uma expressão do modelo atual de acúmulo do capital, que produz, entre outros “organismos”, as ideias de neoliberalismo e de globalização (DELORS, 2006).

Com o pensamento da pós-modernidade, os paradigmas também entram em crise. Tal entendimento faz pensar na necessidade de “novas instituições”

---

<sup>28</sup> O conceito de pós-modernidade tornou-se, nos últimos anos, um dos mais discutidos nas questões relativas à arte, à literatura ou à teoria social, mas a noção de pós-modernidade reúne rede de conceitos e modelos de pensamento em “pós”, dentre os quais podemos elencar alguns: sociedade pós-industrial, pós-estruturalismo, pós-fordismo, pós-comunismo, pós-marxismo, pós-hierárquico, pós-liberalismo, pós-imperialismo, pós-urbano, pós-capitalismo. A pós-modernidade coloca-se também em relação com o feminismo, a ecologia, o ambiente, a religião, a planificação, o espaço, o *marketing*, a administração. O geógrafo Georges Benko afirma que o “pós” é incontornável, o fim do século XX se conjuga em “pós”. Mal estar ou renovação das ciências, das artes, da filosofia estão em uso. (BENKO, G. & PECQUEUR, B. **Os recursos de territórios e os territórios de recursos**. Geosul, v.16, n.32, 2001).

que atendam às diferentes demandas de uma sociedade competitiva e globalizada, tendo em vista a pluralidade, a diversidade e a flexibilidade. Tais conceitos adquirem espaço no Estado norteado por valores do mercado e da sociedade “pós-moderna” (DELORS, 2006).

Em tal sociedade não cabe uma administração pública predominantemente burocrática e antagônica, caracterizada pela racionalidade formal, pela concentração do poder, pelo rigor de princípios e controle dos processos, pela negativa da subjetividade, formalidade e impessoalidade.

Portanto, seria necessária uma reforma fundamentada em uma “nova racionalidade” executada pela administração pública gerencial<sup>29</sup>. Conforme seus idealizadores e defensores, o modelo de administração gerencial seria o mais adequado para atender às necessidades dos indivíduos e, ao mesmo tempo, para controlar resultados. Assim, com o incentivo à criatividade e à inovação, os administradores e os demais servidores públicos teriam certo grau de confiança. A descentralização e o contrato de gestão seriam elementos de controle da administração desenvolvida pelos gestores públicos (DELORS, 2006).

À negação extrema do modelo fundado em critérios formais e impessoais da administração pública burocrática dá destaque à subjetividade, especialmente quando se valoriza, por exemplo, a criatividade, o desenvolvimento das potencialidades e a flexibilidade para a resolução de problemas, tal como propõe Delors em seu relatório.

O “novo paradigma” de conhecimento, decorrente da pós-modernidade e, porque não dizer, da globalização e do neoliberalismo, implica, entre outros aspectos, a reforma educacional, cujo objetivo seria o ajustamento da educação ao panorama cultural e econômico apresentado. Destaca-se a inquietação com os critérios que poderiam estar interferindo no rumo de uma educação enviesada pela racionalidade ambicionada (DELORS, 2006).

Nessa necessidade de adaptação, transparece uma proposta educacional de natureza liberal. Tanto nos documentos oficiais quanto nos meios de

---

<sup>29</sup> Por meio da implementação da propalada administração pública gerencial, procura-se reorganizar o Estado. Adotam-se critérios de gestão que oportunizem a redução de custos, uma maior articulação com a sociedade para a definição de prioridades e a cobrança de resultados. Pretende-se, nessa lógica, tendo em vista a reprodução da ideologia do capital, a instituição de um aparelho de Estado eficiente e orientado pelos valores do novo paradigma de sociedade; um Estado racional de fato (ZANARDINI, 2007).

comunicação veicula-se que a “chave” do sucesso dos países economicamente desenvolvidos está na atenção atribuída à educação, sobretudo, à educação básica (DELORS, 2006).

O relatório defende uma formação humana adaptada às necessidades do mercado de trabalho. Para Delors, o sistema educativo deve responder a essas demandas. É de Delors (2006) a seguinte afirmação:

[...] no decurso do período considerado e sob pressão do progresso técnico e da modernização, a procura de educação com fins econômicos não parou de crescer na maior parte dos países. As comparações internacionais realçam a importância do capital humano e, portanto, do investimento educativo para a produtividade (DELORS, 2006, p. 70).

O relator chama a atenção para os desafios do futuro, destacando que “[...] a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social” (DELORS, 2006, p.11). O autor afirma que a Comissão deposita fé e esperança na educação, no desenvolvimento harmonioso do homem e, por conseguinte, no da sociedade.

O relatório reitera a necessidade da participação dos setores privados na educação, mostrando preocupação com a questão da competitividade, da produtividade, da aquisição de competências<sup>30</sup> e habilidades, entre outras. Evidencia-se, portanto, a presença da ideologia neoliberal no documento.

Vale frisar que o neoliberalismo é uma ideologia política e defensora da mínima intervenção do Estado na economia. Assim, o mercado, como pontua Lima (2007, p. 47) é apresentado como a única instituição com capacidade “[...] de organizar e coordenar quaisquer problemas, seja de ordem econômica, seja de ordem política e social”.

Por um lado, o neoliberalismo entende que a sociedade deve ser administrada pelo mercado, cuja lógica é a da competitividade, da produtividade,

---

<sup>30</sup> Na década de 1990, esse termo ganhou força sobretudo a partir das reformas educacionais ocorridas no Brasil em atendimento às demandas do processo de reestruturação produtiva do capital (IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5 4114 – “A relação entre Trabalho e Educação no Brasil - Cristiane Silva de Almeida - UFT).

do individualismo e da racionalização. Por outro, entende que o Estado é o responsável pelas crises do sistema capitalista (LIMA, 2007).

O relator faz referência à importância de levar a bom termo as estratégias da reforma, que considera imprescindíveis para a obtenção de resultados satisfatórios dos objetivos propostos pela Comissão. Refere-se, à necessidade de se ampliar a cooperação internacional no sentido da consolidação de uma aldeia global, ressaltando que “[...] nos domínios político e econômico, se recorre cada vez mais a ações de nível internacional para tentar encontrar soluções satisfatórias para os problemas mundiais [...]” (DELORS, 2006, p. 30).

O relator explicita a sua preocupação com a rapidez do crescimento demográfico, especialmente com seus impactos no desenvolvimento econômico, pois “[...] grande parte de cada um de nós, quer o queiramos quer não, joga-se num cenário em escala mundial” (DELORS, 2006, p. 35).

Simultaneamente, assinala que o avanço tecnológico proporcionou o desenvolvimento econômico e a desregulamentação dos mercados financeiros, causando a interdependência “[...] dos movimentos de um conjunto mais ou menos importante de capitais, transitando com extrema rapidez de um lugar para o outro [...]” (DELORS, 2006, p.37).

Ao longo do documento, encontramos reflexões sobre a globalização, a mundialização, dos diferentes setores das atividades humanas. Destacam-se a comunicação entre os povos e a interdependência planetária. Delors evidencia que “[...] as novas tecnologias fizeram a humanidade entrar na era da comunicação universal; abolindo distâncias [...]” (DELORS, 2006, p. 39).

Assim, as novas tecnologias são relevantes para a formação da sociedade do futuro e não corresponde ao modelo social do passado. Isso tudo faz pensar no alto investimento requerido pelas inovações tecnológicas que acaba distanciando os países mais pobres e que apresentam dificuldades de acesso.

Dentre os diversos conceitos relacionados à finalidade da educação voltada para o mercado de trabalho, encontramos competitividade e produtividade, os quais são reiterados muitas vezes no texto. Para o autor:

O mundo do trabalho constitui, igualmente, um espaço privilegiado de educação. Trata-se, antes de mais nada, da aprendizagem de um conjunto de habilidades e, a este

respeito, importa que seja mais reconhecido, na maior parte das sociedades, o valor formativo do trabalho, em particular quando inserido no sistema educativo (DELORS,2006, p. 113)

Associando-a ao termo competências, o autor do relatório afirma que a educação deve ser responsabilidade das empresas, o que revela um pensamento de caráter neoliberal, pois isso implica que a educação deve estar de acordo com os interesses e as necessidades do mercado. O interesse das organizações empresariais pela educação decorre do fato de que a escola é a responsável pela preparação dos trabalhadores, pela mão-de-obra que adentra o mercado competitivo.

As vantagens dos países mais desenvolvidos sobre os países menos desenvolvidos devem-se à educação, pois o poder econômico pode ser relacionado ao domínio tecnológico. O autor pondera, no entanto, que a interdependência dos países leva ao desequilíbrio, pois os menos favorecidos acabam sendo excluídos do processo.

Esta nova situação tornou desfavorável à conjuntura de alguns países industrializados e, correlativamente, a dos países em desenvolvimento que lhes fornecem matérias-primas [...]. Simultaneamente, a globalização traçou novo mapa econômico ao mundo. Apareceram novos polos de dinamismo, baseados no comércio mundial [...] (DELORS, 2006, p. 38).

É importante ressaltar que, mesmo com os benefícios da expansão da tecnologia, existem contrapartidas negativas, a exemplo dos impactos ambientais promovidos pelo uso excessivo dos recursos naturais. Além dos resultados nocivos ao planeta, os países mais pobres são afetados pelos prejuízos causados pelas empresas dos grandes países.

Ao tratar da educação, a Comissão tem em vista processos muito mais amplos e subjetivos que extrapolam os limites da educação formal. O contexto da década de 90, quando da elaboração do documento, aponta a necessidade de uma formação integral e subjetiva que faça do indivíduo um cidadão do mundo, ou seja, que assuma, juntamente com os demais, responsabilidades individuais e coletivas para o bem da sociedade, da nação e do planeta.

Ao mesmo tempo, o relatório faz menção aos multirriscos advindos do contexto social. Com os avanços promovidos pela tecnologia, coloca-se a possibilidade de alguns países exercerem poder sobre os demais por meio da violência, a exemplo do uso de conhecimentos científicos na elaboração de armas nucleares e outros possíveis mecanismos negativos, que podem levar uma parte da humanidade a se tornar refém da outra, mais poderosa tecnologicamente.

A educação tem, pois, uma especial responsabilidade na edificação de um mundo mais solidário, e a Comissão pensa que as políticas de educação devem deixar transparecer, de modo bem claro, essa responsabilidade. É, de algum modo, um novo humanismo que a educação deve ajudar a nascer, com um componente ético essencial, e um grande espaço dedicado ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações e ao respeito pelos mesmos para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas. O sentimento de partilhar valores e um destino comuns constitui, em última análise, o fundamento de todo e qualquer projeto de cooperação internacional (DELORS, 2006, p.49).

Uma das principais missões da educação pensada por Delors é a de estabelecer o vínculo social entre as pessoas, pois o (re)conhecimento das diversas culturas e a valorização do ser humano contribui para a ocorrência de vínculos e referências comuns. Os sistemas educativos implicam o enfrentamento de um conjunto de tensões, pois, ao mesmo tempo em que tratam concretamente do respeito à diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, devem manter o princípio da homogeneidade, o que implica a necessidade de observar regras comuns (DELORS, 2006).

Nesse aspecto, a educação enfrenta um desafio, que pode ser entendido como uma contradição. Por um lado, é vista como meio de desenvolvimento das capacidades do indivíduo, sendo responsável pelo sucesso de cada um, pois é por meio dela que as pessoas podem ter acesso aos bens culturais e à práxis pedagógica na elaboração dos conceitos determinantes para sua formação. Por outro lado, funciona como meio de classificação e segregação de alguns povos, pois, dependendo do tipo de formação pertinente aos currículos escolares, estaria alienando sujeitos, tornando-os submissos a uma classe social já

constituída, e mantendo a desigualdade decorrente da apropriação dos bens culturais e de consumo já existente na sociedade em que estão inseridos.

O aumento da pobreza e da exclusão contribui para as desigualdades entre as pessoas. Conforme o relatório, não se trata apenas das já mencionadas disparidades entre as regiões do mundo, mas sim, “[...] de fraturas profundas entre grupos sociais, tanto no interior dos países desenvolvidos como no dos países em desenvolvimento” (DELORS, 2006, p. 52).

Alguns países, entre eles o Brasil, têm apresentado um número alarmante de pessoas que vivem em condições de pobreza extrema, sem nenhuma condição de vida digna. São pessoas desempregadas, submetidas a auxílios governamentais, residentes em locais e condições de risco, de marginalização, violência e criminalidade. Elas se tornam vítimas de um sistema que fomenta a democracia, mas ao mesmo tempo impõe regras que excluem uma parcela da população das decisões.

O sistema de representação política e o modo de exercício de poder que a caracterizam entram, muitas vezes, em crise: a distância entre governantes e governados, a excessiva emergência nos meios de comunicação social e de reações emocionais efêmeras e oportunistas, a política espetáculo, tornada possível pela mediatização dos debates, até mesmo a imagem de corrupção do mundo político fazem com que alguns países corram o risco de ter um governo de juízes e do desencanto dos cidadãos pela coisa pública (DELORS, 2006, p. 54).

Assim, a essencialidade da educação perdura, sendo um de seus maiores desafios para a formação de pessoas, que saibam exercer suas funções, buscar por seus direitos e cumprir as regras consideradas necessárias em cada sociedade em prol da igualdade entre os homens (DELORS, 2006). Atualmente, a educação é entendida como meio de emancipação do sujeito, pois é por meio dela que as pessoas podem alcançar seus objetivos, devendo, porém, estar em harmonia e lutar pelos mesmos direitos.

Apoiando-se na lógica do capital, como afirma Tonet (2003, p. 214), não há como construir uma educação emancipadora. Ao pensar nesse sistema como base, necessariamente, a educação contribui “[...] para a disseminação dos interesses da classe dominante, bem como dos saberes que ela necessita para

a produção (TONET, 2003)”. Para o mesmo autor, o que é possível nesta sociedade, é atuar no sentido de desenvolver atividades emancipadoras na prática educativa, segundo uma visão de superação da ordem do capital.

Propor, hoje, uma educação emancipadora não pode passar da simples projeção de um desejo, de um discurso humanista abstrato. O que é possível fazer, hoje, a nosso ver, são atividades educativas que apontem no sentido da emancipação [...]. O conjunto da educação só poderá adquirir um caráter predominantemente emancipador à medida que a matriz da sociabilidade emancipada – o trabalho associado – fizer pender a balança para o lado da efetiva superação da sociabilidade do capital (TONET, 2003, p. 214).

Nesse sentido, apenas em uma sociedade na qual o trabalho, fonte geradora da existência humana, esteja emancipado da concepção do capital é que será possível implantar um sistema educacional voltado para a predominância de uma reprodução social sem interesses de classes.

O relatório refere-se à importância de uma educação fundamentada em suas raízes e que firme suas procedências, valorizando seu povo, sua cultura e seus apelos. Cada país tem necessidades peculiares e a maioria conta com uma multiplicidade cultural que favorece e enriquece a diversidade (DELORS, 2006).

Entendemos que a formação humana requer conhecimentos e qualificações, que a pessoa saiba utilizar na prática o que aprendeu na escola, mas sua finalidade não se restringe à aquisição de habilidades para fins econômicos. A finalidade da educação ultrapassa o saber fazer, mais do que isso, trata de desenvolver o ser humano integralmente. É importante salientar que, quando se prioriza o atendimento às necessidades do capital no ensino escolar, abandona-se o desenvolvimento integral do indivíduo e se contribui para o enfraquecimento de seu processo de desenvolvimento social, cultural, político e de tantas outras habilidades que podem ser promovidas no espaço escolar.

Na concepção educacional neoliberal, as questões sociais, políticas e culturais são abandonadas e os alunos são vistos como mão de obra e consumidores. De acordo com Rega (1998, p. 05), no molde neoliberal, a educação se torna refém da economia, “[...] de onde recebe seus novos

construtos organizadores e delimitadores de sua missão e razão de ser”. Assim, a educação deixa de ser integral para se tornar prática, objetiva, imediatista e profissionalizante.

Para Delors (2006, p. 136), “[...] a formação profissional deve conciliar dois objetivos divergentes: a preparação para empregos existentes atualmente e uma capacidade de adaptação a empregos que ainda nem sequer podemos imaginar”. Nesse discurso, parece estar implícita a ideia de que a educação deve estar a serviço do desenvolvimento econômico; a pessoa deve ser formada para se adaptar e acompanhar as oscilações e instabilidades do mercado. Ou seja, o discurso reforça o juízo de que os indivíduos devem estar preparados para se adaptar às transformações e exigências do mundo empresarial.

Pressupomos que o projeto mencionado por Delors é o projeto de sociedade da Unesco: desenvolvimento econômico intelectual e social produzido por meio de uma desejada harmonia entre os sujeitos, os grupos sociais, os interesses coletivos e os privados.

Consideramos um tanto difícil conceber uma realidade em que tantos e tão diversos interesses, e, às vezes, contrários, possam se adaptar tranquilamente, segundo o entendimento da paz construída por uma boa proposta educacional. No entanto, esse ideal é considerado por Delors, como de possível alcance, cabendo, pois, ao sujeito responsabilizar-se por seus atos quer seja individualmente ou coletivamente. O sujeito, alvo da educação em Delors, passa a ser individualmente responsabilizado pelo sucesso da proposta da coletividade.

O sujeito deve ser formado para ser reflexivo, com autonomia e capaz de intervir intencionalmente no devir social, ser responsável tanto por seu sucesso como indivíduo quanto pelo sucesso do grupo e, pelo futuro do próprio planeta, seja em termos humanos seja ambientais. Em um trecho que trata dos valores a serem cultivados na educação para a formação de uma “ética global”, o autor deixa implícita a ideia de responsabilização individual ao apresentar a “solicitude para com o outro”.

Assim, embora as recomendações do relatório visem à formação e o crescimento pessoal, a educação cívica, as práticas cidadãs e o respeito à diversidade, observa-se a defesa de um ensino voltado para as habilidades profissionais. A esse respeito, Duarte (2001) argumenta que os intelectuais a

serviço do capital internacional tentam esconder em seus discursos os compromissos ideológicos, impedindo a todo custo que:

[...] se torne evidente a defesa da liberdade plena para o capital, existente por detrás do discurso que defende a liberdade individual e mitifica a imagem do indivíduo empreendedor e criativo. Assim, o processo de “globalização” é apresentado como um processo de desenvolvimento natural e espontâneo, devendo todos os países se adaptarem a tal processo, destruindo todas as formas de controle social do mercado. Tanto a nação como cada indivíduo devem se adaptar para acompanhar o progresso (DUARTE, 2001, p. 60).

Muitas pessoas sofrem as consequências da organização econômica, social e política de sua nação, pois a emergência acarretada pelo desenvolvimento de alguns países instiga o recrutamento de pessoas desqualificadas, para uma atividade laboral árdua. Isso acarreta o esvaziamento da população escolar que, diante da necessidade busca no mercado de trabalho os meios e condições de sobrevivência.

Delors (2006) defende que o homem do século XXI seja independente, instruído/estudado, saiba resolver problemas e gerenciar conflitos, seja solidário, consciente de seus atos junto ao próximo e à natureza, enfim, seja útil à sociedade.

Entendemos, no entanto, que a formação realizada no limite da sociabilidade capitalista, não satisfaz as reais necessidades do sujeito e tampouco o instrui para gerenciar e superar o sistema. Consideramos que, mesmo diante da crise mais desastrosa que o capital possa sofrer, a transformação do sistema não ocorre por si. Para que ela ocorra, é necessária a existência de uma prática intencional de gestores e trabalhadores.

Nos termos de Delors, a proposta de educação para o século XXI, implica o enfrentamento de desafios de curto e de longo prazo. Para reestruturar o cenário mundial de desestruturação social e de conflitos entre as nações, o homem deve ser formado em suas potencialidades biopsicossociais (DELORS, 2006). Em sua perspectiva, a formação do homem necessário ao século XXI, contempla a sua totalidade enquanto ser humano e o seu papel no

desenvolvimento das nações e atendimento às suas necessidades frente ao processo de globalização.

Para compreendermos as demandas da sociedade contemporânea é importante lembrar que o ambiente devastado pelas guerras e pela ação do homem contra os recursos naturais em busca da sobrevivência, também contribuiu significativamente para a decadência observada no cenário do século XXI.

A evolução tecnológica e o progresso do homem contribuem concretamente para que boa parte dos problemas seja resolvida em grande escala. Nessa perspectiva, Delors assim se manifesta:

A evolução da economia e da sociedade mundiais é orientada atualmente por três fortes tendências que ninguém domina, as quais parecem acelerar-se, e que nenhum sistema parece capaz de regulá-las: a demografia, a interdependência planetária dos atores públicos e privados e o progresso científico e tecnológico (DELORS, 2006, p. 13).

Para o relator, por um lado, o progresso da ciência médica contribuiu para a minimização da taxa de mortalidade infantil e para o crescimento populacional nos países mais carentes. Mas, por outro lado, é fato que o crescimento da população nos países mais carentes está condicionado à pobreza, sendo superior ao crescimento populacional dos países mais desenvolvidos.

Assim, refere-se a uma defasagem considerável no que diz respeito à quantidade de pessoas que estariam contribuindo para o desenvolvimento econômico por meio de seu trabalho, o que acarreta problemas administrativos ao país. “O crescimento demográfico em geral é mais acentuado onde os níveis de renda são mais baixos [...]” (DELORS, 2006, p.13).

Conseqüentemente, o auxílio governamental nos países mais pobres não conseguiria dar suporte à população, em razão da quantidade de pessoas que dependeriam de auxílio para sobreviver. Essa preocupação consta nas prioridades e estratégias para a educação propostas pelo Banco Mundial:

La estrategia del Banco Mundial para reducir la pobreza se concentra en la promoción del uso productivo del trabajo, que es el principal activo de los pobres, y en la prestación

de servicios sociales básicos a los necesitados. Las inversiones em educación contribuyen a la acumulación de capital humano que es esencial para lograr ingresos más altos y um crecimiento económico sostenido (BANCO MUNDIAL, 1996, p. 01).

O entendimento é de que a formação para o trabalho é uma das prioridades educacionais que pode contribuir para o desenvolvimento econômico do país e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Por isso, na proposta apresentada no relatório, ganha destaque a necessidade de investimentos na educação básica, tendo em vista o desenvolvimento biológico em consonância com o nível de ensino.

Quanto ao progresso científico e tecnológico, a principal preocupação explicitada no relatório é com seus impactos sobre a natureza: “[...] com o ritmo da produtividade atual determinado pelas tecnologias modernas, os recursos ditos não renováveis correm o risco de se esgotarem em pouco tempo, quer se trate de recursos energéticos ou de terras aráveis” (DELORS, 2006, p.15). O aumento das indústrias químicas, físicas e biológicas prejudica seriamente a natureza, contaminando o solo e poluindo o planeta.

Delors (2006) entende que é preciso assumir a globalização, desde que se respeite a diversidade. Ao afirmar isso, revela que, em sua perspectiva, as nações mais potentes podem utilizar o processo da globalização para dominar os países menos desenvolvidos. Por isso, ressalta a necessidade de uma formação humana que atenda às demandas do século XXI: perpetrando o homem como ser humano que responde às suas próprias necessidades, mas em solidariedade com seu povo.

Solidários involuntariamente, e muitas vezes mesmo inconscientemente, diante dos grandes riscos que ameaçam o planeta, os diferentes povos devem construir uma solidariedade consciente, primeiro, para enfrentar juntos esses perigos que sozinhos não são capazes de conter, mas de maneira menos defensiva e mais secular para construir juntos a evolução do mundo, tal como os progressos científicos permitem vislumbrar (DELORS, 2006, p. 18).

Em síntese, para Delors (2006), a educação sempre foi e continua sendo o pulso da sociedade, pois reflete os problemas sociais e pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida e para a pacificação dos povos.

A respeito dessa preocupação com a educação e com a formação do homem, em correlação com as demandas do século XXI, reiteramos que o relatório de Delors expressa uma concepção de que, a educação e o conhecimento, devem atender às necessidades de aumento da produtividade, de redução da pobreza, do exercício da cidadania e da inserção do país na sociedade globalizada.

Uma escola que considera o multiculturalismo e a pluriétnicidade amplia a sua função no sentido da integração de diferentes indivíduos e se põe como um espaço para o saber democrático. Ao pautar a concepção de educação como pluralista, Delors defende, por um lado, as identidades locais e, por outro, a homogeneização da cultura nacional. Além disso, defende uma “educação para a igualdade”, atribuindo importância à participação democrática e à educação cívica voltada para as práticas de cidadania.

Entretanto, em meio a um discurso contraditório, a expressão de um evidente contrassenso: na empreitada ideológica exercida pelo pensamento pós-moderno, retoma-se a abordagem da teoria do capital humano<sup>31</sup>.

A proposta contida no relatório Delors (2006) mostra que, para contrabalancear as relações econômicas e tecnológicas típicas da globalização, a educação deve resgatar o caráter humano da convivência social, fortalecer os vínculos entre as pessoas e contribuir para a humanização das relações.

Entendemos que esse é um meio de fugir do economicismo (ao menos no discurso), dando a ideia de humanidade, amizade e paz nas relações sociais, mesmo quando estas envolverem os processos econômicos e tecnológicos.

---

<sup>31</sup>Sugerida por Theodore Schultz nos anos 1950-1960, a Teoria do Capital Humano expressa que “ao investirem em si mesmas, as pessoas podem ampliar o raio de escolha posto à disposição. Esta é uma das maneiras por que os homens livres podem aumentar o seu bem-estar” (SCHULTZ, 1971, p.33).

### 3.2.4 Princípios

Na segunda parte do relatório, o autor explica o que são os quatro pilares da educação. A base de sustentação da formação humana seria formada pelos seguintes pilares educacionais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

a) Aprender a conhecer. O ato de compreender, entender, construir o conhecimento deve ser prazeroso para o indivíduo. É preciso pensar as formas inovadoras de aprender (aprender a aprender), desenvolver a curiosidade, superar, reinventar e valorizar o conhecimento constantemente (DELORS, 2006).

b) Aprender a fazer. Este princípio vai além de uma formação profissional, pois é preciso que o indivíduo esteja qualificado para atender às novas solicitações do mercado de trabalho. Nessa concepção, a comunicação, a iniciativa, a flexibilidade e a ousadia na resolução de situações de conflitos, assim como o espírito de risco, de cooperação e de coletividade são requisitos fundamentais para o desenvolvimento das capacidades solicitadas no mundo de trabalho, pois são diversas as experiências sociais que se oferecem aos jovens e adolescentes (DELORS, 2006).

c) Aprender a conviver. Considerando a vivência em um mundo com multirrisco, o autor destaca a importância da compreensão do outro, da valorização do outro, de saber viver na companhia do outro. É preciso saber viver na interdependência, administrar os conflitos que se postam no dia-a-dia, respeitar os valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz (DELORS, 2006).

d) Aprender a ser. O indivíduo deve desenvolver a personalidade, a sensibilidade, a criatividade, a ética e a estética, assim como o pensamento crítico e autônomo. A aprendizagem precisa ser integral, o que implica o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade pessoal. “Para isso, não se pode negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, capacidades físicas e aptidão para comunicar-se” (DELORS, 2006, p.102).

Para Delors, com base nas orientações referentes aos pilares do conhecimento, poderão ser promovidas grandes mudanças na educação do

homem do século XXI. O processo de ensino e aprendizagem tende a superar o modelo de absorção do conhecimento, dando origem ao desenvolvimento da capacidade crítica, investigativa, pensante, comunicativa, independente e autônoma.

Observa-se que, nos princípios elencados, não se desvincula o mercado de trabalho da educação; pelo contrário, fica evidente, mais uma vez, a importância atribuída à qualificação, competência e trabalho informal. Ao tratar dos princípios, Delors faz referência ao conceito de educação ao longo de toda a vida, com base no qual se poderia repensar melhor a relação escola e trabalho. A educação ao longo da vida seria “[...] a chave para a conquista do bem comum, pois se faz necessário que todos pensem e construam o destino comum” (DELORS, 2006, p. 15).

O conceito de educação ao longo da vida embasaria uma proposta de formação voltada para o desenvolvimento de competências<sup>32</sup>, já que implica o acompanhamento das rápidas transformações e exigências do mundo contemporâneo. O próprio Delors enfatiza:

[...] o progresso científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos, na formação inicial, tornem-se, rapidamente, obsoletos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente. Esta dá resposta, em larga medida, a uma exigência de ordem econômica e faz com que a empresa se dote das competências necessárias para manter o nível de emprego e reforçar sua competitividade (DELORS, 2006, p. 104).

Considerando que, nessa suposição, a educação estaria a serviço do capital, entendemos que o termo competências refere-se à preparação da força de trabalho e ao fato de que, cada vez mais, os trabalhadores têm perdido seus postos de trabalho, ajustando-se à informalidade. Por esse motivo, têm recorrido a programas assistencialistas.

---

<sup>32</sup> O termo competências ganhou força na década de 1990, especificamente nas reformas educacionais voltadas para o atendimento às demandas do processo de reestruturação produtiva do capital (Melo e Turmena, 2011. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4421\\_2388.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4421_2388.pdf)).

Assim, o uso do termo competências implica na necessidade de o capital diminuir a força viva do processo de produção, aumentar a produtividade e diminuir os custos, recebendo visibilidade no âmbito dos indicadores elevados de desemprego no país. Portanto, em conformidade com essa abordagem, o conceito de competências implica a integração entre formação e trabalho e a valorização das aptidões pessoais, ou seja, os “saberes fazer” gerais.

Como tentativa de sair da crise, o capital tem buscado diferentes mecanismos para perpetuar o sistema vigente. Por isso, o relatório faz uso de vários complexos sociais, com o intuito de propagar ideias e valores da classe dominante. Acreditamos que a educação não pode ficar ausente dessa reestruturação, pois compreende a organização, o contexto e o desenvolvimento social.

Em uma sociedade gerida pelo capital, a lógica da educação é a lógica do mercado. Nessa ótica, o indivíduo deve ser preparado para a flexibilização das relações de trabalho, adaptando-se a tudo o que lhe é conferido, além da garantia de um emprego para si mesmo. Nessa conjectura de sociabilidade, a educação, como mediadora da consciência dos homens, visando à sua reprodução, torna-se um elemento indispensável no processo de reprodução das relações sociais alienadas.

No que se refere aos problemas cuja resolução se impõe à educação, parece que a maior dificuldade posta à humanidade decorre do sistema de organização social, sustentado no trabalho oprimido e na propriedade privada. Desse modo, no momento atual, o papel primordial da educação é transmitir os conhecimentos indispensáveis ao processo produtivo e à associação das subjetividades (DELORS, 2006). Ou seja, a condição para que as pessoas e grupos sejam formados em uma dimensão de totalidade é a superação do capital.

### 3.2.5 Orientações

Uma das orientações do relatório é de que a universidade ocupe o centro do sistema educacional, mesmo que, “[...] à semelhança do que ocorre em numerosos países, existam outros estabelecimentos de ensino superior” (DELORS, 2006, p. 34).

Nesse contexto, a universidade deve desempenhar quatro funções essenciais, a saber:

1. preparação para a pesquisa e para o ensino; 2. oferta de uma formação, em diferentes áreas, bastante especializada e adaptada às necessidades da vida econômica e social; 3. abertura a todos para responder aos múltiplos aspectos do que se designa por educação permanente, em sentido lato; 4. cooperação internacional. Ela deve dispor, também, da possibilidade de se exprimir com toda a independência e responsabilidade acerca de problemas éticos e sociais – como uma espécie de poder intelectual, indispensável para ajudar a sociedade a refletir, compreender e agir (DELORS, 2006, p. 35).

Nos termos do relatório, a questão da diversidade deve ser contemplada na educação secundária, cabendo às universidades ofertar respostas apropriadas para enfrentar os desafios da massificação (DELORS, 2006). Com base na alternância estudo/trabalho, as universidades devem atuar na luta eficaz contra o fracasso escolar. O desenvolvimento da educação ao longo da vida implica novas formas de obtenção de certificações que considerem o conjunto das competências adquiridas.

Sobre a busca de novas perspectivas para os professores, afirma-se que, embora a situação psicológica e material dos educadores seja muito diversa, é imperativo que estes sejam valorizados para que a educação ao longo da vida possa desempenhar a função central atribuída pela Comissão em relação ao progresso das sociedades e do fortalecimento da compreensão mútua entre as nações. O professor deve ser reconhecido como tal pela sociedade, dispondo da autoridade necessária e de instrumentos adequados para exercer sua função (DELORS, 2006).

Ao conceito de educação ao longo da vida proposto no relatório, está relacionado o de sociedade educativa. Nesta, são oferecidas múltiplas oportunidades de aprender, tanto na escola quanto na vida econômica, social e cultural. Daí a necessidade de multiplicar as negociações e as parcerias com as famílias, o meio econômico, o mundo associativo, os atores da vida cultural.

Os professores são afetados, também, por esse imperativo de atualização dos conhecimentos e das competências.

Sua vida profissional deve ser organizada de tal modo que estejam em condições, até mesmo, sejam obrigados a aprimorar sua arte e a se beneficiar de experiências vividas em diversas esferas da vida econômica, social e cultural. Em geral, tais possibilidades estão previstas nas múltiplas formas de licença para formação ou de ano sabático; essas fórmulas, devidamente adaptadas, devem ser ampliadas a todos os professores (DELORS, 2006, p. 35).

O desenvolvimento de capacidades de comunicação, de raciocínio lógico-formal, de criatividade, de articulação de conhecimentos múltiplos e diferenciados é a forma de capacitar o professor para enfrentar os desafios da reestruturação produtiva. Assim, o relatório orienta os professores a avançarem em seus conhecimentos e competências. A velocidade das mudanças impõe a necessidade de atualizações.

No item “Educação Básica à Universidade”, Delors (2006) expõe a necessidade de valorização das capacidades de aprender a aprender (autoeducação?), de adquirir informações e conhecimentos (sabedoria?), de interpretar e resolver os desafios (função prática da educação) de uma sociedade em permanente mudança, a “sociedade do conhecimento”. Isso, em detrimento da valorização de conteúdos e de conhecimentos básicos correspondentes a uma determinada concepção de formação geral.

Mesmo que a função do professor corresponda a uma atividade solitária, no sentido de que cada professor deve assumir suas próprias responsabilidades e deveres profissionais, no relatório, as atividades coletivas são consideradas indispensáveis para a melhoria da qualidade da educação (DELORS, 2006).

A comissão reitera a importância de intercâmbios de professores e de parcerias entre instituições de países diferentes. Tais iniciativas, que promoveriam maior abertura para outras culturas, civilizações e experiências, agregariam valor à qualidade da educação.

Preconiza, também, associação dos diferentes atores sociais às tomadas de decisão em matéria de educação, pois entende que a descentralização administrativa e a autonomia das instituições de ensino contribuem consideravelmente para o processo de desenvolvimento e de generalização da inovação. Reafirma, que o papel do político é apresentar as opções com clareza, garantindo o uso das regulamentações gerais com as adaptações

indispensáveis. “De fato, a educação constitui um bem coletivo que não pode ser regulado pelo simples jogo do mercado” (DELORS, 2006, p. 36).

Além disso, alerta para o fato de que as orientações propostas têm como objetivo ser objeto de diálogo, até mesmo de contratos, com as organizações de professores, evitando o caráter puramente corporativista de tais negociações. Destaca que as organizações sindicais têm como finalidade defender os interesses morais e materiais de seus associados. Em face de suas experiências acumuladas ao longo do tempo, as organizações sindicais transmitiriam esse acervo aos responsáveis pelas decisões políticas.

Ao abordar as escolhas na área da educação e o papel do político nessas escolhas, a comissão propõe que isso seja antecedido de um amplo debate público, baseado em avaliação rigorosa dos sistemas educacionais. Embora considere que a educação não pode ser regulada pelo simples jogo do mercado, a comissão não subestima a importância das condicionantes financeiras, preconizando a implantação de parcerias entre os setores público e privado.

Na perspectiva enunciada, o financiamento da educação básica deve ser prioridade nos países em desenvolvimento, mas as opções adotadas não devem desestabilizar a coerência do sistema no seu conjunto, nem prejudicar os outros níveis de ensino. As estruturas de financiamento devem ser reexaminadas à luz do princípio de que a educação deve se desenvolver ao longo da vida dos indivíduos. Nesse sentido, julga que a proposta de um crédito tempo para a educação formulada, sumariamente, no relatório, merece ser debatida e aprofundada.

A Comissão afirma que tais tecnologias tornam possível a diversificação e o aprimoramento do ensino a distância, inclusive no âmbito da educação de adultos e na formação contínua de professores. Assegura, que elas contribuem para o fortalecimento da infraestrutura e da capacidade dos países em desenvolvimento, assim como para a divulgação das tecnologias por toda a sociedade.

Quanto à necessidade de cooperação internacional, afirma que esta deve ser repensada radicalmente. Tal orientação é válida também para a área da educação, pois implica uma questão que envolve não só os responsáveis pelas políticas educativas e os professores, bem como para os atores da vida coletiva. No plano da cooperação internacional, é preciso promover uma política de forte

incentivo à educação das mulheres, em conformidade com o espírito da Conferência de Beijing (1995)<sup>33</sup>.

O documento orienta a transformar a política de assistência, direcionando-a para uma perspectiva de parceria. A cooperação e o intercâmbio entre grupos regionais, com a alocação de financiamentos correspondentes a 25% da ajuda destinada ao desenvolvimento, e o incentivo à conversão de dívidas seriam uma forma compensar os efeitos negativos sobre as despesas com a educação, as políticas de ajustes e redução de *déficits* interno e externo. O fortalecimento dos sistemas educacionais nacionais e o encorajamento de alianças e cooperação entre os ministérios em nível regional e entre países que enfrentam problemas semelhantes são sugeridos no relatório.

Encontramos orientações no sentido da dimensão internacional do ensino ministrado (programas de estudo, recurso às tecnologias da informação, cooperação internacional) e do incremento de novas parcerias entre as instituições internacionais que se dedicam à educação. Propõe-se como exemplo, um projeto internacional com o objetivo de divulgar e implementar o conceito de educação ao longo da vida, conforme o modelo de iniciativa interinstitucional, que culminou na Conferência de Jomtien.

É importante salientar que, embora a educação não possa ser vista como a única estratégia salvadora, segundo Wherthein e Cunha (2005, p. 20) consiste “[...] no alicerce a para compreensão dos complexos fenômenos mundiais que estão em curso, para além de uma visão simplificadora ou deformada transmitida, muitas vezes, pelos meios de comunicação social”.

Enfim, considera-se que o avanço da ciência e da tecnologia deve ser colocado a serviço da humanidade, da construção de uma civilização mais solidária e da preservação do planeta, ou seja, de um mundo em que todos estejam felizes.

---

33 A IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz foi um encontro organizado pelas [Nações Unidas](#) entre [4 de setembro](#) e [15 de setembro](#) de [1995](#) em [Pequim, China](#). Participaram do evento 189 governos e mais de 5.000 representantes de 2.100 [ONGs](#). Os principais temas tratados foram o avanço e o [empoderamento](#) da mulher em relação aos [direitos humanos](#) das mulheres; mulher e pobreza; mulher e tomada de decisões; criança do sexo feminino e violência contra a mulher.

No próximo capítulo, avaliamos as similaridades e as divergências entre as propostas contidas no Relatório Delors para a Unesco e a educação pensada por Sêneca conforme sua concepção de homem ideal. O objetivo é fazer um cotejamento entre os ideais ou conceitos de formação de Sêneca e os princípios educacionais ou orientações de Delors. Podemos, assim, analisar suas aproximações e refletir sobre o que se manteve, independentemente do tempo, como elementos fundamentais para a formação do homem do século XXI.

#### **4. IDEAIS DE FORMAÇÃO DO HOMEM: PRINCÍPIOS EDUCATIVOS EM SÊNECA E EM DELORS**

A formação humana sempre foi uma preocupação em diferentes contextos históricos. Nossa finalidade neste capítulo é discutir as semelhanças entre pensamento educacional apresentadas nas cartas que Sêneca escreveu ao amigo Lucílio e o apresentado no Relatório Delors.

Nesse sentido, por meio do método comparativo, apresentamos uma análise das possíveis aproximações dos princípios educativos expressos nas cartas senequianas e no Relatório Delors.

Nesse sentido, elencamos algumas categorias de análise tais como: o homem como sujeito do processo formativo, o homem ideal, igualdade e diversidade, educação e conhecimento, educação ao longo da vida, cidadania e papel social e o papel da filosofia na formação humana. Com base nas discussões dessas categorias elaboramos um quadro demonstrativo (Quadro 2) presentes nos textos de Sêneca e Delors.

Para tal, a análise é realizada simultaneamente, proporcionando a compreensão sobre as reflexões da formação educativa senequiana, contrapostas com as orientações educativas pensadas por Delors. A complexidade desse exercício requisitou, desse capítulo, um maior número de páginas em relação aos demais.

##### **4.1 O HOMEM: SUJEITO DO PROCESSO FORMATIVO**

Sêneca entende o homem como um ser corpóreo e espiritual, cujo corpo seria uma espécie de prisão para a alma. Ele considera que “[...] o corpo se forma a partir da união sexual do homem e da mulher” (ULLMAN, 1996, p. 19), mas é contundente ao afirmar que a alma é individual e de origem divina, pois, “todo o homem descende dos deuses” (Cartas 44, 2). Assim, define a alma como sinônimo da razão, considerando-a como uma parte do espírito divino contida no homem (CORDEIRO, 2002).

Formado por corpo e alma, o homem é definido como pessoa, implicando na ideia de que os homens seriam iguais, independentemente da idade e da

procedência social: “[...] sejam nobres romanos, libertos ou escravos, desde que sejam homens de bem e virtuosos” (ULLMAN, 1996, p. 20)

Conforme já mencionado, o pensador romano fundamentou seu pensamento no estoicismo, porém concebeu uma filosofia mais adequada ao homem romano, considerando as dificuldades e as necessidades de sua sociedade. O que seria o homem para o autor? Qual sua realidade? Como ele poderia alcançar a felicidade?

O homem senequiano é um animal possuidor da razão, embora seja frágil e sujeito aos perigos e ataques do mundo ao longo de sua vida (PEREIRA MELO, 2015). Dotado de corpo e alma, ele pode ser equiparado aos deuses, pois sua alma,

[...] tem capacidade bastante para se elevar até a divindade desde que os vícios a não deitem por terra. Tal como a estrutura do nosso corpo está organizada para se erguer em direção ao céu, também a nossa alma – que tem a capacidade para abarcar tudo quanto queira! – Foi formada pela natureza com a finalidade de conformar os seus propósitos aos dos deuses. E se porventura usar plenamente as suas forças e se expandir pelo seu espaço próprio, atingirá a plenitude seguindo uma via que lhe não é estranha (Cartas 92,30).

Ao considerar o homem como superior aos demais seres do mundo, Sêneca ressalta a divindade da alma, atribuindo-lhe a verdadeira essência da humanidade: “[...] a contemplação de uma alma livre de toda a mácula e resplandecente, todavia, é um prazer de natureza bem superior” (Cartas 4, 1).

A alma seria a essência da perfeição humana, estando sujeita aos cuidados do corpo, que deve ser bem cuidado, já que é ele quem abriga a alma. “Com essa combinação entre alma, superior, e o corpo, inferior, prevista no projeto da natureza, é natural que a primeira, por sua superioridade, coloque o corpo a sua disposição” (PEREIRA MELO, 2015, p. 73).

Sêneca entende que a alma é eterna e dá nobreza ao homem, independentemente da condição social. Ela confere a cada coisa o seu valor respectivo, concedendo tranquilidade ao espírito humano (Cartas 55, 8). O autor explica que a alma deve predominar na formação do homem, pois, ao passo que

os corpos estão sujeitos a se desvirtuar por causa dos vícios<sup>34</sup> e das paixões<sup>35</sup>, a alma pode se elevar por sua pureza. No entanto, a alma pode adoecer se o homem não souber controlar seus impulsos (CORDEIRO, 2002). Daí a importância do supremo bem (moral):

O bem move-nos a alma, de certa maneira dá à alma forma e limites, acções que são específicas dos corpos. Os bens do corpo são corpos; logo também os bens da alma o são uma vez que a alma é um corpo. O bem próprio do homem é necessariamente um corpo, uma vez que o próprio homem é um ser corpóreo. Mentir-te-ia se dissesse que não são corpos os alimentos que o homem ingere, ou as mezinhas que toma para proteger e recuperar a saúde; logo, o bem próprio do homem é um corpo. Acho que tu não hesitarás em reconhecer como corpos as paixões [...] E se as paixões são corpos, igualmente o são as doenças da alma, tais como a avareza, a crueldade, os vícios empedernidos e já absolutamente insanáveis; portanto, são corpos da maldade, em todas as suas variedades – malevolência, inveja, soberba, portanto são corpos os bens, primeiro porque são os opostos dos vícios que assinalei, segundo porque se manifestam por sinais do mesmo tipo (Cartas 106, 4-7).

Ao mesmo tempo em que considera que a alma seria fundamental na elevação do homem à perfeição, ele se preocupa com aqueles que se sujeitam ao corpo e se deixam tomar pelos vícios. É importante lembrar que a sua concepção de homem é decorrente de observações da realidade do homem romano, que ele entendia ser resultado de “uma sociedade doente e carente de valores” (Cartas XXVIII).

Ao considerar que a sociedade romana era diversificada, constituída por senadores, cavaleiros, oficiais desocupados, soldados, escravos e libertos sem posses, o autor entendia que os vícios e as paixões conduziam as ações dos romanos, escravizando-os (PEREIRA MELO, 2015).

---

<sup>34</sup> Vício é tudo o que é contrário às virtudes, ou seja, tudo o que não for de acordo com a razão (SENECA, 2007, XXXVI).

<sup>35</sup> A paixão é um movimento irracional da alma que se manifesta contrária à natureza. É um abalo oposto à recta razão e afasta o homem do seu equilíbrio natural (BRUN, 1986, p.80). “As paixões são impulsos condenáveis, súbitos e intensos, da alma, os quais, caso se tornem frequentes e não forem refreados, podem degenerar em doenças da alma [...]”. (Cartas 75, 12).

Por escravidão, o autor entende a sujeição do homem aos vícios e paixões; e, em sua concepção, corresponderia à causa do sofrimento humano. Tal concepção abrange desde a fragilidade até o fortalecimento que o homem pode alcançar por meio do conhecimento. A fragilidade do homem faz parte do que ele conceitua como homem escravizado, enfermo, atormentado e vencido. Para ele, os homens que se submetem ao domínio do corpo distanciam-se da felicidade, pois deixam de viver conforme a natureza. Sêneca formula algumas categorias, com base nas quais classifica o homem como: homem de bem; homem sagrado; homem ideal e homem feliz (PEREIRA MELO, 2015).

Na contemporaneidade, Delors se refere aos preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Unesco em dezembro de 1948, ou seja, após a Segunda Guerra Mundial. Nessa declaração, consolidou-se a ideia da democratização dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade. Tem-se no Artigo 1º, que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948).

Dessa forma, o relator entende o homem como um cidadão do mundo, capaz de participar e se apropriar dos diferentes saberes e, ao mesmo tempo, utilizá-lo para seu benefício. Homem dotado de habilidades, capacidade de adaptação e modernização de mentalidades (DELORS, 2006). Para Delors, o homem é produto de sua cultura, porém apresenta vocação para escolher o seu destino e realizar todas as suas potencialidades, mantendo a riqueza das suas tradições e da sua própria cultura, portanto é um ser universal (DELORS, 2006, p.14).

Sêneca se refere a universalidade do homem, entendendo que todos são iguais, ou seja, irmãos, por terem uma alma divina (ULLMANN, 1999). Assim, a alma nos faz iguais, mesmo que pesem as diferenças sociais, de raça, entre outros.

É importante destacar que Sêneca é um autor clássico, por isso, sua proposta é discutir filosoficamente as questões que justificam a sua concepção de homem. Assim, diferentemente do que aparece nos textos senequianos, o relatório Delors, conceitua o homem de forma abrangente, destacando a consideração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como forma de

caracterizar a importância da igualdade entre as pessoas. Deste modo, observamos no relatório, a mesma consideração do filósofo a respeito de que “todos os homens são dotados de razão” (DELORS, 2006, p. 121). Ou seja, a razão, é evidenciada como resultado da natureza humana independentemente do tempo histórico.

O conceito de homem pensado para o Século XXI difere dos preceitos senequianos. Por um lado, Sêneca considera a necessidade da produção do homem para a sobrevivência, porém a essencialidade está contida em sua alma, sendo esta a razão para a qual ele deve viver. Por outro lado, para Delors, o homem é dotado da razão, devendo desenvolver capacidades que contribuam para sua existência/sobrevivência no mundo que considera de “multiriscos”. A razão do homem pensado pelo relator está contida na sua responsabilidade, habilidade e presteza no desempenho de suas atividades laborais.

#### 4.1.1 A concepção de homem em Sêneca e em Delors: Uma reflexão necessária

Sêneca entendia o homem como projeto da natureza, que nasceu para desfrutar a felicidade, mas com a tendência a desviar-se dessa rota, devido aos vícios e paixões (PEREIRA MELO, 2015). Dessa forma, ele considerava a imperfeição do homem e o classificava em várias categorias: escravizado; enfermo; vencido; atormentado; sagrado; cidadão do mundo; viril; vitorioso e feliz (PEREIRA MELO, 2015).

Para o filósofo, a racionalidade humana seria o caminho para o homem encontrar a felicidade. Portanto, era preciso buscar o caminho da perfeição, por meio de práticas e atitudes determinadas, “[...] o que por sua vez, não é possível sem a aprendizagem promovida pela reflexão e sem a investigação oportunizada pela meditação” (PEREIRA MELO, 2015, p. 93).

Sêneca acreditava que o homem estava submetido às inquietações da sociedade, sendo entendido como um ser escravizado, enfermo e atormentado pela sua materialidade. “Essa materialidade era frágil, com aspecto de indigência, é dotada de algo superior, de alma, a qual é responsável pela racionalidade humana” (PEREIRA MELO, 2015, p.71). Assim, a alma, poderia levar o homem à perfeição, e a sua razão humana garantiria a sua conexão com a divindade.

As correspondências de Sêneca apresentam reflexões sobre as problemáticas do cotidiano do homem romano do século I, marcado por ódios, violência, tirania e punições, instaurando-se em consequência, um regime de terror, com ocorrências contínuas de denúncias, acusações, processos, prisões e execuções (CARDOSO, 2005). O filósofo evidenciou em seus escritos que o homem romano do seu tempo vivia amedrontado no ambiente inseguro e arbitrário criado pelo Império em decadência.

Na contemporaneidade, os problemas educacionais enfrentados pelas diversas nações após a Segunda Guerra Mundial, demandaram a necessidade de uma formação necessária para atender o desenvolvimento econômico e, sobretudo, em decorrências aos ecos da guerra, a harmonia social e a pacificação da humanidade. É nesse contexto que a Unesco solicita o levantamento dos problemas e particularidades enfrentados pelas nações, em busca de amenizar a situação dos mesmos, por meio da educação.

Desse modo, a sociedade para a qual Delors direciona suas orientações, se depara com o final de um século marcado pela agitação, violência, desigualdade nos progressos econômicos e científicos, assinalado pela pobreza, exclusão social, desemprego, discriminação e ausência de valores que preservem a diversidade e o ambiente natural.

Isso tudo requer conhecimentos para atender às necessidades do novo século, haja vista que as descobertas e o progresso científico distanciam os países no que se refere ao desenvolvimento econômico. Isso faz pensar na necessidade de apropriações de conhecimentos para atendimento às demandas do século XXI, e que contribuam com o desenvolvimento econômico das nações e disseminando os saberes para além das fronteiras. (DELORS, 2006).

Em Delors é possível avaliar uma concepção de homem entendido como um ser global, total e dinâmico, capaz de superar a si mesmo, por meio do desenvolvimento de seus talentos e potencialidades criativas. Isso “implica, por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal” (DELORS, 2006, p.16).

Observamos, assim, uma concepção de homem caracterizado implicitamente como um ser trabalhador, responsável, competente, crítico, criativo, qualificado, responsável e pacífico. Por isso, apresenta os quatro pilares da educação como caminho para a formação totalizada do homem do século

XXI. Delors (2006) afirma que a base formativa necessária ao homem do século XXI deve conter quatro pilares educacionais, que seriam os princípios norteadores da estabilidade do sistema educativo<sup>36</sup>.

Em uma concepção de sociedade e de educação, em que se prioriza a disseminação das ideias dominantes (e as ideias dominantes são as ideias da classe dominante), termos como empregabilidade e pedagogia de competências são construções ideológicas utilizadas para manipular as consciências, para inculcar no homem a ideia de que é preciso lutar muito para garantir um lugar ao sol (para si e para os seus).

Essa concepção de formação do homem, como bem afirma Silva, Czernisz e Perrude (2012, p. 07), está integrada a uma “[...] ordem do capital, como um processo educativo submetido às regras do mercado cujo resultado é uma formação adaptada ao contexto sem contestações à ordem posta”.

Nesse caso, como a educação contribui para a formação de homens cada vez mais competitivos, estes, acreditando que o objetivo da educação é a conquista de habilidades que os destaquem no campo profissional, passam a valorizar cada vez menos a coletividade, atuando para angariar o sucesso individual. De nossa perspectiva, a competitividade desenfreada desumaniza as relações entre os homens, fortalecendo as relações de poder tão presentes na sociedade contemporânea.

Embora a proposta contida no relatório destaque a formação cidadã, inclusiva e reflexiva, possibilitando ao homem atuar em tempos de mudança, nos quais a cidadania e a democracia são indispensáveis, contraditoriamente, incentiva um currículo mínimo, prático, utilitarista.

Acreditamos que o homem é capaz de se desenvolver em diversas áreas do conhecimento, como a tecnologia e as áreas ligadas à arte e cultura. Contudo, observamos que o sistema de ensino proposto no relatório mostra-se voltado para o individualismo e a competitividade, ou seja, instrui-se o homem a formar as competências e habilidades necessárias para atender ao capital.

Uma educação de qualidade precisa privilegiar a emancipação e a autonomia do sujeito, e não privilegiar os que já têm privilégios, perpetuando a

---

<sup>36</sup> Algumas categorias aqui discutidas não estão explícitas no Relatório, pois o relator trata cada conceito de forma abrangente e generalizada, especificando que a formação do ser humano deve atender às necessidades do século XXI.

desigualdade e naturalizando a pobreza e a exploração de um grupo sobre o outro.

Diante do exposto, podemos entender que as categorias de homem destacadas em Sêneca e Delors são distintas, porém pensadas a partir da compreensão de cada autor, perante a realidade vivenciada por eles. Dessa forma, no próximo item, discutiremos as categorias senequianas que mais se aproximam de Delors (escravizado, atormentado, vencido, de bem, sábio e sagrado), dado que o objetivo é investigar as aproximações ou diferenças entre o pensamento da Antiguidade em Sêneca e a proposta de formação do homem do Século XXI, em Delors.

Logo, discutimos paralelamente as considerações dos respectivos autores, de acordo com a compreensão apresentada por cada um sobre os conceitos a seguir.

#### 4.1.2 O homem em suas categorias: escravizado; atormentado; vencido; de bem; sábio/ideal e sagrado

Sêneca vivia em meio a nobres e escravos e, apesar de conviver com homens de condições sociais distintas e se beneficiar dos serviços prestados pelos escravos, não os considerava “escravos” pelas condições sociais de servidão e de submissão. A escravidão, para ele, era a da alma, como fica claro na Carta 47, escrita a Lucílio:

Pensa bem como esse homem que chamas de escravo nasceu da mesma semente que tu, goza do mesmo céu, respira, vive e morre tal como tu. Tanto direito tens tu a olhá-lo como homem livre como ele a olhar-te como escravo (Cartas 47, 10).

O escravo deveria ter os mesmos benefícios que o homem livre: ser amigo, prestativo ao seu semelhante e viver de acordo com a razão. “Segundo Sêneca, o homem só pode ser escravo fisicamente, não, porém, no espírito, por ser este de todo em todo livre” (ULLMANN, 1996, p. 28).

De tal modo, uma decorrência da ideia de que o homem estava escravizado não pelo serviço prestado ou por sua condição servil, mas por seu comportamento diante da vida era a de que, caso a alma do escravo fosse livre,

este poderia ser mais livre do que o homem livre. Ou seja, a escravidão era inerente ao homem que se deixasse tomar pelos vícios e pelas paixões.

Admito que é inata em nós a estima pelo próprio corpo, admito que temos o dever de cuidar dele. Não nego que devemos dar-lhe atenção, mas nego que devemos ser seus escravos. Será escravo de muitos quem for escravo do próprio corpo, quem temer por ele em demasia, quem tudo fizer, quem tudo fizer em função dele (Cartas 14,1).

De sua perspectiva, o homem não pode viver em função do próprio corpo e dos sentidos; no entanto, deve ter consciência de que não pode viver sem ele, não pode negligenciá-lo. O corpo é o abrigo da alma e deve ser cuidado para que esteja em boas condições de abrigá-la.

Ora é antinatural torturar o próprio corpo, repelir os cuidados elementares de higiene, procurar a sujeira e tomar alimentos não apenas humildes, mas repugnantes, repelentes. Assim, como é luxo e gula só desejar iguarias sofisticadas, assim também é loucura evitar as habituais que se conseguem sem grande dispêndio (Cartas 5,5).

Para o proveito do corpo, o homem precisava de bens exteriores, devendo cuidar dele para o benefício da alma (Cartas 92, 1). No entanto, se esse cuidado fosse excessivo, o homem seria levado ao vício da vaidade; da mesma forma, a alimentação excessiva, a falta de higiene e a falta de cuidados poderiam levá-lo ao adoecimento (PEREIRA MELO, 2015).

A alma é que tornava ricos os homens, pois era sagrada e os colocava na condição de livres. Conforme o autor, a alma podia oscilar, ora cumprindo o papel de rainha, ora cumprindo o de tirana, ora ainda se tornando escrava: seriam as ações e as escolhas do homem que a levariam a esse desequilíbrio (PEREIRA MELO, 2015).

A única possibilidade de resguardar o homem da exposição aos vícios e paixões seria seu afastamento da multidão: livre do seu raio de influências, o homem poderia “agir e julgar com base na razão, não se restringindo unicamente ao nível de crenças coletivas em voga ou as influências de uma racionalidade coletiva emocionalmente instável” (PEREIRA MELO, 2015, p.77). Por isso,

Sêneca se referia à importância do desenvolvimento das virtudes, já que “todas as virtudes são bens, assim como aquilo que delas resulta” (Cartas 106, 8).

A reflexão senequiana sobre a categoria de homem escravizado é muito distinta da que Delors (2006) deixa implícita nas entrelinhas do relatório, no tocante à importância de atender às demandas do mercado de trabalho, afirmando que “[...] o mundo conheceu, durante o último meio século, um desenvolvimento econômico sem precedentes” (DELORS, 2006, p. 69).

O homem escravizado em Delors pode ser entendido como aquele que não apresenta o conhecimento necessário, requerido pelo mercado de trabalho, ficando à mercê da sociedade.

Nota-se que que as sociedades industriais, alicerçadas no valor integrador do trabalho, este problema constitui já uma fonte de desigualdade: uns têm trabalho, outros são dele excluídos e ficam dependentes da assistência, ou são abandonados à própria sorte (DELORS, 2006, p. 80)

O autor enfatiza que o ser humano deve ser capaz de dominar e organizar o meio ambiente em função de suas necessidades. Como tais necessidades se apresentam como requisitos do capitalismo, o homem se vê cada vez mais envolvido no trabalho em prol de seu próprio sustento, tornando-se um escravo do sistema vigente.

Ressalvamos que Sêneca se refere às necessidades do homem, em sua forma individual e coletiva, já que entende que as ações individuais se refletem no coletivo da sociedade.

Apesar de Delors (2006) expor a importância de o homem lutar pela igualdade social, o seu discurso pela busca de oportunidades, faz pensar na ideia de qualificação e de sobrevivência, pois a crise econômica leva à competitividade e, conseqüentemente, à anuência quanto ao sistema social.

O emprego vive uma profunda crise na maioria dos países, por influência da globalização, da automatização e de uma ideologia da “racionalização”. O trabalho passa de maldição a privilégio. Se possivelmente superamos uma situação que opunha os possuidores e os trabalhadores, esta foi substituída por uma fratura, não menos perigosa e mais global, entre os que participam da sociedade descrita pelas mídias e os que são excluídos dela. Os excluídos são

a maioria no mundo e continuam aumentando (DELORS, 2005, p.184).

Essa compreensão do autor nos leva a pensar na noção de “homem escravizado” e nas necessidades de formação do homem para o século XXI. Escravizado pelo desejo de melhores condições de vida, ele precisa se submeter a uma carga horária de trabalho demasiada, sendo escravizado pela necessidade contínua de atender à ordem social vigente, mas sem uma formação educacional adequada para confrontar os desmandos dessa sociedade que o escraviza.

No caso do pensamento senequiano, o homem romano deveria buscar melhores condições de vida, mas o caminho aconselhado pelo autor era o da liberdade da alma, possível pelo desenvolvimento das virtudes. Os vícios e as paixões é que escravizavam o homem e o faziam adoecer: “[...] uma alma dominada por vícios e por paixões é marcada pela enfermidade, que se manifesta em sintomas patológicos” (PEREIRA MELO, 2015, p. 77).

Além do homem escravizado, Sêneca analisa a condição do “homem vencido”. Essa condição seria o resultado da escravização e da enfermidade do homem, pois este se tornaria indiferente às adversidades que acometem sua vida<sup>37</sup>.

De acordo com Pereira Melo (2015), essa categoria de homem seria preocupante, tendo em vista a fraqueza do homem em lutar contra si mesmo no combate aos vícios e às paixões, o que contribuiria para o adoecendo de sua alma.

À medida que o homem adquire maus hábitos, este se torna fraco para aceitar a razão como guia (Cartas 112, 1- 4). Ele até poderia demonstrar boa vontade em abandonar os vícios, porém, na batalha consigo mesmo, na luta contra os vícios e as paixões, se renderia ao fracasso, tornando-se novamente derrotado e submisso. O homem vencido “[...] não se sente motivado para empreender uma ofensiva efetiva contra sua situação e desconsidera a

---

<sup>37</sup> Para os estoicos, da perspectiva dos princípios morais, as coisas estão divididas em três categorias: boas, más e indiferentes. As coisas “boas” são as que estão em consonância com a ordem moral; de maneira inversa, as “más” não estariam enquadradas na categoria de “boas”; portanto, as coisas que não estivessem classificadas como “boas” ou “más” seriam as “indiferentes” (BRUN, 1986).

indigência de vida a que é arrastado pelas paixões e pelos vícios” (PEREIRA MELO, 2015, p. 81).

Quanto ao homem vencido, nas entrelinhas do Relatório, corresponde àquele que não atende às demandas da sociedade em relação ao trabalho, ficando à margem do sistema. Além de vencido, o homem se torna um peso social. É possível, portanto, compreendê-lo como um ser derrotado, sem capacidade para tirar proveitos das oportunidades ofertadas pela sociedade por meio da educação, ou seja, aquele sujeito incapaz de se beneficiar das áreas de formação propostas. O objetivo da formação humana seria dotar o sujeito de capacidades necessárias para atuar em um novo modelo de produção, que corresponda às novas expectativas sociais de formação. Assim, a ideia, consiste em formar homens com as qualidades necessárias para as demandas do Século XXI.

Outra condição do homem senequiano está implícita em seu conceito de “homem atormentado”. De acordo com Sêneca, essa concepção se justifica na angústia e medo da morte que o homem apresenta, pois, ao temer a morte, ele deixa de viver sua vida com plenitude. A morte, para o homem, é entendida como ruim porque é desconhecida e tira dele os seus bens, subtraindo tudo aquilo que o mundo oferta (Cartas 82, 15).

É relevante destacar que o filósofo encara a morte com total serenidade, pois, para ele, seria apenas a realização de um balanço do que vale a vida. Dessa maneira, ele aborda esse tema com a tranquilidade de um estoico, não se deixando apavorar pelos receios que a morte inspira. Assim o que é visto como trágico e fatal ganha dimensão e apologia nas palavras do autor.

A incerteza e o medo da morte abrem caminhos para que o homem viva na expectativa do que há de vir. Por conseguinte, ele deixa de viver o presente pelo receio da perda.

Quem sofre antes de tempo sofre mais que o devido; uma mesma incapacidade leva-o a não prever a presença da dor onde não a espera; uma mesma imoderação fá-lo imaginar permanente a sua felicidade, imaginar que os bens que o acaso lhe deu não só hão de perdurar como também de multiplicar-se; esquecido do trampolim que é a vida humana, convence-se de que no seu caso, por exceção, o acaso deixará de se fazer sentir (Cartas 98, 8).

Diante desse contexto, o filósofo enfatiza que a vida não é mais do que a preparação para a morte, pois o homem teme morrer um dia, porém “[...] cada momento é a morte do estado imediatamente anterior” (Cartas 58, 23).

Sêneca orienta que o caminho para a libertação dos tormentos que tomam a vida do homem estaria na renúncia do seu modo de vida. Apesar de ser difícil tomar essa atitude, é preciso que o homem compreenda a necessidade da libertação. Para tanto, precisa buscar na reflexão filosófica o princípio de sua mudança (Cartas 17, 5).

No texto de Delors, o homem atormentado é aquele incapaz de atender às demandas formativas, porquanto:

Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança (DELORS, 2006, p. 90).

Com essa concepção, o autor evidencia a importância do desenvolvimento das capacidades humanas de cada indivíduo. Embora, de alguma forma, estas sejam diferenciadas em termos individuais, constituem os pilares dos conhecimentos que garantirão sua permanência no mercado de trabalho.

Nas cartas de Sêneca, todas as categorias que afastam o homem da felicidade (a escravidão, a enfermidade, o tormento e a derrota) só poderiam ser superadas quando ele compreendesse e vivesse de acordo com a natureza. Esse é o fim do nascimento do homem, que, portanto deve primar pelo bem. O supremo bem habita a alma e esta deve ser pura para sentir o divino dentro de si. Os bens verdadeiros dão ao homem a confiança e a grandeza de alma (Cartas 87, 32-33), daí a importância de se tornar um homem de bem.

Sêneca acredita na harmonia social, entendendo que os homens são irmãos pela alma. Por isso, para ele, as fronteiras são meras convenções políticas e as guerras em casos extremos. A distinção social deveria ser

amenizada, senhores e escravos, sentando na mesma mesa para se alimentarem (Cartas 47, 15).

O filósofo explica que “[...] nem tudo quanto um homem de bem faz é um bem” (Carta 102, 9), pois a ação do homem de bem pode ser entendida de forma contrária por outros homens. Essa ideia está contida na reflexão que o filósofo faz sobre a opinião dos outros homens: muitos não veem como “bem” a boa ação do homem virtuoso (homem de bem).

Em Delors (2006), o homem de bem pode ser aquele que não alimenta preconceitos desfavoráveis em relação aos outros, sabe desenvolver a atitude de empatia e solidariedade e não entra em conflitos. Esse homem deve saber viver junto aos demais, desenvolver a compreensão do outro e preparar-se para enfrentar situações-problema, respeitando a diversidade, contemplando os bens naturais e valorizando a paz.

De uma forma um tanto diferente da apresentada por Sêneca, entendemos que o homem contemporâneo pensado por Delors, precisa pensar a ordem social e evitar conflitos, necessitando, para tanto, de compreender a si e ao outro, evitando os problemas de ordem social. Fica evidente, assim, sua preocupação com a pacificidade na formação do homem: “[...] o mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade” (DELORS, 2006, p. 96). Alerta o autor que, embora a história da humanidade tenha sido sempre conflituosa, no século XX, criaram-se perigos que podem conduzir à autodestruição do homem. Daí a importância de se primar pelo bem.

Já, para Sêneca, o juízo formado por um homem de bem sobre alguém sempre estará de acordo com a opinião dos demais homens de bem, pois “[...] todos eles fazem um juízo absolutamente idêntico, e identicamente assente na verdade. Não é possível estarem em desacordo; logo é como se todos tivessem uma só opinião, já que lhes não é possível ter opiniões diversas” (Cartas 102, 12).

Destacamos que o filósofo não está se referindo ao homem simples e comum. Esse homem de bem ao qual Sêneca se refere, corresponderia ao homem sábio, o homem ideal, aquele que consegue superar todas as dificuldades a que está exposto, aquele que por meio de sua conduta, seria capaz de vencer as paixões, indiferente às riquezas (bens materiais) do mundo,

chegando ao estágio da apatia na sociedade. Superação que lhe levou ao supremo bem.

De tal modo, o homem de bem só pode ser útil a outro homem de bem, pois ambos comungam os mesmos valores e seguem os mesmos princípios, posto que todo homem de bem, tem apreço a toda espécie de bem e, assim, ele poderia estar próximo da perfeição.

O homem “perfeito” possuiria a virtude, sem nunca se queixar da fortuna, sempre bem humorado diante das adversidades da vida, aceitando as dificuldades como missão a ele confiada (Cartas 120, 12). Esse homem deveria ter a convicção de que pertencia ao universo e, portanto, deveria ter uma alma perfeita, acima da qual estaria somente a inteligência divina (Cartas 120, 13). Esse seria o homem ideal para atender aos anseios da humanidade.

Por sua vez, o homem perfeito de Delors deveria dominar todas as categorias de formação<sup>38</sup> explícitas no Relatório:

[...] a comissão pensa que cada um dos “quatro pilares do conhecimento” deve ser objeto de atenção igual por parte do ensino estruturado, a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade (DELORS, 2006, p. 90).

Assim, todas as pessoas poderiam descobrir e desenvolver seu potencial criativo, apresentando os talentos historicamente acumulados da humanidade, tornando-se aptas para o enfrentamento dos desafios desse novo século (DELORS, 2006).

Para Delors (2006), o homem ideal é trabalhador e deve se enquadrar na dinâmica da produção, assim como a todos os demais trabalhadores que vivem a disciplina da produção. Tal homem deve corresponder às expectativas da sociedade, apresentando o domínio do conhecimento e das técnicas de trabalho requeridas, servindo-se de exemplo na conduta laboral.

Por sua vez, Sêneca ressalta a figura do homem “sábio” como “o homem ideal” para atender sociedade romana. Para ele, o sábio estaria classificado no

---

<sup>38</sup> As categorias são os quatro pilares da educação discutidos no corpo do texto.

mais alto grau, uma vez que conseguiria guiar o bem e vencer o mal (Cartas 85, 39).

O sábio seria capaz de lidar precisamente com os obstáculos, dominando a dor, a miséria, a degradação social, a prisão, o exílio (Cartas 85, 41) e desenvolvendo suas virtudes a ponto de agir de acordo com a natureza. O homem não nascia sábio, mas poderia chegar a essa condição caso seguisse os preceitos da natureza, sendo prudente, moderado e buscando o conhecimento na razão. Só assim ele poderia se declarar um homem feliz.

Todo homem prudente é moderado, todo homem moderado é constante; todo homem constante é imperturbável; todo homem imperturbável está ao abrigo da tristeza; todo homem que está ao abrigo da tristeza é feliz; logo, todo homem prudente é feliz; logo, a prudência é condição suficiente para o homem ter uma vida de felicidade (Cartas 85, 2).

Para Sêneca, é o espírito que conduz a vida humana no bom e no mal sentido; é nele que está a causa da felicidade ou da desgraça do homem. Daí a importância de se valorizar o homem enquanto ser “sagrado”. Essa máxima é uma das mais importantes características do pensamento senequiano: o homem faz parte da natureza e deve tratá-la como parte dele, respeitando-a e agindo com sabedoria.

Conforme Pereira Melo (2015), para Sêneca, a condição de “sagrado” seria alcançada pelo homem que honrasse a natureza criadora e, mesmo diante dos percalços da vida, com vontade, força e firmeza, conseguisse superar os obstáculos, sustentar suas conquistas e manter o sossego do espírito.

Assim, o uso da razão é que sustenta a condição desse homem. Seu bem específico é a razão, que existe como potência em todo ser humano. Por conseguinte, a razão do homem está no desenvolvimento de suas virtudes, na prudência de sua conduta, já que “[...] sua tendência é se desviar dessa rota” (PEREIRA MELO, 2015, p.08).

Para Sêneca, é a razão que difere o homem dos animais e o aproxima dos deuses.

[...] o bem específico do homem é a razão perfeita, todas as suas restantes qualidades são-lhe comuns com os animais e plantas. O homem tem força: também os leões. É belo: também os pavões. É veloz: também os cavalos. Não digo que em relação a todas estas qualidades ele seja superado, nem me interessa qual a qualidade que o homem tem mais desenvolvida, mas sim qual é a sua qualidade única, específica. O homem tem corpo: também as árvores. Tem capacidade de se mover instintiva e voluntariamente: os animais e os vermes também. Tem voz: mas muito mais sonora é a voz do cão, mais estridente a da águia, mais grave a do touro, mais doce e ágil a do rouxinol! Qual a qualidade exclusiva do homem? A razão: quando a razão é plena e consumada proporciona ao homem a plenitude. Por conseguinte, uma vez que cada coisa quando leva à perfeição a sua qualidade específica se torna admirável e atinge a sua finalidade natural, e uma vez que a qualidade específica do homem é a razão, o homem torna-se admirável e atinge a sua finalidade natural quando leva a razão à perfeição máxima. À razão perfeita chamamos a virtude, a qual é também o bem moral (Cartas 76, 9-11).

Sem o uso da razão, o homem agiria por impulso. Como a razão é da natureza humana, ela existe potencialmente e se realiza como virtude: “seguir a natureza será, exclusivamente, viver segundo a razão, praticar a virtude” (Cartas XXVI). Ou seja, o homem precisa compreender a importância de viver de acordo com a ordem natural das coisas, pois somente desse modo é que poderia alcançar o bem maior – a felicidade.

Ao passo que Sêneca relacionava seu conceito de “sábio/ideal”, (o homem perfeito) com o viver de acordo com a ordem natural das coisas, Delors (2006) concebe o “homem perfeito” como aquele que, sendo formado com base nas categorias explicitadas no Relatório, tem condições de enfrentar os desafios do futuro e atuar no desenvolvimento das pessoas e da sociedade.

Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Ao terminar os seus trabalhos a Comissão faz, pois, questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um “remédio milagroso”, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais mas, entre outros

caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...(DELORS, 2006, p. 11, grifos da autora).

Ao considerar a ideia do autor, bem como os adjetivos acima destacados, a junção dessas qualidades resultaria no homem “sábio e ideal” à sociedade contemporânea. Os homens precisam ser capazes de compreender e resolver as adversidades da sociedade, mudando sua própria realidade, superando as dificuldades e criando oportunidades de acesso aos conhecimentos historicamente acumulados a si mesmos. É indispensável que cada pessoa possa ser, na medida exata das suas possibilidades, seu próprio agente na problemática, enfrentando-a com decisão e responsabilidade (FAURE, 1972).

Enfim, é preciso atentar para a formação do ser humano ideal, que deve atender aos requisitos da sociedade, ser qualificado e saber viver/sobreviver e resolver seus próprios problemas e também os do mundo.

A ideia de que o homem deve se apropriar dos conhecimentos acumulados ao longo da história e, com base neles, mudar sua realidade, bem como a da própria sociedade também aparece no pensamento senequiano. Para exemplificar sua reflexão, o autor serve-se de uma metáfora.

[...] os antigos já descobriram tudo, no uso, no conhecimento, na organização dessas descobertas haverá ainda assim uma parte de novidade. Imagina, por exemplo, que nos foi transmitida a receita para a cura das doenças dos olhos: não será necessário procurar novas fórmulas, mas haverá de adequar os medicamentos à doença e a situação concreta (Cartas 64, 8).

Diante do exposto, o homem deve não só se apropriar dos conhecimentos e experiências dos antigos como também aprimorá-los, buscando novos meios para resolver os problemas que surgem em seu cotidiano.

Essa questão é comum aos dois autores. No entanto, enquanto Sêneca afirma que o homem precisa se apropriar do conhecimento historicamente acumulado para chegar à condição de sábio, Delors enfatiza que a apreensão dos conhecimentos históricos tem como fim atender a um modelo de sociedade e de economia que requer capacidades humanas diferenciadas.

O relator evidencia a necessidade de uma educação universalizada, que deve ocorrer ao longo de toda a vida e que todos possam ter acesso. Assim, ele menciona o conhecimento tradicional (que pode ser compreendido como conhecimentos historicamente acumulados), dando notoriedade ao uso do conhecimento para a sua utilidade, dando a entender que o conhecimento tradicional e científico, por atender uma carga de conteúdos, não é viável para um mundo globalizado, flexível e empreendedor. Parece-nos que a intenção do projeto educacional proposto no documento é favorecer um ensino ordenado de modo a atender às necessidades da realidade de trabalho atual, para soluções rápidas.

#### 4.2 A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM IDEAL: FORMAR PARA QUÊ?

A preocupação com a formação do homem ideal destaca-se na história da humanidade desde a antiguidade até os dias atuais. Dentre os autores latinos da antiguidade, Sêneca se destaca por buscar caminhos que orientem o homem em seu processo formativo visando atender às necessidades de seu tempo histórico.

Em sua proposta educativa, ele preza a formação do homem moral: “De onde vem a moral no sentido comum da palavra? Da própria natureza, que zela pela salvação da espécie humana tomada em bloco tanto quanto zela pelo bem-estar de cada um de seus representantes” (VEYNE, 2015, p. 177).

Lembra que viver de acordo com a natureza não é uma tarefa fácil, pois, ao buscar o caminho do bem moral (supremo bem), o homem se defronta com os vícios e as paixões, precisando ser persistente para superar os instintos destrutivos e desenvolver suas virtudes.

Para alcançar as virtudes, o homem precisa ter sua racionalidade estabelecida: somente por meio do autocontrole, da justiça e da inteligência é que ele pode chegar a esse fim. Por isso, o autor valoriza a razão no aprimoramento da natureza humana, já que ela seria a responsável por modelar o caráter do homem.

Qual a qualidade exclusiva do homem? A razão. Quando a razão é plenamente consumada, proporciona ao homem a

plenitude. Por conseguinte, uma vez que cada coisa, quando leva à perfeição a sua qualidade específica, se torna admirável e atinge a sua finalidade natural, e uma vez que a qualidade específica do homem é a razão, o homem torna-se admirável e atinge a sua finalidade natural quando leva a razão à perfeição máxima. À razão perfeita chamamos a virtude, a qual é também o bem moral (Cartas 76, 10-11).

A racionalidade, portanto, é condição primordial para que o homem possa alcançar o bem supremo. Para desenvolvê-la e progredir moralmente, o homem precisa exercitar constantemente o exame interior. Por meio da razão, o homem poderia contrapor bem e mal. Ao mesmo tempo, agindo de acordo com a razão, ele precisaria ser fiel aos seus princípios, visto que nenhuma ação tem valor moral se for conduzida forçosamente (Cartas 82,18).

Na percepção de Sêneca, o uso da razão levaria o homem a compreender o fim para o qual fora destinado (felicidade). Para atingi-lo, seria imprescindível o despertar do desejo pela vida virtuosa, o que implica a necessidade de compreensão de seus próprios conflitos e a análise profunda de suas ações.

Assim, na ação educativa, a formação do homem moral, mais do que o desenvolvimento das habilidades intelectuais e a assimilação da cultura, visava a regeneração do homem (PEREIRA MELO, 2015). A moral proporcionaria a atenção, o cuidado e a segurança que o homem necessitaria ter. Por isso, Sêneca atribuía importância à prática das virtudes no processo de aperfeiçoamento da conduta do homem e da integridade da prática social.

Na compreensão do filósofo, a plenitude do homem estaria na convivência social, por isso defendia a socialização dos valores morais. “Os homens são seres sociais, feitos para conviver, e a natureza os criou para que se ajudassem mutuamente [...]” (VEYNE, 2015, p. 178).

Ele não vinculava a perfeição moral com as condições materiais da vida do homem, mas sim com a liberdade interior de cada um – a alma.

Não pode haver bem moral onde não há liberdade; medo é sinônimo de escravatura. O bem moral goza de plena segurança e tranquilidade; se retrai, ou se queixa, se julga como um mal aquilo que vai fazer, isso significa que se encontra perturbado e se debate em profunda contradição [...] (Cartas, 66,16-17).

Em correlação com essa ideia, ele entendia que mesmo o escravo poderia desenvolver as virtudes como qualquer homem livre.

[...] “São escravos.” Não, são homens. “São escravos”. Não, são camaradas. “São escravos”. Não, são amigos humildes. “São escravos”. Não, são companheiros de servidão, se pensares que todos estamos sujeitos aos mesmos golpes da fortuna (Cartas 47, 1).

Se o escravo fosse orientado pela razão, nada impediria que fosse mais livre do que um cidadão livre. Segundo Sêneca, qualquer homem atingiria a condição de livre quando conduzisse sua vida conforme a razão, podendo determinar o que deseja ou não. Porém, como o escravo não podia desfrutar de tempo livre porque tinha que se dedicar especificamente ao trabalho, o caminho para a liberdade de sua alma era muito difícil.

A liberdade estaria condicionada ao bem moral, pois, para ser liberto, o homem precisaria de segurança e tranquilidade (Cartas 66, 16). O escravo era considerado parte integrante da família universal, ou seja, era um irmão do homem livre, mas teria que superar os obstáculos da sua condição de vida e buscar o caminho da liberdade da alma para poder romper com sua condição de servil.

Apesar de compreender e aceitar a forma de organização social de sua época (senhores e escravos), o autor enfatizava que a condição do escravo era contrária à natureza, pois ele não dispunha de tempo e nem de livre arbítrio para cultivar a razão. Vivendo em situação adversa à prática da filosofia, qual seja a do “desprezo pelo trabalho” (Cartas 31, 4) teria muita dificuldade para cultivar a razão.

Sêneca não questionava o caráter escravista da sociedade romana, pois reconhecia que, em razão da organização social, algumas funções eram atribuição dos escravos. Para ele, o importante era que, mesmo sendo escravo, o homem tivesse as mesmas condições de reflexão e ação dos seus senhores (ULLMANN, 1996). Assim, podemos concluir que a especificidade de seu pensamento se concentrava na formação moral.

Em Delors (2006), os princípios e valores morais têm relação com a dinâmica do trabalho e produção. O homem de princípios e valores morais é comprometido com o mundo do trabalho, produz e promove a harmonia social. Logo, ele faz uma apologia a princípios e valores morais na ótica do capital.

No relatório, entende-se que a moral corresponde a um conjunto de regras de conduta, sociais e religiosas norteadoras das ações humanas, seguindo os valores culturais de cada sociedade. Assim, o homem precisa ajustar suas pretensões de acordo com as obrigações atuais, contribuindo com a harmonia social, pois “[...] a crise social do mundo atual, conjuga-se com uma crise moral, acompanhada do desenvolvimento da violência e da criminalidade” (DELORS, 2006, p. 53).

Enquanto a moral senequiana seria o ponto máximo a que tudo estaria subordinado, ou seja, conduziria as ações do homem segundo os princípios da natureza, a moral implícita no relatório Delors requer do homem, o conhecimento de si mesmo e do outro, competência para gerir conflitos, respeito ao pluralismo, compreensão mútua e responsabilidade pessoal por um mundo mais solidário, sobretudo, no mundo do trabalho (DELORS, 2006).

Assim, na compreensão do relator, a educação contemporânea prioriza a manutenção da ordem vigente e o desenvolvimento econômico da sociedade atual. Sua preocupação se alinha aos objetivos educacionais estabelecidos pelo Relatório do Banco Mundial de 1996.

La educación produce conocimientos, capacidades, valores y actitudes. Es esencial para el orden cívico y para el crecimiento económico sostenido y la reducción de la pobreza. La educación es también esencial para la cultura; es el principal instrumento de divulgación de los logros de la civilización humana (BANCO MUNDIAL, 1996).

Está claro que os objetivos da educação contemporânea, conforme o texto “Prioridades e Estratégias para a Educação Mundial/1996”, são totalmente distintos dos de Sêneca. As orientações do Banco Mundial voltam-se primeiramente para a produção de conhecimentos para atender à demanda do mercado de trabalho e do desenvolvimento econômico das nações. A importância da cultura é mencionada apenas em segundo plano.

Um país em desenvolvimento carece de buscar inovações para deslançar sua economia, por isso, não pode “copiar servilmente as soluções educacionais dos países industrializados, ajustadas a um contexto diverso do seu” (COOMBS, 1968, p. 114). A realidade dos países desenvolvidos poderá ser parâmetro para esclarecimento e utilidade dos países em desenvolvimento, mas não modelo a ser copiado.

Com tal perspectiva, Delors afirma que o homem ideal deve ser capaz de exercer seu papel de cidadão, apresentar aptidões pessoais e ter qualificações que supram as necessidades do mundo das economias que estão por vir no futuro (DELORS, 2006, p. 180).

Em Sêneca, mesmo tendo discernimento e conhecimento sobre os princípios morais, o homem estaria sujeito a abandonar seus valores em favor da materialidade. A materialidade para o filósofo favorecia os vícios e as paixões, levando o homem à escravidão do seu próprio prazer. O homem ideal deveria viver de acordo com a razão porque, com base nela, poderia se libertar dos perigos da materialidade, ou seja, dos vícios e das paixões.

Contrariamente a essa lógica, Delors enfatiza o crescimento econômico como “[...] verdadeira via de conciliação entre progresso material e equidade” (DELORS, 2006, p.13). Ou seja, a aquisição dos bens materiais pelos setores privilegiados da sociedade impulsiona a economia e gera emprego para todas as pessoas (homens, mulheres, jovens e, em alguns casos, até mesmo as crianças).

Tal constatação, porém, não deve levar os países em desenvolvimento a negligenciar os motores clássicos de crescimento, em particular, o indispensável ingresso no universo da ciência e da tecnologia, com o que isto implica em matéria de adaptação de culturas e de modernização de mentalidades (DELORS, 2006, p.13).

Nessa observação de Delors, está contida a referência à disparidade entre os países, com destaque para os subdesenvolvidos. Ele orienta que, por meio da educação, se instaure uma nova forma de ensino e de aprendizagem que responda às necessidades do avanço econômico de cada nação.

Dessa forma, ao passo que Sêneca considera os bens materiais como “vícios” que levam o homem a se distanciar de sua verdadeira essencialidade (a

alma), Delors ressalta os bens materiais como alicerce de uma vida mais tranquila e feliz (DELORS, 2006).

Enquanto Sêneca valoriza os princípios e a moral da reflexão filosófica, que leva o homem ao bem maior (a felicidade), Delors (2006) destaca em suas orientações, a valorização dos princípios e da moral própria do mundo da produção e do trabalho, acreditando que o homem moral é aquele que se adequa às demandas do capitalismo.

É na consideração dessas circunstâncias que as divergências sobressaem. Na contemporaneidade, os meios de produção promovem o trabalho desenfreado e as metas estabelecidas pelas empresas requerem do indivíduo conhecimento, dedicação, desempenho e esforço. As necessidades financeiras, em um mundo competitivo, levam as pessoas a lutar pelos seus espaços na sociedade. Essa formulação não encontra respaldo nos pressupostos defendidos por Sêneca.

Observamos semelhanças em ambos os textos, com relação a preocupação com os princípios e valores morais, mas cada qual, revelando a preocupação com as exigências do seu tempo. Podemos afirmar que os textos senequianos repercutem na contemporaneidade porque apresentam conteúdos que podem contribuir para a reflexão sobre os desafios atuais. Assim como Sêneca, Delors tem uma perspectiva que prima pelas relações sociais e pela responsabilidade do indivíduo no direcionamento tanto de sua própria vida quanto da dos demais e do planeta. Por isso, no discurso educacional, ambos ressaltam a necessidade de o homem se conhecer, ter determinação e vontade.

Conforme Sêneca, a vontade contribui para o aperfeiçoamento da consciência moral. Ao manifestá-la, o homem pode refletir sobre os caminhos que o levariam à felicidade, desviando-se de situações adversas (PEREIRA MELO, 2015). A regeneração é resultante de sua própria vontade, por cujo meio ele pode se libertar dos vícios e das paixões.

Quando eu vi a natureza do teu caráter, deitei-te a mão, aconselhei-te, estimulei-te, e não te deixei avançar com lentidão, fiz-te de imediato ir para a frente. *“E então? – dirás. Tem sido essa a minha vontade!”* Sim, isso já significa muito, e não apenas no sentido em que se diz que o começo é só por si metade da obra. Esta questão está dependente da vontade, e por isso uma grande parte de

bondade consiste em quereremos ser bons [...] (Cartas 34, 2-3).

Para Sêneca, a vontade é o segredo do bem-viver. Por meio dela, o homem pode se libertar da escravidão dos vícios e se distanciar de tudo o que lhe causa sofrimento e angústia (PEREIRA MELO, 2015).

Em Delors, o papel da vontade está no desejo de busca pelo indivíduo de novos conhecimentos, pois precisa deles para responder às demandas do século XXI, já que “Os empregadores exigem cada vez mais ao seu pessoal a capacidade de resolver novos problemas e de tomar iniciativas” (DELORS, 2006, p. 143). Desse modo, o relator ressalta as responsabilidades dos sistemas educacionais, posto que o mundo exterior envolve, cada vez mais, as escolas, requerendo novos meios de comunicação e informação. Assim, considera-se que os jovens apresentam uma multiplicidade de informações, porém não apresentam conhecimento. Daí a importância de os professores saberem “[...] se fazer ouvir e entender, transmitindo o gosto pelo aprender e conscientizando os alunos sobre a importância da vontade no processo educativo” (DELORS, 2006, p. 27). Vale destacar que a ideia central implícita no documento é a de que o sujeito saiba se adaptar as regras e condições oferecidas pela sociedade.

Ao analisar o papel da vontade em ambos os autores, pode-se dizer que, embora suas reflexões apresentem alguma relação entre si, distinguem-se quanto aos fatores que levam o indivíduo a manifestar sua vontade.

Em Sêneca, a vontade se caracteriza como um desejo específico que depende exclusivamente da pessoa. Para ser um homem de bem, é preciso ter vontade (Cartas 80, 4-5) para refletir e mudar a própria realidade. Na visão de Delors, o indivíduo precisa ter vontade para compreender e mudar a sua condição: “[...] o conhecimento exige esforço, atenção, rigor e vontade” (DELORS, 2006, p. 27).

Embora a vontade esteja alicerçada nas instituições sociais, pois estas são responsáveis pelo desenvolvimento humano, cabe ao indivíduo manifestar sua vontade em aceitar o que o sistema oferece e aproveitar as oportunidades para mudar sua condição de vida.

A compreensão dos fatos por meio da reflexão sobre a realidade não significa que o homem se torne diretamente melhor no sentido moral, mas sim

que ele adquire consciência da possibilidade de mudança e da superação de suas limitações, de forma a poder melhorar sua condição de vida.

Ao considerar as aproximações entre os conceitos de vontade em Sêneca e Delors, lembramos que, no Século XXI, não basta à vontade do indivíduo no processo formativo, pois as condições e os objetivos não dependem somente dele. A efetivação do processo está totalmente interligada com as instâncias sociais, que, por sua vez, devem dar condições de educação, qualidade de vida e oportunidades para que as pessoas possam se desenvolver enquanto seres humanos.

Sêneca entendia que, a partir do momento em que tivesse consciência de sua condição natural (pertencente à natureza) e considerasse os verdadeiros bens, o homem poderia lutar contra os vícios e as paixões. “A natureza dotou-nos de uma alma receptiva ao sublime; tal como a alguns animais dotou de ferocidade, também ao homem dotou de um espírito glorioso e elevado (Cartas, 104, 22)”. Dessa forma, sua concepção de moral correspondia a um projeto que daria condições de libertação ao homem, porém, sua natureza não poderia ser modificada, mas caberia ao homem a decisão sobre qual caminho deveria seguir.

No Relatório Delors, o desafio da educação é prover os alunos de referências intelectuais e forças que lhes permitam compreender o mundo e se comportar nele como pessoas justas e responsáveis. Atualmente, conforme Matsuura, “[...] la educación desempeña un rol de pivot em el desarrollo social. Ella constituye, al mismo tiempo, um catalizador para el desarrollo social y una expresión de los logros sociales de una nación (MATSUURA, 2004, p. 17).

Essa compreensão justifica o perfil do indivíduo que a sociedade almeja, pois, na contemporaneidade, o conceito de moralidade se relaciona a um conjunto de regras de conduta que, variando de acordo com a cultura e o tempo, norteiam as ações do homem.

Dessa forma, a vontade do homem é adequada às responsabilidades e aos desafios sociais encontrados, pois “[...] a crise social do mundo atual conjuga-se com uma crise moral e vem acompanhada do desenvolvimento da violência e da criminalidade” (DELORS, 2006, p. 53).

Conceitos como a solidariedade, a tolerância, o respeito e o apreço pelas diferentes culturas são as principais virtudes destacadas no Relatório. Tais

princípios morais contemporâneos serão ensinados pelas instâncias responsáveis por esse fim: escolas, famílias, grupos sociais, instituições religiosas, dentre outras.

En el orden moral es donde sobre todo la educación reina. Es difícil pretender que se nazca virtuoso por herencia. Se pueden tener, sin duda, una bondad, una dulzura, una generosidad naturales, pero todo eso no es aún la moralidad propiamente dicha. Es ésta ciertamente hija de la inteligencia que concibe lo mejor, que se pone a sí propia un fin ideal, con conciencia de un primer *poder* de realización proveniente mismo, y que erige en *ley*, en *deber*, La realización completa del *ideal* (GUYAU, s/d, p. 144).

Diante do exposto, entendemos que os conceitos de moralidade são construídos de acordo com a cultura e o tempo histórico. Ao cotejarmos os conceitos de moralidade senequianos com os contemporâneos, encontramos diferenças fundamentais que justificam o modelo de homem que cada autor defende.

Enquanto em Sêneca o homem é pertencente à natureza, devendo ser bom e seguir os princípios estoicos, na contemporaneidade, a moral é temporal, podendo ser modificada ao longo do tempo, o que requer do homem o autoconhecimento e a capacidade de conviver com os outros e gerir conflitos, buscando a paz (DELORS, 2006). Daí a importância de considerar a diversidade no cumprimento de seu papel, estabelecendo boas relações entre as pessoas.

#### 4.3 IGUALDADE E DIVERSIDADE

Sêneca desconsiderava a distinção social entre os homens. Mesmo reconhecendo que a sociedade era composta por senhores e escravos, defendia que a sabedoria tornava possível uma igualdade entre eles. Assim, destacava a importância da resiliência, da fraternidade e do amor entre os homens para amenizar as angústias da vida.

O homem perfeito, possuidor da virtude, nunca se queixa da fortuna, nunca aceita os acontecimentos de mau humor, pelo contrário, convicto de ser um cidadão do universo, um

soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Não se revolta ante as desgraças como se elas fossem um mal originado pelo azar, mas como uma tarefa de que ele é encarregado. «Suceda o que suceder», - diz ele — «o caso é comigo; por muito áspera e dura que seja a situação, tenho de dar o meu melhor!» Um homem que nunca se queixa dos seus males nem se lamenta do destino, temos forçosamente de julgá-lo um grande homem! Tal homem dá a conhecer a muitos outros a massa de que é feito, brilha tal como um archote no meio das trevas, atrai para junto de si todas as almas, dada a sua impassível tranquilidade, a sua completa equanimidade para com o divino e o humano. Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela nada há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal. E nada há de mais divino para o homem do que meditar na sua mortalidade, consciencializar-se de que o homem nasce para ao fim de algum tempo deixar esta vida, perceber que o nosso corpo não é uma morada fixa, mas uma estalagem onde só se pode permanecer por breve tempo, uma estalagem de que é preciso sair quando percebemos que estamos a ser pesados ao estalajadeiro (Cartas, 12-14).

Como todos os homens são possuidores da razão, o que os colocaria no mesmo nível seria a pureza de suas almas. Nesse raciocínio, o autor se fundamenta nos ensinamentos da filosofia, que, por sua vez, não distingue os estratos sociais. Todos os homens são descendentes dos deuses, ou seja, têm a mesma origem e, assim, todos estão sujeitos à sabedoria (PEREIRA MELO, 2015).

A sabedoria é um estado próprio do espírito perfeito que define tudo com exatidão. Como condição para que o homem pense e aja de acordo com a razão, é um bem que deve ser praticado. No entendimento do filósofo, se todos os homens nascem com aptidão para o bem, pois a natureza nos deu em potência a semente do bem (Cartas 108, 8), todos podem alcançar a sabedoria. “Somente a sabedoria seria capaz de possibilitar as retas ações, colocando o homem hierarquicamente no seu lugar de direito, de acordo com o seu valor” (PEREIRA MELO, 2015, p. 132).

Podemos compreender, portanto, que, para Sêneca, o conhecimento seria possível a todos. Assim, mesmo que ele tenha direcionado alguns de seus textos às mulheres (*Consolação à Hélvia e Consolação à Márcia*) e deixado claro

que fazia distinção entre os gêneros feminino e masculino, ele as incluía nessa possibilidade de igualdade.

Para entender essa ideia senequiana, precisamos nos lembrar de que, no mundo romano, a mulher ocupava um lugar inferior na sociedade, não podendo ocupar cargos públicos, satisfazia suas ambições por meio de seus filhos (*Consolação à Hélvia, XIV*). Sua incumbência era reproduzir e tomar conta da economia do lar (ULLMANN, 1996).

No entanto, o filósofo considerava que homens e mulheres contribuíam para a vida em sociedade. Apesar de considerá-las frágeis, entendendo que a natureza, a todos, dava em potência a semente da virtude, Sêneca concluía que todos os homens nascem com aptidão para toda espécie de bem: “[...] a influência do bom instigador de consciência desperta as capacidades latentes do espírito para a virtude” (Cartas 108, 8). Em outras palavras, independentemente das diferenças sociais ou de gênero, a formação da alma iguala os seres humanos.

Ao mesmo tempo, ele admitia que, apesar de terem nascido para ser passivas, as mulheres já não se satisfaziam com as atribuições do gênero e, por isso, renunciavam à sensualidade e passavam a ser tão ativas quanto o homem. Em consequência, igualavam-se aos homens em matéria de excesso e colhiam os resultados dessa escolha (Cartas 95, 21-22).

No momento histórico a que Sêneca se refere, as atribuições do gênero feminino eram totalmente distintas das do gênero masculino, mas o fato de ele mencionar o rompimento, mesmo incipiente, de alguns valores que classificavam os gêneros mostra que essas diferenças já estavam sendo repensadas.

Delors, por seu turno, defende a participação das mulheres na educação como alavanca essencial do desenvolvimento. Ele destaca sua preocupação com a desigualdade entre homens e mulheres no acesso educação.

[...] Em escala mundial, a escolarização das jovens é mais baixa do que a dos rapazes: uma jovem em quatro não frequenta a escola, enquanto para os rapazes esse valor é apenas de um em seis [...]. Estas disparidades explicam-se essencialmente, pelas diferenças observadas nas regiões menos desenvolvidas (DELORS, 2006, p. 77).

Seu discurso não fica isento da inquietação com a disparidade entre os gêneros. Assim, destaca que os indicadores apontam a precariedade na situação das mulheres, com relação à economia de subsistência. O acúmulo de atividades exercidas por elas requer maior tempo de trabalho, o que implica a necessidade do auxílio dos filhos (geralmente das filhas) para que elas se libertem das tarefas domésticas. Por sua vez, os filhos que precisam se responsabilizar pelos afazeres domésticos (enquanto suas mães trabalham para a sobrevivência da família) acabam se evadindo da escola e abandonando os estudos antes de finalizar a educação básica.

Nas economias de subsistência, as mulheres efetuam a maior parte dos trabalhos e, em relação aos homens, trabalham durante mais tempo por dia e contribuem mais para o rendimento familiar. Esta disparidade de condições entre os sexos é uma das primeiras causas da pobreza pois, sob diversas formas, impede que centenas de milhões de mulheres tenham acesso à educação, formação, serviços de saúde, creches e a um estatuto jurídico que lhes permita escapar a este flagelo (DELORS, 2006, p. 78).

Na educação contemporânea, o discurso envereda pela educação contra as exclusões. Assim, Delors explica que o respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui um princípio fundamental que deve abolir qualquer forma de ensino padronizado (DELORS, 2006). Por isso, as escolas devem reformular seus currículos, considerando a cultura e a realidade dos educandos, bem como a especificidade de aprendizagem de cada um.

Para Delors, o desenvolvimento humano é um processo que propende a ampliar as possibilidades de todas as pessoas; seu objetivo é fomentar a participação de todos, reforçar o pluralismo de ideias e, assim, romper com as barreiras culturais.

Além da multiplicidade dos talentos individuais, a educação confronta-se com a riqueza das expressões culturais dos vários grupos que compõem a sociedade, e a Comissão elegeu, como um dos princípios fundamentais da sua reflexão, o respeito pelo pluralismo. Mesmo que as situações sejam muito diferentes de um país para o outro, a maior parte dos países caracteriza-se, de fato, pela

multiplicidade das suas raízes culturais e linguísticas (DELORS, 2006, p. 55).

Além da valorização cultural, o relator chama a atenção para a necessidade de investimento em políticas públicas na educação, de forma a promover a educação intercultural, a harmonia social, a tolerância e a paz. A educação teria o papel de coesão, de barreira contra a violência, oportunizando que a minoria tome nas mãos seu próprio destino (DELORS, 2006).

Observa-se a preocupação com a disparidade entre os gêneros e com a necessidade da oferta de oportunidades para todos os demais sujeitos da sociedade, razão pela qual o autor reforça a urgência de se trabalhar com o conceito de equidade. A proposta é oferecer mais conhecimento aos que têm menos condições de acesso e promover formas diferenciadas de aprendizagem aos que apresentam necessidades específicas.

A curiosidade, o desejo de compreender, de conhecer ou de descobrir cabe, contudo, nos impulsos mais profundos da alma. Ora, as nações elaboradas pela ciência permitem hoje, aos espíritos menos dotados, assimilar conceitos cuja descoberta exigiu o maior gênio (FAURE, 1972, p. 28).

Quanto à questão da diversidade, o Relatório Delors se assemelha<sup>39</sup> ao Relatório Faure (1972), no qual se mencionam as mais variadas categorias, ou seja, os grupos de pessoas que necessitam de educação específica, com métodos e materiais didáticos diferenciados: crianças com necessidades específicas (físicas e intelectuais), quilombolas, indígenas, circenses, trabalhadores do campo, jovens e adultos, etc. Delors destaca que “[...] a escola deve manter vivas, ou mesmo, fornecer, as potencialidades de aprendizagem” (DELORS, 2006, p. 130).

Num mundo em constante mudança, no qual a inovação social e econômica requer qualificação, eficiência e eficácia para o trabalho na produção em massa, “[...] a diversidade das personalidades, a autonomia, e o espírito de iniciativa, até mesmo o gosto pela provocação, são os suportes da criatividade e

---

<sup>39</sup> A semelhança entre o Relatório Delors e o Relatório Faure é intencional, dado que o Relatório Delors foi solicitado com a finalidade de proceder e aperfeiçoar o modelo anterior da Comissão Faure.

da inovação” (DELORS, 2006, p. 100). Assim, o relator afirma que a concorrência e a livre iniciativa entre as pessoas seriam um método eficaz na redução do quadro da violência.

Nesse discurso, reitera-se que à educação compete preparar indivíduos que dêem conta de responder às necessidades de um mundo cada vez mais utilitarista. Cabe aqui a seguinte reflexão. Como a educação pode formar pessoas competitivas que atendam à demanda social e ao mesmo tempo cultivem a paz? O simples fato de competir uns com os outros não fomentaria a discórdia?

Na educação contemporânea, é preciso primar pelo equilíbrio humano. O novo homem precisa ser capaz de compreender os efeitos globais dos comportamentos individuais, de imaginar as prioridades e de ser solidário com os de sua espécie, o que só é possível com a educação e o conhecimento, o suporte da formação.

#### 4.4 EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO

Sêneca entende a educação como instrumento de transformação, como um meio de formar o sábio, “[...] cujo saber deve estar comprometido com o homem e a sociedade, em uma dinâmica transformadora” (PEREIRA MELO, 2015, p.103). Como considera que seu objetivo é moldar o caráter e a personalidade do homem, ele não prioriza a aquisição de habilidades intelectuais, nem a aquisição da cultura e sim a regeneração, a libertação da alma. Essa seria a essência da educação.

O bem específico do homem é ter a alma livre, mas esse bem não é atingido na infância, nem na adolescência, mas apenas ao fim de um longo e constante tempo de estudo (Cartas 124, 12). Como tem uma preocupação expressiva com a liberdade da alma, Sêneca ensina os caminhos que o homem deve trilhar para aprender a ser livre.

Dessa perspectiva, a escola teria uma função regeneradora, seria uma “[...] casa onde se investiga o que é um homem de bem, em que se aprende a ser um homem de bem” (Cartas 76, 4). Ao buscar o conhecimento, o homem estaria trilhando o caminho da promoção humana perante a sociedade.

No Relatório Delors, a preocupação está voltada para as capacidades a ser desenvolvidas no homem moderno. É com essa compreensão que o autor destaca que “[...] a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (DELORS, 2006, p. 99).

Conforme suas orientações, para desenvolver sua personalidade, o indivíduo precisa de preparação desde a infância e mais ainda na juventude, quando deve se tornar autônomo, crítico, decidido, ter discernimento e formular seu próprio juízo de valor, portanto, precisa “aprender a ser”. Para Delors (2006), esse tipo de aprendizagem decorre da preocupação com a desumanização do mundo. Conforme destaca o autor do Relatório *Aprender a Ser* (1972)<sup>40</sup>, nenhum povo se encontra verdadeiramente satisfeito com o seu próprio progresso e com sua promoção. Ele se refere tanto ao perigo da alienação da personalidade por meio da mídia, quanto ao da expulsão do trabalho pelas máquinas, em razão do progresso científico e tecnológico.

[...] as máquinas de operações racionais expulsam-no dum certo número de domínios em que tinha pelo menos a impressão de se mover livremente e de se realizar a sua vontade. Esta inovação deve, aliás, resultar em seu benefício, protegendo-o dum grande número de erros e libertando-o de dificuldades e trabalhos. O conhecimento da necessidade liberta-o com a condição de que este conhecimento seja assimilado e interpretado pela consciência. Desde logo é indispensável que cada um possa ser, na medida exacta das suas possibilidades, o seu próprio agente de problemática, de decisão e de responsabilidade (FAURE, 1972, p. 23).

Ao que tudo indica, essa inquietação com o domínio das máquinas em detrimento da atividade humana, parece-nos contraditória, pois, ao mesmo tempo em que ele reforça o benefício das máquinas ao liberar o indivíduo de atividades laborais complicadas, também, responsabiliza o mesmo, pela busca do conhecimento necessário ao mercado de trabalho.

---

<sup>40</sup> O autor do Relatório “Aprender a Ser” foi Edgar Faure, ex-Primeiro Ministro Francês, que chefiou uma equipe de pesquisadores (1972), a pedido da UNESCO, tendo como missão “pesquisar com toda independência e objectividade a via de soluções de conjunto para os grandes problemas suscitados pelo desenvolvimento da educação num mundo em transformação” (FAURE, 1972, p. 09).

Delors (2006) ratifica essa ideia, pois atribui à educação o papel fundamental de conferir ao homem o direito à liberdade de pensamento, de discernimento, sentimentos e imaginação de que precisa para desenvolver seus próprios talentos e ser dono de seu destino. Por fim, o relator esclarece que as orientações são, na verdade, um imperativo, cuja finalidade não é somente a formação humana, mas, a construção da melhor forma de progresso para as sociedades.

Esse seria o objetivo do pilar educacional “*Aprender a ser*”. A realização completa do homem é ser um indivíduo, membro de família, da coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos (DELORS, 2006). O desenvolvimento do homem contemporâneo deve possibilitar o autoconhecimento e, posteriormente, as relações com os outros.

Na proposta de Sêneca, o fim da formação do homem é o desenvolvimento de suas virtudes, por meio do intelecto e da personalidade humana, o que leva à liberdade da alma. Na proposta de Delors (2006), a formação é voltada ao desenvolvimento do intelecto e da personalidade, porém com ênfase nas capacidades que atendam às exigências do mercado e contribuam para o desenvolvimento econômico das nações.

Delors (2006) destaca o papel na escola no cumprimento dos objetivos da formação do homem contemporâneo. Sêneca, por sua vez, se referia à importância da escola e do educador na formação do homem romano, porém atribui papel fundamental ao educando: ter vontade e se esforçar para que o processo educativo se realize (Cartas 27, 4). Em suma, a vontade é fator primordial para que o processo educativo se efetive.

A educação intelectual, comprometida com a superficialidade, na qual a cultura, a sabedoria e a instrução se mesclam em uma verdadeira confusão de conceitos, era criticada pelo autor. Esse tipo de educação conduziria o indivíduo a assimilar conteúdos que não o beneficiariam em nada.

Gasta-se o engenho com questões supérfluas: estas teorias não tornam os homens bons, apenas os fazem eruditos. “Saber” é algo de muito mais vasto, e também mais simples: não são precisas muitas letras para nos darem um espírito bem formado; nós é que estamos habituados a desperdiçar tudo, e a filosofia não foge a regra. Sofremos de intemperança em tudo, até no uso das

letras. Estudamos para a escola, não para a vida! (Cartas 106, 11-12).

Pode-se inferir da compreensão de Sêneca que o conhecimento não deve ser resumido a simples teorias que se esgotam no âmbito escolar, pois a ausência de moderação no homem o levaria a se apropriar de muitas coisas inúteis que em nada contribuiriam para atender à sua verdadeira necessidade – a verdadeira sabedoria. Para ele, “[...] muitos dos conteúdos ensinados serviam apenas para aguçar o engenho humano” (PEREIRA MELO, 2015, p. 104).

Na perspectiva de Sêneca, o conhecimento se constituía no domínio teórico e na ação do homem; por isso, ele condenava estudos que não agregassem os valores morais. Os conteúdos não deveriam ser estudados desordenadamente, tampouco agregados de uma só vez, isto é, o conhecimento deveria ser adquirido gradualmente. Além disso, o educando não deveria buscar todo conhecimento de seu interesse, mas, sim, os assuntos que lhe cabia entender: “[...] se não desanimares, virás a conhecer tudo o que desejas, pois quanto mais conhecimento o espírito absorve tanto mais capacidade vai adquirindo” (Cartas 108, 2).

Do mesmo modo, em sua reflexão, Sêneca prioriza o ensino de conteúdos necessários ao bem-viver do homem. Ao procurar possíveis aproximações com os princípios educativos da atualidade, identificamos nas propostas de Delors (2006), para a formação do homem para o século XXI, preocupações similares às de Sêneca. Consideramos, todavia, que é necessário analisar mais detalhadamente essa proposta, especialmente porque entendemos que os conceitos discutidos no Relatório estão para além das mensagens explicitadas no texto.

A educação do homem moderno é considerada como um problema excepcional em grande parte dos países e, em todos, sem exceção, como uma tarefa da maior importância (FAURE, 1972, p. 17). É dessa perspectiva que os novos pilares para a educação do século XXI foram apresentados no Relatório Delors (2006), que apresenta orientações do Banco mundial.

No sólo el nivel de educación es importante para adaptarse a la rápida evolución de los mercados de trabajo, sino también su contenido. Com frecuencia se sugere,

especialmente em momentos em que aumenta el desempleo de los jóvenes, que se debe dar una orientación profesional al programa de estudios de las escuelas o que se deben impartir conocimientos técnicos em la escuela secundária a fin de preparar a los egresados para el trabajo em el sector moderno (BANCO MUNDIAL, 1996, p. 29).

A necessidade de formação, segundo o documento, aponta para uma educação integral e subjetiva, ou seja, a constituição de um sujeito que seja cidadão do mundo e assuma responsabilidades individuais e coletivas em prol da sociedade e do planeta. É essa ideia que encontramos no Relatório Delors:

[...] no alvorecer de um novo século cuja, aproximação nos deixa indecisos entre a angústia e a esperança, impõe-se que todos os responsáveis prestem atenção às finalidades e aos meios da educação. A Comissão considera as políticas educativas em processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, do saber-fazer, mas também e talvez em primeiro lugar, como uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações (DELORS, 2006, p. 12).

A educação pensada para o século XXI deve formar o indivíduo para uma sociedade competitiva, de multirrisco. Por isso, em sua condição formal, deve ser realizada em instituições próprias, conforme os objetivos dessa sociedade. A escola contemporânea tem o papel fundamental de disseminar informações e trabalhar conteúdos que atendam ao modelo de produção.

A esse respeito, encontramos outra aproximação entre Sêneca e Delors, mas, ao analisá-las, detectamos diferenças fundamentais entre elas. Ao contrário de Delors, Sêneca defende um modelo de educação estruturado na reflexão filosófica, pois, para ele, esta seria o meio pelo qual o homem poderia se libertar da condição de escravizado, enfermo, atormentado e vencido. A partir do momento em que o homem se libertasse das condições que o levam ao sofrimento, estaria livre para conquistar a felicidade e para exercer seu papel de cidadão.

Um dos objetivos da educação explicitado no Relatório Delors é “[...] transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes-fazer

evolutivos e adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro” (DELORS, 2006, p. 89).

Neste caso, encontramos aproximação entre os dois pensamentos. Para Sêneca, a partir do momento em que tomam suas decisões, os homens fazem seu próprio destino. Para Delors (2006), o sujeito deve ser formado para ser responsável por seu próprio futuro, para ser capaz de se adequar às mudanças do mundo tecnológico na mesma velocidade em que o mundo se desenvolve. Ou seja, a educação deve formar cidadão apto a atender as condições postas pela própria sociedade.

Delors afirma que, para que os objetivos educacionais sejam atingidos em tempo hábil, deve-se fazer uso das tecnologias e do ensino a distância como meio de qualificação pessoal e profissional: “[...] o saber pode evidentemente adquirir-se de diversas maneiras e o ensino a distância ou a utilização de novas tecnologias no contexto escolar têm-se revelado eficazes” (DELORS, 2006, p. 156).

Essa ênfase do autor contribui para a desconstrução da ideia de que o ensino se realiza somente nas instituições escolares e para a construção da ideia de que todas as pessoas podem buscar o conhecimento científico. Caso o sujeito não consiga alcançar o sucesso, a responsabilidade é atribuída a ele, por não saber aproveitar as oportunidades promovidas. Daí a importância de o indivíduo ser capaz de se autoeducar.

Tanto em Sêneca quanto em Delors, a autoeducação é fundamental no processo de desenvolvimento humano. Ambos vêem o espaço escolar como local de desenvolvimento de saberes individuais e coletivos, no entanto, se divergem quanto aos objetivos propostos para a formação integral do homem.

Sêneca entendia a educação como subordinação das tendências instintivas, por isso os princípios fundamentais seriam “[...] a moral, a virtude, a liberdade, a sabedoria e a filosofia” (PEREIRA MELO, 2015). Em Delors, a educação implica na construção contínua da pessoa humana, devendo prepará-la para atender, compreender e resolver as situações postas pela sociedade (DELORS, 2006). Observamos nessa proposta o destaque aos princípios formativos incorporados aos quatro pilares da educação para o século XXI.

Sêneca evidencia a importância do mestre na condução do discípulo, considerando-o como “dirigente da consciência” na formação do homem. Para

ele, os homens, em sua maioria, não têm capacidade para se desvencilhar das paixões e dos vícios sozinhos.

Andamos a deriva entre resoluções contrárias; não conseguimos ser fiéis a uma vontade livre, absoluta, constante. Dirás tu que é prova de insensatez não ter um propósito contínuo, um interesse permanente. Mas dessa insensatez como e quando nos conseguiremos libertar? Por si só, ninguém conseguirá sair do remoinho; é necessário alguém que estenda a mão e ajude a pisar em terra firme. Diz Epicuro que certos homens conseguiram atingir a verdade sem qualquer auxílio, desbravando eles mesmos o seu caminho; para esses, que elevaram a si próprios espontaneamente, vão os seus maiores louvores. Outros há, contudo, que necessitam de apoio externo: são incapazes de marchar se não tiverem um guia, mas, tendo-o, avançarão animosamente (Cartas 52, 1-3).

Esse é o caráter pedagógico da filosofia senequiana. Para ele, existe uma categoria de homens que demanda maior preocupação, pois são pessoas que necessitam ser compelidas a seguirem o caminho do bem: “[...] necessitam, não já apenas de um guia, mas sim de alguém que os ampare e mesmo, passe a palavra, que os force” (Cartas 52, 4). Ou seja, carecem da figura de um mestre para direcioná-las, conduzi-las para a sabedoria, para o caminho da retidão e da libertação.

Outro ponto elevado de sua filosofia está na relação que ele estabelece entre a teoria e a prática, reconhecendo tanto a importância dos princípios de base formativa (teoria) quanto o valor da prática, pois “[...] a única maneira de comprovar que essas teorias também lhes pertencem seria esta: viverem de acordo com o que apregoam!” (Cartas 108, 38).

A teoria é transmitida por meio dos ensinamentos e dos exemplos verbalizados por um mestre, ao passo que a ação do aprendiz é que comprova a aprendizagem: “Todo ser animado racional precisa, para agir, de ser estimulado pela observação de algum objeto, em seguida, põe-se em movimento e por fim surge o assentimento que confirma o movimento adquirido” (Cartas 113, 18).

A prática promove a mudança da conduta do homem, tornando-o preparado para percorrer os caminhos que o levem à conquista da felicidade.

Por isso, o autor defende o ensino que prioriza a promoção do homem e do seu entorno para além do verbalismo da prática: “[...] os preceitos, conseqüentemente, de nada valem enquanto o erro persistir na nossa mente; eliminado o erro, imediatamente teremos a percepção nítida dos nossos deveres” (Cartas 94, 5).

Enfim, o autor se refere ao tempo e aos meios e condições para o fortalecimento humano e para uma aprendizagem efetiva e duradoura.

[...] se o corpo pode, à força de treino, atingir um grau de resistência tal que permite ao atleta suportar a um tempo os murros e pontapés de vários adversários, que o tornam apto a aguentar um dia inteiro sob um sol abrasador, numa arena escaldante, todo coberto de sangue – não será mais fácil ainda dar à alma uma tal robustez que a torne capaz de resistir sem ceder aos golpes da fortuna, capaz de erguer-se de novo ainda que derrubada e espezinhada?! (Cartas 80, 3).

Essa reflexão senequiana parece ressoar no discurso de Delors sobre o ensino formal. Ao se referir aos dois primeiros pilares da educação, o relator enfatiza que “[...] à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS, 2006, p. 89). No entanto, diferentemente de Sêneca, ele se refere à emergência de uma aprendizagem quantitativa para o novo século e à quantidade da bagagem escolar que o indivíduo deve aprender.

Em decorrência das exigências dos múltiplos saberes da sociedade contemporânea, o aluno precisa “aprender a aprender” e, concomitantemente, deve “aprender a fazer”. “Esse tipo de aprendizagem pode ser considerado, como um meio e como uma finalidade da vida humana” (DELORS, 2006, p. 90).

Assim, o relator propõe uma perspectiva teórico-metodológica diferente da proposta por Sêneca para delimitar os debates sobre os conteúdos e os processos de ensino e de aprendizagem escolar.

Considerando que o mundo contemporâneo é marcado pelo consumo e que, em aliança com isto, carece da mão de obra qualificada, o autor define que cabe à escola incluir entre suas atividades o “aprender a fazer”. Dessa forma,

todos se qualificariam para executar qualquer tipo de trabalho, o que significaria atender à necessidade da sociedade e não à necessidade própria.

Quando analisamos as situações que levam ao estabelecimento de objetivos educacionais em cada época, podemos inferir que uma classe social sempre foi determinante no estabelecimento das regras que estruturam a sociedade e que mantêm a ordem vigente.

Essa concepção encontra respaldo nas palavras de Sêneca a Lucílio:

A civilização do luxo é um desvio em relação à natureza: dia-a-dia cria novas necessidades, que aumentam de época para época; o engenho está ao serviço dos vícios! Começou por ambicionar coisas supérfluas, em seguida contrárias à natureza, e acabou por colocar a alma na dependência do corpo, forçando-a à subordinação aos prazeres físicos. Todas estas técnicas que enchem de agitação e ruído as nossas cidades estão ao serviço do corpo, o que outrora se lhe concedia a título de escravo, é lhe actualmente outorgado como a um soberano! [...] Desapareceu de entre nós a antiga moderação natural que limitava os desejos às necessidades; hoje, desejar apenas o essencial é dar provas de mesquinho provincianismo! (Cartas 90, 19 – grifo da autora).

Nos dizeres do filósofo, o próprio homem se deixa aprisionar pelas necessidades que ele próprio cria, ou seja, a busca pelos prazeres que mantêm o status social encarcera o próprio homem, levando-o a se escravizar aos seus desejos (PEREIRA MELO, 2015).

Ao destacar a menção que o autor faz a uma civilização de luxo que diariamente cria novas necessidades, entendemos que, mesmo em sociedades e épocas distintas, havia a preocupação de preparar pessoas que atendessem às demandas do trabalho – o aprender a fazer.

No entanto, Sêneca explica que a cautela é uma condição necessária para que o homem não seja compelido a fazer algo que contradiz sua virtude. Ou seja, ele precisa ser precavido, não ter ambições e não se colocar em situação de competição, pois “competição gera conflito!” (Cartas 14, 9).

Contraditoriamente a orientação senequiana, a educação contemporânea exige qualificação do sujeito e aptidão para a competitividade, pois o mercado de trabalho exige cada vez mais o aumento na produção, a eficiência do

trabalhador e a eficácia do atendimento à sociedade, por meio do padrão de qualidade dos serviços prestados. Dessa forma, a empregabilidade torna-se um desafio para empregadores e empregados, instigando a competitividade entre os sujeitos.

Em suma, enquanto Sêneca entende que a educação liberta o homem porque age sobre sua mais nobre expressão, a alma, Delors atribui à educação o dever de formar o homem para atender à produção. Assim, a educação contemporânea tem como meta conscientizar o homem de seu lugar na sociedade, de seu papel de produtor e de consumidor, fazendo-o compreender que pode e deve participar da vida coletiva na sociedade, tornando-a melhor ou pior do que já é (FAURE, 1972).

Uma vez definidas as similitudes entre os objetivos de formação pensados por Sêneca e Delors, é importante lembrar que ambos os autores propõem projetos de educação que se estendem ao longo da vida para que o homem possa estar em constante aprendizado.

#### 4.4.1 Educação ao longo da vida

Sêneca acreditava que a separação entre a educação e a prática social resultaria na heterogeneidade das ações humanas e no distanciamento entre os homens. Por isso, considerando que o conhecimento poderia se realizar em qualquer tempo, defendia um modelo de educação que se estendesse ao longo da vida.

[...] ando a escutar as lições de um filósofo, já há cinco dias que frequento a sua escola onde assisto desde as duas horas da tarde às suas preleções! *“Bela idade para ir à escola!”* E por que Não? Não será o cúmulo da insensatez desistir de estudar só porque há muito tempo já que se deixou a escola? *“Ora essa! Então eu hei-de pôr-me ao nível dos miúdos, dos adolescentes?”* Dar-me-ei por muito satisfeito se a minha velhice me não der outros motivos de que me envergonhe: a escola aceita gente de todas as idades. *“Então é para isso que envelhecemos, para imitar os jovens?”* Pois se eu, apesar de velho, posso ir ao teatro e circo, se não há combate de gladiadores a que eu não assista, porque hei-de envergonhar-me de ir assistir às lições de um filósofo?... Temos de estudar enquanto

formos ignorantes; e se é verdadeiro o provérbio, temos de aprender até morrer! Em nenhum caso, aliás, o ditado se aplica melhor do que neste: enquanto vivermos, temos de aprender a viver! (Cartas 76, 1-3).

Em seu entendimento, a educação é incompleta se não for moral e, por isso, o homem deve aproveitar todo o tempo e se dedicar à aprendizagem por toda a vida.

Essa reflexão é próxima da proposta de Delors em seu relatório. A princípio, o relator mostra preocupação com o desenvolvimento humano, atribuindo importância às capacidades individuais e à responsabilidade de cada um com seu próprio destino (DELORS, 2006, p. 16). Nesse sentido, tal como Sêneca, refere-se à necessidade da educação ao longo de toda a vida. Explica Delors que:

[...] Desde que encaremos a educação como um processo a prosseguir ao longo de toda a vida, temos de reconsiderar tanto os conteúdos, como a organização do ensino secundário. Sob a pressão das exigências do mercado de trabalho, a duração da escolaridade tende a aumentar [...] (DELORS, 2006, p. 134).

Na contemporaneidade, “[...] a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas” (DELORS, 2006, p. 103). Sua finalidade é o aperfeiçoamento do homem, que, ao mesmo tempo, precisa responder às necessidades da sociedade e sobreviver diante dos imperativos de um mundo competitivo e de multiriscos.

Para Delors, a educação ao longo da vida seria a chave para a entrada no século XXI, “[...] onde tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver os próprios talentos” (DELORS, 2006, p. 117). Por meio da educação, é possível aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela sociedade de atualização, estudos contínuos e prática de tolerância e respeito pelas diferenças.

A educação ao longo da vida, nos termos do Relatório, corresponde à exigência democrática, que se apresenta como o direito de cada indivíduo de realização plena e permanente, para que possa tornar-se protagonista de seu próprio futuro (DELORS, 2006, p. 104). O relator justifica esse discurso com a

igualdade de oportunidades, que para ele, consiste em uma “[...] construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir” (DELORS, 2006, p. 106).

Depreende-se, portanto, que, em sua perspectiva, a aprendizagem ao longo da vida é a chave para o sucesso, pois todos terão oportunidades na sociedade. Porém, o sucesso de cada um dependerá do desempenho e da atitude individual. Ele procura especificar os requisitos da nova economia mundial a ser atendidos em seu modelo educacional e se refere aos conhecimentos diversificados e atitudes individualizadas.

Em seu modelo, a educação é indicada como uma estratégia para a competitividade econômica e empregabilidade e, ao mesmo tempo, constitui-se num meio de combater a exclusão social (RODRIGUES, 2008). Propomos aqui um importante questionamento. Como a educação pode primar pela tolerância, pela solidariedade e pela paz mundial e ao mesmo tempo desenvolver aptidões para que o sujeito seja individualista e competitivo em sua busca de sucesso na sociedade?

Entendemos que há contradições nesse modelo formativo proposto, pois, ao mesmo tempo em que o relator destaca a coletividade, também enfatiza a individualidade e coloca as responsabilidades do sucesso nas mãos do próprio indivíduo, ou seja, “o sucesso ou o fracasso dependem da atitude de cada um” (Grifos nossos).

Em uma de suas correspondências enviada ao sogro Paulino (*Sobre a Brevidade da Vida*), Sêneca o orienta a buscar o conhecimento, mesmo considerando a idade já avançada.

[...] vou mostrar que, em idade já avançada, o homem, com plena capacidade, pode continuar servindo e orientando os demais, tal como as virgens vestais, que gastaram muitos anos entre vários ofícios para aprender funções sagradas. Depois, passavam a ensinar aos outros aquilo que tinham aprendido [...] (DA TRANQUILIDADE DA ALMA, I).

Em outra correspondência (enviada a Lucílio), Sêneca explica a relevância de se continuar aprendendo ao longo da vida.

Temos de estudar enquanto formos ignorantes; e se é

verdadeiro o provérbio, temos de aprender até morrer! Em nenhum caso, aliás, o ditado se aplica melhor do que neste: enquanto vivermos, temos de aprender a viver! E eis aqui um ponto em que eu possa ensinar alguma coisa. Sabes o que? Que mesmo um velho tem sempre algo a aprender (Cartas 76, 3-4).

Encontramos um pensamento semelhante na proposta da educação para o século XXI. Eis o que afirma Delors sobre a necessidade de o adulto estar em busca constante pelo conhecimento:

[...] o princípio da educação permanente deve abrir possibilidades mais vastas de realização pessoal e de formação após a educação básica permitindo, em particular, que os adultos possam retomar o sistema formal (DELORS, 2006, p. 135).

Do exposto, entendemos que Sêneca e Delors não apresentam os mesmos objetivos, já que vivem e escrevem para homens de épocas distintas. Ao considerar que o conhecimento poderia ser obtido por todos os homens, Sêneca enfatizava a reflexão filosófica como meio propício para a conquista de um bem máximo: a felicidade.

Delors (2006), em seu discurso, defende que a educação deve ser oportunizada a todas as pessoas, de todas as classes sociais, culturas e etnias: homens; mulheres; jovens; crianças; adultos e pessoas especiais. Ao mesmo tempo, o autor, considera que a sociedade do século XXI requer aperfeiçoamento contínuo por meio da qualificação profissional, ou seja, requer profissionais competitivos e competentes. Assim, a educação tem como finalidade atender às necessidades econômicas do século XXI.

Quanto à ideia comum de “conhecimento para todos”, uma questão pulsante diferencia a proposta senequiana da de Delors. Na sociedade atual, veicula-se a necessidade de manter pessoas preparadas para atender às demandas da sociedade globalizada (inovações, tecnologias, mudanças produtivas, novas formas de sociabilidade), o que requer conhecimentos constantemente diferenciados.

Os sistemas educativos devem dar resposta aos múltiplos desafios das sociedades da informação, na perspectiva de

um enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício de uma cidadania adaptada às exigências do nosso tempo (DELORS, 2006, p. 68).

De tal modo, por meio de constante aprendizado, o indivíduo vai adquirir competências que lhe dêem condições de enfrentar situações inusitadas e adversas, pois algumas mudanças no mundo do trabalho requerem sujeitos com menos desenvolvimento intelectual e mais domínio comportamental.

[...] o domínio do cognitivo e do informativo nos sistemas de produção torna um pouco obsoleta a noção de qualificação profissional e leva a que se dê muita importância à competência pessoal. O progresso técnico modifica, inevitavelmente, as qualificações exigidas pelos novos processos de produção [...] é provável que nas organizações ultratecnistas do futuro os *déficits* relacionais possam criar graves disfunções exigindo qualificações de novo tipo, com base mais comportamental do que intelectual. O que pode ser uma oportunidade para os não diplomados, ou com deficiente preparação em nível superior. A intuição, o jeito, a capacidade de julgar, a capacidade de manter unida uma equipe não são de fato qualidades, necessariamente, reservadas a pessoas com altos estudos. Como e onde ensinar estas qualidades mais ou menos inatas? Não se podem deduzir simplesmente os conteúdos de formação, das capacidades ou aptidões requeridas (DELORS, 2006, pgs. 93, 96).

Ao passo que Sêneca reforça a importância do conhecimento e da reflexão filosófica para que o homem alcance a plenitude em sua formação, Delors faz menção à importância da ordem social estabelecida na contemporaneidade e a necessidade de desenvolvimento econômico em todas as nações.

Sêneca orientava que o homem deveria se retirar da vida pública e, por meio da reflexão filosófica, exercício conceituado por ele como ócio útil, buscasse a contemplação de sua alma. Dessa forma, poderia alcançar o aperfeiçoamento pessoal.

O ócio útil, de um lado, proporcionaria a meditação sobre as condições de vida enfrentadas pelo homem; e, de outro, oportunizaria a compreensão daquilo que o condicionava e o levava ao erro.

Se nada tentamos que nos seja salutar, já nos será em si mesmo proveitoso apartar-nos: isolados, seremos melhores. E que dizer de juntarmo-nos aos melhores homens e elegermos algum modelo pelo qual conduzamos nossa vida? Isso não é possível sem o ócio, pois ele propicia o perseverar-nos no que nos agradou, desde que ninguém, com o concurso da multidão, nos desvie a convicção ainda mal-afamada; pois, então, a vida pode avançar em curso igual e regular, enquanto a entrecortamos com nossos propósitos contraditórios (*SOBRE O ÓCIO*, I- 1).

Ao se retirar para se dedicar ao ócio, o homem estaria libertando sua alma, pois se afastaria de tudo o que o condicionava aos prazeres decorrentes dos vícios e paixões. Sêneca concebia o ócio como um momento não de descanso do corpo e sim de melhoramento da pessoa enquanto ser humano. Esse exercício contribuiria para a boa convivência em sociedade, visto que, com base em atitudes pensadas, o homem saberia gerir os conflitos (PEREIRA MELO, 2015).

Na educação contemporânea, a ideia é de melhoria pessoal. A orientação é que as pessoas ocupem seu tempo participando de projetos educativos, cursos de aperfeiçoamento e de melhoria na qualidade de vida.

Em Delors, o ócio seria o tempo livre para a reposição da força do trabalho. A finalidade é a ocupação mental, pois se entende que, para além dessa ocupação, está a necessidade de cada sujeito responsabilizar-se por si mesmo:

[...] é nos tempos livres que as pessoas podem dedicar-se aos seus saberes e desenvolvimento pessoal [...] as instituições culturais como os museus ou as bibliotecas tendem a reforçar as suas funções educativas, já não se limitando apenas a tarefas científicas ou de conservação do patrimônio (DELORS, 2006, p.115).

Ou seja, conforme o relator, o tempo deve ser aproveitado em prol do desenvolvimento individual, o que resultaria no aperfeiçoamento humano. Entendendo que esse discurso surge como uma fachada para convencer o sujeito de que estaria buscando qualidade de vida, julgamos que cabe aqui mais uma reflexão. A que tipo de qualidade de vida o autor se refere? Aproveitar o

tempo para buscar conhecimentos que oportunizem o desenvolvimento do pensamento humano e contribuam para a formação de pessoas melhores ou frequentar cursos para conseguir sobreviver no mundo do trabalho?

Boa parte das atividades ofertadas como “ocupação do tempo livre” está relacionada à formação de mão de obra qualificada ou se mascara como “hobby ou lazer”, condicionando as pessoas a realizar trabalhos e se tornar investidores em si mesmos (empreendedorismo) na expectativa de que isso estaria agregando renda e possibilitando melhores condições de vida.

Outra parte refere-se a ações destinadas à prevenção da saúde mental e física cujo objetivo é contribuir, junto ao governo, para o controle de doenças, do desemprego e do analfabetismo, bem como para os cuidados com a manutenção e o reparo das escolas (amigos da escola), entre outros.

Em suma, em termos de reflexão e de aperfeiçoamento humano, existe uma diferença entre conceito de ócio útil senequiano e o de ócio contemporâneo. Enquanto Sêneca focaliza a formação da integridade da pessoa como ser dotado de alma, Delors focaliza as necessidades do mundo do trabalho e a descentralização das responsabilidades dos governos.

#### 4.5 FINALIDADES DA FORMAÇÃO: CIDADANIA, PAPEL SOCIAL E DIFICULDADES COTIDIANAS

As relações humanas sempre foram fontes de preocupações de Sêneca. Formar o homem para exercer seu papel na sociedade romana, sempre foi um desafio: “[...] usamos tradicionalmente certos vocábulos que designam com toda a eficácia os deveres sociais que pretendemos ensinar” (Cartas 81, 9).

Ele discute assuntos considerados fundamentais para o estabelecimento das relações entre os homens, a exemplo da hierarquia e do desenvolvimento intelectual e individual do homem romano: “[...] eis então a função primordial de seus livros cujos conteúdos estão sempre direcionados para a percepção lúcida do valor moral como expressão da honestidade que qualifica o sábio autêntico” (FERRACINE, 2011, p. 42).

Para Sêneca, é importante que o homem saiba se preparar para enfrentar os problemas de seu dia-a-dia: “[...] qualquer pessoa enfrenta valorosamente

uma situação para a qual se preparou com antecedência e resiste mesmo às circunstâncias difíceis se nelas tiver previamente pensado” (Cartas 107, 4).

O fato de o homem ser formado primeiramente de acordo com os princípios éticos e morais lhe daria condições de viver em harmonia e de cumprir seu papel social: “[...] é certo, mas cumpriu os deveres de um bom cidadão, de um bom amigo, de um bom filho, sem descurar o mínimo por menor; embora o seu tempo de vida ficasse incompleto, a sua vida atingiu a plenitude” (Cartas 93, 4).

Com essa premissa, o autor discute temas como amizade, leitura e conhecimento dos livros. Discute a atitude do homem diante da morte, que se apresenta como oportunidade para a reflexão sobre a importância de viver de acordo com os princípios da natureza e estabelecer boas relações consigo mesmo(a) e com os outros(as).

A amizade é definida por Sêneca como um sentimento de afeto, puro, nobre e desinteressado, o qual tem como alicerce a confiança. Por isso, é importante saber escolher os amigos verdadeiros. Para o autor, somos desejosos de amizades; até mesmo o sábio, que se basta para ser feliz, sente a necessidade de ter um amigo (Cartas 9).

A amizade não deve estar condicionada à utilidade pessoal, mas, sim, à necessidade da natureza humana; trata-se de uma das virtudes do homem, que quando bem cultivada, proporciona a felicidade. O sábio consegue equilibrar seus sentimentos na solidão e, assim, escolhe na multidão aqueles que lhe fazem bem. Essa seria uma regra da verdadeira amizade (PETERLINI, 1999.p. 100).

É importante que o homem saiba refletir sobre suas próprias virtudes para não exigir do amigo uma virtude que nem ele próprio teria desenvolvido: tão ruim quanto se afastar de um amigo porque consideramos que ele é indigno de nossa amizade é concluir que, na verdade, somos nós os algozes da relação e indignos da amizade alheia (PETERLINI, 1999, p. 100). Por isso, é importante que cada qual busque o próprio aperfeiçoamento, pois o homem bom procura o amigo entre seus semelhantes.

É preciso aproveitar todo o tempo na companhia dos amigos, devendo haver entre ambos, elementos como a comunhão, confiança e partilha das

tristezas e alegrias. O tempo voltado à companhia dos amigos é precioso e deve ser qualitativo.

Gozemos intensamente a companhia dos nossos amigos, até porque não podemos saber por quanto tempo o faremos. Pensemos também quantas vezes os deixamos para partir em longas viagens, quantas vezes estivemos sem os ver embora morando na mesma terra: compreenderemos deste modo que, mesmo estando eles vivos, não aproveitamos a sua companhia a maior parte do tempo (Cartas 63, 8).

Além do tempo, o autor aborda os sentimentos de afeto pelos amigos, sentimentos esses que devem ser manifestados com certa proporção, isto é, não se pode ter maior consideração por um único amigo, pois “[...] quem não foi capaz de fazer mais do que um amigo, pouca amizade tinha certamente para oferecer!” (Cartas 63, 11). Amigos são pessoas para as quais devemos confiar segredos, abordando todos os assuntos, o primeiro dos quais é o próprio amigo. Daí a importância de se saber escolher e julgar antes de se estabelecer uma amizade.

[...] Mas nada agrada tanto à alma como uma amizade fiel e doce. Que felicidade a de encontrar corações aos quais se possa sem temor confiar quaisquer segredos; consciências que nos temem menos do que a nossa; companheiros, cuja palavra acalma nossas inquietações, cujos conselhos guiam nossas decisões, cuja alegria dissipa nossa tristeza e cuja visita seja para nós um prazer! Naturalmente, escolhê-lo-emos também isentos de paixões, o quanto for possível, pois o vício é contagioso: ele se apodera de nós desde que nos aproximamos e seu contato é funesto (SÊNECA, *Da tranquilidade da alma*, VII)

Para o autor, não há quantidade mínima ou máxima de amigos. Podemos eleger tantos quantos nos for possível, mas precisamos ter cautela, pois, caso eles estejam acometidos pelos vícios, podem colocar em perigo os que os cercam (VERA, s/d). Por isso, o laço da amizade precisa ser estabelecido com base na confiança.

Embora Sêneca considere importante ter amigos, ressalta a necessidade de equilíbrio. De um lado, não se pode confiar em todas as pessoas; de outro,

não se deve guardar para si próprios problemas e angústias, pois é preciso confiar a alguém as situações que levam o homem à inquietude.

As reflexões do autor sobre a amizade auxiliam-nos a reconhecer sua importância, benefícios e a necessidade de cautela que o homem deve ter na escolha dos amigos, para que não se contamine pelos vícios oriundos dessa relação. É válido lembrar que esse sentimento estabelece relações entre as pessoas e, por isso, o filósofo lhe dá grande destaque.

Enquanto Sêneca destaca a importância da amizade nas relações humanas, Delors destaca a solidariedade entre as pessoas. Tal reflexão, porém, entra em contradição com os objetivos de formação que propõe no Relatório: ao mesmo tempo em que aponta a necessidade da solidariedade, também atribui valor ao desenvolvimento das capacidades individuais, a despeito da disparidade entre solidariedade e competitividade. “Por que essas capacidades e não outras? Não se trata de uma formação contraditória? Como formar sujeitos competitivos e, ao mesmo tempo, solidários?” (GALUCH, SFORNI, 2011).

Segundo o autor do Relatório, o indivíduo deve ser formado para viver junto com outros, ser compreensivo (consigo e com o outro), reconhecendo sua cultura, seus valores e entendendo a sociedade, visando à sua participação de um mundo mais solidário.

A educação tem, pois, uma especial responsabilidade na edificação de um mundo mais solidário, e a Comissão pensa que as políticas de educação devem deixar transparecer, de modo bem claro, essa responsabilidade. É, de algum modo, um novo humanismo que a educação deve ajudar a nascer, com um componente ético essencial, e um grande espaço dedicado ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações e ao respeito pelos mesmos para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas. O sentimento de partilhar valores e um destino comuns constitui, em última análise, o fundamento de todo e qualquer projeto de cooperação internacional. (DELORS, 2006, p.49).

A convivência social aparece como um dos pontos mais preocupantes no Relatório. Trata-se, segundo o relator, de um resgate do caráter humano, no sentido de contribuir para a humanização das relações e o fortalecimento dos

vínculos entre as pessoas de todas as nações, primando pela amizade e pela paz mundial.

Em todo o mundo, a educação, sob as suas diversas formas, tem por missão criar, entre as pessoas, vínculos sociais que tenham a sua origem em referências comuns. Os meios utilizados abrangem as culturas e as circunstâncias mais diversas; em todos os casos, a educação tem como objetivo essencial o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social. Define-se como veículo de culturas e de valores, como construção de um espaço de socialização, e como cadinho de preparação de um projeto comum (DELORS, 2006, p.51 – grifo da autora)

Constatamos, portanto, que o relator enfatiza as relações sociais como missão da educação, considera-a um “cadinho que prepara para um projeto comum”. A palavra cadinho refere-se a um “recipiente que resiste a temperaturas elevadas”, sendo associada ao ato de “fundir” e também ao de “moldar”. Considerando esses sentidos, podemos inferir que as temperaturas elevadas podem estar relacionadas aos problemas de uma sociedade díspar.

Tal projeto estaria relacionado à moldagem do sujeito conforme os parâmetros sociais e econômicos, conforme os interesses que nem sempre correspondem aos projetos ditos comuns. Ou seja, enquanto uns contribuem com o esforço físico para o desenvolvimento econômico, produzindo em alta escala, outros usufruem da riqueza acumulada. O fato é que, ao longo de seu texto, o relator destaca a existência de um projeto comum, porém não esclarece que tipo de projeto seria esse.

Ao retomar o pensamento senequiano, além da amizade, o filósofo destaca o papel da leitura e dos livros no desenvolvimento de boas relações humanas. Para ele, o conhecimento proporcionaria essa condição ao homem.

A leitura alimenta a inteligência e retempera-a das fadigas do estudo, sem, contudo, pôr de lado o estudo. Não devemos limitar-nos nem só à escrita, nem só a leitura: uma diminui-nos as forças, esgota-nos (estou me referindo ao trabalho da escrita), a outra amolece-nos e embota-nos a energia (Cartas 84, 2).

A compreensão é de que o equilíbrio entre leitura e escrita proporcionaria a compreensão necessária sobre o assunto eleito. As duas atividades deveriam ser alternadas e requerem muita dedicação e esforço do homem.

Estudar era uma forma de virtude, pois o estudo proporciona o conhecimento e a compreensão dos fatores que se apresentam na vida humana. Quando estuda, lê livros e adquire o conhecimento, o homem tende a compreender o outro e a si mesmo (Cartas 90), o que favorece as boas relações humanas. O estudo, aliado ao exercício da leitura e da escrita, favorece a troca de correspondências, tornando possível expor princípios e ideias.

Por isso, Sêneca utiliza o instrumento (carta) para estabelecer relações com os seus amigos (CORDEIRO, 2002, p. 17). Ao sugerir que, para ser bom, o homem necessita estudar (Carta 90, 45), o autor ratifica a ideia de que o estudo proporciona condições para uma vida virtuosa.

Ao desenvolver essa ideia, o filósofo enfatiza os estudos voltados para a reflexão filosófica e enaltece a filosofia como alicerce da formação humana. A sabedoria, que é o bem supremo do espírito humano, carece do impulso da filosofia para ser desenvolvida. A filosofia é a parte especulativa e ativa da vida humana, isto é, ela adentra a contemplação e se manifesta por meio da ação.

#### 4.6 O PAPEL DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA

Ao relacionar filosofia com o amor, Sêneca explica que a sabedoria e a filosofia são distintas, mas dependentes; pois, para alcançar a primeira, o homem precisa da segunda (Cartas 89, 8). Por meio da filosofia racional, que se caracteriza por um sistema de perguntas e respostas, o homem faz um exercício reflexivo que pode levá-lo a uma vida virtuosa.

Que haveria na filosofia capaz de merecer a nossa admiração se ela fosse um objeto que se pudesse oferecer? A sua única tarefa é descobrir a verdade acerca das coisas divinas e humanas; nunca estão à margem dela a religião, a piedade, a justiça e todo o restante do cortejo de virtudes interligadas e coerentes entre si (Cartas 90, 3).

Essa formulação conceitual de Sêneca reforça a ideia de que a filosofia ensina a respeitar o divino e amar o humano. Segundo ele, o mundo é governado

pelo divino e a condição humana é igual para todos; e, por isso, atribui um valor inestimável à filosofia, caracterizando-a como a ciência condutora da alma humana. Como tal, ela possibilita a distinção entre o bem e o mal e, dessa forma, favorece o desenvolvimento de virtudes essenciais como a lealdade, a coragem, a temperança, a simpatia, a moderação, a clemência, entre outras necessárias ao estabelecimento das relações humanas (Cartas 88, 30).

A filosofia é apresentada como uma matéria com as dimensões do universo; seu objetivo seria formar o homem em sua plenitude, proporcionando-lhe condições para compreender o universo, agir de acordo com a razão.

Na Carta 107, Sêneca lembra que todos os homens enfrentam, em algum momento da vida, situações difíceis para as quais não estão preparados previamente. Por isso, devem se preparar para entender e enfrentar os problemas ou situações inusitadas sem que isso lhes cause sofrimento.

Alerta o autor para o fato que as pessoas não se preocupam em se preparar para situações adversas porque entendem que a vida segue um percurso que não pode resultar em algo que as faça sofrer. Dessa forma, fazem planos para o futuro e se esquecem de que ele é incerto; não se preparam para a morte e não vêem que lhe dão seu contributo (Cartas 120, 18).

No mundo contemporâneo, a filosofia não encontra muitos adeptos, sendo até mesmo entendida como irrelevante. No entanto, o seu papel é significativo, pois ela contribui para a formação humana, proporcionando a reflexão e o amadurecimento do indivíduo em face da realidade de cada um.

O ponto axial entre a filosofia senequiana e a contemporânea está em seus objetivos. A prioridade de Sêneca era a reflexão filosófica individual que poderia conduzir o homem a pensar em suas ações e mudar sua conduta com base na percepção de seu erro. Na atualidade, uma das principais metas da filosofia é a reflexão para a convivência, a paz e a felicidade do indivíduo.

Precisamos considerar que a paz e a felicidade estão na dependência da compreensão do homem sobre o mundo e sobre si mesmo. Seu contato com o mundo ocorre de diversas formas, portanto, a cultura, os valores, a ciência e a religião devem ser compreendidas e respeitadas.

A filosofia tem papel fundamental no processo de superação da irracionalidade do ser humano, o que implica sua compreensão e a expansão do pensamento crítico a seu respeito. Entendemos que o conhecimento proporciona

a superação da irracionalidade e auxilia na descoberta de novas possibilidades que possam beneficiar a vida humana.

Sêneca considera a amizade, o conhecimento e a filosofia como princípios importantes no estabelecimento das relações humanas. Embora Delors, em seu Relatório, não demonstre preocupação semelhante com as angústias senequianas, discute suas inquietações com a educação em face da crise das relações sociais no capitalismo e da necessidade de formar o homem para atuar nessa sociedade.

Sua aflição decorre do quadro social alarmante do século XXI. A fome, o desemprego, a marginalização e a pobreza são os principais problemas a ser resolvidos em caráter de urgência. Referindo-se a essa situação, ele afirma que “[...] a crise social do mundo atual conjuga-se com a crise moral e vem acompanhada do desenvolvimento da violência e da criminalidade” (DELORS, 2006, p. 53).

Em seus termos, historicamente, as sociedades sofreram conflitos que colocaram em risco sua harmonia (o que ele chama a todo o momento de coesão). No entanto, atualmente “[...] não se pode deixar de dar importância a um conjunto de fenômenos que, na maior parte dos países do mundo, surgem como outros tantos índices de uma crise aguda das relações sociais” (DELORS, 2006, p. 52). Dentre os fatores que, na visão do relator, são responsáveis pela disparidade social e se refletem nas relações sociais, estão: a pobreza; o crescimento populacional, a diversidade e a democracia.

O que aproxima as propostas de formação de Sêneca e Delors é que, independentemente do momento histórico de cada um, ambos entendem que, com sua conduta, o homem deve atender aos anseios da sociedade. A conduta instiga o desenvolvimento da razão, que, por sua vez, é o principal bem que o homem pode ter. Enquanto para Sêneca, razão é sinônimo de viver de acordo com a natureza, para Delors, a razão (apreender, compreender, julgar) deve levar o indivíduo à conscientização generalizada das relações entre as pessoas. A ideia de se pensar em estratégias para um mundo multirrisco (Século XXI) cria um clima de incerteza, apreensão e de hesitação na busca pela solução dos problemas em escala mundial (DELORS, 2006).

A responsabilidade é fator primordial para a efetivação do processo formativo, por isso, ambos os autores enfatizam que os desenvolvimentos

pessoal e coletivo são condutores da sociedade. Para tanto, o homem precisa fazer uso da razão e buscar o conhecimento necessário ao seu desenvolvimento.

Em suas ações, o homem deve levar em consideração seu momento histórico e, por conseguinte, atender aos anseios individuais e coletivos, porém, vale destacar que no Relatório Delors, o que se apresenta não é uma preocupação com a filosofia para a formação humana, mas sim, uma preocupação com metodologias ativas e, ao mesmo tempo, passivas, que conduzam à formação técnica profissional.

Enquanto Sêneca propõe uma formação que leve o homem à condição de sábio, em Delors, parece não existir a necessidade de refletir sobre o modo de vida, mas apenas aceitá-lo, sem maiores questionamentos, para a sua adaptação na sociedade. Especialmente, no mundo do trabalho.

Em síntese, o Quadro 2 a seguir demonstra as principais aproximações e diferenças entre Sêneca e Delors.

#### QUADRO 2 - DEMONSTRATIVO: PRINCIPAIS APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE SÊNECA E DELORS

Autor	Lucio Anneu Sêneca	Jacques Lucien Jean Delors	Principais Aproximações e Diferenças
Período	- Século I.	- Século XXI.	<b>Aproximações:</b> Período que requer mudanças na formação humana. <b>Diferenças:</b> Vinte séculos separam os autores.
Formação	- Filósofo romano	- Economista francês	<b>Aproximações:</b> Ambos apresentam orientações que atendam a formação do homem do seu tempo. <b>Diferenças:</b> As orientações senequianas seguem os princípios da filosofia, por isso busca no estoicismo os caminhos que direcionam o homem romano a viver bem. Delors enfatiza preocupação com a economia, por isso, especifica objetivos que ratificam e fortaleçam o sistema econômico das nações.
Palavras-chave	Homem ideal; educação; sociedade; ética e moral	Indivíduo, Educação, Trabalho, Sociedade, capitalismo, recrutamento, competências, eficiência e eficácia	<b>Aproximações:</b> Ambos apresentam em seus textos, palavras-chave que justificam a formação da qual defendem. <b>Diferenças:</b> As palavras-chave dos textos senequianos sempre abordam a formação moral do homem romano, enquanto em Delors, as palavras-chave destacam a formação das competências necessárias ao atendimento das demandas do século XXI.
Orientações	- Para o homem romano.	- Para a aldeia global, todas as nações.	<b>Aproximações:</b> Preocupação com a formação humana.

			<b>Diferenças:</b> Sêneca compreende a necessidade específica do homem romano enquanto Delors apresenta uma preocupação globalizada, atendendo a todas as nações,
<b>Preocupação do autor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Salvar o homem do sofrimento;</li> <li>- Formação do homem ideal;</li> <li>- Formação do homem para exercer o seu papel, viver e atender aos anseios da sociedade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Universalizar a condição de vida do homem do século XXI, por meio do trabalho;</li> <li>- Desenvolvimento capitalista e manutenção do sistema;</li> <li>- Harmonia social e formação para a adequação e atendimento do homem aos anseios da sociedade.</li> </ul>	<b>Aproximações:</b> Ambos pensam na formação humana e acreditam que os problemas da sociedade do seu tempo podem ser amenizados pela educação.  <b>Diferenças:</b> Sêneca pensa na felicidade (paz de espírito) do homem romano. Delors orienta a formação para o atendimento das demandas do sistema capitalista em esfera global.
<b>Concepção de Homem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Corpóreo, espiritual, racional;</li> <li>- Distinto entre si e iguais para a aprendizagem pois são possuidores da razão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Indivíduo; produtivo; possuidor de habilidades e competências;</li> <li>- Iguais perante a lei e distintos enquanto ser humano nas formas de aprendizagens.</li> </ul>	<b>Aproximações:</b> Em ambos os autores existe a preocupação com a formação do homem necessário a sociedade em que vivem (ideal). <b>Diferenças:</b> Sêneca entende o homem como um ser composto de corpo e alma, por isso orienta a reflexão filosófica para a sua formação, enquanto Delors considera a razão humana, no entanto ressalta a formação do mesmo dentro dos quatro pilares educacionais para que possa fortalecer o mercado de trabalho.
<b>Condições atuais do homem e suas necessidades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acometido dos vícios e paixões;</li> <li>- Escravizado, atormentado, adoecido; vencido, de bem, sábio e sagrado.</li> <li>- Necessita de educação (Individual e coletiva);</li> <li>- Deve saber tomar decisões e fazer seu próprio destino.</li> <li>- Deve se preparar para enfrentar os problemas do cotidiano.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Necessitado de mudança e oportunidades na sociedade;</li> <li>- Responsável pelo seu futuro (sucesso ou fracasso); escravo do sistema;</li> <li>- Capaz de resolver seus próprios problemas, dominar e organizar o meio ambiente em função de suas necessidades;</li> <li>- Necessita de educação (individual e coletiva);</li> <li>- Desenvolver suas capacidades (04 pilares da educação);</li> </ul>	<b>Aproximações:</b> Ambos entendem que a condição do homem de sua época precisa ser modificada pela educação. <b>Diferenças:</b> Para Sêneca a necessidade do homem está na busca pela verdadeira felicidade, ou seja, na paz interior, que só se alcança vivendo de acordo com a natureza. Delors entende que o homem do século XXI sofre devido a ausência de condições materiais que atendam as necessidades da sociedade, por isso, especifica qualificação (força de trabalho) como condição para uma vida feliz. Para o autor, quanto mais conhecimento prático o indivíduo possuir, maior a sua chance de se adequar ao mercado de trabalho e conquistar o padrão de felicidade capitalista (progresso material).
<b>Sociedade e Relações Humanas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociedade escravista;</li> <li>- Existe distinção social e violência;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociedade capitalista e competitiva;</li> <li>- Existe distinção social e violência</li> <li>- Todas as pessoas podem desenvolver</li> </ul>	<b>Aproximações:</b> Ambos analisam a sociedade para orientarem o modelo formativo do homem. <b>Diferenças:</b> Sêneca entendia que a sociedade romana estava adoecida pelos vícios e paixões, por isso orientava o homem

	<p>- A amizade é importante para o estabelecimento das relações;</p> <p>- Homens e mulheres são racionais e capazes de desenvolver as virtudes.</p>	<p>aptidões para atender o sistema social.</p>	<p>romano a buscar a reflexão filosófica para compreensão e de si mesmo e do seu papel enquanto ser humano. Delors entende que as nações do século XXI necessitam adaptar-se ao meio. Em Sêneca a busca desenfreada pela riqueza era considerada um vício, enquanto Delors considera a conquista dos bens materiais como resultado do trabalho do homem qualificado e subserviente (meritocracia). Em Sêneca a mulher é um ser ativo, mesmo tendo nascido para ser frágil e passiva. Em Delors a mulher é considerada forte e ativa, por isso, precisa capacitar-se também para o mundo do trabalho e a organização familiar.</p>
<p><b>Educação; Conhecimento e Desenvolvimento</b></p>	<p>A Autoeducação;</p> <p>- A educação é instrumento de transformação: primordial para o desenvolvimento das virtudes, por isso, deve ser estruturada na reflexão filosófica</p> <p>- Aprender a fazer.</p> <p>- Regeneração do homem;</p> <p>- O domínio teórico, e o aprender a fazer devem estar juntos no processo educacional.</p> <p>- Educação ao longo da vida é para todos e para aperfeiçoamento pessoal;</p> <p>- É preciso ter vontade</p> <p>- Leva a liberdade</p> <p>- O conhecimento poderia se realizar em qualquer tempo.</p>	<p>- Autoeducação;</p> <p>- O conhecimento deve ser eficaz aos saberes-fazer evolutivos e adaptados à civilização cognitiva.</p> <p>- A educação é considerada um grande problema na atualidade;</p> <p>- Conhecimento é: Instrução, ensino e qualificação;</p> <p>- Educação permanente para a qualificação pessoal (04 pilares educacionais);</p> <p>- Busca pela oportunidade, qualificação, competitividade e sobrevivência, por isso é contra exclusões;</p> <p>- Leva à liberdade, para tanto é preciso ter vontade;</p> <p>- O conhecimento pode se realizar ao longo de toda a vida.</p>	<p><b>Aproximações:</b> Para ambos é preciso ter vontade para que a aprendizagem aconteça.</p> <p><b>Diferenças:</b> Sêneca acredita que a educação leva o homem a liberdade, visto que por meio dela, o homem pode se libertar dos vícios e paixões que aprisionam sua alma. Delors expressa nas orientações que a educação leva a liberdade, no entanto o entende-se que existe um conceito de falsa liberdade visto que o indivíduo feliz é aquele que se adapta ao sistema vigente. Em Sêneca a prioridade é a formação da alma (regeneração), enquanto em Delors é a formação para o trabalho (atender a produção).</p>

<b>Educação ao longo da vida</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ócio útil: Necessária para a reflexão filosófica;</li> <li>- Superação da ignorância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Melhoria pessoa; construção contínua da pessoa humana.</li> <li>- Chave para a entrada no século XXI e para o sucesso;</li> <li>- Oportunidade de aprendizagem diversificada e capacitação profissional.</li> </ul>	<p><b>Aproximações:</b> Sêneca e Delors destacam em seus textos a importância da educação ao longo da vida, visando a melhoria da pessoa.</p> <p><b>Diferenças:</b> Em Sêneca essa orientação está voltada para o aprimoramento da pessoa enquanto ser humano, ou seja, o autor, especifica a importância do ócio produtivo para que o homem possa refletir sobre os problemas que causam a infelicidade, compreender a importância de aceitar os preceitos da natureza sobre a vida humana. Em Delors a educação ao longo da vida, apresenta-se como condição de aprender e produzir mais tempo, ou seja, ter condições de aprender, se promover, sobreviver por meio das oportunidades da sociedade. Para Delors, quanto mais aprendizado, qualificação e produção, mais oportunidades o indivíduo terá perante o mercado de trabalho competitivo e multirriscosos.</p>
<b>Escola</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importante na formação do homem, porém o papel fundamental é do educando;</li> <li>- Local de formação humana e desenvolvimento de saberes individual e coletivo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importante no cumprimento dos objetivos da formação do homem;</li> <li>- Não é o único local de aprendizagem.</li> <li>- Deve seguir as orientações governamentais atendendo as necessidades da sociedade.</li> <li>- Local de disseminação de informações (saberes individual e coletivo) e conhecimentos diversificados (qualificação).</li> </ul>	<p><b>Aproximações:</b> Ambos consideram a escola como espaço de disseminação do conhecimento.</p> <p><b>Diferenças:</b> Sêneca valoriza o conhecimento historicamente acumulado, por isso, busca exemplos de filósofos antigos para justificar suas orientações. Delors valoriza o conhecimento prático e técnico, por isso, especifica os quatro pilares da educação como via de formação totalizada para o homem do século XXI.</p>
<b>Conteúdos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Deveriam ser estudados ordenadamente;</li> <li>- Deve contribuir com a formação moral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Podem ser estudados por área;</li> <li>- Devem seguir as diretrizes governamentais.</li> <li>- Deve preparar para o mercado de trabalho.</li> </ul>	<p><b>Aproximações:</b> Os autores consideram a importância dos conteúdos na formação do homem.</p> <p><b>Diferenças:</b> Em Sêneca, os conteúdos devem primar pela formação moral, enquanto em Delors, os conteúdos devem apresentar as informações básicas para a formação utilitária do indivíduo.</p>
<b>O professor e o processo de Ensino e Aprendizagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O professor é um guia no processo educativo;</li> <li>- Ensino conduzido por professores, mestres, filósofos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O professor é um facilitador no processo de aprendizagem;</li> <li>- Ensino é técnico, realizado por professores, instrutores capacitados.</li> <li>- Aprendizagem deve ser quantitativa (aprender a aprender).</li> </ul>	<p><b>Aproximações:</b> Os dois autores reconhecem a figura do professor enquanto condutor do ensino, bem como da importância da aprendizagem significativa.</p> <p><b>Diferenças:</b> Sêneca ressalta o professor como um guia da formação moral, por isso, precisa ser exemplo para seus alunos. Também destaca a importância da qualidade da aprendizagem, assim, enfatiza os conhecimentos filosóficos como norteadores desse processo. Em Delors além do professor</p>

	- Aprendizagem deve ser qualitativa (Reflexão filosófica).		ser um facilitador no processo da aprendizagem, o conhecimento é utilitário, por isso, a aprendizagem deve atender as especificidades do indivíduo e do sistema social.
<b>Objetivo e fim da educação</b>	- Viver de acordo com a natureza; - Atender o sistema vigente; - Formar o homem dentro dos conceitos da moral e da ética. - Orientar para a conquista da felicidade; - Desenvolvimento das virtudes.	- Sobreviver; - Atender o sistema vigente; - Formar o indivíduo dentro dos Quatro pilares da educação. - Orientar para conseguir sucesso no trabalho e qualidade de vida; - Desenvolvimento do intelecto, da personalidade e das capacidades.	<b>Aproximações:</b> Os dois autores apresentam objetivos de formação que justificam a sociedade em que vivem, por isso, destacam as necessidades de cada momento histórico em seus textos. <b>Diferenças:</b> O objetivo da formação senequiana deve atender a formação da alma, por isso, o homem precisa compreender a importância de saber viver de acordo com a natureza. Assim, o autor entende que a qualidade de vida se conquista por meio da formação da alma. Em Delors, a qualidade de vida tem como finalidade principal servir ao sistema econômico, por isso, o autor destaca as capacidades práticas em nos objetivos educacionais. Enquanto Sêneca enfatiza a importância de viver de acordo com a natureza, Delors salienta a importância da sobrevivência em meio ao mundo multirrisco.
<b>Princípios e Valores Morais</b>	- Estão condicionados a liberdade do homem.	- Estão relacionados ao compromisso com o mundo trabalho e a produção.	<b>Aproximações:</b> Ambos entendem a importância da formação moral. <b>Diferenças:</b> A formação moral em Sêneca é específica aos preceitos da natureza, por isso o autor entende que o desenvolvimento das virtudes morais levam o homem a conquistar uma vida feliz e a viver em paz consigo mesmo. Para Delors, os valores morais estão atrelados as responsabilidades acatadas pelo trabalhador, ou seja, ao indivíduo que atende ao mercado de trabalho com compromisso, assiduidade, respeito, que seja eficiente e eficaz no exercício de sua função. Em suma, o homem moral deloriano, é aquele que cumpre com seus afazeres no trabalho, sem desencadear conflitos dos quais possam influir na dinâmica do trabalho.
<b>Filosofia</b>	- Meio para alcançar a sabedoria; - Poderia conduzir o homem a pensar em suas ações e mudar sua conduta com base na percepção de seu erro.	- Contribui com o amadurecimento do indivíduo em face da realidade de cada um; - Sua principal meta é a reflexão para a convivência, a paz e a felicidade do indivíduo.	<b>Aproximações:</b> Sêneca e Delors destacam a importância da filosofia em seus textos. <b>Diferenças:</b> Em Sêneca a filosofia é o caminho para se atingir os objetivos de sua educação. Via que conduz o homem a verdadeira felicidade. Em Delors, a filosofia é considerada uma disciplina do currículo escolar, da qual deve contribuir com a reflexão do indivíduo sobre os conflitos da humanidade, suas causas e consequências. Dessa forma, o autor destaca a importância da tolerância diante desse contexto. Outra diferença de suma importância nessa categoria diz respeito ao fim da filosofia, que para Sêneca está na obtenção da felicidade e para Delors, embora a filosofia também tenha

			a incumbência de levar o indivíduo a reflexão para compreender e saber resolver situações do seu cotidiano, levando o mesmo a felicidade, o conceito de felicidade está na obtenção e conquistas de bens que satisfaçam (ou não!) suas necessidades.
<b>Bens materiais</b>	Considerados “vícios” que distanciam o homem de sua verdadeira essencialidade e – a alma.	- São alicerces para uma vida mais tranquila e feliz.	<b>Aproximações:</b> Ambos autores, consideram os bens materiais como influentes na vida do homem. <b>Diferenças:</b> Em Sêneca os bens materiais contribuem com o adoecimento do homem, pois levam o mesmo aos vícios e paixões. Delors apresenta em seu texto, um discurso que leva a compreensão de que a aquisição de bens materiais alicerçam o futuro do indivíduo, pois seriam resultados do trabalho humano.
<b>Felicidade</b>	-Conquistada de acordo com a natureza.	- Se atinge por meio do esforço e das conquistas oriundas do trabalho.	<b>Aproximações:</b> Sêneca e Delors apresentam preocupação com a felicidade do homem. <b>Diferenças:</b> A felicidade em Sêneca está na fidelidade do homem aos preceitos morais, condição esta que o leva a paz de espírito. Em Delors, o conceito de felicidade está na obtenção de privilégios que o homem conquista por meio do seu esforço na vida produtiva.
<b>Harmonia social</b>	- Existência de problemas de ordem social; - Os homens são irmãos pela alma.	- Existem problemas de ordem social. - Os homens precisam desenvolver a empatia, a fraternidade e a solidariedade.	<b>Aproximações:</b> Sêneca e Delors apresentam preocupação com a harmonia social, pois consideram os problemas que desencadeiam os conflitos na sociedade, assim, escrevem orientações que possam contribuir com a pacificação do homem. <b>Diferenças:</b> Sêneca considera todos os homens iguais e irmãos pela alma, portanto, para ele, existem problemas de ordem social, no entanto, o homem virtuoso e de alma pura pode contribuir com a pacificação da sociedade. Em Delors, para que a harmonia social aconteça, é preciso que o indivíduo se adapte ao meio e aprenda a gerenciar conflitos, usar da empatia e da solidariedade. Dessa forma, os conflitos de ordem social podem ser amenizados.
<b>O Homem ideal</b>	- Aquele que se apropria dos conhecimentos historicamente acumulados; é possuidor das virtudes e convicto sobre o seu pertencimento ao universo.	- Capaz de mudar a própria realidade, trabalhador, criativo, solidário, empático, pacífico, tolerante. Precisa ser convicto sobre a importância do trabalho; ter domínio das categorias de formação (04 pilares da educação).	<b>Aproximações:</b> entendem que o homem ideal deveria atender aos anseios da sociedade da qual pertencem. <b>Diferenças:</b> O homem ideal em Sêneca deveria seguir os princípios estoicos e viver de acordo com a natureza enquanto que em Delors o homem ideal é o homem que apresente capacidades e habilidades diferenciadas para atender a demanda do mercado de trabalho. Sêneca acredita na formação reflexiva e paulatina. Delors é imediatista, não valoriza o conhecimento clássico, somente o conhecimento prático.

Elaborado pela autora (2019).

De forma simplificada, esse quadro nos permite cotejar as principais ideias presentes nos textos dos respectivos autores e compreender o objetivos de suas propostas formativas.

Com tal exercício, buscamos demonstrar as possíveis aproximações e diferenças existentes entre as ideias pensadas para a formação do homem propostas por Sêneca e Delors em épocas distintas.

É importante ressaltar que Sêneca era um filósofo, enquanto Delors é um economista, ou seja, conforme exposto no quadro demonstrativo, suas propostas formativas apresentam os pressupostos de suas respectivas formações.

Apesar de existirem algumas aproximações entre os autores, Sêneca escreveu para a elite da sociedade romana, tinha como preocupação, salvar o homem do sofrimento, por isso, almejava formar o homem ideal para a sociedade romana do seu século (formação humanista). Quanto a Delors, o autor, direciona suas orientações para todas as nações, por isso, considera o desenvolvimento e a manutenção do sistema capitalista e intenciona universalizar a condição de vida do homem do século XXI, preparando-o para o trabalho (formação tecnicista). Daí as implicações dessa tese. A seguir apresentamos as considerações finais sobre o estudo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver essa pesquisa, nosso objetivo foi encontrar possíveis aproximações e diferenças entre os conceitos de formação de homem explícitos no pensamento de Lúcio Anneu Sêneca (*Cartas a Lucílio*) e de Jacques Lucien Jean Delors (*Relatório Delors para a Unesco*), tendo em vista o homem ideal concebido pelos autores.

Consideramos que em toda época, existem questões sobre a formação humana, próximas e atemporais. Por isso, em nenhum momento, essa pesquisa teve a intenção de fazer sobreposições entre os autores pesquisados, mas sim, analisar o modelo educacional pensado por ambos, desvendando possíveis ecos da formação senequiana nas orientações do relatório Delors.

Assim, destacamos a existência das dificuldades na realização desse exercício. Considerando todo o distanciamento histórico, econômico, social, cultural e educacional que particularizam esses autores, não se pode negar que há momentos que eles se cruzam, sobretudo, no que diz respeito à formação dos homens em seus respectivos tempos.

Ambos os autores, especificam a formação do homem ideal, capaz de atender às demandas da sociedade de seu tempo, por isso, tratam de conceitos que são universais e atemporais, que transcendem o tempo, a cultura e espaços, a exemplo da moral e da ética.

Assim pensando, os conceitos analisados apresentam possíveis aproximações e guardam certos tipos de semelhanças, porém cada qual orienta a formação do homem em atendimento ao seu tempo, espaço, cultura e sistema econômico e social vigente. Isso significa que as questões sociais e educacionais que emergem em cada época requerem uma determinada formação das pessoas, ou seja, que as necessidades históricas modificam ou reforçam comportamentos considerados imprescindíveis para a manutenção do sistema.

Entendemos, portanto, que a nossa investigação, de alguma forma, contribui, sobretudo, para a reflexão e a compreensão da incumbência atribuída à educação e de sua tendência a agregar os valores emergentes da sociedade. Ponderamos que é dessa perspectiva que os objetivos educacionais devem ser

analisados e discutidos, pois podem responder ou justificar a sustentação de determinados valores ao longo da história.

A leitura de grande parte da obra senequiana nos permite observar que se trata de um pensador inquieto com a sociedade romana de seu tempo. Sêneca foi um aristocrata romano bem conceituado social e politicamente, em face dos cargos ocupados, e com uma grande riqueza, tanto em termos de acúmulo de bens quanto em termos intelectuais.

Deste modo, optamos pelo filósofo, como um dos parâmetros da pesquisa e, devido à singularidade de seu pensamento, supostos ecos desse, foram perscrutados nas orientações contidas no *Relatório Delors*, segundo os quais, a formação do homem atual deveria atender aos anseios do século XXI. Tal preocupação orientou o pensamento senequiano no Século I.

Ressaltamos que, embora os escritos de Sêneca tenham sido direcionados ao setor privilegiado da sociedade romana, a aristocracia, os valores morais e éticos por ele defendidos são universais, adequando-se, portanto, a todos os homens. Assim, mesmo que ele não tenha escrito para o homem em geral, os valores por ele defendidos referem-se à humanidade.

A questão moral é a essência do pensamento filosófico de Sêneca e, por extensão, de seu modelo formativo: “[...] somente a consciência moral proporciona uma verdadeira tranquilidade (Cartas 56, 6)”. Os pressupostos do pensamento senequiano relacionam-se a um conceito de vida que perpassa a existência do homem enquanto indivíduo. Esse pensamento de Sêneca tem contribuído para as formulações pedagógicas de diferentes momentos históricos.

Os conceitos estudados em Sêneca parece-nos claros e objetivos, primando sempre pela harmonia social, ao passo que os mesmos conceitos estudados em Delors, apresentam algumas contradições, pois ao mesmo tempo em que o autor destaca a importância da harmonia social, fomenta a competitividade, por intermédio do rendimento no trabalho.

Nos textos senequianos, encontramos reflexões sobre os conflitos, vícios, incertezas e aflições que invadem a vida como um todo. Embasada nos ideais do estoicismo, sua produção filosófica abrange diferentes estilos, como consolações, cartas, tragédias e diálogos filosóficos. Nessa produção, ele ressaltava a importância da filosofia para a formação do homem ideal.

A filosofia não pode ser vista meramente como teoria que pode ser utilizada somente para exibição em público. Ela consiste em ações concretas que orientam o caminho a ser seguido pelo homem. É ela que dá segurança ao homem, quando o mesmo necessita tomar atitudes.

Assim, compreendemos Sêneca em um contexto marcado pela tradição filosófica, exatamente por sua própria experiência de vida. O pensador explora uma filosofia prática e, como observamos em *Cartas a Lucílio* (uma espécie de guia moral), tomando para si a tarefa de educar o discípulo, incentivando-o a refletir sobre os problemas morais. Entre os seus objetivos transparecem a necessidade de converter gradualmente o amigo Lucílio às teses estoicas, levando-o a dominar os princípios dessa escola (da qual Sêneca era um dos maiores representantes), para torná-lo capaz de aplicar esses princípios no cotidiano e de se libertar especialmente dos condicionantes de ordem social e política dominante na época, para se aproximar do ideal do sábio estoico.

Ao abordar questões diversas com a intenção de levar o amigo à reflexão, o pensador contribuiu para a disseminação do pensamento filosófico e da doutrina estoica. Lembramos que Sêneca viveu numa sociedade escravista, em que as classes sociais não eram separadas pelas relações de produção; os nobres e plebeus dispunham de bens materiais, empregando escravos alforriados.

Embasado nos princípios estoicos Sêneca ressaltava o dever, a autodisciplina e a sujeição à ordem natural das coisas. Estas seriam as bases para a formação do homem romano que, para o pensador, tendo como alvo a felicidade, deveria ser dotado de qualidades éticas e morais. Isso só seria possível mediante a reflexão filosófica.

Nesses textos, ele caracterizou os problemas de uma sociedade enferma e carente dos objetivos superiores da existência humana. De sua perspectiva, a busca desenfreada da riqueza e o apego aos vícios e paixões e aos excessos de toda ordem, contribuía para a solidificação da doença social e, esse adoecimento, embora se revestindo de múltiplos aspectos, poderia ser remediado com o simples cultivo da pureza da alma.

De tal modo, em seus textos, Sêneca propôs caminhos que, segundo ele, poderiam salvar o homem do sofrimento, tornando-o um ser melhor, e, por

extensão, auxiliá-lo a alcançar a felicidade. Por tudo isso, ele foi considerado um homem para além do seu tempo.

Em razão da peculiaridade de seu pensamento, interessamo-nos pela leitura de *Cartas a Lucílio*, escritas na última fase da vida do autor, em um período de maturidade, direcionada a um amigo. Nessas 124 cartas, ele expressa suas angústias em face dos vícios e paixões que levavam o homem romano à destruição, discute os problemas que afetavam a sociedade romana e destaca a ética e a moral como valores fundamentais para a formação do caráter prático do “novo homem”.

Fundamentando-se na doutrina estoica e utilizando exemplos reais, ele buscou consolidar seu pensamento filosófico para alcançar o maior número possível de leitores. Ao compreender que não poderia mais influenciar positivamente o governo neroniano, recolheu-se e passou a dedicar seu tempo a escrever as orientações que chamava de “um legado para a posteridade”.

Por sua vez, Jacques Delors foi encarregado de formular orientações em um relatório proposto para a educação do Século XXI, visando à formação de pessoas para atender às reais necessidades da produção econômica da sociedade porque, como afirma o próprio Delors, “[...] nos períodos de crise econômica, é preocupante constatar que o fracasso escolar, traduz-se no desemprego e, em muitos casos, na incapacidade para o trabalho” (DELORS, 2006, p. 30).

Como economista Delors explicita que o mercado de trabalho influencia diretamente a educação de um país. Em correspondência com o objetivo de apresentar caminhos decisivos para a organização do sistema educacional de cada nação, o texto propõe aberturas para a concretização dos objetivos que universalizam a condição de vida do homem do século XXI e sua relação com o trabalho.

Nesse sentido, formulou a ideia dos quatro pilares da educação ou da formação do homem, definindo as competências necessárias para a manutenção do sistema e para a edificação de uma sociedade mundial coerente, cujos integrantes teriam capacidades para sentir compaixão e prestar apoio mútuo. Deste modo, ao mesmo tempo em que as orientações primam pela pacificação, também ressaltam a competitividade entre as pessoas.

Ao refletirmos sobre tais orientações é possível compreender que, sob o discurso de melhoria de qualidade de vida, a proposta educacional delineada no relatório de Delors tem como finalidade principal servir ao sistema econômico predominante, em conjunto com o desenvolvimento dos países capitalistas.

A análise mostra que os fundamentos das propostas de formação do homem ideal em Sêneca e Delors são diferenciados entre si, pois são distintas as sociedades às quais tais propostas visam atender. No entanto, mostra também que existem aproximações entre eles, pois ambos abordam aspectos gerais das respectivas sociedades e da realidade humana que podem ser considerados atemporais.

Entende-se que, o relatório Delors foi produzido para orientar a educação de todos os povos, ou seja, para todos os homens, porém, cada nação pode se adaptar às orientações, em conformidade com a sua realidade. Contudo, verificamos que assim como Sêneca, Delors não apresenta um modelo de educação revolucionária. Todavia, oferece orientações que, na sua perspectiva, possam contribuir com o desenvolvimento do homem e, por extensão, da sociedade.

Sêneca escreve para uma sociedade escravista e orienta a formação do homem dentro desse sistema, enquanto Delors pensa na formação/manutenção do sistema capitalista, dando prioridade a uma proposta de formação humana, para atender às demandas do mercado de trabalho.

Enquanto Sêneca enfatiza a importância do ócio, da educação ao longo da vida para que, por meio da reflexão filosófica, o homem possa chegar à condição de sábio, Delors defende a formação do homem durante toda a vida, para que o mesmo possa melhorar a força do trabalho e gerar riquezas. Com tal perspectiva, constatamos que a proposta educacional para o Século XXI, preza a formação da consciência humana para o mercado de trabalho, e a obtenção de resultados para o fortalecimento do sistema social vigente.

Quanto a isso, observamos que os valores discutidos por ambos os autores são questionáveis. Sêneca entende que a viga mestra da conduta do homem seria a moralidade, pois emana dela a justiça, a fraternidade universal, a sabedoria, dentre outros aspectos importantes.

Para ele, o homem deve buscar a independência e a liberdade, porém precisa aceitar o seu destino. O destino já está traçado pela natureza, mas o

homem pode se tornar um ser melhor durante a vida, por intermédio da liberdade e da independência.

Delors também apresenta preocupação com a independência do homem, por isso prima pela formação de um indivíduo capaz de suprir as suas necessidades individuais e, ao mesmo tempo, que seja competitivo e solidário, específico e abrangente, conhecedor de todas as coisas e que saiba respeitar as suas próprias limitações e as dos outros. Esse indivíduo deve fazer sua própria oportunidade, sendo responsável por seu sucesso ou fracasso.

Com base na leitura, pudemos compreender os objetivos educacionais traçados por Sêneca, buscando aproximações e/ou semelhanças e diferenças entre o seu pensamento e as orientações para a formação do homem do século XXI expressas no relatório Delors, tendo em vista que algumas orientações aparentemente se assemelham, haja vista que cada uma delas podem até apresentar a mesma nomenclatura, mas com conteúdos e formas diametralmente distantes, considerando o tempo histórico que se propõe a atender.

Compreende-se, assim, que ambos os autores responsabilizam o homem pela conquista de seu bem maior, ou seja, a felicidade, que é considerada o fim último da formação do homem.

Todavia, enquanto Sêneca entende a felicidade como purificação da alma humana, propondo uma formação ética e moral, Delors deixa implícito nas entrelinhas do relatório, que a felicidade estaria nos bens conquistados pela força do trabalho. Ou seja, na proposta educacional de Sêneca predomina a formação da alma; na de Delors, predominam a formação do homem para o trabalho por meio das conquistas oportunizadas pelo conhecimento. Tais conquistas podem ser bens materiais e valores importantes para a convivência pacífica entre os povos.

Para Delors, o mundo contemporâneo apresenta problemas históricos, oriundos do próprio desenvolvimento humano. De sua perspectiva, o aumento desenfreado do consumismo, os conflitos pessoais e sociais, bem como a ausência de consciência do homem são fatores que contribuem para a degradação do planeta, levando a espécie humana à extinção. Por isso, o autor considera importante o estabelecimento de um padrão educacional de qualidade

superior em cada nação, com base em suas reais necessidades e em seus valores presentes e futuros.

Delors defende no seu pensar, uma educação moderna e acessível a todas as pessoas, sem exclusão ou discriminação, visando o conhecimento diversificado e ilimitado, para que todos os homens possam compartilhar conhecimentos e lutar por um mundo melhor, vislumbrando a paz mundial.

Enquanto Sêneca considera que todo homem pode chegar à condição de filósofo, por meio do ócio útil, recomendando o seu afastamento, para a efetivação desse exercício, Delors aconselha o desenvolvimento das competências, por meio dos quatro pilares educacionais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Trata-se de uma visão tecnicista que se contrapõe à formação filosófica senequiana, visando preparar as pessoas para desenvolverem seus talentos e aprenderem tudo o que deles for determinado para a sua adaptação na sociedade. Estes conceitos são considerados pelo relator, como fundamentais para a transmissão da informação e da comunicação adaptada à sociedade. Essas orientações visam formar o homem para o mercado de trabalho, tendo no fator conhecimento, a base para a competitividade.

Para Sêneca, o aperfeiçoamento do homem está no conhecimento, por meio da reflexão filosófica, tornando-o melhor para si e para a sociedade. Em Delors percebemos o reforço ao aperfeiçoamento individualizado, em busca da melhoria de qualidade de vida, por meio do consumo e do domínio da máquina/trabalho.

Em Sêneca encontramos a prioridade para a formação do homem pleno, de alma pura e feliz, enquanto em Delors esse homem aparece fragmentado, por meio dos quatro pilares educacionais, consolidando-se na importância da adequação do mesmo ao mercado de trabalho.

Identificamos que o homem ideal em Sêneca é o sábio, aquele que se apropria dos conhecimentos historicamente acumulados; capaz de vencer todas as paixões, possuidor das virtudes e convicto sobre o seu pertencimento ao universo, chegando ao estágio quase de apatia da sociedade e as coisas do mundo. Um homem indiferente às riquezas e impulsionado para a amizade e ao amor.

Já o homem ideal, em Delors, deve ser capaz de mudar a própria realidade, trabalhador, criativo, solidário, empático, pacífico, tolerante. Precisa ser convicto sobre a importância do trabalho; ter domínio das categorias de formação referentes as quatro pilares da educação. Esse homem deve corresponder às expectativas da sociedade, caracterizado pelo “homem exemplar” no trabalho (profissional modelo), com domínio de técnicas para a harmonia social. O trabalho é entendido como a única forma de se viver em sociedade. À escola cabe a função de disseminar o conhecimento e as técnicas, por meio de conteúdos que contribuem com a manutenção do sistema.

O ponto que aproxima Delors de Sêneca nessa categoria diz respeito à preocupação com a formação do homem para atender aos anseios da sociedade da qual pertencem, pois cada qual apresenta uma concepção totalmente distinta da essencialidade da formação humana.

Enquanto Sêneca prima pela formação do homem por meio da regeneração de sua alma, entendendo que nenhum bem material pode condicionar e/ou inferir na vontade alheia, Delors, por seu turno, orienta que a “chave” para o sucesso está na condição da busca do homem contemporâneo, pela qualificação que concebe a ele, uma vida tranquila e feliz, por meio das oportunidades e do conforto oriundos do seu trabalho.

Os fatores que sustentam essa ideia têm relação direta com a gênese capitalista, na medida em que o relator especifica em seu texto, a importância da formação do indivíduo para o mundo do trabalho (DELORS, 2006). É sabido que a sociedade capitalista contemporânea requer forças produtivas e apropriação privada dos meios de produção e de seus produtos.

Assim, nessa perspectiva, entendemos ser preciso que o trabalhador utilize seus talentos, buscando por meios de aperfeiçoamento para conquistar um espaço na sociedade, ou seja, quanto mais trabalhar, maior a chance de acumular riquezas e de maior acesso aos benefícios proporcionados pelo dinheiro. É nesse contexto que se justifica o discurso da necessidade de uma educação pautada nos quatro pilares educacionais.

É importante enfatizar que Sêneca viveu numa sociedade de produção escravista, portanto, não tinha a intenção de mudar essa condição, até mesmo porque os escravos tinham a sua função considerada de vital importância para a manutenção do sistema.

Em Delors encontramos uma proposta para a formação do homem do século XXI, marcada pelo neoliberalismo, devido à necessidade do sistema capitalista. Também, não apresenta em suas orientações, a preocupação de mudar a condição da sociedade, tendendo a apresentar caminhos que possam manter o sistema posto, com orientações para o reforço da mão de obra, em atendimento à manutenção do *status quo*.

Quando pensamos na formação de um indivíduo que atenda aos anseios da sociedade do século XXI, precisamos considerar que, nessa sociedade, a economia visa manter à produtividade em nível elevado, produzindo mercadorias diversas ao longo do tempo e distribuindo-as para o consumo. Portanto, precisamos entender que a educação se entrelaça com os objetivos da economia: a produção de mercadorias implica a necessidade de mão de obra qualificada, criatividade e conhecimento.

Importa destacar que não há indícios de apropriação das ideias senequianas no relatório Delors, nem tampouco, o autor cita Sêneca em seus escritos. Porém, durante a pesquisa, podemos observar possíveis e/ou supostos ecos de Sêneca em Delors, tais como: a formação e relações humanas, o papel da vontade no processo educativo, a proposta de educação ao longo da vida, processo educativo e o homem ideal.

Esses ecos, mesmo não propositais, expressam-se por conceitos e objetivos perenes e atemporais por eles trabalhados a exemplo da formação humana, da moral e da ética.

Ressalta-se que diferentemente de Sêneca, a ética em Delors prima pelo fortalecimento do sistema capitalista, no qual o trabalhador precisa apresentar resultados significativos para que seja valorizado.

Estudar o passado nos permitiu compreender a normalidade e a necessidade posta em cada época e sociedade, pois entendemos que as necessidades do ser humano são históricas.

Para concluir fazemos menção à seguinte citação de Sêneca na carta 80, 4: "Aquilo que pode fazer de ti um homem de bem, existe dentro de ti. Para seres um homem de bem, só precisa de uma coisa: a vontade". Para o filósofo, a razão do homem é que guia a vontade, por conseguinte, a sua adequação à natureza depende da sua ação e vontade. Assim, as opiniões de massa e as agitações sociais prejudicam o homem, pois o afastam da natureza, desviando-o da razão.

Parafrazeando Pereira Melo (2015), Sêneca não abnega os bens materiais, mas ratifica a ideia de que muitos homens se deixam consumir pelas suas posses. Ele criticava os avaros e os que eram consumidos pela luxúria. Para ele, a riqueza seria meio e não fim da vida feliz. As riquezas não seriam condições de se alcançar a verdadeira felicidade, apenas proporcionam conforto e oportunidades. O verdadeiro teste de felicidade é aplicado à pessoa, quando ela perde os bens materiais. O desafio está em dominar as posses materiais, sem ser dominado por elas.

Em Delors, a discussão não permeia pela felicidade específica do homem, porém o relator aborda conceitos de desenvolvimento que levam o indivíduo a viver uma vida tranquila e feliz, ou seja, a felicidade está condicionada a uma estabilidade financeira, como lógica do capital. Para ele, a partir do momento em que a educação seja capaz de contribuir para proporcionar a equidade, superar a exclusão e oportunizar a todos os membros da sociedade, dando-lhes condições para o ingresso no mercado de trabalho, o indivíduo pode viver uma vida mais amena. Dessa forma, entende-se que a atividade laboral é essencial para a sobrevivência, pois além de proporcionar renda, também garante ocupação e posição na sociedade.

Nessa perspectiva, o relator ratifica a ideia da educação como preparação para a adaptação às exigências do mundo do trabalho, como via necessária ao desenvolvimento econômico das nações, com implicações nas riquezas das nações e não do indivíduo, que por sua vez, são considerados pessoas que cumprem com suas ocupações e responsabilidades dentro da sociedade.

Vale destacar que a proposta formativa presente no relatório Delors, transcende a formação humana ao caracterizar a importância do desenvolvimento capitalista, por meio da força do trabalho (classe subalterna) enquanto os benefícios do conhecimento científico volta-se para os empoderados.

Assim, do conjunto das fontes analisadas pode-se depreender que, em face das diferenças e/ ou possíveis semelhanças entre as orientações senequianas e as orientações “delorianas”, o homem busca atender aos anseios da sociedade por meio da educação. Deste modo, a educação constitui um vínculo entre o passado e o futuro das nações, como um processo de longo prazo. Em suma, tudo o que se estabelece para a formação do homem em cada

época (valores, bens materiais e culturais) será determinante para o tipo de sociedade que se deseja instaurar.

Ao analisamos os preceitos educacionais propostos pelos respectivos autores, constatamos que, enquanto Sêneca prioriza a formação do homem para viver e se promover na sociedade, destacando as virtudes morais como prevalência dessa formação, Delors ratifica a formação do indivíduo pacífico, que deve atender às expectativas da sociedade, adequando-se ao meio para não desencadear conflitos e contribuir com a harmonia social. A busca pelo conhecimento em Delors seria somente para o atendimento de uma sociedade que requer múltiplos saberes.

Enfim, entendemos que o ideal formativo em ambos os autores são totalmente distintos, por isso, a proposta formativa de Sêneca não se aplica na sociedade do século XXI, pois a época e as culturas, não são as mesmas do início do século.

Concluindo, apesar de existirem aproximações entre determinados conceitos, a proposta formativa senequiana é oposta ao modelo de formação deloriano, pois Sêneca pensou uma educação humanista, onde o saber deveria conduzir o homem a libertação da alma e de si mesmo, enquanto Delors orienta para a formação tecnicista, primando pela preparação e qualificação para o trabalho. Desse modo, entendemos que a formação humanista (pensada por Sêneca), não ocupa o mesmo espaço na formação contemporânea devido ao “novo mundo” e suas necessidades (ressaltado por Delors). Por isso, é preciso (re)pensar a educação em sua totalidade, considerando a formação das pessoas para além da preparação para o trabalho, pois são humanos que necessitam de liberdade “física, emocional e espiritual”. Daí a importância de se buscar na historiografia, os conceitos relevantes que se perderam ao longo do tempo e formar um homem melhor e realmente feliz em todas as sociedades e em todos os tempos. Essa é a contribuição dessa tese para a educação do século XXI.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE JÚNIOR, M. **Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade**. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 8, p. 166-187, jun.2017. Disponível em: [http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista8/eid%26a\\_n8\\_10\\_manuel.pdf](http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista8/eid%26a_n8_10_manuel.pdf) >. Acesso em: 10 de jul. 2018.

BANCO MUNDIAL. **Prioridades y Estrategias para la Educación**: Examen del Banco Mundial, 1996.

BARROS. J. D. **História comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BARTHOLOMEU, A. Tradução, prefácio e notas. In: SÊNECA, L. A. **A vida feliz**. Campinas: Pontes Editores. 1991.

BENAVIDES. J. Tradução, prefácio e notas. IN: Sêneca, Lúcio Aneu. **A vida de Sêneca**: contemporâneo de todas as épocas. RJ: Tecnoprint Gráfica, s/d.

BENKO, G. PECQUEUR, B. **Os recursos de territórios e os territórios de recursos**. Geosul, v.16, n.32, 2001.

BESSELER. J. V. **O progressismo de Sêneca**. São Paulo: Faculdade de Filosofia de Assis, 1960.

BEZERRA, C. C. A filosofia como medicina da alma em Sêneca. In: COSTA, M. R. N. (Org.). **Ágora filosófica**: ética e política. Recife. Ano 5 nº2, juldez/2005, p.7-32.

BRAREN. I. **A natureza literária das epístolas morais de Sêneca**. São Paulo: USP, 1969.

BRÉHIER. É. **História da filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1978. T. 1.pt.2.

BRUN, J. **O estoicismo**. São Paulo: Edições 70. 1986.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999

CARDOSO, Z. de A. **A função didática das tragédias de Sêneca**. Paideuma. São Paulo, 2005b. Disponível em: <<http://www.paideuma.net/zelia4.doc.p.1-9>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda, 2005.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: Sêneca. **As troianas**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARDOSO, C. F.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1983

COOMBS, P.H. **A crise mundial da educação**. São Paulo: Perspectiva S.A, 1968.

CORDEIRO, R. M. P. **Sêneca**: as relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte. São Paulo: Landy, 2002.

CRISTÓVÃO, V. L. L. **Modelos didáticos de gênero**: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira. Londrina: UEL, 2007.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 dez. 1948. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

DELORS, J. (Org). **A Educação para o século XXI**: questões e perspectivas. Porto Alegre, Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO P. **A educação do futuro e o futuro da educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DIONÍZIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais e Ensino**. RJ: Lucena, 2005.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, 3<sup>a</sup> ed.

EHRHARDT, M L. **O arquiteto do social**: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da história magistra vitae. Universidade Federal do Paraná Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2008.

EUROCID. **Centro de Informação Europeia Jacques Delors**. Disponível em: < [http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p\\_cot\\_id=10444](http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=10444)> Acesso em: 20 de jul. de 2018.

FAURE, E. **Aprender a ser**. São Paulo: Bertrand, 1972.

FAVERSANI, F. **A sociedade em Sêneca**. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000.

FERRACINE, L. **A clemência**. São Paulo: Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. **A constância do sábio**. São Paulo: Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sêneca**: filósofo estoico e tutor de Nero, São Paulo: Escala, 2011.

FLORINDO, G. M. O método comparado na História: das problemáticas às novas propostas. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 379-390, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol13/artigo1evol13-2.pdf>. Acesso em: 09 mar. de 2019.

GALUCH, M. T. B; SFORNI, M. S. de F. **interfaces entre políticas educacionais, prática pedagógica e formação humana**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.6, n.1, p. 55-66, jan.-jun. 2011. Disponível em [www.periodicos.uepg.br](http://www.periodicos.uepg.br). Acesso em: 20 de nov. de 2017.

GRAESER, A. (orgs). **Filósofos da Antiguidade**: do helenismo até a Antiguidade tardia – uma introdução. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

GARCÍA-BORRÓN, J. **Sêneca y los estoicos**. Barcelona: Graficas Marinas, 1956.

\_\_\_\_\_. El senequismo español. In: **Estudios sobre Sêneca**. Octava semana española de Filosofía. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Luis Vives y Sociedad Española de Filosofía, 1966.

GARCIA G. J. L. **La filosofía de la educación de Lucio Anneo Seneca**. Madrid: Editorial Magisterio Espanol, 1969.

\_\_\_\_\_. Cristiana y del Medievo. **Revista española de pedagogía**. Madrid, vol. XX, n. 118, p. 193-205, abr.-jun. 1972.

GRIMAL, P. **A vida em Roma na antiguidade**. (tradução de Victor Jabouille, João Daniel Lourenço e Maria Cristina Pimentel). Publicações Europa-América: Portugal, 1981.

GUYAU. M. **La educación y La herancia**: Estudio Sociológico. (tradução de Adolfo Posada). Madrid, s/d.

HIRSCHMERGER, J. **Historia de la Filosofía**. Barcelona: Herder, 1954. v. I.

KAEWOSKI, A.M; GAYDECSKA, B.; BRITO. K.S (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. RJ: Lucerna, 2006.

LEONI, G. D. **Estudo introdutivo**. In: SÊNECA. Obras. São Paulo: Atenas, 1961. P. 9-40.

LEVÊQUE, P. **O mundo helenístico**. Tradução de Teresa Meneses. Lisboa: Edições 70, 1987.

LI, W. Introdução. In: SÊNECA, L.A. **Sobre a brevidade da vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, p.11-22.

LIMA, M. J.C. de. Neoliberalismo e educação. **Studia Diversa** (CCAUE-UFPB), Paraíba, vol. 1, n. 1, p. 44-61, out. 2007. Disponível em:

[http://www.ccae.ufpb.br/public/studia\\_arquivos/arquivos\\_01/marcio\\_javan\\_01.pdf](http://www.ccae.ufpb.br/public/studia_arquivos/arquivos_01/marcio_javan_01.pdf). Acesso em: 15 Out. 2017.

LOHNER, J. E. dos S. Nota introdutória. In: SÊNECA. **Agamêmnon**. São Paulo: Globo, 2009.

MANARRÉS, J. M. **Sêneca**. Madrid: Editorial Debate, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sêneca e el poder de la cultura**. Madrid: Editorial Debate, 2001.

MARGINI, P. **Contro il matrimonio**: ovvero perché all'uomo saggio non convenga prender moglie. Bari. Itália, 1997.

MARROU, H.I. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: E.P.U.; EDUSP, 1974.

MATSUURA, K. **La UNESCO y la idea de humanidad**. Brasília, Unesco, 2004.

MELLO, C. D; TURMENA, L. **MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO A PARTIR DA DÉCADA DE 1990 NO BRASIL E A PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS**. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 31 (1): 139-156, jan./jun. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1495-Texto%20do%20artigo-7163-1-10-20070813.pdf>

MIGUEL, M. M. B.; PEREIRA MELO, J. J. **Os preceitos Morais de Sêneca na formação do homem Virtuoso**. Seminário de pesquisa. Universidade estadual de Maringá, 2004. Disponível em: < [http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LitLatina/Seneca\\_estudo.pdf](http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LitLatina/Seneca_estudo.pdf)>. Acesso em: 03 de ago. 2018.

MOURA, A. R. **Diálogo interior nas cartas a Lucílio, de Sêneca**. Ágora. Estudos Clássicos em Debate, 2015. Disponível em: < <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/17/11.dialogointerior.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. de 2018.

NOVAK, M. da G. **Estoicismo e epicurismo em Roma**. Letras Clássicas, USP, Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, n.3, p. 257-273, 1999. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73765>>. Acesso em: 15 de nov. de 2018.

PEREIRA MELO, J. J. **O sábio senequiano**: um educador atemporal. Maringá: Eduem, v. 1. 238p 2015.

\_\_\_\_\_. Fontes e métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais. In: **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010. 350p.

PIMENTA, J. P. G. **História dos conceitos e história comparada**: elementos para um debate. Almanack Braziliense, n. 07. 2008

PETERLINI, A. A. (1999). Uma visão senequiana da amizade. **Letras Clássicas**, v.3, 95-108. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i3p95-108>>, Acesso em: 20 de jul. de 2018.

PILETTTI, C.; PILETTI, N. **História da educação**: de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo, Contexto, 2014.

PRADO, A. L. A. A. **Apontamentos para um estudo sobre a moral de Sêneca nas Espistolae ad Lucilium**. São Paulo: Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae", 1946.

REALE, G. **História da filosofia antiga**: os sistemas da era helenística. Vol. III. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. ANTISERI, D. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 1990.

REBELLO, L. S; VRANAS, E. I. N. **Aprendendo a viver**: Cartas a Lucílio. Rio de Janeiro: L&PM, 2009.

REGA, L. S.. A mercadorização do saber como produto do neoliberalismo de Milton Friedman e a metáfora da "rã na chaleira". **Revista da Associação de Pós-Graduandos da PUC-SP**, ano IX, n. 23, p. 153 – 164, 2000. Disponível em: [http://www.teologica.br/theo\\_new/files/MercadorizacaoSaber\\_LarryP.pdf](http://www.teologica.br/theo_new/files/MercadorizacaoSaber_LarryP.pdf)  
Acesso em: 23 de nov. 2018.

RODRIGUES, M. J. (coord.) **Para uma europa da inovação e do conhecimento**. Oeiras: Celta Editora, 2008.

SANTOS, B. de S. A. **Crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2011.

SEGURADO, E.; CAMPOS, J. A. Tradução, prefácio e notas. IN: SÉNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p.V-LIV.

SILVA, A. L. F; CZERNICZ, E. C. S; PERRUDE, M. R. da S. **A educação como ferramenta do capital e instrumento de conformação na reprodução social**. 2012. Disponível em: < [http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Ana\\_Lucia\\_Ferreira\\_da\\_Silva\\_Eliane\\_e\\_Marleide\\_educacao\\_ferramenta\\_capital.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Ana_Lucia_Ferreira_da_Silva_Eliane_e_Marleide_educacao_ferramenta_capital.pdf)>. Acesso em: 23 dez, 2018.

SOUZA, N. M. M de S (org.). **História da educação**. RJ: Avercamp, 2008.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

TONET, I. **Educação contra o capital**. Maceió: UFAL, 2003.

ULLMANN, R. A. **O estoicismo romano**: Sêneca, Epiteto, Marco Aurélio. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos**. Plano de ação para satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Brasília: Unicef, 1991.

VERA, F. **Sêneca**. Madrid: M. Aguilar, s/d.

VEYNE. P. **Sêneca e o estoicismo**. São Paulo: Três estrelas, 2015.

WERTHEIN, J; CUNHA, C. **Fundamentos da nova educação**. Brasília, Unesco, 2005.

ZANARDINI, I. M. S. **A reforma do estado e da educação no contexto da ideologia da pós-modernidade**. UFSC, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1637/1378>>. Acesso em: 23 de dez, 2018.

**ANEXO A - Apresentação e estrutura do documento: *Cartas à Lucílio***

## **ORIENTAÇÕES DE SÊNECA PARA O DIRECIONAMENTO DO SEU DISCÍPULO**

Neste anexo, apresentamos a essencialidade de cada uma de cento e vinte e quatro cartas que compõem os vinte livros escritos por Sêneca e que foram endereçados a Lucílio. Esse exercício é necessário para compreendermos a razão e as orientações do autor frente à importância de se formar um “novo homem”, que deveria atender às necessidades da sociedade vigente e primar pela tranquilidade de sua alma. Os temas das cartas de Sêneca a Lucílio surgem de acordo com as necessidades que se apresentam, portanto, o autor não demonstra uma preocupação com a sequência dessas cartas, retomando diversas vezes um assunto por ele tratado.

### **A organização do documento**

O documento intitulado “*Cartas a Lucílio*”, de Lúcio Anneu Sêneca, foi escrito no final da vida do autor, por volta do ano 63 da era cristã. É um dos textos que mais expressa a sua maturidade filosófica, devido às orientações por meio de exemplos de vida e relatos de histórias, em muitos casos, em forma de parábolas utilizadas pelo autor para esclarecer determinados fatos ao amigo (MOURA, 2015).

A obra, como mencionamos, apresenta-se dividida em vinte livros, compostos por cento e vinte e quatro cartas, subdivididas por tópicos, que não se constituem em parágrafos curtos e nem se trata de escritos tidos como sagrados (a exemplo da bíblia). Por isso, não é possível defini-los como versículos, embora os mesmos lembrem muito a forma de organização da sagrada escritura pela sua apresentação. As palavras do autor delineiam a sua reflexão sobre diversos problemas que afligiam o homem daquele momento histórico refletindo situações concretas do comportamento humano (MOURA, 2015).

Também, é importante frisar que Sêneca tinha uma preocupação com o legado que deixaria para a posteridade, contextualizando, assim, as suas orientações com os problemas da sociedade vigente, ressaltando que tais

problemas poderiam perpassar o tempo e serem entendidos em outros períodos históricos e em outras sociedades, pois eram transcendententes à sua época. Suas reflexões seriam “uma viva fonte de meditação para quem pretenda questionar-se sobre os valores da sociedade em que se insere” (SÊNECA, 2007, VI).

Era preciso investir na formação de um exemplo considerado “modelo”, o homem “ideal”, desprovido de vícios e paixões, que pudesse interferir em suas atitudes diante de uma sociedade tida como doente justamente devido às ações do homem.

Prossegui a vida que encetaste, apressa -te quando puderes, para mais tempo te ser dado usufruir de um espírito correcto e equilibrado. Mesmo enquanto o corriges e equilibras podes ir usufruindo dele; a contemplação de uma alma livre de toda mácula e resplandecente, todavia, é um prazer de natureza superior (SÊNECA, 2007, VI).

É com essa mentalidade que Sêneca enaltece a figura do homem ideal proposto por ele, escrevendo seus textos e compilando-os em cartas, utilizando-se, muitas vezes, de metáforas para exemplificar as situações que queria destacar em seus escritos.

Os livros estão organizados em cartas assim distribuídas: livro I (cartas 1-12), livro II (cartas 13-21), livro III (cartas 22-29), livro IV (cartas 30-41), livro V (cartas 42-52), livro VI (cartas 53-62), livro VII (cartas 63-69), livro VIII (cartas 70-74), livro IX (cartas 75-80), livro X (cartas 81-83). O livro XI está sequenciado até o livro XIII, sem separações numéricas e nele estão exibidos os conteúdos de cinco cartas (84-88).

O livro XIV oferece a reflexão das cartas 89-92, livro XV (cartas 93-95) e livro XVI (cartas 96-100). Assim como o livro XI, o livro XVII está sequenciado como o livro XVIII, sem separação numérica, e nele está exposto o diálogo de nove cartas (101 – 109). O livro XIX é composto por oito cartas (110-117), e finalizando a organização do documento, o livro XX possui sete cartas (118-124).

**ANEXO B - Resumo das cartas**

## Livro I: Cartas 1-12

O livro I possui doze cartas com assuntos diferenciados e sem uma sequência exata. Nelas, o filósofo utiliza-se de algumas parábolas para exemplificar com exatidão, cada assunto que aborda, aproveitando, também, para orientar e aconselhar o amigo, destacando sempre as questões que mais o angustiam.

Sêneca inicia o texto ressaltando o valor do tempo, com a preocupação de orientar Lucílio sobre as ações do homem em prol do aproveitamento de cada momento, já que se trata do único bem que o homem não poderá restituir. O filósofo reforça a ideia de que o homem que desperdiça seu tempo com coisas supérfluas possui a alma doente.

Na sequência, salienta a relevância de seguir um único direcionamento com relação aos estudos, evidenciando que não se deve perambular por inúmeros autores, pois “estar em todo lado é o mesmo que não estar em parte alguma” (Cartas 2,2), ou seja, ao seguir autores diversos, seria levado à indecisão e instabilidade na formação do pensamento. Outra questão importante desse livro é o entendimento da amizade verdadeira, porque em sua concepção, o amigo verdadeiro seria aquele a quem se pode confiar como a si mesmo (Cartas 3, 2).

Sêneca chama a atenção para a seriedade de estabelecer confiança logo após o início da amizade, acreditando na possibilidade de ajuizar antes de se iniciar a amizade, para que então se possa ter o coração aberto e sentir-se à vontade para começar essa relação. A amizade verdadeira deve ser plena de confiança e lealdade, para que seja possível confidenciar os pensamentos. Sêneca entendia que não devemos confidenciar segredos a qualquer pessoa que se tenha acesso, pensando que é o amigo verdadeiro, mas também não podemos negar confidências ao amigo verdadeiro, pois isso seria um erro. Em suas palavras, “há que dosar as duas coisas: importa agir mesmo mantendo a calma, importa manter a calma mesmo quando se age” (Cartas 3,6).

Sêneca adverte sobre o comportamento dos verdadeiros amigos que são aqueles que não nos abandonam em nenhum momento, sendo importante distinguir os amigos verdadeiros dos amigos oportunistas. Aqueles que se aproximam para buscar vantagens ou oportunidades diante da amizade, tendem

a abandonar o amigo da mesma forma com que se aproximaram, por conveniência. É importante ter um amigo a quem se possa ter confiança, dialogar e discutir dúvidas, porém a amizade deve estar desprendida de interesse pessoal. E mesmo sendo o sábio um ser que basta a si mesmo, precisa de amigos, contudo não carece desses mesmos amigos para viver uma vida feliz.

Ao suscitar essa reflexão, o filósofo contextualiza as responsabilidades que tomam o homem de acordo com a sua maturidade e invoca a filosofia como caminho norteador para estas reflexões (Cartas 4, 2). Salienta a passagem da infância para a vida pueril e desta para a vida adulta, chamando a atenção para o espírito e o vício infantil que ainda tomam a mentalidade do homem. Assinala que o medo de coisas inexistentes ou de coisas sem importância que as crianças sentem condiz com a inocência do não conhecimento das coisas, porém o homem adulto, já com a autoridade da maturidade, possui os mesmos medos. Esse pensamento abre caminho para uma nova reflexão do autor: a morte.

Na visão do autor, a morte aproxima-se do homem e, por isso, é temida por ele, mas diante do medo é preciso meditar sobre ela. A morte não pode ser desprezada, pois está ao alcance de todos.

Medita diariamente nisto, para seres capaz de abandonar a vida com serenidade de espírito: muitos são os que se agarram a ela como pessoas arrastadas pela corrente, que jogam a mão aos cardos e aos rochedos! Muitos há que andam miseravelmente à deriva entre o medo da morte e os tormentos da vida, sem querer viver nem saber morrer (Cartas 4,5).

As palavras proferidas pelo autor sobre a questão da morte são orientações relativas à importância de o homem estar preparado para deixar a vida com sabedoria. Esse preparo requer a compreensão sobre o destino de todos os homens, do qual nem mesmo os mais poderosos poderiam fugir (Cartas 4, 6).

Nesse livro, Sêneca apresenta a preocupação com a morte, mas também sublinha a importância de se aprender a viver com o suficiente, desprendendo-se dos bens materiais e sobrevivendo com o que a natureza proporciona. Assevera que o homem deve estar preparado para entender, aceitar e viver de

acordo com a natureza e, fato que só é possível se este estiver aberto aos estudos da filosofia e sobre o direcionamento que este deve trilhar (Cartas 5, 4).

As orientações do filósofo detêm os cuidados de higiene com o corpo e também da saúde física na busca da qualidade de vida, por meio de uma alimentação saudável e hábitos simples. Argumenta ser preciso buscar o equilíbrio entre o superior e o vulgar, pois o homem deve ser visto para além de sua aparência, sendo necessário buscar em sua essência o verdadeiro significado do bem viver (Cartas 5,5).

Sêneca também se coloca como protagonista que necessita de mudanças, e se apresenta como um ser humano imperfeito, buscando na filosofia estoica, as bases para viver com a alma tranquila. Infere que a prova de que o espírito humano poderia alcançar um degrau superior seria o fato de reconhecer os defeitos que até então permaneciam ignorados (Cartas 5,5).

Esclarece que primeiramente o homem deve se reconhecer necessitado de mudança, para então ter a consciência de mudar significativamente seus atos. Tal mudança deve partir do princípio da humildade em reconhecer-se humilde na sapiência de todas as coisas e partilhar o conhecimento, não o guardando somente a si. O conhecimento deve ser disseminado, porque a sua posse, não dará satisfação ao seu detentor caso não a partilhe com os outros (Cartas 6, 4).

Ainda, no tocante à disseminação do conhecimento, o filósofo ressalta a importância do exemplo, pois acredita que a via através dos conselhos é longa, porém através dos exemplos é curta e eficaz.

Nas cartas desse livro, o autor faz questionamentos de ordem estoica, chamando seu amigo para refletir sobre o convívio com as pessoas. Adverte Lucílio com relação às companhias, asseverando que é mais válida a própria companhia, que a aglomeração de multidões, ou mesmo pequenos grupos. Entretanto acreditava que a solidão não pode ser mal-empregada, devendo servir para momentos de reflexão, porém somente as pessoas que possuem discernimento saberiam fazer bom uso da solidão (Cartas 7, 11-12). Caso não seja uma pessoa sensata, estaria suscetível a tomar decisões erradas e a adotar atitudes perigosas para consigo e para com o outro. Esse momento de solidão, quando não aproveitado de forma responsável e compreensível, colocaria o homem no caminho tortuoso, deixando-o à margem da fragilidade e impulsionando-o para a decadência dos vícios e paixões.

Sêneca chama a atenção para que Lucílio evite multidões, a fim de não se deixar contaminar pelos maus conselhos e hábitos ruins, destacando que por mais que sejam prazerosos, os vícios vagam em meio às multidões, podendo contaminar o processo de formação. Em seus termos,

[...] um companheiro de mesa de gosto sofisticado acaba por nos tirar a energia e austeridade, um vizinho rico excita os nossos desejos, um amigo perverso propaga a sua peste por muito puros e simples que sejamos: que pensar tu que sucederá àqueles costumes para que nos arrasta a multidão? É forçoso ou que os imites, ou que os odeies. Ambas as atitudes, porém, são de evitar: nem te debes assemelhar aos maus porque são muitos, nem tornar-te inimigo de muitos porque são diferentes. Refugia-te em ti próprio quando puderes; dá-te com aqueles que te possam tornar melhor, convive com aqueles que tu possas tornar melhores (Cartas 7, 8).

Conforme exorta o autor, é preciso evitar a multidão para que não haja a possibilidade de o homem se deixar contaminar pelos vícios, no entanto o filósofo é favorável à convivência com pessoas que nos tornem melhor, pois assim haverá reciprocidade na aprendizagem.

Sêneca afirma que devemos ensinar aquilo que temos conhecimento, porque o ato de ensinar exige que o ensinante tenha ciência sobre as coisas e que aprenda enquanto ensina, até que tenha um nível elevado de aprendizagem; caso não o faça, não deverá se frustrar por não ensinar, pois “se tiveres estudado em proveito próprio, não terás perdido tempo” (Cartas 7, 9).

Com essas palavras, Sêneca sentencia o seu legado para a posteridade, salientando seu comprometimento para com os estudos e sua utilidade para o futuro da humanidade. Compara tais orientações aos remédios que teriam a capacidade de “cura” para as mazelas da sociedade, porque todos os seus conselhos são provenientes de suas experiências frente aos problemas que enfrentava na sociedade romana.

Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil; passo ao papel alguns conselhos, salutares como as receitas dos remédios úteis, conselhos que sei serem eficazes por tê-los experimentados nas minhas próprias feridas, as quais, se ainda não estão completamente

saradas, deixaram pelo menos de me torturar. Indico aos outros o caminho do justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos (Cartas 8, 2-3).

O filósofo tinha uma séria preocupação em evitar as coisas que agradam o homem em primeira instância, apresentando a falsa ideia sobre a realidade das coisas (Cartas 9, 12). Assinala que a importância de o homem ser coerente, desconfiado e receoso diante daquilo que, aparentemente, se mostra como solução para as adversidades da vida, pois as armadilhas estariam escondidas entre os caminhos que conduziriam o homem na busca das soluções para seus problemas.

O homem jamais deveria se deixar enganar e ser apanhado pelas emboscadas que o seduzem, diante do desespero em resolver seus problemas. Assevera o filósofo que é preciso ter cautela para pensar sobre as coisas para não cair no desespero de confiar nas aparências dos fatos, pois aquilo que, a princípio é apresentado como real e verdadeiro, nem sempre revela a realidade das coisas. Nesse sentido, conclama a necessidade de considerar que, os infortúnios necessitam ser pensados como forma de reflexão, porque a conduta de vida do homem só é permissível por ele mesmo, cabendo-lhe a decisão sobre os caminhos que direcionam seus passos (Cartas 10, 2).

Sêneca adverte que os benefícios que oportunizam uma vida de luxo devem ser repensados, pois o homem, enquanto ser carente de formação, precisa compreender a importância de viver de acordo com os determinantes de uma vida simples. Também, salienta que a liberdade do homem, estaria na sua própria condição de desapego dos bens materiais e de uma vida simples. Essa reflexão destaca a figura do sábio como um ser supremo, que consegue viver de sua própria companhia, sem necessitar, efetivamente, de outras coisas para ser feliz. Essa conduta afastaria a infelicidade do homem e o colocaria na mais profunda paz e tranquilidade de sua alma (Cartas 10, 5).

O autor também salienta a confiança que deposita no amigo sobre os ensinamentos transmitidos a ele e a sua aprendizagem sobre as situações abordadas. Lembra que Lucílio é um homem preocupado com sua conduta. Por isso, busca na reflexão filosófica o direcionamento para os seus atos, questionando-se acerca dos caminhos que poderiam levá-lo viver bem, sem rompimento com os ensinamentos divinos.

O filósofo manifesta o seu contentamento com o amigo, mas alerta que “nenhuma sabedoria, de facto, nos poderá libertar de certas fraquezas físicas naturais: tendências inatas, congênicas, a prática pode abandoná-las, nunca suprimi-las” (Cartas 11,1). Dessa forma, explica que a natureza humana é parte de todos os homens. Assim, as respostas do corpo físico, diante de determinadas situações, não podem ser controladas, já que não há técnica ou prática que valha sobre essas manifestações.

Esse tipo de reação física não determina o nível de sabedoria ou apresenta algum tipo de defeito intelectual, haja vista que são reações naturais, podendo ser percebidas diante de situações inusitadas. Ainda, sobre essa situação, o autor registra que, independentemente da idade, essas reações são inerentes ao homem, porque este nada pode fazer para evitar ou provocar, porquanto “a natureza exerce seus direitos e mesmo as pessoas mais firmes faz sentir essa sua debilidade” (Cartas 11,3).

Para Sêneca, mesmo os atores que estariam preparados para apresentar comportamentos que expõem os mais variados sentimentos, não conseguiriam representá-los de maneira convincente, pois suas representações estariam reproduzindo, ficticiamente, aquilo que naturalmente o corpo humano se encarrega de apresentar, em conformidade com a situação em questão.

Após elencar tais assuntos para reflexão, Sêneca finaliza o livro I discorrendo sobre a importância de o homem ter um condutor que vigie seu comportamento, a fim de corrigi-lo em tempo, tendo em vista a seriedade em se formar o indivíduo com bom caráter.

Com essa orientação se despede, manifestando a preocupação com a própria velhice. Em sua ótica, a velhice deve ser desfrutada com sabedoria, porquanto, essa etapa da vida pode ser aproveitada como fonte de prazer, tendo em vista a bagagem de conhecimento e prática que o homem adquiriu durante a sua vida. Assim, cada minuto da vida deve ser desfrutado com gratidão.

## **Livro II: Cartas 13-21**

O início do livro II aborda a força interior de Lucílio na visão de Sêneca. Ele destaca que mesmo antes de o amigo aprender os preceitos da filosofia estoica, considerados por Sêneca muito importantes para o fortalecimento

espiritual do homem, este já apresentava resistência a determinadas manifestações viciosas que condenariam o homem ao infortúnio. O filósofo explica que “apenas podemos confiar na nossa força quando aqui e ali deparamos com várias dificuldades, sobretudo, quando uma vez por outra nos atingem muito de perto” (Cartas 13-1).

Diante dessa exaltação podemos concluir que os embargos que se postam na vida do homem, não são alheios a ninguém. Todos nós estamos sujeitos a nos depararmos com situações causadoras de sofrimento. Nesse sentido, entendemos que a compreensão é inata ao homem, mas também depende de sua formação sobre determinados aspectos que conduzem a ação e o pensamento humano (virtude).

No entanto, mesmo que o homem possa compreender os desígnios de seus caminhos e saiba discerni-los entre a conduta do bem e a do mal, a ele é concedido o livre arbítrio, para decidir qual o caminho percorrerá. Ainda, nessa vertente, o autor salienta que a conduta do homem também é determinada pela sua experiência, e esta é importante para seu fortalecimento, pois “só aquele que se ergue com mais energia, cada vez que é derrubado pode descer à arena com esperança de vencer” (Cartas 13-2).

O homem não pode temer o perigo e, tampouco, fazer deduções diante de situações que desconhece, porque isso lhe causará angústia e aflição. A imaginação não é realidade, portanto, é somente diante dos fatos reais e com conhecimento de causa, que (sendo um verdadeiro estoico), se pode agir.

Sêneca assim orienta seu discípulo:

Darte-ei somente este preceito: não sejas desgraçado antes do tempo, pois o que tu temes como coisa iminente talvez nunca venha a suceder; pelo menos, é certo que ainda não sucedeu! Certas coisas angustiam-nos mais do que há razão para tal; outras angustiam-nos antes que haja razão; outras angustiam-nos sem a mínima razão. Isto é, ou exageramos o nosso sofrimento, ou sentimos por antecipação, ou apenas imaginamos! (Cartas 13, 4-5).

Com essas palavras, o filósofo pontua a seriedade em considerarmos as questões significativas da vida, porém aconselha o homem a não sofrer por antecipação. Ao mesmo tempo, chama a atenção para o nível de importância

que damos para as coisas, pois muitas situações são consideradas graves na visão de uns, mas leves na visão de outros. Por isso, postula ser primordial que antes de considerarmos aquilo que o outro fala a nosso respeito, devemos primeiramente, buscar o sentimento real que temos diante dos fatos. Esse é o exercício da reflexão que leva o homem ao caminho da razão.

Sêneca chama a atenção do amigo para a reflexão sobre a ambiguidade de determinadas situações. Destaca a importância do discernimento antes de assumir uma postura, pois certamente o medo e os temores estarão presentes nessas situações geradas pelo impulso e também “é mau conselheiro que gera falsas ideias ou acredita nelas” (Cartas 13, 13). Diante disso, é preciso agir com cautela para não ser guiado pelas paixões. Sêneca finaliza o assunto da carta treze e dá início a carta quatorze, expondo outro argumento de reflexão – o corpo.

Admito que é inata em nós a estima pelo próprio corpo, admito que temos o dever de cuidar dele. Não nego que devemos dar-lhe atenção, mas nego que devemos ser seus escravos. Será escravo de muitos quem for escravo do próprio corpo, quem temer por ele em demasia, quem tudo fizer em função dele. Devemos proceder não como quem vive no interesse do corpo, mas simplesmente como quem não pode viver sem ele (Cartas 14,1-2).

O autor entedia que o corpo deve ser cuidado como um bem precioso, pois é nele que abrigamos a alma. Aconselha que há situações em que as atenções voltadas aos cuidados com o corpo devem ser mais cautelosas, uma vez que estão para além do controle humano, porque são as enfermidades que acometem o homem e não podem ser por ele evitadas (Cartas 14, 4).

Diante disso, o homem pode se prevenir, cuidando da alimentação, melhorando o estilo de vida para o benefício interno e externo do corpo. Mas, ainda assim existem os males causados pela prepotência alheia, ou seja, as calamidades, e também a violência e indigência do homem contra o homem. A esse tipo de malefício contra o corpo, Sêneca ressalta a sapiência diante de cada situação posta, pois, em alguns casos, este pode ser evitado, mas em outros é meramente consequência dos próprios atos (Cartas 14, 6). Com isso, cabe ao

homem exercitar a razão, pois somente com seu uso correto, ele poderá compreender e aceitar o seu destino.

O autor enuncia ser preciso precaução para não ser ofensivo, citando, assim, uma frase que abre caminho para outra discussão:

Por vezes é de todo o povo que nos devemos precaver, outras vezes, quando o governo da cidade passa na sua maior parte pelo senado, são os seus membros que importa conciliar; outras, são homens que a título pessoal, receberam do povo o poder que exercem contra o próprio povo (Cartas 14,7).

Esse contexto do autor se entrelaça com a importância da cautela sobre os cuidados externos diante dos malefícios que podem ser causados ao corpo, abrindo espaço para uma nova discussão – as ações do homem sábio.

O sábio, na perspectiva de Sêneca, deve evitar a companhia dos poderosos, mas com a cautela de não aparentar evitá-la, para não ser julgado e condenado por seus atos (Cartas 14, 8). É preciso tomar todos os cuidados diante do perigo, não ser ambicioso e não percorrer os caminhos que levam a conflitos, pois é somente com sabedoria que podemos evitar o ódio, a inveja e o desprezo. Assim, o homem deve buscar o equilíbrio das emoções e, na filosofia, e ele buscará refúgio (Cartas 14, 11).

Sêneca prossegue o diálogo sobre os benefícios da filosofia para a boa saúde da alma e também do corpo, pontuando que a saúde da alma deve ser determinante. Mas, atrelada ao corpo, requer que o homem esteja em boas condições físicas, ou seja, que não seja adiposo em demasia, pois “quanto mais volumoso for o corpo, mais entravada e menos ágil se torna a alma” (Cartas 15, 2).

Destarte, convém destacar que o excesso de cuidados com o corpo, pode levar o homem à incapacidade de manter a atenção necessária para o trabalho intelectual, assim como o excesso de alimentos, pode limitar a inteligência. Em função disso, é preciso moderação (Cartas 15, 3).

Ao longo do diálogo, o filósofo instrui o amigo sobre os benefícios dos exercícios físicos e a atenção que se deve dar a cada um deles, devido a sua complexidade. Também salienta que o exercício mental é primordial e nunca deve ser deixado em descanso, devendo acompanhá-lo, inclusive, na velhice.

O estudo da filosofia se sobressai como crucial para o alcance de uma vida aceitável e feliz, porque é por meio da reflexão filosófica, que o homem pode refutar sobre a verdade (Cartas 16, 1). O filósofo expõe sua opinião sobre o desenvolvimento de seu discípulo (Lucílio), assinalando que ainda não confia totalmente em seu amadurecimento a respeito de questões que abrangem a filosofia. Daí a necessidade de manter as orientações.

Em seus preceitos, a filosofia não serviria para ser exibida ao público como espetáculo, mas, sim, para a consistência de dar forma, segurança e estrutura à alma e direcionar a vida do homem (Cartas 16, 3). O refúgio do homem estaria na busca pelas respostas que a filosofia proporcionaria (Cartas 17, 2).

Para Sêneca é possível ouvir alguns questionamentos sobre o destino já traçado por Deus. Diante desse argumento, Sêneca responde que, mesmo que a filosofia estoica exiba a importância de se viver de acordo com a natureza (Deus), e que tudo é determinado no destino do homem, cabendo a ele a decisão concedida pelo livre arbítrio; o mau arbítrio o levaria à infelicidade. Nesse sentido aconselha o homem a refletir sobre os próprios atos antes de tomar decisões.

Na concepção de Sêneca, é a filosofia que incitará o homem a obedecer e seguir a divindade, a resistir à fortuna e a suportar o acaso. É nessa vertente que segue ao longo da carta dezessete, continuando sua alusão à filosofia. Argumenta que a reflexão filosófica auxilia o pensamento humano a perceber os males que adoecem o homem, porque os vícios não estão presentes nas coisas do mundo, mas incutidos na alma do próprio homem. Diante dos vícios, portanto, é preciso ter sabedoria para não os despertar. Quanto à sabedoria, afirma que ela só pode ser alcançada por meio da reflexão filosófica.

Na sequência, o autor apresenta situações que demonstram a fragilidade do homem frente a tais vícios, principalmente, o apego à fortuna. Em sua visão, “nenhum outro homem é digno de um deus senão aquele que desprezou a riqueza” (Cartas 18, 13). Assim, o filósofo finaliza esse assunto com o objetivo de convencer o amigo de que todos podem viver felizes, sem a riqueza.

Sêneca principia a carta dezenove enaltecendo o amigo por trocar as correspondências com ele, insistindo na permanência das cartas, tendo em vista o benefício que estas proporcionariam aos dois. Comenta que o tempo é determinante na vida do ser humano, por isso não se pode desperdiçá-lo.

Já perdemos tempo demasiado; comecemos, atingida a velhice, a preparar a nossa bagagem! Em que pode isso atrair-nos a hostilidade? Vivemos em meio das vagas, morramos ao meio do porto. Eu não te aconselharia a fazeres um título de glória do teu ócio: não deverás vangloriar-te dele, nem igualmente mantê-lo oculto (Cartas 19-2).

O filósofo inicia uma nova discussão, destacando o ócio como momento de grandeza do ser humano, salientando, também, o legado que cada pessoa deixa na sociedade. Para o autor, o indivíduo que não aproveita o tempo de ócio para reflexão e tomada de decisão, estaria na obscuridade e perdendo tempo (Carta 19, 3). No decorrer da carta, menciona as particularidades da vida de Lucílio, relatando que o amigo nasceu e viveu em limites modestos, porém a fortuna e a carreira bem sucedida contribuíram para distanciá-lo de uma vida salutar.

Na visão de Sêneca, a conquista de posições ou *status* na sociedade sempre acompanha o homem e, mesmo que este não esteja ocupando um cargo importante, não estará alheio às comparações do povo, pois o esplendor de seu passado sempre o acompanhará. As reflexões podem ser propiciadas pelo tempo de ócio, no qual o indivíduo passa a pensar sobre as suas ações e poderá concluir quais ações foram positivas e quais poderiam ser retomadas para que a sua presença junto à sociedade seja benéfica, não somente para si, mas para o bem comum (Cartas 19, 5- 6 -7).

Com palavras simples, Sêneca leva o amigo a refletir sobre algumas decisões que induzem o homem à glória momentânea, mas que após certo tempo, podem lhe causar sofrimentos. Evidencia que o homem não hesita em buscar os caminhos mais diversos e até árduos para conquistar o poder, mas ao conquistá-lo, se direciona à conquista de outra posição social, e assim sucessivamente. Estaria o homem sendo levado pela ambição, pois cada conquista gera uma nova necessidade, interruptamente, levando-o sempre à servidão? As honras e glórias alcançadas por meio do poder resultariam em vícios que contribuiriam para a necessidade de beber sempre mais da mesma fonte. Essa necessidade o submeteria à sujeição, evidencia Sêneca.

O sucesso é, não só ambicioso como também exposto as ambições alheias; enquanto nada for bastante para ti, também tu não bastarás para satisfazer os outros! Perguntar-me-às qual o modo de saíres dessa vida?! Seja de que modo for! Pensa nos perigos em que incorreste por dinheiro, nos esforços que te custaram os teus cargos! Para obteres o teu ócio, também tens de arriscar-te, a menos que prefiras envelhecer entre as ansiedades das procuradorias, primeiro, dos cargos urbanos, em seguida, no meio da agitação e das sucessivas tempestades de problemas que, embora levando uma vida severa e tranquila, nunca conseguirás evitar! Que importam, de facto, as tuas pretensões a uma vida tranquila se o teu próprio sucesso não te permite? E o que te sucederá se consentires que esse sucesso aumente mais? (Cartas 19, 8-9).

De acordo com Sêneca, o homem precisaria dosar suas ações diante do tempo destinado ao trabalho e o tempo destinado a si próprio, pois quanto mais aumentar o seu êxito, mais aumentarão seus receios. É preciso regrar a vida e reduzir os afazeres, deixando parte do tempo para a formação de si mesmo, devendo buscar a paz interior, a vida plena e o aperfeiçoamento da própria razão. Por fim, o autor finaliza a reflexão tratando novamente da verdadeira amizade (Cartas 19, 11).

“Se estás bem de saúde, se te consideras digno de seres um dia senhor de ti mesmo, fico contente. Será minha a glória, se por ventura te subtrair a esse mar de incertezas onde erras, sem esperança, à deriva” (Cartas 20, 1); assim Sêneca inicia a carta vinte, solicitando ao amigo que interiorize a filosofia em seu íntimo, pois é por meio dela que o homem poderá prosperar e alcançar o progresso em sua formação.

A carta vinte é menos extensa que a anterior, no entanto, traz mais um conteúdo importante. Nela, o filósofo declara que a filosofia ensina o homem a agir, pois não basta ser um homem que saiba proferir palavras, se as suas ações não forem condizentes com os seus atos. Deve haver concordância entre as palavras e atos e, para tanto, é preciso compreender a essencialidade das coisas e refletir sobre elas na busca da razão. É a filosofia que proporcionará a sabedoria ao homem.

A sabedoria propicia, também, a compreensão sobre os benefícios de se levar uma vida simples, na humildade e pobreza, pois os verdadeiros amigos

nunca o abandonarão; enquanto os amigos que se aproximam com a intenção de usufruir de seus bens materiais ou de seu prestígio, o abandonarão no primeiro momento em que perceberem a sua verdadeira condição de vida (Cartas 20, 11-12).

Para Sêneca, é importante que o homem não se deixe corromper pela riqueza, pois viver humildemente, em meio à riqueza e tudo o que ela proporciona, sem se deixar levar pela ambição, contribui para elevar a grandeza da alma. É esse um dos ensinamentos que transcreve ao amigo Lucílio nessa carta. E finaliza pontuando que “há que despertar do sono a nossa alma, há que espicaçá-la, há que mostrar-lhe como é exíguo o que a natureza nos concedeu” (Cartas 20, 13).

Ainda, fomentando as discussões, o filósofo chama a atenção do amigo com relação ao seu posicionamento, ante o conhecimento das virtudes. Sêneca pondera que Lucílio sabe da importância de se viver virtuosamente, pois só assim é possível alcançar a felicidade. No entanto, o mesmo não se aproxima dela, por não se encorajar ao desapego da vida fácil que leva (Carta 20, 13).

Essas palavras do autor são mais severas nessa carta, pois não se contém ao dizer ao amigo que “o brilho aparente da vida mundana continua a atrair-te, como se o facto de abandonares a sociedade equivallesse a caíres numa vida de obscuridade completa” (Cartas 21,1). Dessa forma, expõe a dificuldade de Lucílio diante do abandono da vida mundana a que se submete.

O filósofo tenta encorajá-lo, argumentando que os estudos são fundamentais para a ascensão do homem à sapiência, acreditando que somente a vida de um homem sábio, pode brilhar com a sua própria luminosidade.

Explica que alguns homens se fazem presentes na história por sua conduta, e Lucílio também poderá ser lembrado se levar consigo o nome daqueles ligados a ele (Cartas 21, 6). O autor finaliza a carta citando alguns exemplos que ratificam os seus ensinamentos.

### **Livro III: Cartas 22-29**

Sêneca principia as discussões desse livro dando prosseguimento ao assunto anterior. Expõe um diálogo em que chama a atenção de Lucílio, informando a este que reconhece o fato de que o seu discípulo entende os

malefícios de uma vida abastada de ocupações ilusórias, no entanto, também entende que ele ignora o modo correto de subtraí-la. Assim, persiste em suas orientações, argumentando sobre a importância de traçar trajetórias para o alcance dos objetivos com êxito.

O filósofo também afirma que as “observações sobre os costumes, sobre os deveres é possível fazê-las de modo geral e por escrito, pois “são conselhos que se podem dar não só a ausentes, como para a posteridade” (Cartas 22, 1). Por conseguinte, lembra que o amigo deve libertar-se definitivamente do tipo de vida a qual está acostumado, mas é preciso ser ponderado e saber realizar esse processo gradativamente, para não sofrer com o impacto da mudança.

Em seus aconselhamentos, Sêneca ratifica as suas palavras com o respaldo em autores que compartilham da mesma ideia. Assim, orienta Lucílio a buscar tais conselhos nas palavras de Epicuro.

Não vais ofender-te se eu, não me limitando a aconselhar-te, invocar em meu auxílio a autoridade de outros mais experimentados do que eu, a cuja opinião me arrimo sempre que me vejo forçado a tomar uma decisão?! Vais ler uma carta de Epicuro dedicada precisamente a este problema, a carta a Idolomeu. Epicuro exorta o amigo a despojar-se de todo o seu poder tão rápido quanto possível, antes que intervenha alguma força maior e o prive da liberdade de retirar-se. Acrescenta, no entanto, que não devemos tomar qualquer atitude, senão quando encontrarmos o momento certo para fazer; mas quando ocorrer esse momento tão longamente desejado; há que saltar logo a agarrá-lo! Se nos prepararmos para a fuga, diz ele, não poderemos deitar-nos a dormir; e mesmo para as situações mais difíceis, haverá sempre esperança de salvação se não nos precipitarmos antes do tempo, nem hesitarmos quando chegar a hora (Cartas 22, 5-6).

As palavras de Sêneca, nesse trecho da carta, expressam aquilo que ele partilha do estoicismo; enfatizando a prudência dos estoicos, acima da coragem.

Na sequência, aborda a lástima das reclamações dos homens que ocupam cargos públicos ambicionados e escolhidos pelos mesmos e, ao mesmo tempo, deploram suas próprias carreiras. Com essa ênfase, orienta o amigo a se ater aos princípios estoicos, e deixar a vida pública em busca da felicidade,

porque a sua sujeição só contribui com a exaustão da subserviência (Cartas 22, 10-13).

Sêneca faz um paralelo da condição da vida humana, desde o nascimento até a morte. Segundo ele, o homem morre em condições piores se comparadas ao seu nascimento, pois a natureza lhe dá as condições da perfeição, porém ele é conduzido pelas escolhas que afetam a índole humana. Desse modo, pontua que escolhas acabam primando pela longevidade da vida, e não pela qualidade, e que a longevidade da vida não está ao alcance do homem (Cartas 22, 15-17).

A carta vinte e três traz como princípio a essencialidade das reflexões do autor, sobretudo, no que se refere aos assuntos abordados nas correspondências anteriores. Nela, Sêneca expõe que o teor de seus escritos, sempre possuiu utilidade para ambos (Sêneca e Lucílio), pois não perderia o seu tempo, com assuntos insignificantes, que não agregassem valor ao crescimento pessoal.

Ao comparar essa carta com as primeiras, entendemos que é mais sucinta, contendo poucas linhas, mas não deixa de retratar a preocupação do autor, em esclarecer ao amigo que as suas orientações não objetivavam afastá-lo das alegrias que a vida pode proporcionar, mas, sim, intencionavam proporcionar reflexões para que ele alcançasse a verdadeira alegria.

Para o autor, a alegria verdadeira não consiste em momentos de risos, pois está para além de alegrias momentâneas (Cartas 23, 3-5). A alegria, a seu ver, se encontra na essência de uma alma confiante e desperta e, por isso, jamais deixará de acompanhá-lo. Sêneca explica que a verdadeira felicidade está contida em coisas simples. Todavia, é preciso ser paciente, perseverante, cauteloso e persistente para conquistá-la. É nessa conquista que o homem consegue obter o bem da vida, porque o bem “consiste na boa consciência, nos propósitos honestos, nas ações injustas, no desprezo pelos bens fortuitos, no ritmo tranquilo e constante de uma vida que trilha um único caminho” (Cartas 23, 7).

Com esse pensamento, o autor finaliza a carta ressaltando a incompletude do homem que não vive com sabedoria tudo aquilo que a vida proporciona. Nessa vertente, abre caminho para mais uma reflexão, destacando

que “há homens que deixaram de viver, antes mesmo de terem começado” (Cartas 23, 10).

O assunto da carta vinte e quatro se distingue das demais, pois Sêneca inicia o texto, respondendo ao amigo sobre uma inquietude que o angustia. Em um texto simples, coerente e orientador, expõe que Lucílio se apresenta preocupado com o resultado de um processo, esperando do filósofo orientações que possam auxiliá-lo a ordenar e ter melhores pensamentos acerca do desfecho do problema.

Sêneca organiza as suas ideias, lembrando ao amigo que, de nada adianta ao homem sofrer por antecipação diante dos problemas da vida, pois é preciso aproveitar o presente e nele buscar os momentos felizes, deixando as preocupações para serem pensadas no momento em que estas requerem uma decisão.

Na visão de Sêneca, quando o homem exercita seu pensamento em busca de soluções para os problemas que ainda estão por vir, inutiliza o presente, amedrontando-se com o futuro, pois antecipa o sofrimento. Dessa forma, o autor trata de um dos assuntos que mais amedrontam o homem: a morte!

Nessa abordagem, retoma o receio da morte e a importância do tempo. Em consonância com o filósofo, o homem precisa aprender a despir-se do medo que o toma durante a vida, pois começamos a morrer a partir do dia em que nascemos e, gradativamente, vamos perdendo a infância, a adolescência e a juventude.

Sêneca comenta sobre o medo que sentimos diante da morte, comparando o homem ao estado infantil, porque a criança não oculta o medo que sente do estranho, mas o adulto, apesar de manifestar o mesmo sentimento, tem a necessidade de camuflá-lo, com expressões ou sentimentos falsos. “Afasta todo esse aparato visual que nos deixa mudos de medo, põe termo aos gemidos e aos ais, aos agudos gritos de dor suscitados pelo tormento [...]” (Cartas 24, 14).

O receio da morte leva o homem à insensatez, mas é preciso que este não se apegue tanto à vida, para não ter medo de deixá-la no momento certo. Assim sendo, se houver a necessidade de retirar-se da vida é preciso que o faça com sabedoria. Ao escrever sobre os receios da morte, o autor faz referência à

seriedade do tempo, já que este, ao ser perdido, é irrecuperável. Assim, finaliza a carta vinte e quatro, com muita firmeza acerca da sua concepção de vida, morte e medo.

A carta vinte e cinco é breve e inicia com um assunto completamente diferente dos até então tratados pelo autor. A princípio, orienta sobre os métodos diferenciados a serem utilizados com pessoas distintas, acreditando que todos os homens carecem de orientação e aprendizado, para que os seus vícios sejam corrigidos. Todavia, cada qual requer métodos que atendam às necessidades específicas.

Os vícios podem ficar adormecidos enquanto o homem reflete sobre eles, porém é importante que, durante a reflexão, o homem progrida e saiba respeitar a si mesmo. Nessa carta, o filósofo menciona a relevância da figura do pedagogo na condução do homem, destacando que assim que o homem estiver apto a conduzir os seus pensamentos e tiver progredido, a ponto de ter respeito por si, “então poderás dispensar o pedagogo” (Cartas 25, 6). Esse refúgio para dentro de si a que o autor se refere, está atrelado à reflexão filosófica, já que para o autor, é na filosofia que o homem poderá buscar as respostas para aquilo que o angustia.

E, continuando seus escritos, o filósofo permanece abordando o assunto sobre a morte, referindo-se aos conceitos da velhice. “Velhice é o nome que se dá ao período da vida, em que o homem embora cansado, ainda não está gasto de todo” (Cartas 26, 1). Enfatiza que, mesmo com o desgaste do corpo em razão dos anos vividos, a essencialidade da existência prevalece na alma, pois é esta que guarda os bens ou os vícios com os quais o homem convive enquanto tem vida.

Essa abordagem sobre o conceito de velhice é a sequência do assunto discutido anteriormente, pois ao tratar da velhice, prepara os caminhos para a questão da morte. Em sua acepção, é preciso aprender a morrer, pois a morte se aproxima conforme a idade avança, devendo ser aguardada a qualquer momento.

Não é preciso diminuir o amor pela vida, mas é necessário que o esse amor não “impeça de estarmos preparados para fazer imediatamente o que, mais cedo ou mais tarde, teremos mesmo de fazer” (Cartas 26, 10) – Morrer!

Para finalizar esse livro, as cartas vinte e sete, vinte e oito e vinte e nove apresentam textos curtos, porém muito significativos, revelando a questão da virtude e dos malefícios dos vícios. Nelas, Sêneca expõe novamente alguns exemplos de autores que utilizam a sua filosofia, chamando a atenção de seu discípulo sobre a importância da correção do próprio caráter, para então poder aconselhar o outro.

Assinala que a conduta daquele que direciona a formação do homem deve ser límpida, fazendo menção à formação do caráter como premissa para o homem virtuoso. Porém, refere que essa conquista só se concretiza, a partir do momento em que haja a atenção por parte de quem ensina e esforço da parte de quem aprende.

Sêneca expõe a Lucílio a necessidade da correção dos vícios, pois para o autor, de nada adianta o homem vagar por terras distintas, se levar na sua consciência os vícios adquiridos. Não é o lugar que modificará a conduta do homem, mas, sim, sua autocorreção, porque é preciso ter a noção do próprio erro, para que este possa ser corrigido, já que “o começo da cura é a autoconsciência do erro” (Cartas 28, 9).

É importante lembrar que, com essa reflexão, o autor acentua que a verdade só deve ser dita àquele que está disposto a ouvi-la, mesmo para aquele que apresenta tendência para o mal, haja vista que, com esse gesto significativo, já demonstra interesse em autocorrigir-se.

#### **Livro IV: Cartas 30-41**

A visita ao amigo que já se encontra na velhice e aguarda a sua morte é o assunto abordado na carta trinta. Sêneca esclarece a Lucílio que a morte é algo natural, e que deve ser entendida como um momento a ser esperado, mesmo que, pensar sobre ela, seja uma tortura e cause desespero. “A morte tem um caráter de inexorabilidade igual para todos; inflexível: quem poderá queixar-se de existir em condições que são idênticas para todos?” (Cartas 30, 11).

Nas cartas trinta e um e trinta e dois, o autor resume seus conselhos com palavras simples. Sêneca inicia o texto da carta trinta e um, apresentando sinais de contentamento com a conduta do amigo, pois observa que Lucílio exhibe uma conduta de bem. Nessa carta, também escreve que a alma é o bem mais

supremo do homem, porque ela é que o eleva a Deus, e que não existe diferença entre os seres, pois:

Uma alma assim tanto pode encontrar-se num cavaleiro romano, num liberto, como num escravo! O que são um “cavaleiro romano”, um “liberto”, um “escravo”? Apenas nomes, derivados da ambição e da injustiça humanas. Para subir ao céu pode partir-se de qualquer canto (Cartas 31,11).

Com essa mensagem, Sêneca conduz Lucílio à reflexão sobre os malefícios de uma vida levada no vício. Em sua concepção, a ignorância leva ao vício; e o vício acarreta a infelicidade da alma. A alma virtuosa e elevada é capaz de romper com os obstáculos que se apresentam nos caminhos do homem. Assim, segue na carta trinta e dois, desejando a Lucílio o domínio sobre si mesmo, com convicções sólidas que o levem à liberdade da alma.

A sequência das cartas apresenta o teor específico de um mestre, mediador e condutor, que se preocupa com o caminho a ser seguido por seu discípulo. Na carta trinta e três, Sêneca relata a importância de seu discípulo estudar e continuar estudando sempre, porque somente por meio dos estudos é que o homem poderá afirmar algo por si e se libertar de ordens alheias.

O autor chama a atenção de Lucílio quanto ao perigo de memorizar o conhecimento, pois:

“Ter na memória” e “saber” são duas coisas diferentes. “Ter na memória” é reter o que alguma vez se memorizou; “saber” pelo contrário, é fazer nosso o que aprendemos, sem estar dependentes de um modelo, nem olhar constantemente para o mestre (Cartas 33, 9-9).

Assim, é preciso ir além daquilo que se retém na memória, ou seja, o homem não pode se limitar a reproduzir algo que está posto, pois este tem a capacidade de criar, pesquisar, estudar e construir algo novo. Ressalta que o progresso do discípulo carece de percepção sobre a vontade, já que “uma mudança de vontade é indício de que a alma anda a deriva, aparecendo aqui ou ali conforme a levar o vento!” (Cartas 35, 4).

Prosseguindo com orientações, o texto se estende fazendo menções à felicidade do homem. Com tal intenção, o autor questiona novamente o seu amigo sobre o verdadeiro significado da felicidade e do conhecimento. Esclarece que cada povo tem uma cultura e modo próprio de aprender. Independentemente da idade é preciso buscar o conhecimento mediante os estudos, mesmo sendo vergonhoso aprender as primeiras letras na velhice.

No final da carta, aborda um assunto que muito instiga a vida do homem – o medo da morte. Em sua visão, a morte não é nociva, é algo natural que interrompe a vida e deve ser pensada como o final de um ciclo que retorna em um novo tempo, assim como o “o verão termina, mas o próximo ano trará um novo verão; o inverno finda, mas os seus meses próprios trá-lo-ão de volta; a noite oculta o sol, mas em breve o dia expulsará a noite” (Cartas 36,11).

Nas cartas trinta e sete e trinta e oito, Sêneca relembra o amigo sobre a questão da virtude. Ele se posiciona como um verdadeiro estoico, advertindo Lucílio sobre a importância do estudo da filosofia, como base para uma vida virtuosa. Novamente, destaca que a ignorância traz malefícios à vida do homem, entendendo que somente a sabedoria pode libertá-lo dos problemas. Portanto, o caminho para o conhecimento se faz por meio da filosofia, pois ela conduz a reflexão e a razão, e o homem necessita refletir sobre o assunto que precisa compreender, pois a eficácia das palavras é mais importante que sua abundância.

Na carta trinta e nove, Sêneca faz uma síntese acerca do estudo da filosofia e dá indícios de que Lucílio teria solicitado um manual filosófico sobre os assuntos que eles discutiam. Porém, mesmo contrariado devido ao pedido do amigo, se propõe a atender à solicitação. Nesse manual, chama a atenção para a questão da virtude, enaltecendo a grandeza da alma do homem que segue os preceitos filosóficos para conduzir suas atitudes diante dos problemas cotidianos.

O filósofo continua essa temática na carta quarenta, agradecendo ao amigo as trocas de correspondências e esclarecendo a importância desse ato entre ambos, pois assim eles estariam próximos, mesmo longe fisicamente um do outro. Sêneca escreve a Lucílio que “o estilo filosófico deve ter força, mas sem perder a moderação; deve ser um rio a fluir, e não uma torrente!”. Essa orientação se faz necessária devido à eloquência do orador, porque é preciso

moderar a velocidade da eloquência e ponderá-la com a organização de suas ideias, uma vez que o auditório não pode ficar impedido de acompanhar o orador em meio à sua pronúncia.

Ao finalizar o livro IV, na carta quarenta e um, Sêneca relata a Lucílio que dentro do corpo de cada homem existe um espírito divino que rege todos os seus atos. Daí a importância de se levar uma vida tranquila, solidificada na virtude, pois “o homem é, de fato, um animal possuidor de razão; por conseguinte, se um homem consegue a realização do fim para que nasceu, o seu bem específico atinge a consumação” (Cartas 41,8).

### **Livro V: Cartas 42-52**

Sêneca inicia seus escritos do livro cinco, indagando a seu amigo sobre a essencialidade do homem de bem. Em suas palavras, “um homem de bem não é coisa que surja e se reconheça por tal assim tão depressa” (Cartas 42,1), pois para julgar-se um homem de bem é preciso estar em consonância com a natureza humana, desprovida de vícios e paixões.

O autor esclarece que um homem de bem pode ser comparado à fênix, que nasce a cada quinhentos anos, portanto, todos estariam muito distantes de se enquadrar na categoria de homem de bem, haja vista que os males causados pelo poder atribuído ao homem contribuem com o seu distanciamento.

O filósofo afirma que o homem fraco se deixa dominar pelo poder a ele atribuído, e se contamina com tudo o que causa vício na sociedade.

Ele fará o mesmo quando tiver um poderio idêntico. Muitos há que, por fraqueza, parece não ter vícios; mas se ganharem confiança nas próprias forças, os seus vícios não serão menos ousados do que os dos outros, já postos em evidência por circunstâncias favoráveis (Cartas 3, 4).

Com esse raciocínio, o autor continua suas orientações, solicitando ao amigo que cuide de seu estilo de vida, porque sempre haverá alguém atento a cada gesto, com a intenção de fomentar boatos sobre o alheio. Nessa perspectiva, é preciso considerar que, para além da aparência, está a essência da pessoa humana, ou seja, “se os teus actos são honestos, deixa que todos os

conheçam; se são vergonhosos, para que serve ocultá-los dos outros, quando tu próprio os conheces?” (Cartas 43,5).

As demais cartas apresentam um teor meditativo, o autor indaga a seu amigo sobre a importância da reflexão e da ação, enfatizando a igualdade entre as pessoas e esclarecendo que a sabedoria é o que discerne um do outro. Para Sêneca todos têm possibilidades de acesso à sabedoria, porém somente a nobreza da alma deve prevalecer. “A alma é o que nos dá a nobreza, uma nobreza a que qualquer um pode aceder, independentemente da sua condição social” (Cartas 44,6).

Nessa premissa, podemos entender o caráter educativo de cada orientação de Sêneca, expondo a Lucílio a seriedade do modo de conduta do homem diante da sociedade. De forma minuciosa e sequenciada, Sêneca sempre inicia um assunto que instiga a reflexão sobre os textos anteriores.

Assim, aborda nas cartas quarenta e cinco e quarenta e seis, sobre a importância da leitura, dando ênfase à qualidade dos textos escritos pelos autores antigos. Também, destaca que Lucílio lhe solicita livros para leitura, chamando-lhe a atenção sobre a importância da busca da verdade diante da leitura e de tudo o que ela pode proporcionar como informação para a humanidade. O autor felicita Lucílio por ter-lhe enviado um livro que havia prometido e ressalta que o amigo tem um estilo de escrita bastante elevado e direto que deve manter.

Mesmo afirmando que os livros oportunizam o conhecimento sistematizado ao leitor, alerta sobre a necessidade de refletir sobre cada assunto lido, porque “eles não nos legaram verdades acabadas, mas sim, sujeitas à investigação; e por ventura teriam descoberto o essencial se não tivessem investigado também temas supérfluos” (Cartas 45, 4).

O texto se prolonga com elogios de Sêneca ao amigo, diante da sua postura para com os seus escravos. O autor denuncia os maus tratos direcionados aos escravos pelos seus senhores, ridicularizando, humilhando, ofendendo, menosprezando e ignorando-os, até mesmo violentando-os fisicamente e simbolicamente. O homem não deve ser julgado pela sua condição social, assim como não se deve castigar os escravos, pois somente os irracionais é que podem ser ensinados a chicote.

Deste modo, nessa carta, expõe as condições degradantes a que os senhores submetem os escravos. Para Sêneca, os escravos são homens iguais a todos, devendo, por isso, serem tratados com a mesma consideração: “escravos nasceram da mesma semente que tu, goza do mesmo céu, respira, vive e morre tal como tu” (Cartas 47, 10).

Os escravos não podem ser julgados pelas suas tarefas, mas pela sua conduta moral, pois “a conduta é cada um que a determina, as tarefas, essas, distribui-as ao acaso” (Cartas 47,15). O autor finaliza esse assunto, iniciando uma nova discussão: a amizade. Em seus termos, “quem tiver muito de comum com os outros homens, terá tudo em comum com seu amigo” (Cartas 48,3); a amizade deve ser preservada e enaltecida pelos homens, tendo em vista o seu grande valor.

Aqui está, Lucílio, homem bom entre os bons, o que eu prefiro que me expliquem os nossos doutos mestres, ou seja, quais os deveres que eu tenho para com um amigo ou para com qualquer homem, em vez de me ensinarem todos os matizes da palavra “amigo” ou todos os significados da palavra homem. A sabedoria e a estultícia seguem por caminhos opostos. Que caminho será o meu? Que direção devo seguir? Para um, todo o homem é um amigo, para outro o amigo deixa de contar como homem; este procura conseguir um amigo, aquele fazer-se amigo de outrem: e assim se torturam as palavras e se desfiam as sílabas” (Cartas 48, 4-5).

Nessa carta, o filósofo também explana sobre a contribuição da filosofia para o bom relacionamento entre os amigos, especialmente, para a reflexão das ações que sustentam a postura dos homens. Essa discussão norteia o diálogo da carta quarenta e nove, ao expor que a amizade verdadeira causa saudades, que “bem enraizadas na nossa alma; não é uma recordação apagada que ressuscita, é uma lembrança tênue que se aviva” (Cartas 49,1). O autor explana sobre a forma com que o homem gasta o seu tempo, e pontua que a relação entre tempo e amizade, se sobrepõe à questão da saudade, pois remete ao pensamento, portanto, ao passado daquilo que foi bom.

Nesse livro, Sêneca relembra o amigo sobre a sabedoria, interpelando Lucílio com argumentos que o fazem refletir sobre a busca pela sabedoria e a liberdade que o conhecimento pode oportunizar, orientando o amigo a espeito

dos vícios presentes na vida cotidiana e que são fáceis de serem adquiridos pelo homem. Finaliza o livro cinco com a carta cinquenta e dois, salientando a importância de seguir um mestre que “mereça admiração pelas ações e não pelas palavras” (Cartas 52,9).

### **Livro VI: Cartas 53-62**

O livro seis contém dez cartas que abordam assuntos relativos à filosofia, alma, morte, sábio, viver bem, dentre outros. O autor espera que suas orientações sejam o caminho condutor para a reflexão de seu discípulo. Assim como em outras cartas, Sêneca recorre aos exemplos práticos, como a filosofia, estoicismo e a literatura de Platão, Sextio e Aristóteles, na tentativa de conduzir Lucílio à meditação acerca dos males que afligem o homem. Escreve sobre o valor que se deve dar à saúde, pois o homem saudável pode usufruir de tudo de bom proporcionado pela natureza (Cartas 53, 9-11).

Ao argumentar sobre a relevância da boa saúde, Sêneca exemplifica momentos por ele vivenciados, discorrendo sobre a sua viagem pelo mar. Descreve seus sintomas físicos, fazendo uma analogia com os sintomas espirituais, assegurando que os sintomas físicos são rapidamente sentidos e classificados para, então, serem remediados; já os sintomas espirituais, não são percebidos a tempo de serem acurados.

Ainda relata outro fato sobre sua própria saúde, quando se deparou com momentos complicados devido à asma que o acometia. Narra que os médicos chamavam a doença de preparação para a morte, “pois um belo dia o nosso “sopro vital” há de acabar por conseguir o que tantas vezes tentou” (Cartas 54, 2). É com essa expiação que o filósofo vincula o assunto com a alma, a morte e a relevância de se viver bem.

A alma, em sua concepção é o bem maior do homem, pois é ela que “confere a cada coisa o seu valor respectivo” (Cartas 55, 8), é nela também que o homem tem a grandeza de seus amigos e, por isso, é indestrutível, pois sobrevive ao corpo. Daí a importância de se viver bem e de acordo com a natureza, livre de vícios e paixões causados pela contaminação de um espírito fraco. É com essa perspectiva que o homem precisa trilhar seu caminho para encontrar a alegria, naquilo que faz e nos momentos que vive, pois, a velhice o

cinge a cada instante e “nenhum de nós é na velhice idêntico ao que foi na juventude, nenhum de nós é pela manhã o que foi no dia anterior” (Cartas 58, 22).

Assim sendo, somente o homem sábio tem o pensamento firme e será capaz de superar as tentações apresentadas pelo mundo dos vícios, pois planeja seu próprio tempo, dedica-se à filosofia e não se deixa atrair por coisas que o desviam do caminho do bem. Para tanto, é preciso considerar que a ignorância é um malefício ao homem, que galga o caminho da sapiência, pois:

O sábio, porém, sempre alerta, sempre pronto a responder a qualquer assalto, não recuará um passo mesmo que sobre ele caiam a pobreza, a desgraça, a ignomínia ou a dor; impertérrito, o sábio afrontará estes males, passará pelo meio deles (Cartas 59, 8).

Segundo Sêneca, o homem sábio não é o mesmo homem que se pode entender como “esclarecido”, tendo em vista que este é dotado de conhecimento, porém não o utiliza de forma a viver como o sábio. O homem esclarecido pode se contentar com alegrias momentâneas, oriundas de benefícios diversos como riquezas, banquetes, libertinagens e poder. Ao oposto disso, o sábio valoriza o que lhe é mais precioso: a alma.

Ao finalizar esse livro, o filósofo lembra seu amigo sobre a magnitude da solidariedade entre as pessoas, pois “estar vivo é ser útil aos outros, estar vivo é saber tirar partido de si próprio” (Cartas 60, 4). Assinala que é preciso buscar nos estudos o conhecimento sobre as coisas, para tornar-se uma pessoa de bem, dotada de conhecimento e razão. Não há justificativas para não se dedicar aos estudos e não há afazeres que possam impedir a busca pelo conhecimento.

O autor utiliza seus exemplos para advertir o amigo sobre a relevância da reflexão filosófica em todos os momentos da vida, por considerá-la como caminho para a compreensão das coisas. Frisa que mesmo estando em local impróprio para o estudo (barulhos, ruídos, conversas, etc.), é preciso dedicação, esforço e atenção para usufruir dos ensinamentos que o estudo da filosofia proporciona. Preconiza que o homem que busca os caminhos do bem, encontra a paz do espírito e, conseqüentemente, seu corpo físico também fica bem, pois

“o espírito não estará sossegado só por causa de o corpo estar em repouso; o próprio descanso é frequentemente cheio de inquietude” (Carta 56,6).

Ao finalizar o livro seis, na carta cinquenta e nove, Sêneca agradece Lucílio pela correspondência recebida, sublimando a exemplificação da palavra prazer utilizada ao se referir ao “prazer” de ter recebido a carta do amigo. Essa analogia faz com que justifique o uso de tal palavra, sem que tenha o mesmo significado destacado em outros escritos, relacionando-a aos vícios e paixões que acometem o homem.

Assevera que o sentido da palavra na ocasião, refere-se à alegria de receber a carta do amigo, ressaltando que as palavras utilizadas são coerentes e esclarecedoras, pois ele não recorre a palavras com significados difíceis, somente para causar uma boa imagem ao texto.

O que me agradou em tua carta foi ver que dominas as palavras e que a preocupação do estilo não te leva a divagações extemporâneas. Há muita gente que se põe a escrever coisas que não tinha planeado movida pela sugestão de algum vocábulo bem soante. Contigo tal não sucede: as tuas frases são concisas e adequadas ao assunto; dizes apenas o que queres, e sugeres ainda mais do que dizes. O teu estilo é sintoma de algo muito mais importante: de que a tua alma se não interessa pelo supérfluo, pelo bombástico. Encontro em ti, contudo, algumas metáforas que, sem serem audaciosas, são de certo atrevidas, encontro símiles – mas proibem-nos o uso destas figuras a pretexto de que só nos poetas elas são legítimas, significa que se não leram os autores antigos, de uma época ainda não deformada pela obsessão e eloquência (Cartas 59,5-6).

Reiteramos que, por vezes, Sêneca recorre aos filósofos antigos para justificar suas orientações, salientando que a filosofia de alguns, mesmo escrevendo em grego, como o caso de Sêxtio, professa um ensinamento adequado ao caráter romano (Cartas 59, 7). Essa apreciação reforça o pensamento senequiano, acerca da formação do homem romano, pois em sua concepção, este homem precisa de uma nova conduta de vida, tendo em vista os seus mais variados vícios.

Reporta-se ao homem que bebia e comia demasiadamente, sem se preocupar com o corpo, relacionando-os com os bichos que seguiam seus

instintos não guiados pela razão, pois são irracionais. Também, apresenta certa preocupação com as relações estabelecidas entre as pessoas, pois em sua percepção, cada um estaria preocupado somente com seus problemas, não havendo nenhuma afinidade e nem sentimento de solidariedade (Cartas 60, 3-4).

Dessa forma, assegura que, para prosperar diante de uma vida tranquila, é preciso caminhar para uma velhice sem o apego aos defeitos da juventude. Reconhece que, na juventude, os vícios são determinantes para algumas condutas que levam à infelicidade. Todavia, é preciso compreender a importância de refletir sobre os próprios erros, para não repeti-los, porque somente assim é possível alcançar a plenitude de uma vida feliz.

### **Livro VII: Cartas 63-69**

Sêneca inicia a carta sessenta e três do livro sete fazendo aconselhamento a Lucílio sobre acerca de um ente querido. Nessa carta, alerta o amigo para que modere as suas lágrimas ao manifestar a dor diante da morte de alguém que estima. Manifesta a sua indignação quanto ao choro em demasia e o pranto exagerado, pois “o pranto não decorre da dor, mas do desejo de mostrar aos outros que sofremos” (Cartas 63, 2).

Destaca que, diante da ausência daquele que se foi (morte), temos que recordar somente das suas lembranças. É diante delas que podemos novamente demonstrar o sorriso e não deixarmos os sentimentos de tristeza tomar conta da emoção e com ele deixar as lágrimas rolaem pela face.

Ao escrever sobre a forma com que se deve suportar a morte, o autor utiliza-se novamente de seus preceitos filosóficos para lembrar Lucílio sobre a necessidade de valorizar os amigos em vida. É preciso aproveitar mais o tempo que se tem com as pessoas, viver intensa e qualitativamente cada momento, pois esses momentos de alegria servirão de base para as lembranças boas posteriormente, quando já não tivermos mais a companhia uns dos outros.

A amizade é um sentimento precioso que deve ser cultivado com afeto e sem exagero. Lembra que aquele que tem muita amizade a oferecer, logo terá muitos amigos, pois “quem não foi capaz de fazer mais do que um amigo, pouca amizade tinha certamente para oferecer!” (Cartas 63, 10). Com essas palavras,

Sêneca utiliza-se de exemplos práticos, embasados em Sêxtio e na doutrina estoica, para apresentar a satisfação e o prazer em receber a visita dos amigos.

Ao buscar seu embasamento filosófico nos exemplos de Sêxtio, Sêneca recomenda que Lucílio busque fontes históricas para se assegurar com o conhecimento verdadeiro.

Mas admitindo que os antigos já descobriram tudo, no uso, no conhecimento, na parte de novidade. Imagina, por exemplo, que nos foi transmitida a receita para a cura das doenças dos olhos: não será necessário procurar novas fórmulas, mas haverá que adequar os medicamentos conhecidos à doença e à situação concreta (Cartas 64, 8).

Sêneca demonstra seu entusiasmo pelos preceitos estoicos, reiterando a importância de evocar os antigos em busca de conhecimentos históricos para adequá-los às necessidades do momento presente. Essa manifestação abre um novo texto na carta sessenta e cinco, na qual apresenta sua fraqueza extrema naquele momento. Salienta que, apesar de o corpo físico estar debilitado, encontra forças para a leitura e a escrita, acreditando no valor desses atos para a expressão do pensamento (Cartas 65, 2).

Continua orientando Lucílio sobre a vida e a forma de viver de acordo com os preceitos estoicos. Em sua perspectiva, a vida é composta por matéria e causa, e o homem nasce, vive, morre e deixa um modelo a ser seguido. Retoma a questão da morte, relatando que o homem é composto de corpo e espírito, distintos entre si, pois ao morrer o espírito se desprende do corpo físico, porque é livre.

O filósofo inicia uma nova discussão, colocando em pauta as virtudes que determinam a liberdade do espírito. Nesse sentido, enaltece a igualdade entre os homens, pois mesmo sendo distintos de corpo e classe social, todos podem ter a liberdade do espírito diante da conduta de suas ações em prol do bom senso e da manifestação das ações que levam à razão. É nessa conduta do pensamento senequiano, que o homem poderá encontrar a origem da maior determinação do autor sobre a formação do homem moral.

Não pode haver bem moral onde não há liberdade; medo é sinônimo de escravatura! O bem moral goza de plena

segurança e tranquilidade; se se retrai, ou se queixa, se julga como um mal aquilo que vai fazer, isso significa que se encontra perturbado e se debate em profunda contradição, atraído por um lado pela aparência do bem, retraído por outro ante a suspeita do mal (Cartas 66, 17).

O bem moral precisa ser cultivado pelo homem, por isso este deve apresentar um estado puro, não sendo submisso a ordens ou coações das pessoas, para não se contaminar com atitudes más. O homem de bem se forma pelas atitudes de bem, pois são elas que desenvolvem as virtudes necessárias para o alcance da justa razão.

Segundo Sêneca, a razão é a conduta sobre o bem e o mal, porque não valoriza tudo o que lhe for exterior e alheio, mas aquilo que se situa na alma. Para viver a razão, é preciso desenvolver as virtudes, pois por meio delas, é possível ultrapassar as circunstâncias adversas da vida. Para tanto, as virtudes precisam estar em consonância com a natureza, pois somente com uma vida tranquila e feliz, o homem poderá alcançar o bem supremo, a felicidade e a paz de espírito. As virtudes são alcançadas pelo homem que vive de acordo com a natureza (Cartas 67, 5-16).

Sêneca continua a discussão com seu amigo, tratando da importância do ócio, desde que leve à utilidade da reflexão filosófica e à mudança de atitudes. Afirma que por meio de uma vida retirada, é possível destinar tempo para conversar consigo mesmo e pensar sobre os preceitos que contribuem com a busca de uma vida feliz.

Encerra o livro sete, escrevendo sobre o valor de lidar com a perda de um ente querido, discutindo os caminhos que se deve percorrer em busca de uma vida feliz. De acordo com o filósofo, só assim o tempo será favorável para aquele que espera a morte, desprendendo-se do medo de deixar a vida, pois para este, a liberdade da alma será o prêmio, porque viveu uma vida virtuosa.

### **Livro VIII: Cartas 70-74**

Nas cartas setenta a setenta e quatro, o filósofo atém seu pensamento a uma discussão que possibilite ao amigo Lucílio refletir sobre o tempo, a vida, a morte, a alma e a verdadeira essencialidade (conforme o estoicismo) sobre o

bem viver. Ressalta a velocidade do tempo na vida de cada pessoa, porque é preciso saber viver bem, aproveitar o tempo, já que a velhice chega muito rápido.

Na nossa insensatez julgamos esse fim como um escolho: na realidade é um porto, a que por vezes somos forçados a abordar, mas que em caso algum deveremos recusar; e mesmo que lá aportemos na juventude, será tão insano queixarmos-nos disso como de termos navegado a grande velocidade. Como sabes, por vezes a falta de vento atormenta o navegador e não lhe permite avançar, a extrema calma rouba-lhe a paciência, enquanto outras vezes o ímpeto das correntes o impele com toda a velocidade (Cartas 70,3-4).

Sêneca elucida a importância de se aproveitar o tempo, pontuando que não podemos conservar a vida, mas é imprescindível ter uma vida digna, vivendo diariamente com qualidade, na companhia daqueles que nos fazem bem. Não importa o tempo em que se vive, mas a honestidade é primordial para que se possa viver dentro dos princípios morais, e mesmo que venhamos a ter alguns conflitos, não podemos desanimar e jamais perder a esperança.

Chama a atenção sobre a estima de saber a hora certa de se retirar da vida; assinalando que o homem tem o direito de escolher a própria morte, quando percebe que não mais está sendo útil à sociedade, ou então quando tem consciência de que não precisa esperar pelo padecimento diante das enfermidades que acometem seu corpo físico. Tais enfermidades podem ser causadas pelas doenças físicas ou psíquicas, porém todas são maléficas ao bem-estar. Cabe ao homem esperar que a sociedade aprove sua vida, porém a sua morte, só a ele pertence.

Recorre à literatura e exalta o pensamento de Sócrates, salientando que este “poderia ter posto fim à vida recusando-se a tomar alimento, morrendo de inanição em vez de morrer pelo veneno” (Cartas 70, 9), porém a sua escolha teve como consequência a espera pela morte durante trinta dias em cárcere. O autor deixa clara a sua aprovação pelo suicídio, pois acredita que o homem deve saber morrer; enaltecendo o homem que sabiamente escolhe a morte a viver eternamente em servidão. Em seu raciocínio, o homem consciente de seus atos, sabe exatamente a hora de se retirar da vida, pois o “homem de valor é

aquele que, não só exige de si o suicídio, como ainda encontra forma de o realizar” (Cartas 70,25).

Ao orientar Lucílio, o filósofo deixa pistas da distância em que os separa na carta setenta e um. Com a preocupação de seus conselhos chegarem tardiamente ao amigo, explica que é importante que os conselhos cheguem no momento adequado e necessário para que não corra o risco de serem inoportunos. Para que Lucílio possa se assegurar das próprias atitudes, Sêneca orienta-o a seguir o supremo bem, ou seja, a confiar nos caminhos da filosofia estoica e beber dessa fonte filosófica para ter uma boa conduta de vida.

Sublinha ser preciso conhecer para agir, pois a ausência de conhecimento torna o homem negligente de atitudes para consigo e para com o outro, mas também assinala ser preciso se deixar guiar pela razão, desde que alicerçada nas virtudes morais, o supremo bem do homem. Em sua concepção, a virtude é como um caminho reto, que não pode ser desviado, não permitindo nenhum tipo de curvatura, pois:

A virtude formula juízos sobre tudo, mas nada pode formular juízos sobre ela. E se a própria virtude não pode tornar-se mais recta, também as acções que se realizam por meio da virtude não podem ser mais rectas umas do que as outras, pois todas elas têm de se conformar com a virtude; donde se conclui que todas são iguais entre si (Cartas 71, 20).

São as virtudes que conferem o valor moral ao homem, distinguem os atos do bem e do mal, por isso, e devem ser entendidas e vividas intensamente, visto que são capazes de transformar as ações e conduzir à felicidade. Assevera que o homem tem a capacidade de compreender as atitudes insensatas, e a partir delas, pode reconduzir a sua vida para o caminho do bem, pois o que interessa ao homem, não é aquilo que ele vê, mas como ele vê as coisas, pois o espírito humano, muitas vezes, se mostra cego para enxergar aquilo que é preciso, devido às comodidades ou prevalências do ser humano.

É com essa percepção que Sêneca se refere ao sábio, explicando que somente um homem sábio consegue discernir o bem do mal, pois é preciso esforço e muita vontade para se desvincular dos vícios que o acometem e tornar-se um verdadeiro homem de bem, desprovido dos vícios e das paixões que tanto

adoecem a humanidade (Cartas 71, 32). O homem sábio é capaz de exercer o pensamento antes de responder a qualquer questão, pois ao responder, estaria agindo sobre o que foi posto diante de si e, assim, as ocupações do dia-a-dia levam-no a agir instintivamente.

O sábio não depende dos fatores externos para seguir o rumo de sua vida, uma vez que depende de seu conhecimento para estabelecer as metas para a sua vida. Na acepção de Sêneca, o sábio já tem dentro de si a felicidade, visto que para ele a felicidade está contida no supremo bem e este é inalterável, pois “o homem que quer vir a possuir uma permanente alegria, tem de fruir apenas do que efetivamente lhe pertence” (Cartas 72, 7).

Para que essas virtudes sejam alcançadas, o homem precisa aderir à filosofia, pois é por meio dela que consegue refletir sobre os anseios da sua história e concluir aquilo que é viável para a boa conduta de sua vida. Nessa vertente, está a importância do ócio, uma vez que este permite a reflexão filosófica. O homem deve usar de sua liberdade e tempo para aderir ao ócio, pois esse período carece de lucidez e tranquilidade para que seja produtivo e eficaz.

Para o autor, o ócio pode ser exercido por qualquer pessoa, independente do segmento social ou raça, pois todos são iguais e desfrutam da mesma natureza. Para tanto, o homem precisa ser prudente, moderado, exercer as virtudes da caridade, da solidariedade, ser desprovido de maldades (Cartas 73, 2). O comportamento contrário ao que está posto dentro das virtudes acarreta no homem as mazelas da sociedade e fragiliza sua saúde física, causando-lhe a morte.

Porém, mesmo após a morte do homem virtuoso, este deve ser lembrado por suas ações, porquanto são elas que determinam a conduta daquele que um dia viveu e foi feliz. A esse homem virtuoso que partiu dessa vida devemos recordar com saudade dos momentos bons partilhados por ele.

Sêneca finaliza os escritos desse livro orientando o amigo sobre a seriedade de saber viver bem. Afirma que cabe ao homem decidir sobre a conduta de sua vida, e que este precisa saber discernir entre o bem e o mal para escolher o caminho a ser seguido. Em sua ótica, a vida é breve e deve ser vivida em sua plenitude, com moderação, pois tudo o que é excessivo pode ser nocivo. A prudência, para Sêneca, é a linha de conduta necessária para que haja moderação sobre as atitudes e para que o homem possa se precaver das

situações inusitadas, servindo de gatilho para o uso da razão. Deve proporcionar o amor a si próprio, pois “o homem deve aceitar o que também a divindade aceita; e por isso deve olhar com admiração a sua pessoa, a sua vida [...] ama a razão, e este amor tornar-te-á apto a afrontar as mais duras situações” (Cartas 74, 20-21).

O ideal de formação virtuosa do autor predetermina o uso da razão e conseqüentemente o exercício da moral, em seu entendimento atribuída às virtudes que formam o homem de bem.

### **Livro IX: Cartas 75-80**

As cartas do livro nove abordam a filosofia, a velhice, a importância dos estudos, a vida e a morte. No primeiro parágrafo, Sêneca descreve que Lucílio havia se queixado sobre a ausência de pruridos de estilo em suas cartas.

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! (Cartas 75,1).

Sêneca justifica que tem facilidade de se comunicar verbalmente, por isso seus escritos são diretivos, não apresentam dúvidas e nem resistência sobre qualquer assunto discutido, e suas cartas possuem ausência dos pruridos. Demonstra domínio do conhecimento sobre as questões discutidas e assim pode fazer as orientações pertinentes. De acordo com o filósofo, somente “aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada” é que apresentam pruridos de estilo, pois seus discursos são desleais e levam ao convencimento do leitor pelos argumentos insensatos (Cartas 75, 1).

O argumento do autor para convencer o amigo a viver os preceitos que recebia como orientação por meio das cartas realça um novo objetivo a ser seguido por ele: “dizer o que sentimos, sentir o que dizemos, isto é, pormos a nossa vida de acordo com as nossas palavras (Cartas 75, 4). Nesse sentido,

esclarece ao amigo que, as palavras escritas e enviadas por meio das cartas, devem ser vividas por Lucílio, pois se tratam de orientações que não teriam viabilidade se não forem colocadas em prática.

Portanto, a asevera ser preciso refletir sobre cada orientação, pois elas levam ao caminho da felicidade, esclarecem as categorias dos vícios e paixões, e apontam os caminhos da conduta do homem virtuoso. Somente o homem virtuoso poderá ser independente, feliz e ter assegurada a sua liberdade!

No texto da carta setenta e seis, Sêneca expõe uma suposta ameaça de Lucílio sobre a possibilidade de cortar relações com ele caso este não apresente as ações cotidianas de sua vida. Em face ao alerta de Lucílio, o filósofo inicia um novo diálogo, escrevendo sobre a importância dos estudos e de não se ter vergonha de buscá-lo mesmo na velhice, porque todas as pessoas sempre terão o que aprender. Argumenta que é preciso esforço, boa vontade e disposição para que haja retenção do conhecimento (aprendizagem).

O autor destaca seu empenho nos estudos da filosofia, revelando o quanto ela é significativa para a sua conduta de vida, afirmando que mesmo se considerando velho, ainda se mantém fiel ao saber, pois “o saber não se obtém por obra do acaso” (Cartas 76, 6). Entende que o conhecimento das coisas é o único bem que o ser humano pode carregar consigo, pois é por meio dele que pode se desprender das coisas que o escravizam na vida (vícios e paixões), e cada coisa possui o seu valor específico e é avaliada pelo seu resultado.

Com isso, compreende que o valor do homem é relativo ao seu conhecimento, pois é ele que distingue a qualidade racional do homem da qualidade irracional do animal.

Cada coisa é avaliada por uma qualidade específica. O valor da videira está na sua produtividade, o do vinho no seu sabor, o do veado na sua rapidez; o que nos interessa nas bestas de carga é a sua força, pois elas apenas servem para isso mesmo: transportar carga. Num cão a primeira qualidade é o fôlego, se o destinamos a seguir a pista da caça, a velocidade, se queremos que ele persiga as feras, a coragem, se pretendemos que as ataque à dentada. Em cada ser, portanto, há uma qualidade que predomina, para cujo exercício nasce, e em virtude da qual é avaliado. Ora qual é a qualidade suprema do homem? A razão: graças a ela o homem supera os outros animais e aproxima-se dos deuses (Cartas 76, 8-9).

A razão, segundo Sêneca, é a virtude do homem, é o bem próprio e mais precioso que ele pode ter. Assim, postula que o homem é avaliado pela sua razão, pois é diante das ações boas que se tem a compreensão do homem bom e é diante das ações más que se compreende o homem de má conduta, pois “um homem será bom se a sua razão for desenvolvida e justa” (Cartas 76, 14).

Tudo o que estiver ligado à virtude engrandece a alma e é categorizado como bom/bem, visto que são qualidades que especificam a conduta do ser humano, enuncia Sêneca. Acrescenta que o homem justo e bondoso é um homem fiel, honesto e íntegro, portanto é preciso levar em consideração que todas as ações de conduta do homem praticadas ao longo da vida são determinantes para a sua condição de homem moral.

Para que o homem possa viver virtuosamente, na acepção de Sêneca, precisa compreender que não deve se apegar às coisas materiais e nem mesmo à vida, pois as coisas materiais existem para dar condições de sobrevivência ao homem, enquanto a vida se resume na possibilidade de se exercer o conhecimento e se fazer enquanto pessoa humana. Assinala que o corpo serve somente de abrigo a alma, portanto também não se pode ter medo da morte, visto que ela liberta a alma do corpo (Cartas 77, 3-11).

Ao enaltecer o valor da vida e a nobreza da morte, o autor principia um novo assunto na carta setenta e oito, lamentando a doença do amigo (que naquele momento estava com gripe e febre). Relata uma passagem de sua juventude, em que acometido de uma tuberculose e fragilizado pela extrema magreza, pensou em suicidar-se. Na premissa de Sêneca, naquele momento, o suicídio colocaria um fim ao seu tormento, porém usando de empatia, pensou no sofrimento de seu pai e, imaginando o quão sofreria pela perda do filho, resolveu direcionar o seu tempo para estudar.

Segundo o autor, o estudo proporcionou a restituição de sua saúde, haja vista que as suas reflexões contribuía com a elaboração de pensamentos voltados à formação da nobreza da alma. Outro relato do autor sobre esse período de sua vida foi a importância dos amigos e dos risos diante dos momentos de dor e de angústia do ser humano, já que a amizade e o companheirismo afastam a expectativa e o medo da morte, fortalecendo o pensamento (Cartas 78, 4). Postula que a força do pensamento humano

determina muitas coisas que podem ser categóricas na vida do homem, pois por meio do pensamento, fomentam-se os desejos e, tudo aquilo que não se deseja, não faz falta.

O autor pontua tais reflexões com base na sabedoria, no conhecimento elaborado por meio da reflexão filosófica, afirmando que a sabedoria só é adquirida por meio do esforço e da vontade, viabilizando a independência e a liberdade do homem.

O bem que é a liberdade terás tu de dá-lo a ti mesmo, de o reclamar a ti mesmo! Liberta-te, para começar, do medo da morte (já que a ideia da morte nos oprime como um jugo), depois do medo da pobreza. Para te convenceres de que a pobreza não é em si um mal basta-te-á comparares o rosto dos pobres com os dos ricos (Cartas 80, 6).

É preciso olhar para si e analisar os caminhos já percorridos e as possibilidades que apontam as direções que ainda restam na jornada da vida, pontua Sêneca. Apresenta os conflitos da vida daqueles classificados como “mais afortunados” e aqueles que se classificam na condição de “pobres”.

Conforme o filósofo, os pobres riem com mais frequência e convicção, por não terem preocupações que os afligem, enquanto os mais afortunados apresentam uma falsa felicidade, pois vivem uma vida turbulenta e abarrotada de vícios proporcionados pela riqueza. A felicidade do rico não passa de encenação, pois caso este seja despido de seus adornos, não terá quem lhe acolha, somente quem lhe despreze. É com essa reflexão que o filósofo finaliza o livro nove, alertando o amigo sobre as coisas que considerava relevantes para aquele momento.

### **Livro X: Cartas 81-83**

A carta oitenta e um contempla um conteúdo diferenciado, mas assim como as discutidas até aqui, promove a reflexão sobre a importância da formação do homem de bem. O filósofo discute a ingratidão do homem, ponderando não ser possível levar em conta os atos das pessoas para fazermos boas ações ao próximo. Sêneca expõe que apesar de existirem muitas pessoas

insensíveis no mundo, ainda há o indivíduo que se sobressai por sua gratidão desprovida de intenção.

Sêneca enuncia ser preciso superar a ingratidão e dela erigir ânimo para ser mais pródigo nos próprios benefícios, pois “quando uma acção é de resultado imprevisível há que empreendê-la uma e outra vez para aumentar a probabilidade de sucesso!” (Cartas 81, 2). Nesse trecho, chama a atenção do amigo sobre o assunto elaborado e apresentado na obra *Sobre os benefícios*, pois mesmo sendo um assunto específico da obra, destaca que diante da importância do tema não discutiu o suficiente.

Na sequência, indaga o amigo: “[...] perante um homem que nos fez um benefício e que posteriormente nos prejudicou podemos considerar-nos quites, livres da nossa dívida de gratidão? (Cartas 81,3)”, e ainda “[...] o prejuízo que nos causou superou em muito o benefício que antes nos fizera” (Cartas 81, 4).

O filósofo provoca a reflexão sobre os benefícios de suas ponderações, argumentando que é preciso investigar o grau de boa vontade sobre a benfeitoria recebida ou proporcionada, pois se deve dar mais importância ao benefício do que à ofensa, pois “o que interessa num benefício não é o seu quantitativo, mas sim o espírito com que foi feito” (Cartas 81, 6).

Sêneca discute as ações envolvidas com a manifestação da gratidão, pois elas levam ao benefício. Salaria a necessidade de o homem fazer o bem ao outro sem esperar o reconhecimento de seu ato, assim como se faz necessário realizar as boas ações e não as divulgar, porquanto basta à sua consciência e os seus preceitos estar em harmonia com seus atos.

A gratidão é benéfica ao homem, faz bem à sua alma e trata-se de uma virtude que conduz à felicidade, evitando a ingratidão, pois faz mal ao homem, já que pode estar acompanhada da maldade, afirma Sêneca. “As serpentes produzem venenos que causam dano aos outros seres mas são inofensivos para elas mesmas; com o veneno da maldade é o contrário, quem o produz é quem mais sofre!” (Cartas 81, 22).

Na definição de Sêneca, o homem ingrato faz mal a si mesmo, uma vez que enaltece grandemente as ofensas que recebeu, minimizando ou não aceitando os benefícios de alguém para não ter que retribuí-los. Salaria o valor da figura do homem sábio, pois este não sofre alimentando sentimentos negativos e desejando o pior ao seu algoz, mas despreza voluntariamente

aquele que o lesou, não perdendo tempo em busca de descobrir o culpado de alguma discórdia que possa tê-lo atingido. O sábio posiciona-se contrário à ingratidão, porquanto, enaltece os benefícios que lhe são propostos, mantendo-se eternamente gratos a eles.

Ninguém poderá ser grato se não desprezar tudo aquilo que excita a atenção do vulgo: se quiseres, de facto, retribuir um favor terás que estar disposto a enfrentar o exílio, a derramar o teu sangue, a resignar-te à indignação, a sentir mesmo que a tua inocência seja posta em causa e se sujeite a infames boatos. Um homem grato não é coisa de pouca monta. Habitualmente, a nada se dá mais valor do que a um benefício enquanto o solicitamos, mas a nada se dá menos valor depois de obtê-lo (Cartas 81, 27-28).

Sêneca considera valioso aquilo que se deseja, e apregoa que o caminho que desvia o homem da gratidão é considerado valioso. Por isso, o seduz com as riquezas e poder, que o próprio homem deseja alcançar. Para desviar-se desse caminho é preciso determinação, coragem, vontade, porque a fragilidade na determinação da conduta ética do homem, o faz fraquejar diante daquilo que o leva ao caminho vício.

Alguns homens tornam-se covardes e vegetativos, pois vivem um ócio que nada traz de benefício ao seu desenvolvimento. É como se esse homem estivesse em uma tumba, argumenta o autor (Cartas 82, 2-3). Sua orientação retoma a questão da morte, explicando que muitos homens a temem por desconhecer o que acontece após o depauperamento. Pontua que a morte amedronta, porque é uma incógnita e subtrai do homem tudo aquilo que ele tem de concreto: os bens, os sentimentos e a vida.

As cartas seguem repletas de exemplos, ressaltando o valor da moralidade sobre as coisas supérfluas, que induzem o homem ao sofrimento. Informa Lucílio que tudo o que o homem esconde dos outros, não fica oculto à divindade, e atendendo ao pedido do amigo, exhibe suas ações práticas nos textos seguintes.

O autor evidencia em seus escritos, que o homem que goza de boa saúde deve evitar os excessos e manter-se de bem consigo mesmo, porque a prática de exercícios é fundamental para a qualidade de vida. A boa saúde se adquire com bons hábitos, sendo necessários os cuidados pessoais como banhos,

repouso, trabalho e comida moderada. É dessa forma que o filósofo mantém a sua rotina, sem deixar de contemplar o ócio produtivo, em que se atém aos estudos da filosofia para enriquecer seu conhecimento, a sua compreensão sobre todas as coisas e elevar o grau de sabedoria.

Assinala que o homem de bem, que prima pela saúde, não se deixa atingir pelo estado da embriaguez, já que ela o excita e o coloca diante da manifestação dos vícios, pois “a embriaguez não causa os vícios, mas trá-los à luz” (Cartas 83, 20).

É com tais argumentos que Sêneca orienta o amigo para a meditação sobre os danos causados pelo estado de embriaguez. Primeiramente, relata que os sintomas são maléficos à saúde física e mental do indivíduo, pois lhe falta autocontrole “as palavras titubeantes e distintas, os olhos revirados, os passos cambaleantes, a cabeça roda [...]” (Cartas 83, 20).

A sanidade mental do homem embriagado fica completamente alterada, ocasionando excesso em seus atos. Exemplifica seus argumentos com o relato do caso de Alexandre da Macedônia, que, embriagado, feriu o melhor amigo com golpe de espada e, ao se dar conta do ato, arrependeu-se a ponto de desejar a própria morte.

Outro exemplo para justificar os danos causados pela embriaguez é a história de Marco Antônio, que nutria paixão violenta por Cleópatra e pelo vinho. A paixão (considerada um vício na doutrina estoica) fez de Marco Antônio um homem cruel a ponto de “enquanto ceava lhe serem levadas as cabeças dos principais cidadãos” (Cartas 83, 25), e mesmo depois de saciado pela bebida, ainda demonstrava sede de sangue.

Na compreensão do autor, o sábio jamais se deixa tomar pela sedução da bebida, uma vez que tudo o que há de horroroso e prejudicial está contido no prazer da bebida. Compreende que existem consequências maléficas após a embriaguez, pois os conflitos oriundos da bebida permanecem após o seu efeito.

### **Livros XI A XIII: Cartas 84-88**

As cinco cartas que compõem os livros onze a treze apresentam um texto argumentativo, demonstrando certa inquietação do autor diante do assunto discutido. Tal assunto envolve a reflexão sobre os princípios da virtude, e busca

fundamentos em outros filósofos como Possidônio e os peripatéticos, discípulos de Aristóteles.

Sêneca inicia a primeira carta do livro onze orientando o amigo sobre a importância dos estudos, das leituras e também de não sucumbir ao sedentarismo. Em seu entendimento, “a leitura alimenta a inteligência e retempera-a das fadigas do estudo, sem, contudo, pôr de lado o estudo” (Cartas 84,2). Afirma que o indivíduo jamais deveria limitar-se à escrita ou somente à leitura, pois ambas em conjunto é que dariam formato às ideias elaboradas.

O autor exemplifica sua ideia com o trabalho das abelhas ao escolherem as flores específicas para fazerem o mel. Em suas palavras,

Nós devemos imitar as abelhas, discriminar os elementos colhidos nas diversas leituras (pois a memória conserva-os melhor assim discriminados), e depois, aplicando-lhes toda a atenção, todas as faculdades da nossa inteligência, transformar num produto de sabor individual todos os vários sucos colhidos de modo a que, mesmo quando é visível a fonte donde cada elemento provém, ainda assim resulte um produto diferente daquele onde se inspirou (Cartas 84, 5).

Ao considerar que a assimilação dos conteúdos é primordial para que haja conhecimento, o autor se atém ao exemplo da música, do qual demonstra muito conhecimento. Para ele, o espírito humano deve ser harmônico tanto quanto a música deve ser em uma orquestra, pois o coro musical é formado por muitas vozes, que juntas resultam em uma única voz. O espírito humano deve conhecer muitos preceitos e dominar muitas técnicas para se desenvolver harmonicamente e alcançar a sua plenitude.

Para que essa plenitude seja alcançada, é preciso que homem realize ações de acordo com a razão e, para tanto, esse espírito jamais deverá se ater aos sentimentos negativos: infelicidade, inveja, ambição, medo, argumenta Sêneca. Em sua visão, tais sentimentos são condutores do caminho da infelicidade.

Opondo-se a isto, Sêneca declara que “a virtude é o único meio necessário e suficiente para se atingir a felicidade na vida” (Cartas 85, 1), ou seja, o homem virtuoso é um homem moderado e prudente, pois

Todo homem prudente é moderado; todo homem moderado é constante; todo homem constante é imperturbável; todo homem imperturbável está ao abrigo da tristeza; todo homem que está ao abrigo da tristeza é feliz; logo, todo o homem prudente é feliz; logo, a prudência é condição suficiente para o homem ter uma vida de felicidade (Cartas 85, 2).

O homem precisa compreender as ações que o levam ao desenvolvimento da virtude, ou seja, entender que a coragem, a lealdade, a temperança, a modéstia, a moderação, a clemência, a parcimônia e a frugalidade são determinantes na condição humana, pontua Sêneca. Acrescenta que precisa valorizar o seu próximo e não se apegar aos bens materiais, pois o homem virtuoso não se apega à riqueza e nem aos benefícios oportunizados por ela.

A riqueza é precursora do mal, pois dá insolência e audácia, desperta a inveja, gera o orgulho, e perturba a razão humana, enquanto que a pobreza consiste na posse de poucas coisas, portanto não fomenta os vícios que a riqueza favorece.

Sêneca faz um silogismo sobre o conceito de riqueza e pobreza com uma explanação de Possidônio e Antípatro, contudo sua maior preocupação nessas cartas é discutir as condições que levam à formação moral do homem romano. Relata a compreensão de Possidônio sobre a riqueza:

Tudo o que não nos proporciona grandeza da alma, confiança, segurança, não deve ser considerado um bem; a riqueza, a saúde e coisas semelhantes não nos proporcionam nada disto; logo não são bens." [...] Tudo o que não dá à alma grandeza, confiança, segurança, mas pelo contrário, desperta nela a insolência, o orgulho, a arrogância, deve ser considerado um mal; os favores da sorte causam em nós estes defeitos; por conseguinte, não são bens (Cartas 87, 35).

O filósofo entende que mesmo diante dos argumentos utilizados para comparar a pobreza e a riqueza, ele jamais conseguiria convencer os romanos a preferirem a pobreza, pois a riqueza é o fundamento e a causa do poder romano.

O autor faz uma menção às artes liberais e seus objetivos, explicando que não as admira, por considera-las intencionais, pois são para os homens livres, enquanto que “[...] o único estudo verdadeiramente liberal é aquele que *torna* o homem livre” (Cartas 88, 2), e esse é um estudo que proporciona a sabedoria.

Na carta oitenta e oito, o autor demonstra inquietação e aversão às artes liberais, acreditando que esse tipo de formação, embora intencione formar um homem de bem, contribui com um “espírito macilento e letárgico” (Cartas 88, 19). Para Sêneca, os estudos liberais podem auxiliar na formação do homem, porém não apresentam as utilidades que pertencem à virtude.

O autor recorre aos exemplos de Possidônio para justificar seu argumento:

Do mesmo modo que a “cartilha”, como lhe chamavam os antigos, pela qual as crianças aprendem as letras do alfabeto, não lhes ensina as artes liberais, mas torna-as aptas a poderem aprendê-las mais tarde, também as artes liberais não guiam o espírito até a virtude, mas facilitam-lhe o trajecto (Cartas 88, 20).

É com essa analogia que o autor retoma o assunto sobre a formação do homem sábio e a importância da liberdade da sua alma, pontuando que a sabedoria do homem é grande e vasta, pois pertence às suas ações, implica no tempo, unificando o passado e o futuro, o divino e o humano, o transitório e o eterno (Cartas 88, 33).

Assevera ser preciso aproveitar o tempo para fazer coisas úteis e boas e que é preciso buscar fontes na história para fundamentar o pensamento e construir novas reflexões, sendo estas adeptas ou contraditórias daquilo que se busca, porém todas devem ser estudadas para que haja elaboração do pensamento e formação de novas ideias. “Protágoras afirma que em toda a questão se pode argumentar validamente pró e contra, a começar pela questão de saber se toda a questão pode ser argumentada pró e contra” (Cartas 88, 44).

#### **Livro XIV: Cartas 89-92**

Nas cartas que compõem o livro quatorze, Sêneca retoma algumas discussões já propostas nos textos anteriores. Entendemos que o autor as

retoma devido à importância do assunto na ocasião. O autor enaltece a filosofia como matéria com as dimensões do universo, capaz de formar o homem em sua plenitude. Parte do princípio de que a filosofia está dividida em ética, física e lógica, pois assim o conhecimento fica mais fácil de ser abordado.

Em sua vertente, “a primeira forma o caráter, a segunda estuda a natureza, a terceira estuda o valor dos vocábulos, a estrutura do discurso e as formas de argumentação, não vá a falsidade sobrepor a verdade” (Cartas 89, 9).

O autor subdivide a ética em três partes, salientando que a primeira “consiste na análise e atribuição do valor legítimo a cada coisa, na apreciação de como cada coisa deve ser valorizada [...]” (Cartas 89, 14); a segunda parte ocupa-se das tendências; e, a terceira, das ações (Cartas 89, 14). Conceitua a ética como um sistema e salienta a interligação de cada parte para o seu funcionamento, pois caso uma dessas partes falhe, todo o sistema é alterado.

De acordo com o autor, a física (filosofia natural) subdivide-se em duas partes, compostas por seres corpóreos e matéria. Para completar essa ideia, resta a lógica (filosofia racional), que se sustenta dois interlocutores: pergunta e resposta ou dialética e retórica. Sêneca ratifica a ideia de que a filosofia pode elucidar o homem sobre a natureza e os atributos dos deuses (Cartas 90, 28), pois por ela, o homem pode estudar os princípios do universo e compreender a razão de todas as coisas.

Destaca que a filosofia não é superior aos deuses, porém é facultativa a quem quer buscá-la, condição específica para direcionar o homem ao caminho da verdade e possibilitar uma vida virtuosa, pois “a filosofia e a virtude são duas coisas inseparáveis” (Cartas 89, 8). O filósofo esclarece que a filosofia tem a tarefa de descobrir a verdade, nesse sentido, a filosofia e a sabedoria são distintas, pois, “a sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria, aquela aponta o fim que esta alcança” (Cartas 89, 4). Não é a sabedoria que levará o homem ao caminho virtuoso, mas é preciso esforço para obtê-la, pois é condição para que por meio da filosofia se possa desenvolver a virtude, argumenta o autor.

O filósofo lembra que todos os homens carregam em si a capacidade de exercitar a reflexão filosófica, pois ao nascer apresentam pré-disposição ao desenvolvimento das virtudes, por isso, cabe escolher os caminhos que querem

seguir durante sua vida. Acrescenta que a virtude só pode ser alcançada por uma alma instruída, que tenha alcançado o mais alto nível de exercitação.

É com essa compreensão que Sêneca novamente chama a atenção de Lucílio sobre os preceitos morais, solicitando que o mesmo deve buscar na filosofia esses princípios, pois tudo o que for contrário aos bens morais são entendidos como vícios que conduzem o homem ao desespero (Cartas 92, 28).

É como um estoico que o autor registra sua preocupação com os improvisos que conduzem o homem à condição de fraco, pois sua fraqueza está contida nos prazeres oportunizados pela fortuna,

Se a fortuna assim o quiser, a que não pode ela reduzir um homem, por muito próspero que seja! E não é verdade que quanto mais uma coisa é bela e sumptuosa mais a fortuna se dispõe a abatê-la? Que para a fortuna nada é duro e difícil? A via que ela trilha nunca é sempre a mesma, nem sequer é muito batida: umas vezes faz de nós mesmos os autores dos nossos males, outras, tirando partido dos seus recursos próprios, inventa calamidades sem responsável directo (Cartas 91, 5).

A fortuna aguça o desejo do homem pelo poder, pelos bens materiais, pela aquisição de vantagens, mas não dá a condição de sábio, pois este até pode adquirir conhecimento das coisas, porém suas ações práticas não são paralelas à condição de homem virtuoso, assinala o autor. Aponta que os bens adquiridos pela fortuna estão sujeitos a ser dissipados, enquanto o bem moral qualifica e eterniza o homem a condição de sábio.

Ainda para Sêneca, o sábio não se prende as técnicas de uma aprendizagem sem significado, pois sua sapiência está para além do conhecimento. Ele não nos permite dar falsas opiniões e “avalia tudo quanto existe pelo justo valor” (Cartas 90, 34).

Com essa reflexão, Sêneca destaca o exemplo de Alexandre da Macedônia, que mesmo sendo considerado “o grande”, não conseguia assimilar o conhecimento necessário à compreensão da geografia, pois era um homem “nervoso que só pensava em conquistar para lá dos oceanos” (Cartas 91, 17). Poderia ele ser considerado um sábio? Na compreensão de Sêneca, o sábio seria o homem que conseguisse alcançar a plenitude de sua alma, exercitando suas ações por meio das virtudes.

Segundo o filósofo, todo homem está sujeito a dor, velhice, sofrimento, fome, carência da sorte e morte, mas somente o sábio teria condições de passar por qualquer dessa condição e ainda ser feliz. O homem feliz saberia viver com retidão, independente, compreensivo, grato, pois a “felicidade não é mais do que a segurança e a tranquilidade permanentes. Quem no-las proporciona é a grandeza da alma [...]” (Cartas 91, 3).

Ao retomar a questão da alma, o autor deixa transparecer sua crença de que a alma é divina e “seria necessário grande esforço para subir ao céu, mas para a alma é um regresso” (CARTA 92, 30). Dessa forma, conclui que:

Não há qualquer insolência em tentarmos subir ao lugar donde descemos. E de resto, porque não admitir que há algo de divino num ser que é parte integrante da divindade? Todo este universo que nos rodeia é uno, e é Deus. Nós somos participantes dele, somos como que os seus membros. A nossa alma tem capacidade bastante para se elevar até a divindade desde que os vícios a não deitem por terra (Cartas 92, 30).

Em conformidade com Sêneca, a alma atinge sua plenitude ao regressar ao céu (Cartas 92, 30), pois ela não carrega consigo nem ouro e nem prata, nem as riquezas materiais que o homem pode adquirir no mundo. Para o autor, ela simplesmente carrega a grandeza e a pureza de uma vida que fora vivida com sensatez, liberta de vícios, desenvolvida moralmente. A alma “busca sua saída sem se importar com a sorte dessa pobre coisa que para aí fica!” (Cartas 92, 34).

Para Sêneca, o sábio não se assusta com a morte, pois tem a certeza de que sua alma retornará de onde veio e terá tranquilidade e paz. Nem o seu corpo físico, após a sua morte, será motivo de aflição, pois “a natureza providenciou para que ninguém ficasse sem sepultura: o tempo sepultará todo o corpo que a crueldade humana deixar ao abandono” (Cartas 92, 35).

### **Livro XV: Cartas 93-95**

Os preceitos são as bases do diálogo estabelecido entre Sêneca e Lucílio nas cartas que compõem o livro quinze. Nelas, o autor salienta que os preceitos concorrem para a obediência e exortam o dever do homem. O autor discute a

importância de viver plenamente, primando pela qualidade de vida, mas cumprindo com os deveres de um cidadão de bem.

Para que Lucílio possa compreender o que distingue o homem de bem do homem afortunado após a morte, Sêneca esclarece que “um homem enérgico que despreza a fortuna, cumpre todos os deveres inerentes à vida humana e se alça ao seu supremo bem” (Cartas 93, 4), portanto, esse homem continua existindo após a sua morte, enquanto o homem que vive em prol dos bens materiais e dos vícios sociais, é considerado morto antes mesmo de morrer.

Aponta que o homem não deve levar em consideração o tempo de vida, mas sim a sabedoria adquirida e a qualidade da vida vivida por ele.

A idade é um fator totalmente eterno. Não me cabe determinar por quanto tempo vivo; está, todavia, na minha mão viver plenamente enquanto existir. Exige de mim que eu não percorra, como que envolto em trevas, uma existência sem sentido, mas que realize a minha vida, em vez de lhe passar ao lado. Quer saber qual a duração ideal da vida? Quanto baste para atingir a sabedoria (Cartas 93, 9).

Sêneca retoma os conceitos da filosofia, lembrando que é a lei que rege a vida, e esclarece o bem viver, relatando exemplos de condutas que levaram o homem ao sacrifício da sua existência. Para o autor, não basta somente conhecer os preceitos, é preciso compreender a razão de ser, de nada adianta ter princípios bem estabelecidos e compreendidos se o homem não eliminar o erro que o leva ao sofrimento; de nada adianta a teoria caso o exercício da prática seja divergente, portanto é preciso eliminar as falhas e eliminar as impurezas que não nos deixam enxergar para termos a percepção dos deveres. São os erros que impedem o homem de estar satisfeito consigo mesmo.

As falhas aqui salientadas são também conotadas como vícios, ou seja, novamente a questão dos vícios é determinante para a condenação do homem. Para que este possa se libertar dos vícios, deve trilhar o caminho da sabedoria, pois a sabedoria diz respeito a todos os homens, mas somente aqueles que se dispõem a buscar tal caminho, entregando-se, seguramente, a esses preceitos conseguem colher bons frutos dessa formação.

Sêneca assinala que o homem que consegue se livrar dos vícios também conseguirá libertar outros homens, já que os conselhos nunca serão considerados supérfluos. Destaca a importância das advertências na orientação do homem, pois “uma advertência não ensina, mas chama a atenção, mantém-nos atentos, conserva a memória concentrada, sem permitir que se disperse” (Cartas 94, 25).

O autor evidencia que é por meio do estudo teórico que o homem pode contemplar o conhecimento e mudar a forma de agir. Porém, deve ser autoconfiante, ter fé na verdade e agir virtuosamente, pois são as máximas da condução do bem que formam o caráter do homem. Essa atribuição sobre a conduta na formação do caráter deve levar em consideração a seriedade dos exemplos, porquanto estes são determinantes na educação.

Também as crianças aprendem a escrever pelo exemplo: pega-lhes nos dedos, a mão do mestre guia-os sobre os desenhos das letras, depois diz-se-lhes que imitem o modelo apresentado, e que por ele corrijam a sua caligrafia. Um tal auxílio deve ser dado ao nosso espírito enquanto aprende a guiar-se por um modelo (Cartas 94, 51).

Os vícios do homem são os vícios da sociedade em que ele está inserido. Na carta noventa e quatro, Sêneca assevera que “a natureza não nos predestinou para nenhum vício, antes nos gerou puros e livres” (Cartas 94, 56). Essa abordagem refere-se à importância de uma formação pura, e que o homem possa reconhecer o seu papel na sociedade e respeitar o ambiente em que está inserido, eliminar ações que o levem ao conflito, pois a ganância pelo poder pode gerar guerras. O autor frisa que não se pode ser feliz à custa da infelicidade alheia.

O filósofo esclarece que o homem precisa ter consciência daquilo que almeja, pois muitas vezes ele deseja uma coisa e acaba por escolher outra, sendo completamente contraditório naquilo que determina como escolha. Esse tipo de atitude causa dissabores, pois o desprazer encontrado naquilo que não se desejou gera a infelicidade do mesmo. Tais dissabores são oriundos de más escolhas, levam aos males causados pelos infortúnios e excessos, como a luxúria e as doenças.

As ações do homem devem partir de seus pensamentos e convicções, portanto, a vida de cada um será regida por meio daquilo que ele determina para si. Sêneca entende que a ação do homem não pode ser correta se sua vontade também não for, pois é a vontade que gera a ação. Daí a importância de não se deixar guiar pela opinião comum, mas formar sua opinião de acordo com o conhecimento e a razão.

É preciso conhecer a verdade para que se possa opinar sobre as coisas, no entanto, não podemos chegar à verdade “sem conhecermos os princípios básicos da filosofia, os quais incidem sobre a totalidade da vida. O bem e o mal, a moralidade e a imoralidade, a justiça e a injustiça” [...] (Cartas 95, 58). Entende que somente por meio da verdade é que o homem pode atingir a virtude, pois suas ações serão conduzidas de acordo com sua ação diante da verdade em que acredita.

Na carta noventa e cinco, o autor discorre sobre os problemas que acometem o homem e que a vida moderna traz consigo algumas doenças características do momento vivido pela sociedade. Para ele, a conformidade do homem diante da realidade social também causa doenças. Esclarece que é preciso agir para não se submeter à opressão e faz menção ao papel ativo desempenhado pela mulher na sociedade: “[...] elas perderam as regalias do seu sexo e, renunciando feminilidade, viram-se condenadas as moléstias dos homens” (Cartas 95, 21).

O autor utiliza de relatos para exemplificar sua orientação e novamente recorre a Possidônio, destacando que este considera imprescindível a técnica e o uso da persuasão, da consolação e da exortação no que tange ao caminho da virtude.

### **Livro XVI: Cartas 96-100**

Transcrevemos uma citação de Sêneca: “Continuas então a indignar-te ou a lamentar-te disto ou daquilo, sem entenderes que o único mal efectivo é o próprio facto de tu te indignares ou te lamentares?!” (Cartas 96,1). Com essas palavras, o autor inicia a carta oitenta e nove, que abre o livro dezesseis.

O filósofo relata os motivos que levam o homem a afligir-se, e considera que as atitudes resultam nas consequências que o levam ao sofrimento, pois “as

ocorrências que nos causam gemidos ou receios são somente os impostos que a vida nos exige” (CARTA 96, 2).

Para Sêneca, as lamentações e reclamações são vícios do próprio homem e não do momento ou da vida, pois qualquer vício é oriundo da fonte de prazer daquele que o possui. Acrescenta que o homem vive inseguro, amedrontado, com a consciência perturbada, visto que as atitudes viciosas podem ser ocultadas dos outros, mas não de si.

Os maus actos são castigados pela consciência de os ter cometido, e que tanto maior é o grau de tortura que lhes segue por ser contínua a angústia que oprime e atormenta a consciência, a tal ponto que nem sequer consegue confiar nas garantias de segurança que se lhe oferecem (Cartas 97, 15).

O autor entende que o homem castigado pela consciência, não consegue ser feliz, pois a felicidade verdadeira se encontra no interior da pessoa e não externamente. Considerando que o interior do homem é regido pela consciência, aquele que se prevalece do alheio ou de julgamentos externos não encontra a felicidade, pois não se estabiliza enquanto ser.

O autor assevera que o homem vive na expectativa do futuro e esquece o passado, deixando de viver o presente. Isso causa angústias que antecipam o sofrimento, desencadeia emoções, sentimentos e atitudes que corroboram com infelicidade.

Quem sofre antes do tempo sofre mais do que o devido; uma mesma incapacidade leva-o a não prever a presença da dor onde não a espera; uma mesma imoderação fá-lo imaginar permanente a sua felicidade, imaginar que os bens que o acaso lhe deu não só hão de perdurar como também de multiplicar-se; esquecido do trampolim que é a vida humana, convence-se de que no seu caso, por excepção, o acaso deixará de fazer sentir (Cartas 98, 8).

O filósofo chama a atenção do amigo sobre a importância de se viver cada momento da vida como se fosse único, aproveitar os amigos, buscar a sabedoria, viver como exemplo para os outros. É necessária moderação nas atitudes para que o uso da razão prevaleça.

O autor retoma a discussão sobre a morte e ressalta a importância da formação e valorização da alma. Descreve que, apesar de cada pessoa ter o seu destino e viver o tempo específico de cada um, o fim da vida é igual para todos, pois a morte é a única certeza que se tem. Frisa que embora a dor da perda de um ente querido seja uma ferida, é preciso que esta seja curada, pois as lembranças sustentam a saudade deixada.

Lá porque te faleceu um excelente amigo quer isto dizer que foi nula a sua acção? Tantos anos de vida em comum, de íntima comunhão de interesses, resultaram em nada? Ao falecer o amigo faleceu igualmente a amizade? Porque sofres agora de o teres perdido se de nada te serve teres gozado o seu convívio? Acredita-me: daqueles a quem amamos, mesmo quando o destino nos roubou a sua companhia, uma parte importante permanece em nós; pertence-nos a passagem do tempo, pois nada goza de maior segurança do que o passado (Cartas 99, 4).

No decorrer desse livro, Sêneca esclarece a Lucílio que o assunto abordado nas cartas se faz necessário para que o amigo reflita sobre os valores que devem ser prevalecidos. É preciso entender que os bens externos ao homem apresentam o prazer momentâneo e ao mesmo tempo podem condená-lo, pois “concede o que quer que seja de bom ou de mau; ela apenas dá a matéria com que se faz o bom e o mau [...]” (Cartas 98, 2).

Isto posto, o autor finaliza a coletânea do livro dezesseis lembrando a Lucílio que é preciso ter cautela ao emitir valores sobre as coisas. A última carta desse livro inicia com a resposta de Sêneca ao amigo, onde consta que Lucílio informou ter lido os livros de Papírio Fabiano.

De acordo com o exposto na carta, subentendemos que a leitura não correspondeu às expectativas de Lucílio e Sêneca responde que se trata de um escritor filósofo, que apresenta um estilo próprio na escrita, fluindo as palavras com o objetivo de dar ênfase à formação da alma. Sêneca faz algumas comparações sobre estilos utilizados na escrita, ressaltando que o importante é o conteúdo proposto nos textos.

Aparentemente, essa carta apresenta uma discussão diferenciada das demais que compõem o livro dezesseis, pois discute a crítica de Lucílio sobre o estilo de escrita de Papírio Fabiano (Cartas 100, 1). Porém, ao suscitar o

conteúdo da carta, o filósofo apresenta a mesma orientação das cartas anteriores, pois ressalta que Papírio Fabiano escreveu a sua obra, salientando o valor da formação da alma e não do corpo.

### **Livros XVII - XVIII: Cartas 101-109**

Nas nove cartas que compõem os livros dezessete e dezoito, Sêneca discute a questão do bem viver, da paz da consciência, do sábio e novamente da morte. Lembra que o ser humano não é nada diante das coisas da natureza, é frágil, e faz planos para a eternidade, esquecendo-se de que não pode mudar o seu destino. Os homens são todos iguais, independentemente de ser ricos ou pobres, o futuro é incerto e ninguém sabe a hora da sua morte, portanto é preciso viver uma vida plena, sem culpas e sem vícios.

Ninguém deve fazer projectos para o futuro, pois mesmo o que nós seguramos nos escapa das mãos, mesmo a hora que vivemos qualquer acaso a interrompe. O tempo escoase segundo uma lei racional, mas obscura para nós; que me adianta saber que tudo se processa segundo a lei da natureza se para mim reina a incerteza? (Cartas 101, 5-6).

O homem chega à vida sem saber o seu rumo, e seu espírito se inquieta com o desconhecido e causa sofrimento, pois a ansiedade em desvelar o que está por vir demonstra que o presente é vazio, sem sentido, sem possibilidades de modificações, pontua o autor.

Essas inquietações, em sua visão, causam doença no corpo e também na alma. Por isso, assinala que muitos homens vivem doentes, em condições deploráveis e ainda assim suplicam para viver. Para esse tipo de homem, a qualidade de vida é mero acaso.

Podem degradar-me a vontade, desde que a vida permaneça em meu corpo, embora decadente e inutilizado; podem mutilar-me a vontade, desde que, embora monstruoso e disforme, me reste ainda um pouco de vida; podem amarrar-me a vontade a uma dura cruz, podem imobilizar-me nela (Cartas 101, 12).

Sêneca afirma que esse homem precisa mudar a si mesmo e entender que a vida com sofrimento retarda a liberdade da alma. Ele necessita vencer o medo da morte e viver uma vida completa, qualitativa e com a predominância da formação da alma. Esse seria o homem de bem, que não adoece devido às questões materiais, que entende a lei da natureza, que faz o bem para o outro sem esperar devolutiva.

O homem de bem se afasta dos maus exemplos e sente prazer em fazer o bem, de acordo com Sêneca. É aquele que segue outro homem de bem, aprende com seus exemplos, reflete e busca na filosofia o amparo para seus questionamentos. Ele é enaltecido na sociedade, pois carrega o conceito dos demais homens de bem, visto que “o juízo de um só pesa o mesmo que o de todos, já que todos, se interrogados um por um, formulariam o mesmo juízo [...]” (Cartas 102, 13). Assim agindo, o homem vive sem sobressaltos, sente-se seguro diante da vida, tem autoconfiança, não se surpreende com o acaso, respeita e aceita a natureza, renuncia os prazeres da vida e valoriza a liberdade.

Ao aconselhar Lucílio sobre os assombros que levam o homem a se desviar do caminho do bem, o filósofo relata algumas condutas que incitam o homem a fazer o mal a outrem. Dentre as atitudes que estimulam a conduta do mal estão a cobiça, inveja, soberba, esperança, medo, desprezo, inveja, fofoca, desonestidade e o ódio.

O autor entende que de todos os sentimentos que causam o mal o menos inofensivo é o desprezo, porquanto “ninguém se fadiga teimosamente a fazer mal a alguém que despreza” (Cartas 105, 2). No entanto, são oriundos do comportamento humano e desencadeados pelo mesmo homem que sofrerá as consequências de seus atos posteriormente.

Desta forma, alega ser preciso ao homem saber identificar as más condutas daqueles que fazem parte do seu convívio para se afastar dos maus exemplos e se preparar para enfrentar os problemas de ordem pessoal e social. Ao discorrer sobre a conduta por meio de exemplos, o filósofo lembra ao amigo que todos os homens nascem com aptidão para toda a espécie de bem, no entanto, podem se desvirtuar no decorrer da vida, e se corromper por ganâncias, fortunas, poder, orgias, inveja, ódio e outros sentimentos que o distanciam da paz.

Para que esses sentimentos ruins sejam evitados, o autor pondera ser necessário buscar a sabedoria desde cedo e estimular os jovens na prática do bem, ensinando-os coisas práticas que levem à reflexão e à crítica (Cartas 107, 4). O autor demonstra preocupação com a forma com que os jovens estão sendo educados, pois entende que as pessoas não assimilam os conhecimentos da mesma forma e a aprendizagem, não se efetiva para a vida e sim para a escola.

Postula, ainda, que a educação para a formação do sábio ficaria descontextualizada, pois “o sábio deve ser dotado de todos os bens no mais alto grau possível” (Cartas 109, 1). Esse bem a que o autor se refere, diz respeito ao conhecimento e desenvolvimento das virtudes.

Ao final dos escritos, Sêneca justifica ao amigo sobre a demora em retornar a resposta da carta recebida. Explica, ao final da carta cento e oito, que dará mais atenção para a próxima correspondência, já que esta requer atenção e concentração para o assunto suscitado por Lucílio.

### **Livro XIX: Cartas 110-117**

Nas oito cartas desse livro, Sêneca retoma os assuntos discutidos nas cartas anteriores sobre o medo, o bem, o mal, a felicidade, a filosofia, a alma, as virtudes, os vícios e a formação moral. Discute sobre a formação da alma e os vícios que impedem o homem de conquistar a felicidade. O autor lembra que para viver bem e conquistar a felicidade deve-se evitar seguir determinados estilos, pois alguns estilos como “[...] luxo excessivo no banquete ou no modo de vestir é sintoma de uma sociedade doente” (Cartas 114, 11).

Os estilos são momentâneos e induzem o homem a seguir determinadas práticas desnecessárias, pois não lhe acrescentam nenhum benefício, pondera Sêneca. E continua:

O estilo de um homem colérico denotará cólera, tal como o de um indivíduo impulsivo denota excitação e o de um efeminado moleza e indecisão. Fenômeno idêntico é o que tu verificas em certos sujeitos que ora rapam a barba toda ou só em parte, que tosquam o bigode mas deixam crescer os pelos mesmo à beira dos lábios, que usam capas de cores indecentes ou togas transparentes, ou seja, cuja única preocupação é fazer qualquer coisa que dê nas

vistas: só pretendem chocar os outros, atrair os olhares, não se importando com censuras desde que se repare neles! (Cartas 114, 20).

Em sua concepção, a influência de determinados estilos leva o homem a viver atormentado pelas vãs aparências, e este se deixa dominar pelo medo. Dessa forma, o homem cria trevas a sua volta, se entrega à ambição e impulsos ilusórios, não distingue o necessário do supérfluo e permanece incapaz de distinguir o bem do mal, por isso teme o seu próprio destino – a morte.

Ao retomar a compreensão sobre a morte, Sêneca lembra que esta só é compreendida pelo homem moral, pois ele sabe dar valor às virtudes, frear seus desejos e pôr fim aos vícios antes que se instalem, uma vez que:

Toda paixão é ligeira de início; depois vai-se intensificando, e a medida que progride vai ganhando forças. É mais difícil libertar-nos de uma paixão do que impedir-lhe o acesso. Ninguém ignora que todas as paixões decorrem de uma tendência, por assim dizer natural (Cartas 116, 3).

Novamente, o autor esclarece sobre a importância de resistir às paixões humanas, já que é mais fácil impedir o seu domínio que eliminá-la depois de instalada na alma. Por outro lado, ressalta que o homem não acredita na própria capacidade de dominar a si mesmo, por isso acaba por defender os próprios vícios, justificando-os para não se livrar deles.

Sêneca lembra que a natureza deu energia o suficiente para que o homem possa se livrar dos vícios que ele mesmo aceitou. Escreve que “a falta de forças não passa de pretexto; o que temos na realidade é falta de vontade!” (Cartas 116, 8). A vontade é determinante para a ação do homem, no entanto, ela se manifesta em face de coisas supérfluas e não se apresenta diante do necessário, ou seja, a sabedoria.

O homem deve buscar a sabedoria, pois ela “consiste no estado próprio de um espírito perfeito [...]” (Cartas 117,17) e ser sábio é saber aplicar a sabedoria e o bom senso em sua prática. Em suma, os textos dessa carta retratam a preocupação do autor no tocante à possibilidade de o amigo se deixar dominar pelos vícios. Por isso, aconselha Lucílio a buscar na sabedoria a forma de viver bem.

## Livro XX: Cartas 118-124

Ao finalizar a coletânea das cartas a Lucílio nesse último livro, o autor inicia a carta cento e dezoito lembrando ao amigo que haviam feito um acordo na troca das correspondências. Lucílio antecederia a escrita das cartas e Sêneca as responderia, porém o filósofo pontua que não faz objeção em anteceder a escrita das cartas, pois não faltam assuntos a serem discutidos. Dessa forma, o filósofo principia o assunto sobre a fortuna e uma vez mais discute os problemas inerentes ao homem que o levam aos vícios.

Toda a gente é infelizmente confundida pela ignorância da verdade. Enganada pela opinião vulgar, procura como se fossem bens certas coisas que, depois de muito penar para as conseguir, verifica serem nocivas, inúteis ou inferiores ao que se esperava. A maior parte das pessoas sente admiração por coisas que só ao fim de algum tempo se revelam ilusórias; e assim é que o vulgo toma por bom o que apenas parece grande (Cartas 118, 7).

Sêneca assinala que as pessoas buscam aquilo que é nocivo por um prazer momentâneo e quando não satisfeitas, buscam outro tipo de prazer, sucessivamente, de acordo com o seu interesse. Essa condição de prazer momentâneo, oferta ao homem, uma ilusão de conquista da felicidade, pois o fato de se conseguir apoderar-se de um bem, ou atingir um objetivo de causas supérfluas, sacia o ego humano e, com isso, o homem acredita que fez um bem para si mesmo.

Para que o homem não se aproprie dessa ilusão, precisa investigar o verdadeiro conceito de bem. Dessa forma, Sêneca explica que:

As concepções sobre o bem são diversas, como diversas são as definições que cada filósofo dele dá. Alguns definem-no dizendo que “*o bem é aquilo que alicia as almas, que as atrai até si*”. A isto objectaremos desde logo: e se atrai, sim, mas para a desgraça? Sabes bem como muitos males são sedutores. Há uma grande diferença entre a verdade e a aparência da verdade, pois não pode ser boa uma coisa não verdadeira (Cartas 118, 8).

O autor afirma que outros pensadores definem o bem como “*tudo quanto desperta a vontade de si mesmo, que provoca um movimento da alma na sua direção*” (Cartas 118, 9). Em sua compreensão essa definição também apresenta objeção, pois “há muitas coisas que provocam um movimento da alma, mas que, tornando-se apetecíveis, redundam em detrimento de quem apetece” (Cartas 118, 9).

O filósofo acredita que “o bem é aquilo que desperta na alma um movimento na sua direção conforme a natureza e que só devemos procurar obter quando começa a tornar-se merecedor desse empenho” (Cartas 118, 9), pois o bem só existe onde existe razão. Portanto, o bem moral deve ser o único bem totalmente desejável ao homem, já que “é o bem absoluto, no qual se realiza totalmente a felicidade, e graças ao contacto dele todas as outras coisas se podem tornar formas de bem” (Cartas 118, 10).

Na acepção de Sêneca, o bem moral é característico ao homem que vive de acordo com a natureza, assim como o animal, porém o instinto deste lhe dá condições de realizar aquilo que é propício as suas necessidades de sobrevivência. Distintamente, o homem que vive conforme a natureza é possuidor da razão, pois sua condição de homem moral é oriunda das virtudes desenvolvidas em sua vida e “*ninguém é bom por obra do acaso; a virtude aprende-se*” (Cartas 123, 16).

O autor finaliza as cartas justificando a Lucílio que a finalidade das suas discussões é o proveito podem levar à alma do amigo, pois servem para reter a conduta do homem para o mal e oportunizar o autoconhecimento. O homem precisa conhecer a si mesmo, pois assim pode concluir que caminhos o levam ao sofrimento, conhecer a verdade, atingir o equilíbrio da alma e ser feliz.

Pensando no homem romano e nos problemas que o afligiam naquele momento histórico, Sêneca orientou Lucílio por intermédio de suas cartas, com o objetivo de transformar seu pensamento, por meio dos preceitos estoicos. Seus escritos continham assuntos de amplitude social, porém necessários para a formação do homem prático e feliz, pois esse era o homem que na concepção estoica, poderia atender às necessidades da sociedade. Em sua visão, a educação deveria contribuir para o desenvolvimento humano, proporcionando a reflexão do homem, diante dos percalços da vida e, ao mesmo tempo, direcionando-o à conquista do bem supremo: a felicidade.

Finalizando a leitura de cento e vinte e quatro cartas, escritas por Sêneca ao amigo Lucílio, entendemos que o autor buscou orientá-lo, por meio das correspondências, discutindo assuntos diversos, retomados conforme a necessidade. Para Sêneca, as cartas seriam uma forma de orientação sobre a formação do homem necessário à sociedade romana daquele tempo e, diante dessa compreensão, seus escritos poderiam contribuir com a reflexão do receptor, assim como para a posteridade.